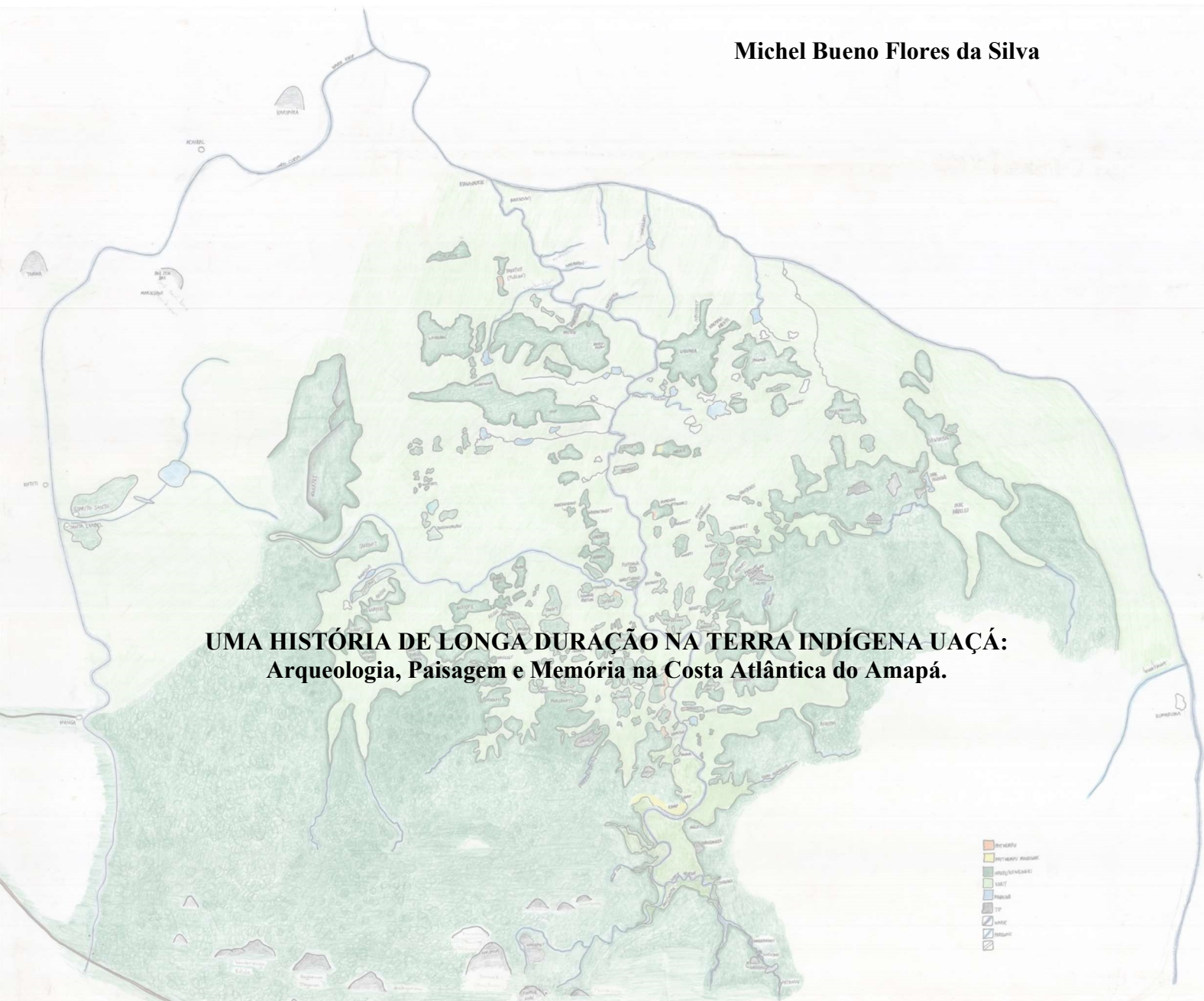


**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

Michel Bueno Flores da Silva



**São Paulo
2023**

MICHEL BUENO FLORES DA SILVA

UMA HISTÓRIA DE LONGA DURAÇÃO NA TERRA INDÍGENA UAÇÁ:
Arqueologia, Paisagem e Memória na Costa Atlântica do Amapá.

Versão Revisada

(A versão original encontra-se na biblioteca do MAE/USP)

Tese apresentado ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

Linha de Pesquisa: Arqueologia e Identidade

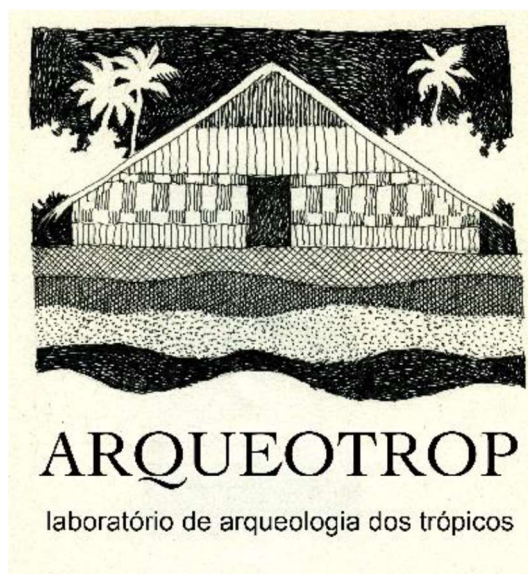


Bolsista CNPq – 170572/2017-0

São Paulo
2023



Núcleo de Pesquisa Arqueológica
IEPA/AP



Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Silva, Michel Bueno Flores da
Uma história de longa duração na terra indígena Uaçá :
arqueologia, paisagem e memória na Costa Atlântica do Amapá
/ Michel Bueno Flores da Silva ; orientador Eduardo Góes Neves
-- São Paulo, 2023.
282 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo,
Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-
Graduação em Arqueologia, 2023.

1. Terra Indígena Uaçá 2. Fase Aristé. 3. Palikur-
Arukwayene. 4. Costa Atlântica do Amapá. 5. Confederações
Pan-Tribais I. Neves, Eduardo Góes. II. Universidade de São
Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa de Pós-
Graduação em Arqueologia. III. Título.

Bibliotecária responsável:
Monica da Silva Amaral
CRB-8/7681

Não há exemplo maior de dedicação do que aquele para com a nossa família. Dedico esse trabalho à minha esposa Larissa, por quem tenho imensa admiração, e aos nossos filhos Leonardo e Alice, minha razão de viver. Este trabalho de pesquisa só foi possível através de seu apoio e suporte. Dedico a vocês o resultado do esforço realizado ao longo desse ciclo.

Agradecimentos,

Ao Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ, pela concessão de bolsa de mestrado, sem a qual seria impossível ter realizado esse trabalho em tempo integral, praticamente nos dois primeiros anos do doutorado.

Ao meu orientador Prof. Dr. Eduardo Neves, em primeiro lugar pela liberdade, por possibilitar que esse trabalho fosse feito de forma aberta e dentro das suas demandas particulares, não menos importante, pela confiança, paciência e amizade, sempre será um exemplo a ser seguido.

Ao David Green que aceitou ser meu interlocutor frente à todas as adversidades que se concretizaram impossibilitando o desenvolvimento da pesquisa in loco, mas que, independentemente, sem o qual essa tese não seria possível, uma vez que o seu conhecimento sobre as narrativas e a paisagem da T.I. Uaçá são únicos. Agradeço também a amizade que se desenvolveu ao longo desses 4 anos de diálogos e trocas.

Ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá - IEPA, onde me mantive durante 12 anos, desde o início da minha formação acadêmica até alcançar a função de subgerente, agradeço a todos aqueles pesquisadores que em um primeiro momento da vida acadêmica foram meus professores durante a graduação, para depois se tornaram revisores e avaliadores, para, por fim, se tornarem colegas de trabalho e incentivadores desse doutorado. Em especial gostaria de agradecer ao Wagner Costa, ao Admilson Torres e ao Luis Takiyama entre tantos outros com quem tive a possibilidade de conviver e aprender, daqueles que não foram meus professores, mas que foram essenciais para a minha formação, agradeço ao Augusto Oliveira e ao Allan Kardec. Em especial ao Núcleo de Pesquisa Arqueológica – NuPArq/IEPA, agradeço, primeiramente, ao João Saldanha e à Mariana Cabral, pois foi graças àquele convite inusitado para estágio voluntário no laboratório que me encontrei na arqueologia e fiz dela a minha profissão. Agradeço a todos os colegas com os quais compartilhamos as vivências do laboratório, do aprendizado e desenvolvimento da arqueologia no Amapá. Nomeadamente, agradeço aos parceiros Lúcio Costa Leite, Kleber Oliveira, Marcos Jessé e Alan Nazaré com os quais mantive mais contato após a minha saída dessa instituição. Aqui faço um agradecimento especial aos bolsistas que tanto me auxiliaram no início dessa jornada de pesquisa com a triagem e pré-análise da coleção arqueológica da T.I. Uaçá, sendo estes: Nina Acácio e Jonathan Kristhian, desejo a vocês todo sucesso no desenvolvimento de suas carreiras acadêmicas.

Ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, agradeço a oportunidade de vivenciar uma nova realidade relacionada à arqueologia e também ao patrimônio cultural no geral. Nesta instituição gostaria de agradecer nomeadamente aos colegas Evandro Elias, Charles Santos, Daniel Oliveira e Rodrigo da Nóbrega, pelo incentivo e pelos desabafos durante os cafezinhos do cotidiano de trabalho.

Agradeço ao MAE e a todos os colegas com os quais tive a oportunidade de dialogar e aprender durante o decorrer desses longos anos. Agradeço também a todos os colegas do ARQUEOTROP, dentre eles agradeço ao Thiago Kater, Rafael Almeida, Laura Furquim, Jennifer Watling e Bruno Barreto, com os quais compartilhei algumas das disciplinas cursadas para o desenvolvimento deste doutorado.

Gostaria de agradecer também à todos os professores e funcionários do MAE, com agradecimento especial para a Karen, Claudia e Cleberson que estão sempre à disposição para auxiliar e esclarecer todas as dúvidas. Como não poderia faltar, gostaria de fazer um agradecimento especial também ao Hélio pela sua amizade e enorme ajuda com o envio de bibliografias por e-mail e indicações na biblioteca. Gostaria de agradecer a todos os professores com que tive o prazer de cursar, participar e discutir nas disciplinas, sendo estes: Eduardo Neve, Marcia Arcuri, Sébastien Plutniak, Marina Vanzoline e Júlia Sauma.

Agradeço à Fabíola Silva e Camilo Vasconcellos por terem aceitado participar da banca de qualificação deste trabalho e pelos ótimos apontamentos dados, bem como agradeço ao Edinaldo Pinheiro, Erêndira Oliveira, Claide Moraes e Mariana Cabral por terem aceitado participar da banca de defesa desta tese e por todos os comentários, críticas, sugestões e contribuições feitas naquele momento.

Gostaria de agradecer também à Maurício de Paiva pelas fotos usadas na apresentação da qualificação, Martijn van den Bel pelo incentivo em continuar e bibliografias compartilhada; Rita Lewkowicz por apresentar os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores indígenas do Oiapoque, inclusive a Dissertação do Adonias Ioiô que se tornou uma das grandes referências dessa tese.

Gostaria de agradecer aqui a todos aqueles que dedicaram a sua vida e àqueles que seguiram as medidas para que hoje pudéssemos estar aqui novamente em sociedade, retomando o nosso ritmo e avançando no pós-pandemia, pois vivemos um fim do mundo possível, o qual, infelizmente, se concretizou para muitos que não estão aqui agora.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os meus familiares, começando pela minha mãe, Marcia Bueno, e meu pai, Paulo Flores, que seguiram me incentivando a continuar na academia e ser arqueólogo, sempre com muito amor e carinho. Agradeço aos meus irmãos: Priscilla, Rafael, Gabriel, Paolla e Beatriz, por todo amor, carinho, incentivo e compreensão. À Marly Gazel, de novo nessa luta, agradeço à toda atenção e carinho durante esse árduo processo, sempre nos apoiando em diferentes momentos, inclusive quando tive de me ausentar e se dispôs a ajudar a Larissa com as crianças. Ao Admilson e à Fernanda por tudo, sempre incentivando e quando necessário também criticando, obrigado pelo amor e carinho. Por fim, o meu principal agradecimento vai para Larissa Gazel e os nossos filhos Leonardo e Alice. Larissa, obrigado por todo apoio em mais essa maratona cheia de percalços e atropelos, sempre com um humor único, com muita dedicação e amor, inclusive, obrigado por, no último dia de escrita, pintar o céu de laranja para o nosso pôr do sol no “*jardinho*”. Leonardo e Alice, obrigado por simplesmente serem, papai ama vocês!

(...) a narrativa serve como maneira de lembrar de lugares – quase como se fosse ela mesma um mapa.

(...)

Detalhes da paisagem tornam possível a uma pessoa reconhecer um lugar ao qual ela pode chegar.

(...)

Essa habilidade, de conhecer o mundo e conhecer suas estações, é um elemento central de “hiyak hawkri”, conhecer os diferentes tempos e mundos, e, portanto, ser sábio, no Urucauá.

(GREEN & GREEN, 2013)

A mensagem é clara: ao se tornar outro, você ainda é você mesmo: tanto “não eu”, quanto “não-não eu”.

(GREEN & GREEN, 2013)

RESUMO

Faz quase um século que foram registrados os primeiros sítios arqueológicos na Terra Indígena Uaçá por meio das pesquisas do etnógrafo Curt Nimuendajú (2004), realizadas no extremo norte do estado do Amapá. Desde aquele momento, ficou sugerido que estes sítios possuíam uma cerâmica idêntica àquela encontrada por Emílio Goeldi (1905) na região do Cunani neste mesmo estado, a qual posteriormente veio a ser classificada como Fase Aristé por Meggers & Evans (1957). Mais de 70 anos depois é iniciado um Projeto de Arqueologia Pública na T.I. Uaçá que buscava investigar lugares relacionados a eventos importantes da memória Palikur, uma vez que a informação arqueológica poderia ser combinada com a etnografia e a tradição oral indígena, possibilitando construir uma história indígena de longa duração. É nesse contexto que surge a presente pesquisa, a qual tem como principal objetivo investigar a relação entre os lugares reconhecidos na tradição oral Palikur-Arukwayene e a presença das cerâmicas previamente identificadas como Aristé, buscando contribuir para a construção de uma história indígena de longa duração e para a compreensão da formação do registro arqueológico da costa atlântica do Amapá, bem como busca devolver o conhecimento gerado ao longo desse século para a comunidade Palikur-Arukwayene. Complementarmente, na busca pelos objetivos desta tese, ao relacionar e espacializar os sítios até hoje identificados, levantou-se a possibilidade de existência de complexos sistemas de uso e ocupação da paisagem desta zona costeira da Amazônia, somados aos possíveis sistemas de aliança concretizados na forma de confederações pan-tribais.

Palavras-Chave: Terra Indígena Uaçá; Fase Aristé; Palikur-Arukwayene; Costa Atlântica do Amapá; Confederações Pan-Tribais.

ABSTRACT

It has been almost a century since the first archaeological sites in the Uaçá Indigenous Land were recorded through research by the ethnographer Curt Nimuendajú (2004), carried out in the extreme north of the state of Amapá. Since that moment, it has been suggested that these sites had a dependent pottery found by Emílio Goeldi (1905) in the Cunani region in this same state, which later came to be classified as Phase Aristé by Meggers & Evans (1957). More than 70 years later, a Public Archeology Project is started at T.I. Uaçá that sought to investigate places related to important events of Palikur memory, since archaeological information could be combined with ethnography and indigenous oral tradition, allowing the construction of a long-term indigenous history. It is in this context that the present research arises, whose main objective is to investigate the relationship between the places recognized in the Palikur-Arukwayene oral tradition and the presence of witnesses previously identified as Aristé, seeking to contribute to the construction of a long-term indigenous history. and for understanding the formation of the archaeological record of the Atlantic coast of Amapá, as well as seeking to return the knowledge generated throughout this century to the Palikur-Arukwayene community. Complementarily, in the pursuit of the objectives of this thesis, by relating and spatializing the sites identified to date, the possibility of the existence of complex systems of use and occupation of the landscape of this coastal zone of the Amazon was asked, added to the possible systems of alliance materialized in the form of pan-tribal confederations.

KEYWORDS: Uaçá Indigenous Land; Aristé phase; Palikur-Arukwayene; Atlantic Coast of Amapá; Pan-Tribal Confederations.

Índice de Figuras

Figura 1 - Mapa de localização da Terra Indígena Uaçá em relação aos principais rios da costa atlântica do Amapá (Elaborado pelo autor).....	1
Figura 2 - Terras Indígenas do Amapá e Norte do Pará (Fonte: Gallois & Grupioni, 2003: 12).	22
Figura 3 - Imagem ilustrando as informações referentes à localização, dimensões das Terras Indígenas e os diferentes povos. (adaptado de Gallois & Grupioni, 2003: 13).....	24
Figura 4 - Terras Indígenas do Oiapoque - T.I. Galibi; T.I. Juminá e T.I. Uaçá, com ênfase para as áreas de predominância de ocupação pelos povos indígenas da T.I. Uaçá (Mapa elaborado por Alexandre Rauber, 2019. Fonte: Meire Silva, 2019: 165.)	25
Figura 5 – Mapa de Sobreposição das Terras Indígenas do Oiapoque com as Unidades de Conservação da Costa Atlântica e os diferentes tipos de vegetação predominantes. (Mapa elaborado por Piera Amora e disponível em MAZUREK, 2013: 12)	26
Figura 6 – Compilação da Carta de localização do rio Uaçá e baixo Oiapoque com os esquemas de representação do rio Uaçá feitos à Simone Dreyfus por diferentes Palikur, acima rios desenhados no chão por Louis Norino em Saint-Georges do Oiapoque; à direita.....	28
Figura 7 - Representação de Kwap, onde cada pessoa era enterrada junto ao seu clã e cada um separadamente. Autor: Kariwa disponível em Martins & Martins (2019: 42).....	42
Figura 8 - Mapa completo das viagens de Curt Nimuendajú na área da atual T.I. Uaçá com indicação de aldeias e sítios arqueológicos.	54
Figura 9 - Recorte do Mapa de Nimuendajú apresentado na Figura 3, com realce nos sítios arqueológicos citados no texto.	55
Figura 10 - À esquerda, na aldeia Kumenê em 1965, Elsa Ioiô, a filha do Afonso Kuway Ioiô (à esquerda) e David Green (à direita); à direita, David Green em 2017 durante a expedição ao Monte Carupina com Iteyvinwa: Monte das Lagartas ao fundo.....	56
Figura 11 - Duas vistas do manuseio dos materiais em 1997, com a seleção dos materiais cerâmicos e ósseos para reenterrar embrulhados em folhas. (Fonte: Imagens do acervo pessoal do David Green e cedidas ao autor em fevereiro de 2020)	58
Figura 12 - Recorte do Mapa de Nimuendajú apresentado na Figura 3, com realce nos sítios arqueológicos citados no texto.	59
Figura 13 - Mapa da localização dos sítios descritos no presente trabalho com sobreposição do shapefile de sítios presentes no banco de dados do NuPARq/IEPA (Elaborado pelo autor: SILVA, 2023).	69
Figura 14 - Tabela complementar ao mapa apresentado na Figura 41. Listagem dos sítios, com a descrição do seu tipo, localização e tipo de vestígios encontrado.....	70
Figura 15 - Duas vistas do sítio arqueológico Abrigo das Lagartas. À esquerda, vista do Iteyvinwa: Abrigo das Lagartas, sendo que no meio da formação rochosa é possível verificar uma faixa de vegetação onde se encontram os abrigos; à direita, vista do sítio de dentro de um dos abrigos rochosos (Fotos: David Green, 2017).	71
Figura 16 - Croqui esquemático de localização do sítio Abrigo das Lagartas elaborado a partir de Imagem de satélite com projeção de relevo extrapolada obtida por meio do software Google Earth, sendo que em amarelo é indicado o caminho percorrido da BR-156 até a o sítio e em vermelho o caminho do sítio até o Monte Carupina (Karumna).....	71
Figura 17 - Vista panorâmica do interior do Abrigo Maior, onde é possível verificar muito material lenhoso e blocos de rochas que foram identificados como “bancos de pedra” (Fotos: David R. Green, 2017).	72
Figura 18 - Interior do Abrigo maior, duas fotos de detalhe dos “bancos de pedra” identificados no interior do abrigo (Fotos: David R. Green, 2017).....	72

Figura 19 - Duas vistas do interior do Abrigo Maior. À esquerda Lega Labonté verificando um possível arco antigo de madeira que se encontrava na superfície do abrigo; à direita, vista do "banco de pedra" encontrado (Fotos: David R. Green, 2017).	72
Figura 20 - À esquerda, Natã dos Santos segurando esteio antigo de possível barraca ritual; à direita e acima, Henrique Batista segurando madeira antiga; à direita centro e abaixo, Ailton Batista segurando lenha com carvão na ponta (Fotos: David R. Green, 2017).	73
Figura 21 - Fragmentos cerâmicos dispersos na superfície do sítio na área próxima à linha de goteira do Abrigo maior. (Fotos: David R. Green, 2017).	73
Figura 22 - Duas vistas da fogueira antiga identificada no Abrigo maior. à esquerda, vista geral da área da fogueira; à direita, detalhe de fragmento de cerâmica com decoração antropomórfica incisa (Fotos: David R. Green, 2017).	74
Figura 23 - À esquerda, fragmento cerâmico com decoração pintada identificado na superfície do Abrigo menor; à direita, o indígena Palikur-Arukwayene, Natã Dos Santos, segurando o fragmento (Fotos: David R. Green, 2017).	74
Figura 24 - Duas vistas do Abrigo menor, onde é possível visualizar o sedimento pouco compacto de coloração alaranjada e os vestígios arqueológicos em superfície (Fotos: David R. Green, 2017).	74
Figura 25 - Duas vistas do Monte onde está localizado o Abrigo das Lagartas, à esquerda, é possível verificar a área de vegetação de porte médio no topo do morro; à direita, observa-se um dos possíveis caminhos para o topo, onde há a existência de uma área de vegetação arbórea de porte médio (Fotos: David Green, acervo pessoal).	75
Figura 26 - À esquerda, foto obtida com Drone do sítio Montanha Coroada (Foto do Autor: SILVA, 2020); à direita, reconstituição de aldeia do tipo "montagnes couronnées" (Ilustração de Jean-Pierre Penez em MESTRE, 2010).	75
Figura 27 - Imagem capturada com Drone da vista panorâmica da área do sítio Montanha Coroada, onde a estrutura do sítio está circulado em vermelho e é possível observar no horizonte, no canto superior esquerdo da foto, o conjunto de montanhas do qual o Iteyvinwa (o Abrigo das lagartas) faz parte (Foto do autor).	76
Figura 28 - Croqui da dispersão das rochas e abrigos em Kwap, sobrepostos com a densidade total de material em superfície. (Fonte: SALDANHA & CABRAL 2009; Elaborado por: João Saldanha 2008).	77
Figura 29 - Imagem indicando as possíveis áreas de refúgio dos Palikur durante as guerras Palikur-arukwayene e Galibi Kali'na. Nesta imagem é possível ver Aragbus e Uraka, nos quais foram identificados vestígios arqueológicos.	78
Figura 30 - Duas vistas de Aragbus. À esquerda vista do abrigo 1; à direita, vista dos dois blocos de rocha que apontam para o céu e nomeiam o sítio. (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009)	79
Figura 31 - À esquerda, ao fundo da foto as atividades de mapeamento dos abrigos e na frente da foto o poço-teste já demarcado; à direita, coleta seletiva do material em superfície no Abrigo 1 (Fotos: SALDANHA & CABRAL, 2009; disponíveis no Acervo do NuPARq/IEPA).	82
Figura 32 - Duas vistas da escavação do PT-1 no Abrigo Himeket. À esquerda, nível 40-50 cm, com blocos rochosos aparentes e um grande fragmento cerâmico preenchendo a estrutura identificada; à direita, poço-teste finalizado aos 130 cm. (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009: 9).	83
Figura 33 - Fragmentos cerâmicos do sítio Coumarouman, Amapá, Uaçá (NIMUENDAJÚ, 2004: Prancha 14, p. 187).	84
Figura 34 - Fragmentos cerâmicos do sítio Courbaril, Amapá, Uaçá. (Nimuendajú 2004: 181; 187)	85
Figura 35 - Diferentes vistas do Karumayra Gahina: o caminho de Karumayra, demonstrando a sua implantação nos campos inundáveis da margem esquerda do rio Urucauá. Acima, imagem de	

satélite de localização do sítio com relação ao Msibiyumnaw e o rio Urucauá. Abaixo, fotografias de diferentes ângulos capturadas com Drone (David R. Green, 2021).	86
Figura 36 - À esquerda, Uwet Manuel Antônio dos Santos; à direita, Arara Vermelha tomando banho (Fotos: David R. Green, acervo pessoal).	87
Figura 37 - Mapa ilustrando o deslocamento dos Tukuyene da foz do rio Amazonas até o rio Urucauá, conforme relatado por Uwet, sobreposto ao mapa “Les Peuples Indigènes de l’Amapá et du Bas Oyapock de 1596 à 1760” de Françoise e Pierre Grenand (1987: 47). Editado por David Green, 2022.	89
Figura 38 - Possível trajeto percorrido por Karumayra no mito de origem Palikur-Arukwayene (David R. Green, 2022).	90
Figura 39 – À esquerda, corte estratigráfico registrado por David Green, evidenciando uma camada de sedimento escuro sobreposta à uma camada amarelada, no entanto não é possível verificar com precisão a mudança entre as camadas; à direita, Tamuatá Hoplosternum littorale (Hancock, 1828) (Siluriformes: Callichthyidae) e suas ovas (Fotos por: David R. Green, acervo pessoal).	90
Figura 40 - Imagem apontando o local onde foi realizado o registro do perfil estratigráfico (David R. Green, 2019).	91
Figura 41 - Possível sistema de manejo de águas, com a construção de canais e aterros artificiais.	92
Figura 42 - Reconstituição possível das ocupações indígenas antigas das áreas de várzea da Costa das Guianas (ROSTAIN, 2010).	93
Figura 43 - Aldeia de Kumenê - Foto aérea obtida com drone por David R. Green em março de 2020.	95
Figura 44 - Diferentes Vistas das Vasilhas que afloravam à superfície nas ruas de Kumene no momento das atividades de campo de Eduardo Neves em 2001. As fotos foram registradas por David Green durante um desfile escolar em celebração ao 07 de setembro em 2001.	96
Figura 45 – Sítio Kumenê. À esquerda, urnas aflorando à superfície com os piquetes delimitando as quadrículas; à direita, nível 10-20 cm finalizado com as urnas evidenciadas. (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009)	97
Figura 46 - Sítio Kumenê. À esquerda, escavação do interior de uma das vasilhas retiradas da rua principal com participação dos moradores da comunidade; à direita, realização da atividade de mapeamento do sítio (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009).	98
Figura 47 - Vasilhas Cerâmicas de Kwap, Amapá, coletadas por Nimuendajú e encaminhadas para o Museu de Gotemburgo. Fotos por: Ferenc Schwetz (NIMUENDAJÚ, 2004: 359-360). ..	99
Figura 48 - Mapa Topográfico do Sítio Arqueológico KWAP com localização das intervenções realizadas (Elaborado por: CASTRO, 2002).	102
Figura 49 - Perfil estratigráfico, face oeste, unidade Q. N5076 E5050 (Elaborada pelo autor: SILVA, 2019).	103
Figura 50 - Perfil transversal do Montículo 1 (Face Norte) com detalhe para o Perfil Norte das quadrículas N5228/E5046 e N5228/E5047 (Elaborado pelo autor: SILVA, 2019).	104
Figura 51 - Perfil estratigráfico, face norte, da Trincheira 1, escavada na Vala 1 (Elaborado pelo autor: SILVA 2019).	105
Figura 52 - Perfil estratigráfico, face leste, da Trincheira 2, escavada na Vala 2 (Elaborado pelo autor: SILVA, 2019).	106
Figura 53 - Imagem de localização da antiga aldeia denominada Pituri com relação à localização de Kwap (Elaborado por David Green, 2023).	108
Figura 54 – À esquerda, vista do sítio Masika e a sua inserção nos campos inundáveis da T.I. Uaçá; à direita, vista do material cerâmico em superfície, na imagem constam fragmentos de cerâmica vidrada (Fotos: David Green).	109

Figura 55 - Vasilha Cerâmica do sítio Mawir-Mini, Amapá, Uaçá. (NIMUENDAJÚ, 2004: Prancha 14, p. 187).....	110
Figura 56 - À esquerda, vista do Monte Karumna; à direita, fragmento de cerâmica disposto na superfície da rocha que caracteriza o monte (Fotos: David Green).	110
Figura 57 - Imagem fornecida por David ao autor, esboçando a localização das cavernas identificadas em MPITRIYE: ILHA DA RAIÁ, mais especificamente a Msibiyumnaw: Caverna dos Morcegos (Imagem por David R. Green, 2022).	111
Figura 58 - À esquerda, vista da área descrita como um arco natural; à direita, vista do aplique em forma de alça zoomórfica, possivelmente um mamífero, localizado no interior desse abrigo rochoso (arco natural (Imagem por David R. Green, 2011))......	112
Figura 59 - À esquerda, vista da entrada principal da Caverna dos Morcegos; à direita, da entrada da segunda área de ocorrência arqueológica, denominada como Toca da Onça (Imagem por David R. Green, 2020).	112
Figura 60 - Duas vistas da urna antropomórfica rachada. À esquerda, é possível verificar a disposição da urna sobre um bloco de laterita com a abertura da caverna ao fundo (Imagem por David R. Green, 2011); à direita, indígenas Palikur-Arukwayene que acompanharam David em sua visita (Imagem por David R. Green, 2020).....	112
Figura 61 - Duas vistas de detalhe da urna antropomórfica rachada encontrada na Toca da Onça, onde é possível verificar elementos decorativos característicos da fase Aristé, semelhantes aos identificados nos contextos de Cunani, Rego Grande e nas cavernas da Guiana Francesa. À esquerda, frente da urna (rosto); à direita, parte de trás da urna (Imagens por David R. Green, 2020).	113
Figura 62 - Duas vistas da vasilha enterrada identificada por David em 2011 na Toca da Onça. À esquerda, vista ampla, onde é possível identificar pequenas bolinha azuis junto ao sedimento na porção interna da boca da vasilha aflorando em superfície, canto superior esquerdo da foto. À direita, vista de detalhe (Imagens por David R. Green, 2011).	113
Figura 63 - Duas cavidades naturais na matriz rochosa da Caverna Toca da Onça com deposições cerâmicas referentes às vasilhas fragmentadas in situ (Imagens por David R. Green, 2020)...	114
Figura 64 – Imagem de Reconstituição 3D do interior da Toca da Onça, obtida através do uso de LIDAR e processamento no software Polycam no iPad (David R. Green, 2021).	114
Figura 65 - À esquerda, vista da “pia ou bacia natural”; à direita, Danilo Orlando, colaborador Palikur-Arukwayene, segurando vestígios cerâmicos encontrados nas cavidades do sítio Toca da Onça (Imagens por David R. Green, 2020).....	115
Figura 66 - Exemplos de elementos decorativos identificados no sítio Toca da Onça (Imagens por David R. Green, 2020).	115
Figura 67 - Possíveis sítios identificados na área das Ilhas Ukupi e Mpitriye, identificados por David R. Green através do uso do software Zoom Earth, combinado com o seu conhecimento prévio da área e das narrativas dos anciões Palikur-Arukwayene (David R. Green, 2021).	116
Figura 68 - Frente e verso da lâmina de machado em pedra polida encontrada em Tawah. Escala de 5 cm. (Foto: Newan Souza, 2018).....	117
Figura 69 - À esquerda vista do Monte Ukupi; à direita vasilha cerâmica depositada in situ e aflorando à superfície do solo no interior da gruta (Fotos: David Green, 2008).....	118
Figura 70 - Fragmento de Borda de Urna Antropomórfica, Ulakte-Uni, Amapá. Foto por Ferenc Schwetz (NIMUENDAJÚ, 2004: Prancha 186).....	118
Figura 71 - Fragmentos cerâmicos do sítio Ulakte-Uni, Amapá, Uaçá. (NIMUENDAJÚ, 2004: 182-183).....	120
Figura 72 - Fragmentos cerâmicos do sítio Ulakte-Uni, Amapá, Uaçá. (NIMUENDAJÚ, 2004: 184-186)	120
Figura 73 - Fotos da visita realizada por David e colaboradores às cavernas de Uwaktewni em 2019. Acima e à esquerda, Ailton Batista segurando um fragmento cerâmico com decoração	

pintada em vermelho; abaixo e à direita David Green verificando uma das entradas das cavernas (Imagens por David R. Green, 2019).	121
Figura 74 - Fragmentos cerâmicos do sítio Roça Comecomes, Monte Ukupi, Uaçá, Amapá. (NIMUENDAJÚ, 2004: Plate 14, p. 187).....	121
Figura 75 - Pasiswakun: o canal das cupiúbeiras com diferentes aproximações, possibilitando verificar as modificações da paisagem apontadas como estruturas antrópicas (Imagens por David R. Green, 2023).	122
Figura 76 - Duas vistas dos polidores fixos encontrados em Uraka (NEVES, 2000-2001).....	123
Figura 77 - Aplique em formato de urubu do sítio Uakauy-Uné, Amapá, Uaçá. (Adaptados de: NIMUENDAJÚ, 2004: Prancha 14, p. 187)	124
Figura 78 - Imagens de localização do Sítio Warabdi (Ukauy-Uné) identificado inicialmente por Nimuendajú (1926). À esquerda, indicação da localização do sítio por Nimuendajú, mas sem o desenho do contorno da ilha; à direita, localização do sítio sobreposta com imagem de no software Zoom Earth, sendo apontados os lugares presentes nas narrativas. Enfatiza-se Kurumsuk: ilha dos gigantes.	125
Figura 79 - Sítio Warabdi. Cortes estratigráficos das tradagens (T1 e T2) escavadas por Eduardo Neves (2000-2001) (Prancha elaborada pelo autor: SILVA, 2019).....	126
Figura 80 - Sítio Warabdi: À esquerda, vista geral da estrutura de assar beiju. À direita, fragmento de assador de beiju encontrado junto à estrutura (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009)...	128
Figura 81 Sítio Warabdi. À esquerda, vala/caminho escavado; à direita, estrutura ovalada, pode-se notar que o centro da foto caracteriza uma área de depressão (Fonte: Acervo NuPArq/IEPA).	128
Figura 82 - Sítio Warabdi. Croqui e delimitação do sítio com identificação das estruturas antrópicas. (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009)	129
Figura 83 - Mapa de localização das áreas de interesse arqueológico em Warumka: o Monte Tipoca. (Elaborado por David R. Green, 2023).	131
Figura 84 - À esquerda, Ivanildo Gomes em Tipoca, no Ivegepket; à direita, vista das conchas que formam o sambaqui de Tipoca (Fotos por David Green, Fonte: Green, 2015).....	132
Figura 85 - Acima, correlação entre as nomenclaturas apresentadas por Nimuendajú para a área, com diferenças entre a nomenclatura constante no mapa e a nomenclatura constante no aplique. Abaixo mapa de localização de Wakawyanvit com relação à Warabdi e Tawari (aldeia atual) na margem oposta do rio (Elaborado por David Green, 2021).	133
Figura 86 - Diferentes vasilhas encontradas no sítio Wayadman/Montayh Koklis e que se encontravam na Aldeia de Flecha em 1997 (Fotos: David Green, 1997).	134
Figura 87 - Duas vistas de Montayh Koklis I (MKI), à esquerda acesso à abertura vertical da cavidade; à direita interior da cavidade visto de fora da abertura (Fotos: David Green, 2000).135	
Figura 88 – Acima, ‘Zecão’ Narciso, pai de Caramujo, líder da comunidade de Flecha nos anos 2000, segurando vasilha retirada de Wayadman/Montayh Koklis (Montanha Caracol) por Caramujo antes de 1997; Abaixo, 4 (quatro) apliques coletados em Wayadman/Montayh Koklis, sendo os 3 (três) primeiros zoomorfos e o último antropomorfo (Fotos: David Green, 2000). 136	
Figura 89 - Vasilha Coletada por Caramujo no sítio Montayh Koklis I e armazenada na casa do líder da aldeia de Flecha. Fotos da rotação da vasilha, capturando as suas quatro faces (Fotos: Eduardo Neves 2000-2001).....	137
Figura 90 - Croqui com perfil esquemático sem escala do abrigo de Montayh Koklis I (Elaborado por: Eduardo Neves 2000-2001)	138
Figura 91 - À esquerda, fotografia da queda d'água onde se encontra a cavidade de MKII; à direita, croqui esquemático de MKII (Foto e croqui por: Eduardo Neves 2000-2001).....	139
Figura 92 - À esquerda, David Green no afloramento Waratnayan; à direita, David Green, Henrique Batista e Liseudo Batista.	140

Figura 93 - À esquerda, vista de um abrigo sob rocha; à direita vista de fragmento cerâmico in situ, na superfície do sítio.....	140
Figura 94 - Acima e à esquerda, Lâmina de machado de pedra polida encontrada em superfície; abaixo e à esquerda e à direita, duas vistas dos polidores fixos identificados na margem do igarapé, imagens obtidas através do uso de LIDAR e processamento no software Polycam no iPad (David R. Green, 2021).....	141
Figura 95 - Duas vistas de diferentes anomalias identificadas na formação granítica do sítio arqueológico Waratnayan (Fotos por David R. Green, 2012).....	141
Figura 96 - Lâminas de machado provenientes da região do rio Curipy. À esquerda, lâmina da Serra da Caripura; à direita, lâmina encontrada próxima da capela (NIMUENDAJÚ, 2004: Prancha 14, p. 187).....	142
Figura 97 - Possível sistema antigo de manejo de águas ao longo do Rio Urucauá, Amapá Brasil (Elaborado por David R. Green, 2023).	143
Figura 98: Imagem da fotografia tiradas do material das tradagens do sítio Kwap, com bordas e corpos decorados (Foto: MONTEIRO, 2019).....	151
Figura 99 - Exemplos de fragmentos de Raladores de Cerâmica coletados durante as escavações de Eduardo Neves (2000-2001) em Kwap.....	164
Figura 100 - Mapa ilustrando possíveis rotas de migração para a Terra Indígena Uaçá (Fonte: DREYFUS, 1981: 305).....	178
Figura 101 - Sistema de troca regional Arawak (adaptado de ERICKSEN 2011:222).....	181

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
1. ETNOARQUEOLOGIA, PAISAGEM, LUGAR E ESPAÇO: APROXIMAÇÕES SOBRE CONCEITOS.....	7
1.1.1. ETNOARQUEOLOGIA, DEFINIÇÃO E HISTÓRICO.....	7
1.1.2. AS MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES DE PAISAGEM, LUGAR E ESPAÇO	10
1.1.3. UM CONCEITO DE ETNOARQUEOLOGIA DA PAISAGEM E POSSÍVEIS APLICAÇÕES NO CAMPO DA MEMÓRIA E DA LONGA DURAÇÃO PARA UMA HISTÓRIA INDÍGENA NA T.I. UAÇÁ.....	14
2. HIYAK HAWKRI - CONTEXTUALIZANDO A ÁREA DE PESQUISA	21
2.1. APRESENTANDO A ÁREA DE PESQUISA	21
2.1.1. APRESENTANDO A TERRA INDÍGENA UAÇÁ E OS PALIKUR-ARUKWAYENE	26
2.2. SÍNTESE ARQUEOLÓGICA DA COSTA ATLÂNTICA DO AMAPÁ.....	43
2.3. SÍNTESE ETNOHISTÓRICA DA ÁREA DE ESTUDO	47
3. UMA VIAGEM NO TEMPO: RESULTADOS DAS ATIVIDADES DE CAMPO DA ARQUEOLOGIA NA T.I. UAÇÁ – ANOS 1925 A 2023.....	53
3.1. DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS IDENTIFICADOS NA T.I. UAÇÁ ATÉ AGORA.....	67
3.1.1. <i>Iteyvinwa: Abrigo Das Lagartas</i>	70
3.1.2. <i>Aragbus</i>	76
3.1.3. <i>Coumarouman</i>	83
3.1.4. <i>Courbaril</i>	84
3.1.5. <i>Karumayra Gahina: O caminho de Karumayra</i>	85
3.1.6. <i>Kumenê</i>	94
3.1.7. <i>Kwap</i>	98
3.1.8. <i>Masika (Wasica)</i>	108
3.1.9. <i>Mawir-Mini</i>	109
3.1.10. <i>Monte Karumna (o Monte Carupina)</i>	110
3.1.11. <i>Msibiyumnaw: Carverna dos Morcegos (Mpitriye: Ilha da Raia)</i>	111
3.1.12. <i>Tawah</i>	117
3.1.13. <i>Ulakte-Uni (Uwaktewni – Monte Ukupi)</i>	117
3.1.14. <i>Uraka</i>	122
3.1.15. <i>Warabdi (Uakayu-Uné)</i>	123
3.1.16. <i>Warumka: o Monte Tipoca</i>	130
3.1.17. <i>Wakawyanvit</i>	133
3.1.18. <i>Wayadman (Montayh Koklis)</i>	134
3.1.19. <i>Waratnayan: Maguarizinho</i>	139
3.1.20. <i>Rio Curipy</i>	142
3.2. UM NORTE PARA A CONTINUIDADE DAS PESQUISAS.....	142
4. UM VISLUMBRE SOBRE A MATERIALIDADE ARQUEOLÓGICA EM KWAP.....	144
4.1. PARA UMA SELEÇÃO E DEFINIÇÃO DO UNIVERSO TANGÍVEL	145
4.2. ANÁLISE DA COLEÇÃO CERÂMICA DE KWAP.....	150
4.3. TIPOLOGIA CERÂMICA MORFOLÓGICA DE KWAP.....	160
5. SOBRE CHEFIAS NA ARQUEOLOGIA DA COSTA ATLÂNTICA DO AMAPÁ: UM CAMINHO PARA DISCUTIR A ANCESTRALIDADE ARISTÉ-PALIKUR	165
5.1.1. <i>Uma Forte Dose de Clastres</i>	166
5.1.2. <i>Perspectivismo e Uma Aproximação com a Arqueologia</i>	174
5.1.3. <i>Aplicação para o Caso Aristé-Palikur</i>	176
5.1.4. <i>Costurando Ideias Para Um Caminho Interpretativo</i>	181
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CAMINHOS PARA A CONTINUIDADE DE UM PROJETO DE ARQUEOLOGIA PÚBLICA NA TERRA INDÍGENA UAÇÁ	185
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191

ANEXOS.....199

INTRODUÇÃO

Nos anos 2000, Lesley e David Green em conjunto com o arqueólogo Eduardo Góes Neves iniciam um projeto de arqueologia pública na Terra Indígena Uaçá, localizada no município de Oiapoque-AP (Figura 1). Este projeto, do ponto de vista arqueológico, buscava investigar lugares relacionados a eventos importantes da memória Palikur – um dos três grupos indígenas que atualmente vivem nessa T.I. (GREEN, GREEN, & NEVES, 2003), juntamente com os Galibi-Marworno e os Karipuna do Amapá.

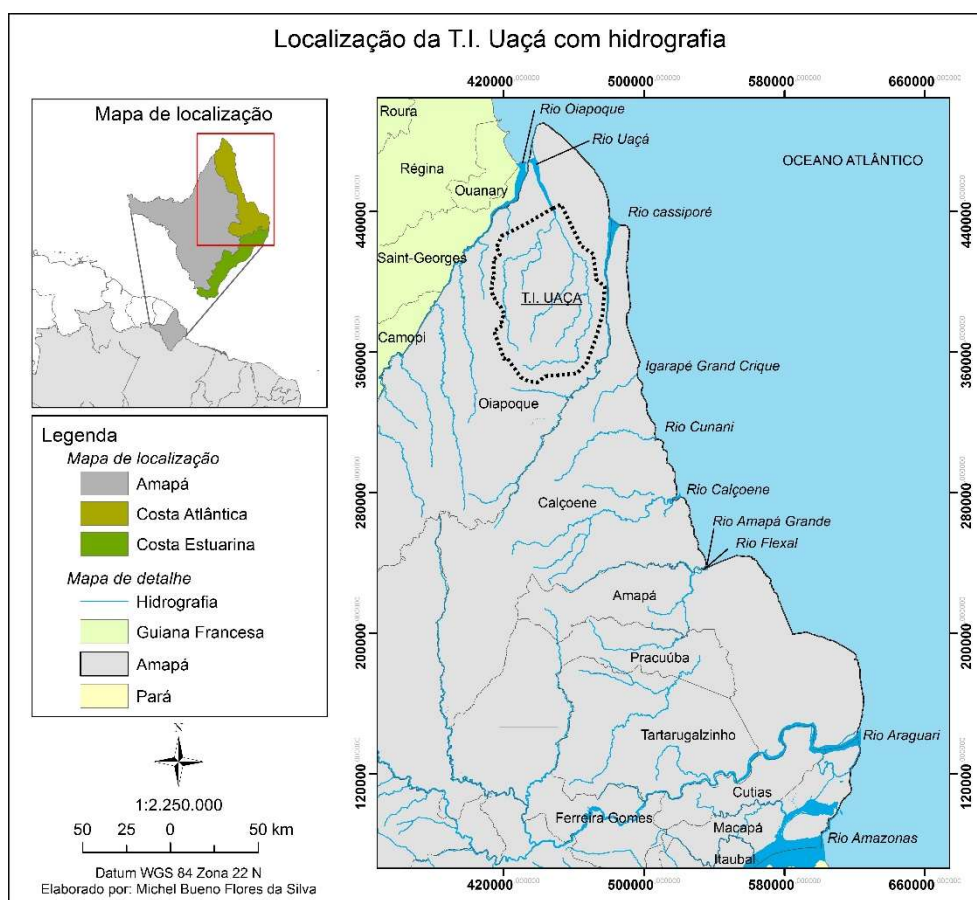


Figura 1 - Mapa de localização da Terra Indígena Uaçá em relação aos principais rios da costa atlântica do Amapá (Elaborado pelo autor).

Segundo os autores do projeto supracitado, o motivo da escolha de sua realização na T.I. Uaçá se deu, principalmente, devido a existência de “um mínimo de descontinuidade entre as sociedades contemporâneas e as ocupações pré-coloniais”, onde “a informação arqueológica poderia ser combinada com a etnografia e a tradição oral indígena”. Esta área seria uma das poucas da Amazônia brasileira que possibilitaria a realização de tal combinação de fontes de informação (GREEN, GREEN, & NEVES, 2003: 370-371).

Como resultado desse projeto foram identificados 11 sítios arqueológicos, sendo que um desses, denominado Kwap, foi mapeado e escavado sistematicamente revelando a presença de cerâmicas pertencentes à fase Aristé. Na tradição oral Palikur-Arukwayene esse sítio faz referência à uma grande aldeia que foi destruída na batalha final entre os Palikur e os Galibi, se transformando, por fim, em um cemitério (GREEN, GREEN, & NEVES, 2003). Resultados de datações radiocarbônicas ainda não publicadas permitem situar esse sítio por volta do século 16¹.

Conforme poderá ser observado no Capítulo 2 da presente tese, vemos numerosas menções da possível relação de descendência – *mínimo de descontinuidade* – entre os atuais Palikur, falantes Arawak, com os povos produtores das cerâmicas filiadas à fase arqueológica Aristé (GOELDI, 1905; NIMUENDAJÚ, 2004; LINNÉ, 1928; HILBERT, 1957; ROSTAIN, 1994, 2011; GREEN, GREEN & NEVES, 2003; VAN DEN BEL, 2009a, 2009b).

Segundo João Saldanha e Mariana Cabral (2010) o Projeto de Arqueologia Pública na T.I. Uaçá foi interrompido, sem definir os motivos dessa interrupção, contudo acabou sendo retomado em 2005 em conjunto com a equipe do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPArq) do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), contabilizando, hoje, um total de 18 sítios arqueológicos registrados na T.I. Uaçá, estando estes relacionados à tradição oral Palikur-Arukwayene. Cabe ressaltar aqui, que apesar de relatarmos a existência de 18 sítios arqueológicos nesta T.I., em momento algum é realizada uma listagem dos sítios, da mesma forma que as descrições são apresentadas, geralmente, de acordo com que vão sendo realizadas atividades mais sistemáticas nos sítios, como veremos ao longo do presente trabalho.

Dando continuidade ao projeto, Cabral & Saldanha (2010) realizaram a abertura de poços-teste em um abrigo-rochoso localizado na margem direita do rio Urucaú e denominado Aragbus que, segundo a tradição oral Palikur, teria sido um refúgio de mulheres e crianças durante a guerra travada com os Galibi. Foram feitas duas datações radiocarbônicas para esse sítio que atestam a sua longa duração, indo do século 12 até o século 15 d.C.² (SALDANHA, 2016). Como resultado da escavação também foram encontradas cerâmicas filiadas à fase Aristé, as quais teriam sido reconhecidas pelos Palikur como “vestígios dos antigos” (GREEN, GREEN & NEVES, 2003: 379;

¹ Comunicação pessoal feita por João Darcy de Moura Saldanha, em 03 de setembro de 2018, recebida por correio eletrônico.

² 600+-40 BP (BETA-255787); 840+-40 BP (BETA-255786) (SALDANHA & CABRAL, 2010)

CABRAL & SALDANHA, 2010: 55). O sítio Kumenê, onde se encontra a atual aldeia homônima, não possui qualquer narrativa histórica associada e é caracterizado pelo afloramento de bordas de vasilhas à superfície. Nesse sítio já foram escavadas três urnas, uma delas por Eduardo Neves nos anos 2000 e outras duas por João Saldanha e Mariana Cabral em 2008, foi realizada uma datação radiocarbônica para esse sítio, permitindo também o seu enquadramento no século 15 d.C.³ (SALDANHA & CABRAL, 2010).

Apesar de descontinuadas as atividades de campo conduzidas por arqueólogos “legítimos”, nos termos do conhecimento moderno ocidental, na T.I. Uaçá a partir de 2008, David Green (comunicação pessoal, 2019) acompanhado de membros da sociedade Palikur – pesquisadores indígenas ou entusiastas da arqueologia e a busca pela mitologia indígena – continuou visitando lugares específicos da região para verificar as fronteiras dos mitos com a arqueologia e também as possibilidades de expansão e migração dos povos indígenas. Vale ressaltar aqui que, majoritariamente, as cerâmicas encontradas por David, da mesma forma que em outros sítios da T.I. Uaçá, apresentam elementos que possibilitam a sua filiação cultural dentro da fase Aristé.

A fase arqueológica denominada como Aristé foi criada por Meggers & Evans (1957) com base nos atributos tecnológicos (pasta e queima), decorativos e morfológicos das cerâmicas oriundas de 14 sítios localizados na costa atlântica do estado do Amapá, definida como área de ocorrência desta fase. Dados de estudos recentes permitem afirmar que esta é uma fase milenar com datações que vão desde o início da era cristã, aproximadamente 200 d.C., até o período pós-contato com os europeus, aproximadamente 1750 d.C. (ROSTAIN, 1994, 2011; CABRAL & SALDANHA 2008; COUTET, 2009 E SALDANHA & CABRAL, 2010, 2014).

Além da sua longa duração, é possível verificar que, tanto nos contextos cerimoniais quanto nos contextos domésticos da fase Aristé, os sítios apresentam uma grande homogeneidade cultural, observada nos vestígios arqueológicos (tecnologia de manufatura das cerâmicas) e na forma de ocupar e significar o espaço (contextos deposicionais específicos dos sítios domésticos e cerimoniais) (SALDANHA & CABRAL, 2014; SILVA, 2016).

Sobre essa homogeneidade cultural, Rostain (1994, 2011) apresenta a hipótese de que os povos produtores da cerâmica Aristé poderiam estar organizados na forma de uma confederação pan-tribal ou clânica que teve a sua estabilidade impactada pela conquista

³ 570+-40 BP (BETA-255792) (SALDANHA & CABRAL, 2010).

européia. Referências sobre essas possíveis confederações são encontradas também nas fontes etnohistóricas, onde a zona litorânea do Amapá seria o “território de diversos grupos Arawak ou Arawaknizados que formavam, já no século XVII, uma grande confederação de clãs” (SALDANHA *et. al.*, 2016). Destes grupos descenderiam, então, os Palikur atuais na forma de uma mistura étnica pós-colonial (Van den Bel, 2009b).

Assim, frente ao contexto de longa duração da fase Aristé e a sobreposição espacial dos seus vestígios materiais com locais de grande importância presentes nas narrativas Palikur-Arukwayene, a presente tese tem como objetivo investigar a relação entre os lugares reconhecidos na tradição oral Palikur-Arukwayene e a presença das cerâmicas previamente identificadas como Aristé, buscando contribuir para a construção de uma história indígena de longa duração e para a compreensão da formação do registro arqueológico da costa atlântica do Amapá a partir da paisagem atualmente compreendida como Terra Indígena Uaçá.

Tendo em vista os objetivos aqui propostos, a presente Tese encontra-se organizada da seguinte forma. No **Capítulo 1** abordamos os conceitos de etnoarqueologia, paisagem, lugar e espaço e como eles se fundem na etnoarqueologia da paisagem, uma proposta de investigação da arqueologia. Essa abordagem tem um papel fundamental na interpretação e realização de trabalhos arqueológicos, pois considera as perspectivas das comunidades locais e busca compreender como as paisagens arqueológicas influenciam a vida das pessoas. A arqueologia deixa de ter um caráter exclusivamente acadêmico e passa a ser uma disciplina social que busca compreender a formação das paisagens arqueológicas e as narrativas e tradições associadas a elas. Discutiremos os conceitos envolvidos, buscando definir a etnoarqueologia da paisagem e explorar suas aplicações na compreensão do contexto arqueológico da T.I. Uaçá.

No **Capítulo 2** é apresentada uma breve contextualização da Terra Indígena Uaçá. Inicialmente, serão descritas suas características físicas, seguidas pela abordagem dos povos que habitam a região. Em seguida, será apresentada uma síntese dos levantamentos bibliográficos realizados no mestrado do autor, intitulado "Aldeias e Organização Espacial dos Povos Produtores da Cerâmica Aristé: contribuições para a Arqueologia das Unidades Habitacionais da Costa Atlântica do Amapá" (SILVA, 2016), orientado pelo Dr. Eduardo Góes Neves. Nesse estudo, foi realizada uma ampla pesquisa sobre os trabalhos arqueológicos na costa atlântica do Amapá, além de um breve levantamento etnohistórico com base nas fontes citadas nos trabalhos arqueológicos e em uma sobreposição de mapas do período colonial. Essas informações são sintetizadas neste

capítulo. Ao fim do capítulo levanta-se o questionamento sobre a visão de que a Terra Indígena Uaçá é caracterizada como uma Zona de Refúgio resultante das pressões coloniais, ressaltando o papel central dos povos indígenas nas trocas, alianças e processos de etnogênese. A discussão desafia a matriz núcleo-periferia e destaca a importância das interações nativas e das redes locais e regionais formadas pelos povos indígenas na região.

No **Capítulo 3** são apresentados os resultados obtidos com o desenvolvimento do Projeto de Arqueologia Pública na Terra Indígena Uaçá no que diz respeito à verificação e identificação de sítios arqueológicos que estejam diretamente relacionados com a tradição oral Palikur-Arukwayene, dessa forma, são listadas todas as localidades que foram visitadas e configuraram sítios arqueológico, seja pela presença de vestígios móveis, fixos ou modificações da paisagem.

No **Capítulo 4** destacamos a importância do estudo da materialidade arqueológica, com foco nas coleções arqueológicas da Terra Indígena Uaçá, em especial o sítio Kwap. A materialidade refere-se à percepção da solidez e tangibilidade dos objetos e nos lembra que somos seres corpóreos em um mundo físico. Essa abordagem nos permite interagir e compreender o ambiente físico, reconhecendo a existência concreta dos objetos e as interações sensoriais que temos com eles. Assim, uma vez que a arqueologia lida, primeiramente, com o estudo da materialidade, buscamos através da análise dos vestígios do sítio Kwap indicar a possibilidade de filiação, por extrapolação, dos sítios da T.I. Uaçá, tomando como base o constante também no Capítulo 3, enquanto pertencentes à Fase Aristé.

No **Capítulo 5**, a partir de uma possível discussão do tema das chefias nas sociedades indígenas amazônicas, buscamos reavivar o debate arqueológico sobre essa possibilidade interpretativa na costa atlântica do estado do Amapá, considerando as discussões recentes da antropologia sobre a relacionalidade amazônica e a fluidez das identidades e das relações sociais. Em contraste com as sociedades pré-coloniais da Amazônia Central, descritas como semi-estatais, os povos das guianas são caracterizados pela atomização e fluidez territorial, enfatizando suas redes de inter-relação. Portanto, propõe-se uma abordagem que evite os preconceitos evolucionistas unilineares e o determinismo ambiental, buscando uma retomada da ideia de sociedades-contra-o-Estado.

Por fim, no **Capítulo 6**, apresentamos um balanço dos resultados obtidos até o momento, ressaltando que esta é uma pesquisa arqueológica contínua na Terra Indígena Uaçá, localizada no estado do Amapá, Brasil, onde através do estudo da ocupação da

região e sua relação com a cultura material é possível afirmar a filiação à fase arqueológica chamada Aristé. No entanto é de extrema importância que as atividades de campo com acompanhamento de arqueólogos “formais”, digo: aqueles oriundos da formação acadêmica tradicional, sejam continuadas para o restabelecimento de um vínculo de confiança entre a comunidade e a disciplina, bem como é destacada a importância da participação dos povos indígenas na pesquisa arqueológica inclusive com incentivo à formação de arqueólogos indígenas na localidade.

Adicionalmente, entende-se como sendo de grande importância destacar que a presente tese foi desenvolvida em meio à Pandemia do COVID-19 (SARS-CoV-2), a qual teve início no Brasil com a confirmação de um caso em São Paulo em 26 de fevereiro de 2020⁴; e o seu fim em 05 de maio de 2023⁵, decretado por meio do comunicado apresentado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) após, pouco mais de três anos desde a adoção da emergência global. Ainda, em meio a pandemia, o estado do Amapá passou por um apagão⁶ de energia elétrica que perdurou por mais de 20 dias, até o restabelecimento total da energia, o qual durou de 3 a 24 de novembro de 2020, tendo atingido 13 dos 16 municípios do estado, incluindo a capital Macapá.

Dito isto, ressalta-se que, inicialmente, a proposta da presente tese buscava dar continuidade às atividades de campo no interior da T.I. Uaçá, acompanhando as agendas do David Green juntamente aos pesquisadores indígenas Palikur-Arukwayene. No entanto, em razão das dificuldades acima apontadas, as atividades *in loco* foram impossibilitadas. Desta forma, buscando dar continuidade às pesquisas, consultou-se a possibilidade de que o próprio David Green fosse o principal interlocutor dessa pesquisa, esclarecendo dúvidas sobre as atividades realizadas na T.I. Uaçá desde o início do projeto até os dias atuais e, também, participando ativamente da discussão dos dados sobre os sítios arqueológicos e os vestígios recuperados, o qual, por sua vez, aceitou prontamente.

Por fim, grande parte dos resultados apresentados nesta tese são frutos de mais 200 páginas de conversas transcritas realizadas entre o autor da presente tese e o David Green ao longo dos últimos 4 anos, tendo sido essa a opção metodológica tomada para driblar a impossibilidade da realização de atividades de campo durante a Pandemia.

⁴ <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>

⁵ <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-fim-da-pandemia/>

⁶ <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/11/24/amapa-volta-a-ter-100-de-energia-apos-22-dias-de-apagao.htm>

1. ETNOARQUEOLOGIA, PAISAGEM, LUGAR E ESPAÇO: APROXIMAÇÕES SOBRE CONCEITOS.

O presente tópico foi elaborado com o intuito de apresentar, mesmo que brevemente, um panorama dos conceitos de Etnoarqueologia, Paisagem, Lugar e Espaço de forma que possamos compreender como esses se fundem em uma das propostas de investigação da Arqueologia que é a Etnoarqueologia da Paisagem e como essa passa a ter papel fundamental na interpretação, bem como na realização, de trabalhos arqueológicos, para que possamos pensar sobre as potencialidades de aplicação dentro da presente pesquisa.

Primeiramente, para esse fim, devemos compreender que a Arqueologia enquanto disciplina deixa de ter caráter apenas acadêmico e passa a configurar um caráter social, influenciando diretamente na vida das sociedades que se relacionam, direta ou indiretamente, com estes vestígios.

Dessa forma, entendemos que se faz necessário conceber a Arqueologia como uma disciplina social que possui como um de seus principais objetivos de pesquisa a compreensão da formação das paisagens arqueológicas através das atividades cotidianas e entender como estas paisagens continuam influenciando a vida das pessoas, mesmo que essas não tenham uma ligação genética com os povos que produziram esses vestígios ou significaram e construíram os ambientes, mas que apenas pelo fato destes existirem fisicamente, ou na memória, façam com que as sociedades atuais continuem produzindo conhecimentos, tradições e narrativas sobre os mesmos.

Por fim, no intuito de desenvolver esta linha de raciocínio, iremos discorrer sobre os conceitos de Etnoarqueologia, Paisagem, Lugar, Espaço, objetivando, desta forma, proporcionar um panorama no qual possamos vislumbrar o florescimento de uma possível definição do conceito de Etnoarqueologia da Paisagem, bem como, algumas das suas aplicações e como essa proposta de pesquisa pode auxiliar na compreensão dos contextos arqueológicos.

1.1.1. Etnoarqueologia, definição e histórico

Segundo Paul Lane (2006: 402) “a Etnoarqueologia surgiu como um ramo distinto da Arqueologia e pode hoje ser compreendida como um subcampo da pesquisa arqueológica”. Durante muitos anos os arqueólogos, e mesmo os seus predecessores os

antiquários, se utilizaram das pesquisas etnográficas para poder realizar analogias entre os povos do presente com os contextos arqueológicos encontrados através das escavações.

O que difere a Etnoarqueologia como conceito é que ao invés do uso dos métodos etnográficos, de acordo com Lane (2006: 402), esta procurava transformar a maneira através da qual os arqueólogos se utilizavam desses métodos. Em primeiro lugar, em vez de depender dos relatos publicados por etnógrafos e antropólogos, os próprios arqueólogos passaram a realizar a coleta de informações etnográficas pertinentes através da observação participativa entre as comunidades vivas. Em segundo lugar, através do desafio do uso de paralelos etnográficos aleatórios os esforços passaram a se focar no estabelecimento de analogias mais robustas que pudessem se manter sob testes críticos e ter alguma validade em termos de tempo e espaço.

A principal preocupação da Etnoarqueologia é a investigação do papel da cultura material e do ambiente construído dentro das sociedades vivas e os processos que fazem com que se transformem em, ou afetem os, contextos arqueológicos, tendo como objetivo final o aprimoramento dos métodos de inferência arqueológica e, particularmente, o uso do raciocínio analógico através da construção de modelos de interpretação que possam ser úteis para contextos específicos (LANE, 2006:402).

Como apontado por Politis (2002: 64), o exemplo mais longínquo da utilização do termo *Etnoarqueologia* foi por Jesse W. Fewkes em 1900 para se referir a suas tentativas de identificar depósitos Hopi associados pelos Hopi atuais a determinados ritos.

Apesar dessa antiguidade da Etnoarqueologia, foi com o surgimento da Arqueologia Processual, por volta dos anos de 1960, que ela passa a ser utilizada sistematicamente nos trabalhos arqueológicos, tendo como principal representante o Lewis R. Binford com seus estudos entre os esquimós Nunamiut (BINFORD, 1983). Neste período a etnoarqueologia se dedicou a buscar regularidades, entre comportamento humano e a sua produção artefactual, que pudessem ser aplicadas para além dos grupos culturais estudados. (POLONI, 2008: 41-42).

Contudo, ao realizarem esses tipos de estudos, os arqueólogos processualistas estavam considerando a existência de uma possível natureza humana, onde, baseados na elaboração de leis gerais do comportamento humano, questões de diferenças temporais, espaciais e, principalmente, sociais e cognitivas eram desconsideradas.

Na década de 1980, influenciada pelo Pós-Processualismo, a Etnoarqueologia passa a dedicar-se também a investigar as relações entre produção artefactual humana e os processos cognitivos e ideacionais envolvidos em seu processo de produção, utilização e descarte, procurando interpretar os significados desses processos para as sociedades investigadas, e também a valorizar as especificidades culturais (POLITIS, 2002: 66; POLONI, 2008: 42; POUGET, 2010: 16-17).

Segundo Poloni (2008: 42) é a partir da década de 1990 que as pesquisas em Etnoarqueologia se multiplicaram diversificando tanto os objetos de pesquisa quanto os seus objetivos, passando então a abarcar pesquisas embasadas em ambos os horizontes teóricos, o Processualismo e o Pós-Processualismo.

De forma a finalizar a definição deste conceito, para a nossa compreensão, segundo Poloni (2008: 43), a Etnoarqueologia é aquela ciência que realiza uma investigação em determinada sociedade viva, ou seja, uma investigação de cunho etnográfico, com metodologia e objetivos claramente arqueológicos, visando compreender e apreender os contextos relacionados à cultura material desses povos, para que através dessa investigação possa ampliar e clarificar o conhecimento arqueológico em relação aos aspectos pesquisados.

Através das definições de Politis (2000: 70), o autor nos indica três campos em que as informações obtidas através de trabalhos etnoarqueológicos podem ser úteis para a interpretação arqueológica; (1) serve para buscar recorrências na relação entre o comportamento humano e a cultura material; (2) serve para gerar modelos e propor seus derivados materiais contextualizados dentro das ordens social e ideacional, de forma a entender seus condicionantes e buscando níveis sociais mais complexos, cuja dimensão material é menos direta e sua percepção menos óbvia; (3) serve para entender e explorar outras formas de pensamento, ou seja, entender dentro do possível como e quais os fatores ideológicos e sociais que interferiram em determinada configuração da produção artefactual humana, tentando alcançar, na medida do possível, chaves de funcionamento de certos padrões de racionalidade do passado.

Portanto de acordo com Poloni (2008: 44-45), a etnoarqueologia pode gerar pesquisas que se restrinjam mais aos aspectos físicos das condutas humanas, limitando-as a variáveis que possam ser mais bem controladas e que possam gerar pesquisas que visem mais a busca de semelhanças entre o comportamento humano em vários tempos e

espaços diferentes. Da mesma maneira pode gerar pesquisas que visem mais a especificidade da conduta humana, buscando caracterizar ou retomar a trajetória das comunidades humanas estudadas, com vistas a gerar maior complexidade para o conhecimento arqueológico, ou para reconstruir processos históricos de comunidades específicas. Podendo ainda se valer de vários enfoques de pesquisa, de forma a perceber as intercalações entre os aspectos mais ecofuncionais, ideológicos e os culturais do comportamento humano (Politis, 2000: 73-79).

1.1.2. As múltiplas interpretações de paisagem, lugar e espaço

A discussão do tema da paisagem tem se tornado comum nas ciências humanas, sendo até mesmo referida sob o rótulo de *virada espacial* (GULDI 2011) quando relacionada ao uso de tecnologias modernas como os Sistemas de Informações Geográficas – SIG. Quando apresenta a ideia de ‘virada’ a autora está fazendo referência a uma volta para as razões que fazem os pesquisadores se debruçarem sobre a paisagem, como por exemplo: visões de mundo, palimpsesto, os bens comuns e a comunidade, panoptismo e territorialidade (id.).

Para falarmos sobre Paisagem, Lugar e Espaço, é necessário compreender que estes conceitos não estão cristalizados na história das disciplinas sociais, uma vez que, como afirma Milton Santos (2004: 151-152) ao definir o espaço, em um dado momento da evolução do pensamento científico, no qual surgem novos métodos de mensuração e compreensão das características sociais e psicológicas dos seres humanos, podemos definir cada vez mais os aspectos específicos e gerais de toda a realidade.

Portanto, a utilização desses conceitos é variável, sendo que a definição dos mesmos pode se alterar de acordo com as orientações teóricas dos autores à utilizá-los, assim como, de acordo com as escalas utilizadas. Por exemplo, uma cidade pode vir a ser considerada um lugar quando o trabalho estiver compreendendo uma área de pesquisa do tamanho de um estado, ao passo que este último pode ser compreendido como espaço. Da mesma forma, essa cidade pode ser pensada como um espaço quando o lugar específico do trabalho for uma casa no interior do espaço cidade. Devemos ressaltar também que através dos processos de assimilação, cognição e representação, os espaços podem vir a conter paisagens socialmente e ideologicamente significadas e representativas, assim como, as paisagens podem conter espaços e lugares significados da mesma maneira.

De acordo com o mesmo autor (SANTOS, 2009: 56) ao citar J. Y. Calvez, “o todo domina as partes e [...] essas, só adquirem significado através dele, do qual são especificações funcionais”. Portanto, devemos compreender que as definições de paisagens, lugares e espaço são “multisignificativas” e multivocais a partir do momento em que essas são definidas em concordância com a pessoa que escreve sobre os mesmos.

Frente a essa multiplicidade de significados e interpretações, nesse tópico vamos apresentar algumas das diferentes formas de se pensar esses conceitos utilizados em pesquisas de âmbito da arqueologia e conseqüentemente da etnoarqueologia.

Segundo Santos (2004: 151), ao definirmos tamanha multiplicidade fatural, a qual é composta pelos múltiplos espaços presentes no nosso cotidiano, a tarefa de incluir o conceito de espaço em uma unidade de definição faz com que as suas formas e seus conteúdos tão variados surjam como um obstáculo de peso. Devemos, então, definir uma categoria única de espaço ou várias? Santos (2004: 151-152) afirma que nós podemos ter dois espaços, onde o primeiro é definido como *o espaço*, um todo permanente e de todos os tempos, e o outro seria *o nosso espaço*, como se apresenta diante de nós. Contudo essas definições não podem ser imutáveis, fixas e eternas.

Nos trabalhos de arqueologia focados com a definição dos conceitos de espaço e lugar (Whitridge, 2004: 214; Zedeño, 1997: 77) podemos ver que o primeiro se apresenta mais como um “ambiente” que serve como um pano de fundo para a realização das atividades sociais dos seres vivos, enquanto o lugar por outro lado é criado pela existência de fatores culturais. Baseado nas ideias de Whitridge (2004: 214) essa dicotomia entre espaço e lugar, da mesma forma que as dicotomias entre natural e cultural ou sexo e gênero, tem sido um movimento frutífero para a arqueologia.

Os lugares são vivenciados, enquanto os espaços são adjetivados. Lugares passam a ser uma porção discreta do espaço total, um local de atividades e presença corpórea (TILLEY 2004: 25; SANTOS, 2004: 152; WHITRIDGE, 2004: 214; ZEDEÑO, 1997: 77), enquanto o espaço é o que poderíamos interpretar como um ambiente, uma vez que o ambiente é relativo e depende da escala com a qual estamos trabalhando. Contudo, podemos ver nos trabalhos de arqueologia um esforço muito maior para se definir os lugares e as paisagens do que para se definir o espaço em si.

Concordando com a presença de diversos lugares dentro de um espaço, Santos (2004: 152-153) afirma que:

“Os Lugares, por sua vez, são antes de tudo, uma porção da face da terra identificada por um nome. Aquilo que o torna o lugar específico é um objeto material ou um corpo. (...). Mas, se de um ponto de vista puramente psicológico, o conceito de lugar nos é imposto antes do conhecimento de espaço, do ponto de vista teórico e epistemológico, o conceito de espaço precede o de lugar.”

Seguindo na mesma linha de raciocínio, Christopher Tilley (2004: 25) afirma que “lugares e paisagens produzem espaços e tempos em relação com os corpos que os habitam, se movimentam e os utilizam, ao invés do contrário”. Desta forma podemos perceber, neste momento, que na discussão da dicotomia entre espaços e lugares o espaço deve ser entendido como a maior escala de trabalho quando falamos de espacialidade, dentro do qual se encontram os lugares e as paisagens.

O Lugar no senso de Zedeño & Bowser (2009: 6) “é distinguido de espaço por virtude de interação, ação, memória e significado”. Como exemplo da multivocalidade do conceito de lugar podemos utilizar as definições apresentadas pela Zedeño (ZEDEÑO, 1997; ZEDEÑO & BOWSER, 2009) que em trabalhos distintos utiliza as definições deste conceito de formas diferenciadas. Em um dos casos a autora define o lugar, pura e simplesmente, como um local de atividades (ZEDEÑO 1997: 77) e no outro apresenta o lugar como uma junção onde ambiente, pessoas e significados convergem em múltiplas escalas que criam um registro (ZEDEÑO & BOWSER 2009: 1), o qual passa a ser interpretado e significado pelos povos, tanto do passado como do presente, e também pelos próprios arqueólogos ao estudá-los.

Apesar dos lugares serem amplamente definidos em arqueologia como sendo um ponto específico no espaço apresentando alguma peculiaridade, alteração antrópica visível, que assim os defina, eles são constituídos por, pelo menos, 3 elementos principais que baseado na definição de lugar de Whitridge (2004: 214), também podem ser entendidos como as camadas do, ou que formam, o lugar. O primeiro desses elementos está relacionado aos tipos de configurações ambientais onde são constituídas as relações sociais; o segundo elemento é a área geográfica que abrange as definições para interação social; e o terceiro seria o senso de lugar, que é a noção criada pelas pessoas que habitam esse ambiente (ZEDEÑO & BOWSER 2009: 1).

De acordo com Tilley (2004: 25) e Zedeño & Bowser (2009:1) o lugar é a junção de pessoas, memórias, histórias, estruturas, mitos e símbolos que no processo, criam o registro do comportamento, percepção e cognição humana. Contudo, devemos sempre entender que um lugar não necessariamente é um sítio arqueológico, pois estes por

definição da arqueologia precisam conter a evidência material de atividades humanas para assim serem concebidos (Zedeño & Bowser, 2009: 7). Os lugares, por sua vez, não precisam conter um tipo específico de vestígio, mas sim ter um corpo, pois como afirma Tilley (2004:25) “o corpo é um meio através do qual nós conhecemos o lugar. Lugares constituem corpos, e vice versa, e corpos e lugares constituem paisagens”.

No senso de Barton (2004: 257), as paisagens, por sua vez, podem ser compreendidas, nas pesquisas arqueológicas atuais, como um palimpsesto de ocupações e significações. Isso se dá pelo fato de que a formação das paisagens é entendida como um contexto geográfico no qual os sócio-ecossistemas operam e são alterados pelos processos sócio-ecológicos. Então, as paisagens podem ser compreendidas como o resultado destas relações, uma vez que essas não são imutáveis, mas respondem de acordo com as transformações naturais e sociais que se desenrolam nelas.

As paisagens são fenômenos cumulativos de “longa-duração e produtos de uma história muito longa de processos sociais e naturais e suas interações” (BARTON, 2004: 257), portanto elas sempre somam significados e atividades, existindo a possibilidade de perda desses significados através da remoção dos grupos desse lugar. Entretanto, como pode ser observado no trabalho de Ferguson & Colwell-Chanthaphonh (2006) nem a remoção ou delimitação de um povo em uma área diferente ou menor da que ele antes habitava, faz com que as memórias e a tradição oral sobre os lugares contidos nessas paisagens sejam perdidas.

Concordando com a ideia de paisagem como um palimpsesto de ocupações e definições, Barton (2004: 258) afirma que nós como arqueólogos focamos a nossa compreensão da paisagem:

“(...) no conjunto de processos que são responsáveis pelo acúmulo de materiais artefatuais e outros materiais que compõem as paisagens modernas. [Uma vez, que] estes processos não incluem apenas a deposição inicial, mas a alteração posterior, o transporte e a perda.” (Barton, 2004: 258)

Segundo Patterson (2008: 77) os arqueólogos têm conceituado a paisagem em pelo menos sete formas diferentes que não são necessariamente excludentes. Estas diferentes formas de conceituação em muito se assemelham ao que descrevemos anteriormente como camadas de lugar. Portanto, neste caso podemos defini-las como “camadas de paisagem”, essas não se baseiam apenas nas características específicas da mesma, mas também na evolução histórica da disciplina de Arqueologia. Essas camadas

são vistas como (1) os habitats ecológicos; (2) os padrões de assentamento; (3) os sistemas de subsistência de assentamentos; (4) a abrangência tanto das esferas terrestres como celestes; (5) as materializações das visões de mundo; (6) os ambientes construídos ou marcados; e, por fim, (7) os cenários de atuação (ver PATTERSON, 2008: 77-80 para a definição das camadas).

Zedeño & Bowser (2009: 6) concordando com a ideia de camadas de paisagens conceituam essas e os lugares contidos nelas como compostas por “multicamadas, onde cada camada representa um reino particular de experiência e cognição” humana.

Portanto, para finalizarmos a nossa conceituação de paisagem, compreendemos esta como um entrelaçamento de significados que criam áreas específicas a serem caracterizadas de acordo com os significados, onde iremos conseguir entender a materialização desses significados no espaço (meio) e esses significados, como afirma Zedeño (1997: 73), são unidades geográficas cujos limites são percebidos pelo espectador. Da mesma forma, podemos ter paisagens inexistentes no mundo material, mas que estejam fortemente presentes dentro da memória e tradição oral de um indivíduo ou coletivo. As paisagens e os lugares estão contidos no espaço, uma vez que definimos este como todo o ambiente que nos circunda. Apesar das definições mais materiais de espaço e lugar utilizadas na arqueologia, hoje ela tem privilegiado a conotação simbólica desses ambientes, o que não quer dizer que as outras adjetivações dos mesmos são deixadas de lado. É essa nova abordagem da paisagem em arqueologia que leva para a criação de pesquisas baseadas na Etnoarqueologia da Paisagem.

1.1.3. Um conceito de etnoarqueologia da paisagem e possíveis aplicações no campo da memória e da longa duração para uma história indígena na T.I. Uaçá.

A partir dos conceitos aqui apresentados podemos concluir que a Etnoarqueologia da Paisagem seria uma pesquisa, de cunho etnográfico com metodologia e objetivos claramente arqueológicos, realizada com os povos vivos e que busca entender os seus processos de produção, descarte e abandono da cultura material, bem como, os processos cognitivos de valoração dessa cultura material dentro do espaço envolvente, concebido aqui como paisagem, com fim na compreensão dos processos de formação dos contextos arqueológicos. (LANE, 2006: 402).

Atualmente, nos trabalhos de arqueologia brasileira, onde um ramo dos estudos etnoarqueológicos está mais interessado em compreender as questões espaciais, podemos ver através dos estudos como os de Silva & Stuchi (2010) e Bespalez (2009) que a compreensão dos processos de ocupação, reocupação e abandono das estruturas, assentamentos e territórios, passam a ser um objetivo de suma importância para a compreensão dos processos de formação dos sítios arqueológicos, das formas de se habitar na paisagem e também das próprias paisagens atuais, preservadas e significadas pelos povos que por elas passaram ou habitaram. Para encontrar esses processos se busca analisar as formas:

“como as populações utilizam o espaço na exploração, manutenção e transformação dos recursos naturais, bem como o resultado material desses diferentes comportamentos na formação dos registros arqueológicos e na construção e transformação das paisagens” (SILVA & STUCHI, 2010: 48).

Quando pensamos nos processos que levam a formação dos contextos arqueológicos que encontramos, temos que considerar o potencial de estudo dos trabalhos de Etnoarqueologia da Paisagem. Através destes, nós como arqueólogos conseguiremos nos desprender da nossa noção limitada de espaço e paisagem ocidental e cartesiana, para que possamos entender como as diversas sóciocosmologias compreendem o espaço circundante e as suas características formadoras, baseadas nas percepções individuais ou coletivas. Essas diferenças de “pontos de vista” ficam muito evidente nos trabalhos de Whitridge (2004), Ferguson & Colwell-Chanthaphon (2006) e Ferguson, Berlin & Kuwanwisiwma (2009), onde são feitas comparações ilustrativas da nossa visão ocidental de paisagem e da visão de grupos não ocidentais, onde as representações cartográficas destes últimos estão comumente baseadas em mapas mentais e representações pictográficas da sua tradição oral.

Ao começarmos a trabalhar com os diferenciados pontos de vista, vamos perceber que a paisagem não é apenas vivenciada, mas também pensada. A partir do momento que concebemos as paisagens como carregadas de vivência, simbolismos e significados nos deparamos com uma questão fundamental que está sendo abordada pelos trabalhos de Etnoarqueologia da Paisagem que é o estudo da mobilidade.

Com base nos trabalhos de Zedeño (1997), Tilley (2004), Erickson (2009) e Silva & Stuchi (2010), podemos ver como as paisagens são criadas através da mobilidade, sendo essa representada pelos movimentos de assentamentos, movimentos de grupo social, movimentos temporais, movimentos culturais (sócio-econômico-cosmológico),

movimentos naturais e também os movimento espirituais, onde o viajante vai para outro plano cósmico permanecendo fisicamente no mesmo lugar.

É por meio dos estudos de Etnoarqueologia da Paisagem que os trabalhos de Arqueologia poderão melhor compreender as relações de uso do espaço intra- e inter-aldeias, assim como, as relações dessas aldeias com os marcos paisagísticos que as circundam, pois, de acordo com Tilley (2004:26) e Erickson (2009: 207), os lugares e paisagens são criados a partir das práticas da vida cotidiana no espaço, uma vez que estes só existem pelas relações existentes entre eles e todo o meio que os circundam, onde através da mobilidade podem ser transformados, ressignificados ou abandonados.

Além da contribuição acadêmica dos estudos de Etnoarqueologia da Paisagem, estes também podem servir como ferramentas de gestão e negociação para que, concordando com Bespalez (2009: 14), “as vozes discriminadas das populações [tradicionais]” se façam ouvidas perante o poder dominante e governante, de forma que essas populações possam lutar pelos seus direitos territoriais, bem como, e não menos importante, possam registrar, valorizar e divulgar a sua história de longa duração nesse espaço em que hoje habitamos e é composto por diferentes grupos sociais das mais variadas origens.

A arqueologia amazônica desempenha um papel fundamental na compreensão da complexa paisagem cultural da região, revelando as múltiplas camadas de ocupação humana ao longo do tempo. Por meio do conceito de longa duração, os pesquisadores conseguem rastrear as transformações socioculturais desde os primeiros vestígios de ocupação humana até as práticas contemporâneas dos povos indígenas.

A região amazônica é marcada por uma notável diversidade étnica, com numerosos grupos indígenas que possuem raízes ancestrais profundamente enraizadas nas terras amazônicas. Através da análise de sítios arqueológicos, artefatos e vestígios de atividades humanas, os arqueólogos podem (re)construir possíveis histórias de ocupação, bem como as práticas sociais, econômicas e simbólicas adotadas pelos povos indígenas ao longo dos séculos.

Além disso, a memória coletiva desempenha um papel crucial na compreensão da cultura e da identidade das comunidades amazônicas. Essa memória está intrinsecamente ligada às tradições orais e à mitologia transmitidas de geração em geração. As histórias, narrativas e mitos compartilhados oralmente ao longo do tempo fornecem valiosos

insights sobre as crenças, práticas e visões de mundo dos povos indígenas. Essa tradição oral é uma forma de preservar e transmitir conhecimentos, costumes e valores culturais, desempenhando um papel vital na construção e manutenção da identidade coletiva.

Ao aprofundar o estudo da paisagem cultural e da memória coletiva amazônica, a arqueologia contribui para a valorização das culturas tradicionais e para o respeito pelos direitos territoriais dos povos indígenas. Também fornece uma base sólida para a formulação de políticas de preservação e manejo sustentável da região, uma vez que revela a relação intrínseca entre as práticas ancestrais e a conservação ambiental.

Em suma, a arqueologia amazônica permite uma compreensão mais profunda das raízes históricas, culturais e territoriais das comunidades indígenas da região. Através da investigação da paisagem cultural, da memória coletiva e da longa duração, os pesquisadores não apenas enriquecem o conhecimento acadêmico, mas também contribuem para a valorização das culturas indígenas, promovendo a sustentabilidade e lutando por um futuro mais justo e equitativo para as comunidades amazônicas.

Aqui, conforme pode-se concluir com base no apontado por Kater e Lopes (2021), observamos que, na arqueologia brasileira, a aplicação da teoria da longa duração, desenvolvida por Braudel (1984, 1990), tem contribuído para a constituição de histórias indígenas mais abrangentes, focando nas permanências geográficas, culturais e nas relações com o território e a paisagem, promovendo diálogos interdisciplinares. Assim, a aplicação do conceito permite compreender as relações entre seres humanos e ambiente ao longo do tempo, destacando a importância da interação entre o mundo humano e o biofísico. A arqueologia, ao lidar com eventos pontuais, utiliza a longa duração para identificar padrões e construir contextos a partir do acúmulo de evidências arqueológicas. Assim, a inserção das categorias indígenas de tempo e a valorização das histórias indígenas ampliam o entendimento da história, confrontando modelos colonizadores de pensamento. No entanto, o diálogo entre arqueologia e história indígena ainda é limitado, sendo necessário estabelecer conexões entre diferentes contextos e temporalidades para construir uma história indígena inclusiva.

Para finalizar, no que tange a longa duração e em atenção à passagem do tempo para os Palikur-Arukwayene, bem como para o tempo das narrativas, visando uma construção cronológica, Lesley e David desenvolvem uma linha do tempo que teve como orientação as histórias reunidas em 1997 e 2001, bem como oficinas realizadas junto aos

anciões Palikur. Com isso, chegaram na elaboração de 9 eras (GREEN & GREEN, 2013: 52-53), voltando no tempo a partir dos dias atuais, conforme listado a seguir:

1. *A era Cristã (1967 até o presente)*: Este período centra-se em Kumene, fundada como um assentamento Cristão Palikur no final dos anos 1960. Essas histórias descrevem uma sociedade em crise, pintando um quadro de muita fome e rixas entre clãs, e ligam ambos à bebida. A conversão ao cristianismo, de acordo com as histórias que as pessoas contam agora em meio às reuniões noturnas de avivamento, acabou com as rixas e a fome e restaurou a sociabilidade que é vista como “verdadeiramente Palikur”.
2. *A era dos xamãs e das danças*: Os poderosos xamãs e as lutas entre eles pelo controle dos espíritos da região formam um contraponto às histórias da era cristã. Não é falado prontamente – a magia é considerada maligna – essas histórias lidam especificamente com lugares na paisagem que possuem propriedades mágicas.
3. *As capturas de escravos (c. 1700-1800)*: Muitas histórias são contadas sobre capturas de escravos (como o da ilha de Masika) e daqueles que fugiram da escravidão e se tornaram Palikur.
4. *A guerra entre os Palikur e os Galibi (c. 1400-c. 1760)*: Facilmente invocados em conversas são muitas histórias ou alusões às histórias das guerras entre os Palikur e os Galibi. Histórias específicas fornecem referências detalhadas a lugares.
5. *A era dos Amekenegben (literalmente, o Ontem, ou ancestrais)*: Os Amekenegben são os “velhos” que eram fortes e tinham grande coragem, enfrentaram o oceano, enterraram os mortos em potes, não em caixas, e não tinham sal, metal ou fósforos. Seus assentamentos variaram entre o rio Amazonas e a Guiana Francesa. Histórias sobre os Amekenegben são prontamente contadas; informações históricas são geralmente na forma de anedotas.
6. *Lutas contra axtigs (animais predadores ou espíritos)*: Criaturas selvagens e míticas que comem pessoas são prontamente contadas, talvez porque sejam histórias de pessoas que se tornaram uma ameaça comunitária. Todas essas histórias se referem a formas de relevo particulares, incluindo montanhas e sambaquis (concheiros), e algumas incluem xamãs nomeados – quase os únicos contos em que os mortos são nomeados.
7. *Narrativas originárias – a fundação de cada clã*: a maioria dos clãs tem uma narrativa de origem.
8. *O dilúvio*: Alguns dizem que esta é uma narrativa originária dos Palikur. Nela, as formas de relevo aparecem com destaque. A história de Noé é muito parecida com a de Palikur, na qual um Herói Palikur cria um grande pote de barro que flutua na água com sobreviventes a bordo. Várias versões confundem as duas histórias.
9. *Histórias da criação*: Uhokri (criador) caminha pela terra e cria pessoas.

No entanto, apesar dessa divisão de eras, Green & Green (2013) perceberam que a sua manutenção enquanto uma linha cronológica rígida deveria ser muito forçada para funcionar, uma vez que observaram que os elementos de uma era atravessavam para as outras e assim sucessivamente.

Outro ponto observado foi a fluidez das narrativas, uma vez que, em um prazo de quinze dias, um mesmo conto poderia ser contado com significados diferentes, deixando claro que os contos serviam não apenas como relatos do passado, mas também como

recurso para aconselhar sobre o presente e o futuro, desmistificando a suposição inicial de que histórias eram representações do passado. Assim, Green & Green (2013: 53) indicam que:

Deve-se pensar nas histórias não como representativas (no sentido de representar eventos que aconteceram há muito tempo), mas como proposicionais – fazendo propostas sobre como entender relacionalidade e como agir? A problemática é crucial, pois reflete uma orientação fundamentalmente diferente do que é pensar sobre coisas que aconteceram há muito tempo.

Dessa forma, levantam-se questões ontológicas do Urukawa, uma vez que, o pensamento ontológico guia as ações, passadas e futuras, mas não de forma diferente da nossa própria visão moderna de sociedade, apenas aponta a possibilidade de que os problemas propostos inicialmente para um Projeto de Arqueologia Pública na Terra Indígena Uaçá, poderia não funcionar aos moldes concebidos, visto que as narrativas contadas poderiam ser traduzidas ou transmitidas de formas a favorecer ou justificar um momento histórico. Fica ressaltado ainda que:

A passagem de uma ideia representacional de conhecimento (eu, o conhecedor, posso representar o que aconteceu) para uma forma relacional de conhecer (o conhecimento e o conhecedor estão emaranhados de maneiras que influenciam os limites da percepção humana) nos aproxima um pouco mais, penso que a uma forma ameríndia de conhecer o mundo. Em uma ontologia relacional, a "coisa" (o objeto de conhecimento; o assunto de interesse) é formada ou trazida à existência no envolvimento de alguém com ela, e as histórias também são formadas por meio da maneira como falamos ou narramos tempos passados. A suposição de que alguém conta histórias para recontar "o que aconteceu" pressupõe que as coisas existem para serem apreendidas, independentemente de quem eu seja ou de como as abordo (GREEN & GREEN, 2013: 55).

Outro ponto de interesse observado (GREEN & GREEN, 2013) foi a falta de existência de uma fala neutra, assim, todas as histórias narradas já passaram por algum tipo de tradução ou interpretação, uma vez que elas são contadas a partir do ponto de vista individual do narrador ou que o mesmo conta a história de uma forma que o ouvinte irá entendê-la. Tomando conhecimento da situação, optou-se então por gravar várias versões da mesma história de contadores de histórias em lugares diferentes. Essa técnica foi chamada pelos pesquisadores de "*Story trekking*", visto que identificaram que as histórias são mais ricas quando contadas *in situ*, ou ao longo de uma jornada.

Devido aos conflitos relacionados à multiplicidade de narrativas, entendeu-se que a história no Uaçá foi organizada mais em relação ao lugar do que ao tempo, assim, a solução lógica adotada foi montar as histórias com um mapa, ao invés de insistir na construção de uma cronologia linear. Dessa forma, com auxílio de Ivailto Gômes, foi

iniciada a elaboração do Mapa que se encontra na capa da presente tese, permitindo o início de um banco de dados de nomes de lugares nas histórias, para tentar ligá-los ao mapa e, conseqüentemente, a identificação dos locais que pudessem interessar aos arqueólogos. No entanto, novamente, da mesma forma que o tempo histórico aqui não poderia ser reunido com uma cronologia, o espaço narrativo não seria capaz de ser reunido com uma cartografia. As razões para isso foram várias. A significação do corpo do contador de histórias na performance das cartografias não cabe em um mapa (GREEN & GREEN, 2013).

Dessa forma, o que se observou foi que:

O trabalho que precisávamos fazer, então, não era tentar mapear as histórias, mas tentar entender o conjunto de práticas que unem a memória do espaço e do tempo e a presença de animais, plantas, criaturas, e as pessoas nele. As propostas deste capítulo baseiam-se no insight do capítulo I de que aqui em Arukwa a ênfase na presença estabelece a importância de um espaço interacional entre os atores em que "conhecer" é uma questão de entender as possibilidades de relacionamento entre os atores, em vez de "ter conhecimento" dos atores e das coisas em si mesmas. Tal abordagem do conhecimento tem um interesse vital nas interações de pessoas, lugares, criaturas e cosmos. A perspectiva do observador é apenas uma entre várias possibilidades, e pensar de verdade é ser transformado (mesmo traduzido) pela compreensão que se tem das diferentes perspectivas possíveis de uma situação, pois como se interage, ou se relaciona, depende de como se vê. Entendido neste contexto, é significativo que as formas verbais, na língua Palikur, não sejam definidas pelo fato de uma ação ter ocorrido no "passado", "presente" ou "futuro", mas pelo estado de conclusão da ação. que está sendo descrito: se está começando, em andamento ou concluído. Conhecer um lugar é conhecer suas histórias, diz-se. Em Arukwa, conhecer as histórias de um lugar é entender as interações possíveis com ele e nele (GREEN & GREEN, 2013: 59-60).

Por fim, entende-se que o mapeamento das histórias, independentemente da forma que for realizado deve tomar como base a noção de HIYAK HAWKRI - conhecendo o dia e conhecendo o mundo – que é uma teoria da presença na qual a consubjetividade, a interatividade e a interanimação de criaturas, coisas e pessoas, fabricam o mundo. Conhecer os muitos tipos diferentes de criações de mundo existentes ao seu redor, permitem sobreviver à predação; participar da generosidade de aliados permite que você prospere.

É assim que partimos para o capítulo a seguir, onde longe de tentar esgotar as possibilidades múltiplas de conhecimentos da realidade da Terra Indígena Uaçá, buscamos elaborar um quadro da realidade necessária para a elaboração de uma possível narrativa arqueológica, dessa história indígena de longa duração.

2. HIYAK HAWKRI - CONTEXTUALIZANDO A ÁREA DE PESQUISA

Conhecer o mundo (Hiyak Hawkri) é compreender os dinamismos, interações, potencial e propensão de uma situação. É cosmológico, relacional e contextual (Green & Green, 2013. Pág. 157).

Nesse capítulo iremos apresentar uma breve contextualização da área de pesquisa, ou seja, a Terra Indígena Uaçá. Para isso, apresentaremos primeiramente as suas características físicas, para em seguida abordar sobre os povos que nela habitam e na sequência serão apresentadas uma síntese dos levantamentos bibliográficos realizados no mestrado do presente autor intitulado *Aldeias e Organização Espacial dos Povos Produtores da Cerâmica Aristé: contribuições para a Arqueologia da Unidades Habitacionais da Costa Atlântica do Amapá* (SILVA, 2016) orientado pelo Dr. Eduardo Góes Neves, onde, de maneira exaustiva, buscou-se levantar o máximo de informações sobre os trabalhos arqueológicos realizados na costa atlântica do Amapá e, de forma complementar, foi realizado um breve levantamento etnohistórico, baseado nas fontes citadas nos trabalhos arqueológicos e também em uma sobreposição de mapas do período colonial, o qual também se encontra sintetizado aqui.

2.1. Apresentando a Área de Pesquisa

A seguir fazemos um breve levantamento sobre os Povos e Terras Indígenas do Amapá, com atenção especial ao Município de Oiapoque, para seguir com a localização, delimitação e descrição da T.I. Uaçá e, posteriormente, uma apresentação sobre os povos indígenas Palikur enfatizando alguns pontos da sua cultura que se interseccionam com a proposta inicial do Projeto de Arqueologia Pública na Terra Indígena Uaçá, conforme proposto por Green, Green e Neves (2003) e que foi se modificando ao longo dos anos até culminar na presente tese.

A critério de localização, conforme Gallois & Grupioni (2003), os povos indígenas que habitam a região do estado do Amapá, mais especificamente o Amapá e o Norte do Pará, residem nas seguintes Terras Indígenas: T.I. Uaçá I e II, T.I. Juminá, T.I. Galibi do Oiapoque, T.I. Wajãpi, T.I. Paru D'Este, T.I. Parque do Tumucumaque e T.I. Zo'é (ver mapa a seguir), e “possuem uma história comum de relações comerciais, políticas, matrimoniais e rituais que remonta a pelo menos três séculos”.

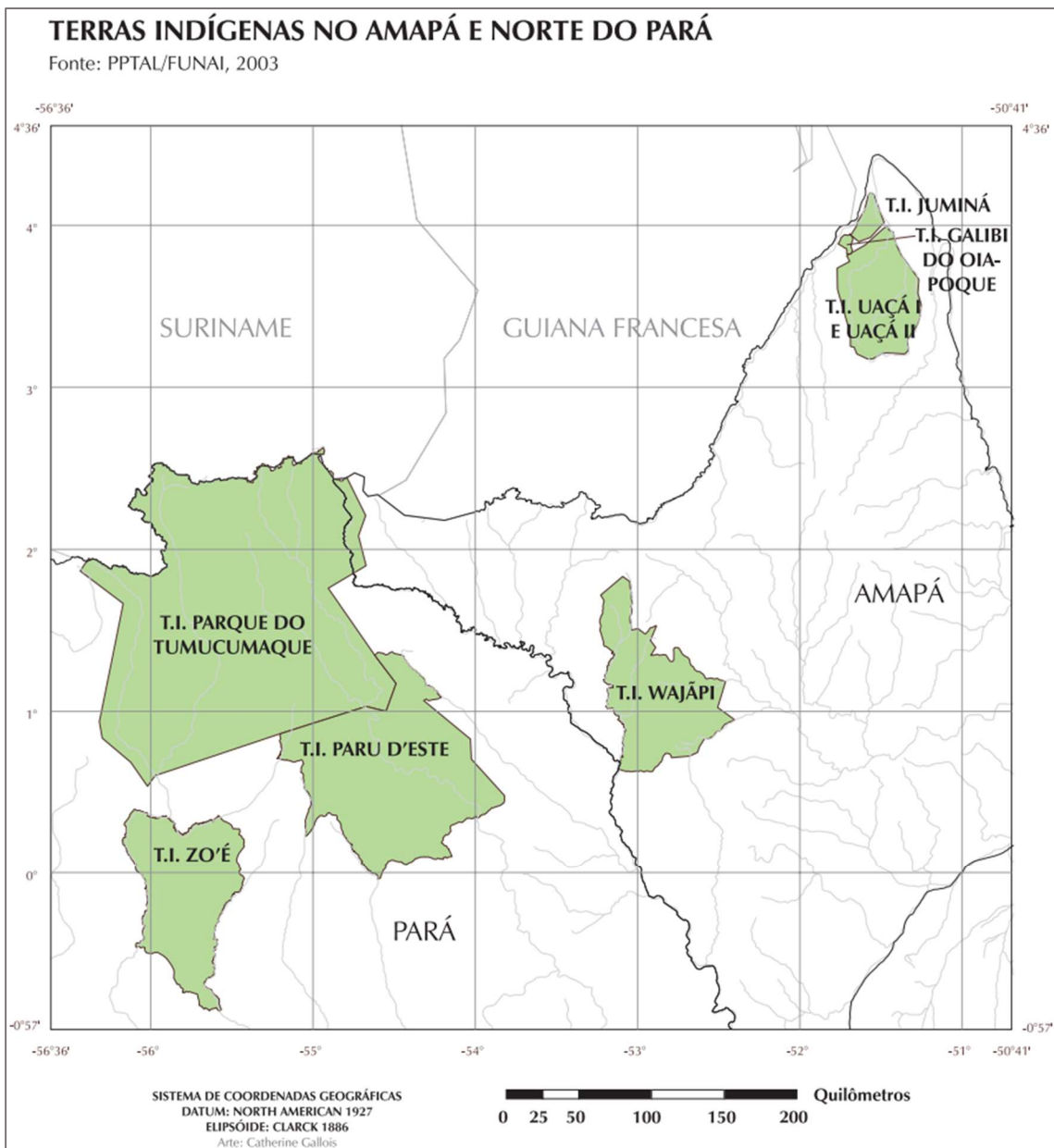


Figura 2 - Terras Indígenas do Amapá e Norte do Pará (Fonte: Gallois & Grupioni, 2003: 12).

Segundo as autoras (GALLOIS & GRUPIONI, 2003), esses grupos participam de “redes de relações regionais” que fazem parte de uma história rica em ganhos culturais, contrariando hipóteses de aculturação por assimilação, caracterizando, assim, séculos de acúmulo de experiências de contato entre si que ocasionaram em inúmeros processos sociais, culminando na separação ou fusão de grupos, guerras ou alianças, substituição ou aquisição de novos itens culturais.

Estes processos perduraram no tempo de forma que passaram a ocorrer também nas relações entre indígenas e não indígenas, conforme foi relatado pelos viajantes do século XVII em diante. Ainda, é afirmado que cada um desses povos é formado por descendentes dos grupos históricos de origens diversas, os quais, por diferentes motivos

e em diferentes momentos, acabaram confluindo para a região (GALLOIS & GRUPIONI, 2003).

A título de conhecimento, de acordo com o constante no site Terras Indígenas do Brasil⁷, em 29 de março de 2023, o Brasil possui 733 Terras Indígenas em diferentes fases do procedimento demarcatório, sendo 126 em identificação, 43 identificadas, 68 declaradas e 496 homologadas e reservadas.

O Estado do Amapá foi pioneiro no reconhecimento dos direitos territoriais indígenas: todas as terras reivindicadas no estado foram demarcadas e homologadas. De acordo com as informações constantes no site da Secretaria Extraordinária de Povos Indígenas do Governo do Estado do Amapá – SEPI/GEA⁸, com base no último levantamento, o Estado possui uma população indígena estimada em 10.065 indígenas, sendo 5.802 indígenas em Oiapoque, 3.043 no Parque Tumucumaque e 1.220 na região de Pedra Branca do Amapari. Esses se dividem em 09 (nove) etnias indígenas: estando 4 (quatro) delas – Karipuna, Palikur, Galibi Marworno; Galibi Kalinã – localizadas na região do Oiapoque, nas Terras Indígenas Uaçá, Juminã e Galibi; outras 4 (quatro) – Apalay, Waiana, Tiriyó, Kaxuyana – estão localizadas na região do Parque do Tumucumaque a Oeste do Estado do Amapá na Terra Indígena Tumucumaque; e 1 (uma) etnia – Wajãpi – localizada na região de Pedra Branca do Amapari na Terra Indígena Wajãpi. A imagem a seguir (Figura 3) ilustra as informações referentes à localização, dimensões das Terras Indígenas citadas e os diferentes povos.

Ressalta-se que os nomes das etnias como se tem hoje são etnônimos, ou seja, nomes que esses grupos adotaram para assumir-se como etnias diferenciadas entre si. Os povos da região são falantes de três grandes famílias linguísticas, sendo elas, Aruaque, Caribe e Tupi, além de grupos falantes de línguas crioulas. Adicionalmente, em seu contato com os não indígenas, esses povos falam também português e/ou francês.

De forma sucinta: os Palikur são falantes de línguas da família Aruaque; os Aparai, Galibi do Oiapoque, Kaxuyana, Tiriyó, Wayana são falantes de línguas da família Caribe; os Wajãpi são falantes de línguas da família Tupi-Guarani; e os Karipuna e Galibi Marworno são falantes de línguas crioulas (Gallois & Grupioni, 2003).

⁷ <https://terrasindigenas.org.br/> - acessado em 29/04/2023.

⁸ <http://www.sepi.ap.gov.br/interno.php?dm=961> – acessado em 29/04/2023

Terra Indígena	Estados	Municípios	Superfície/ha	Povos
Uaçá	Amapá	Oiapoque	470.164	Galibi Marwomo Karipuna Palikur
Juminã	Amapá	Oiapoque	41.601	Galibi Marwomo Karipuna
Galibi do Oiapoque	Amapá	Oiapoque	6.889	Galibi do Oiapoque Karipuna
Waiãpi	Amapá	Amapari, Laranjal do Jari	607.017	Wajãpi
Parque de Tumucumaque	Pará e Amapá	Oriximiná, Óbidos, Almeirim, Alenquer, Monte Alegre	3.071.067	Aparai Katxuyana Tiriyó Wajãpi Wayana
Rio Paru d'Este	Pará	Almeirim, Alenquer, Monte Alegre	1.195.785	Aparai Wajãpi Wayana
Zo'é	Pará	Oriximiná Óbidos, Alenquer	664.465	Zo'é

Figura 3 - Imagem ilustrando as informações referentes à localização, dimensões das Terras Indígenas e os diferentes povos. (adaptado de Gallois & Grupioni, 2003: 13).

Numericamente e diferentemente do constante no site da SEPI/GEA, que contabilizou aproximadamente seis mil indígenas na região do Oiapoque, SANTA ROSA (2020: 13) informa que nesta região, aproximadamente oito mil indígenas pertencentes aos povos Galibi Kali'na, Palikur Arukwayene, Galibi Marworno e Karipuna vivem em 55 aldeias distribuídas em três Terras Indígenas, demarcadas e homologadas (TI Uaçá, TI Juminã e TI Galibi), formando uma área contínua de 518.454 hectares, na fronteira com a Guiana Francesa. São povos diferenciados entre si, mas que se reconhecem enquanto “povos indígenas do Oiapoque”, mantendo históricas relações de intercâmbio e articulação política. Cada povo mantém sua especificidade, historicamente construída, apresenta uma cosmologia e organização social particular e vive em uma região diferente, associada a um rio: os Palikur na região do Rio Urukawá, os Galibi Kali'na no Rio Oiapoque, os Karipuna no Rio Curipi e os Galibi Marworno no Rio Uaçá.

Em síntese, como pode ser visualizado na imagem a seguir (Figura 4), o município de Oiapoque, no qual se foca a presente pesquisa, abriga 3 (três) Terras Indígenas, sendo elas: T.I. Galibi, T.I. Juminã e T.I. Uaçá (rótulos em vermelho na imagem).

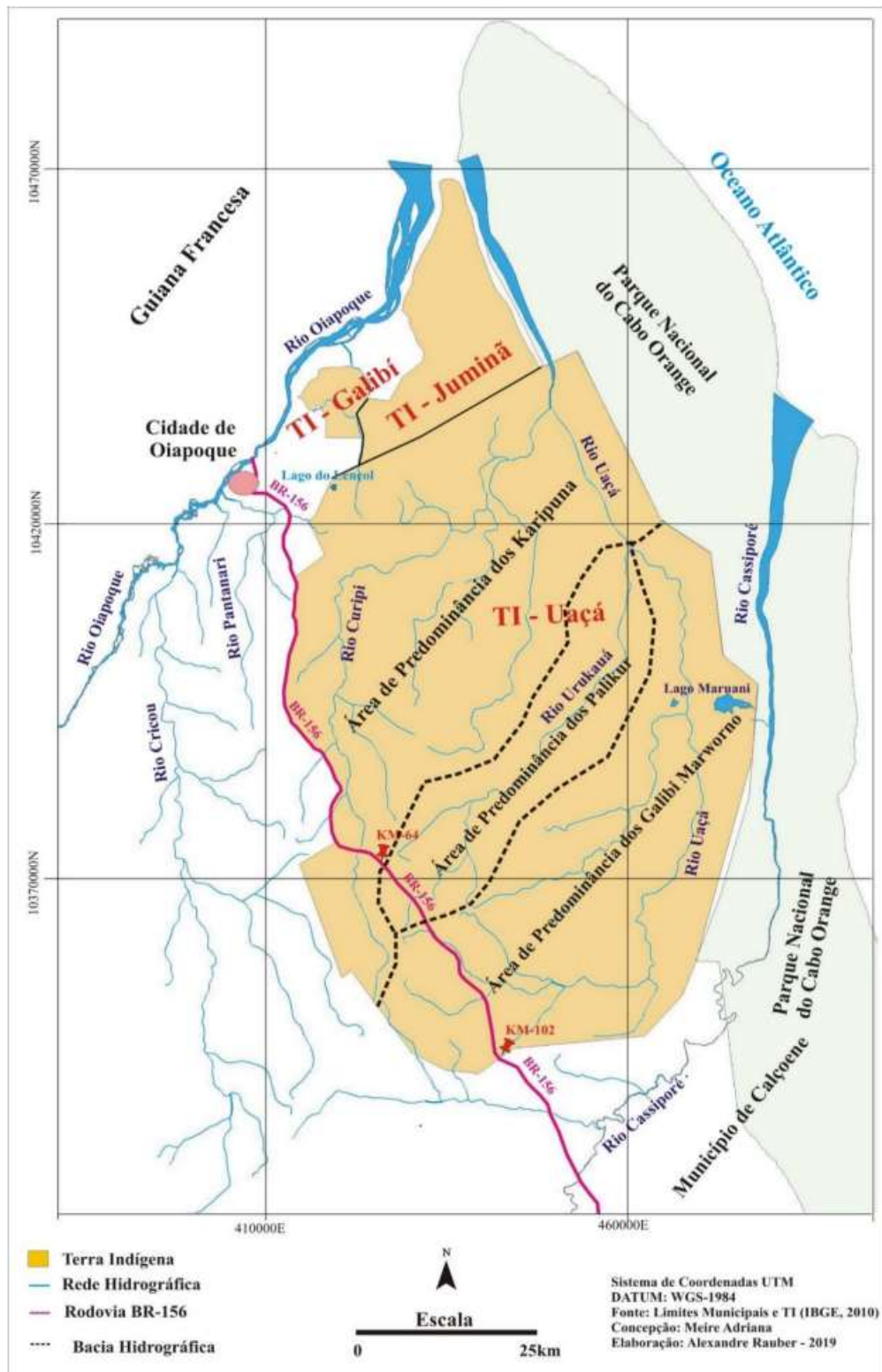


Figura 4 - Terras Indígenas do Oiapoque - T.I. Galibi; T.I. Juminã e T.I. Uaçá, com ênfase para as áreas de predominância de ocupação pelos povos indígenas da T.I. Uaçá (Mapa elaborado por Alexandre Rauber, 2019. Fonte: Meire Silva, 2019: 165.)

Além dos quatro principais rios, alternam-se paisagens de platôs rochosos, floresta tropical de terra firme, cerrados, manguezais, açazais nativos e campos alagados com numerosas ilhas, onde se localizam as aldeias e roças. A terra firme é mais abundante no

lado oeste, onde foi construída a rodovia BR-156, que atravessa a TI Uaçá, e na margem da qual existem diversas aldeias (SANTA ROSA, 2020: 14). Na imagem a seguir (Figura 5) é possível verificar como que as Terras Indígenas do Oiapoque se sobrepõem à paisagem da Costa Atlântica do Amapá.

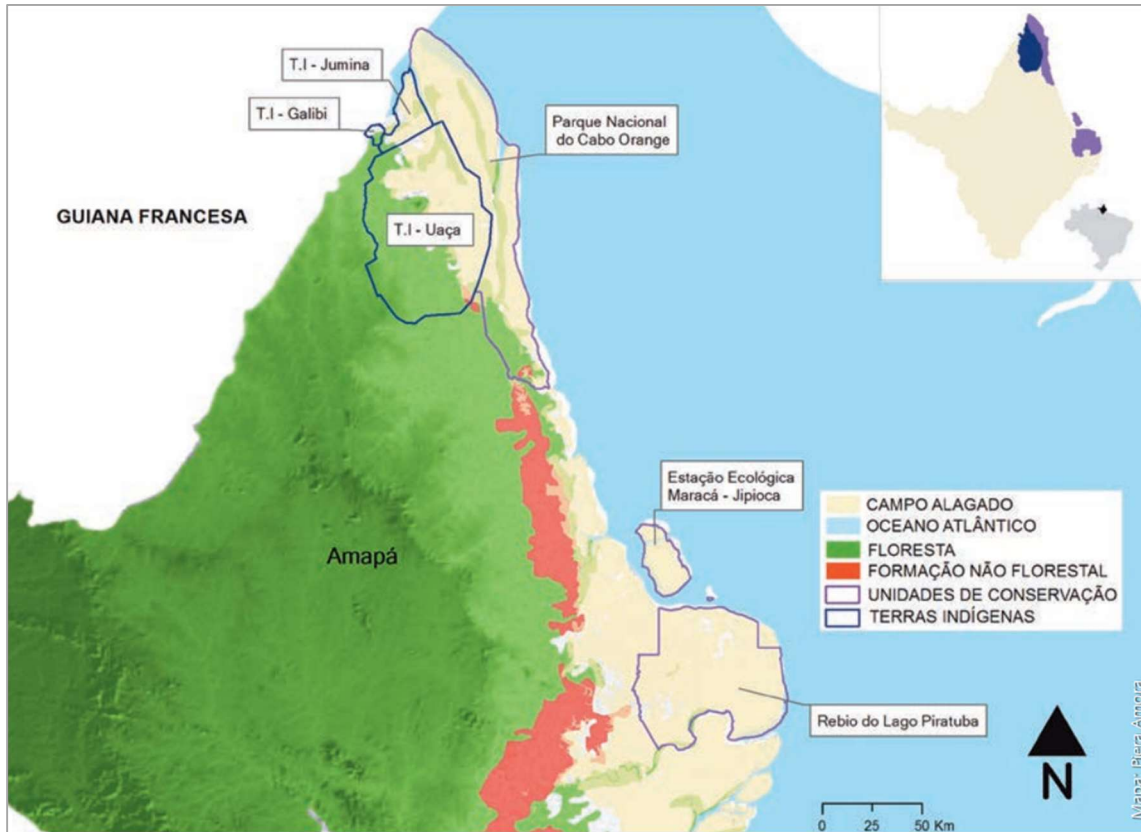


Figura 5 – Mapa de Sobreposição das Terras Indígenas do Oiapoque com as Unidades de Conservação da Costa Atlântica e os diferentes tipos de vegetação predominantes. (Mapa elaborado por Piera Amora e disponível em MAZUREK, 2013: 12)

2.1.1. Apresentando a Terra Indígena Uaçá e os Palikur-Arukwayene

Dentro da Terra Indígena Uaçá, que sozinha possui uma extensão de 470 mil hectares, há uma parcela significativa de áreas que, aos moldes das concepções e técnicas de plantio modernas são vistas como inadequadas para a agricultura. As áreas propícias para a agricultura familiar estão principalmente localizadas no noroeste e sudoeste da região. As demais partes do território consistem em ilhas e montanhas, situadas mais centralmente na Terra Indígena, cercadas por campos submersos que não são propícios para o cultivo agrícola. As regiões de ilhas, onde estão localizadas as aldeias, estão bastante saturadas devido ao solo inadequado para o cultivo de certas culturas. Por outro lado, as áreas de campos alagados, submersas em determinadas épocas do ano, têm valor especial, pois desempenham um papel crucial na sobrevivência e reprodução de diversas

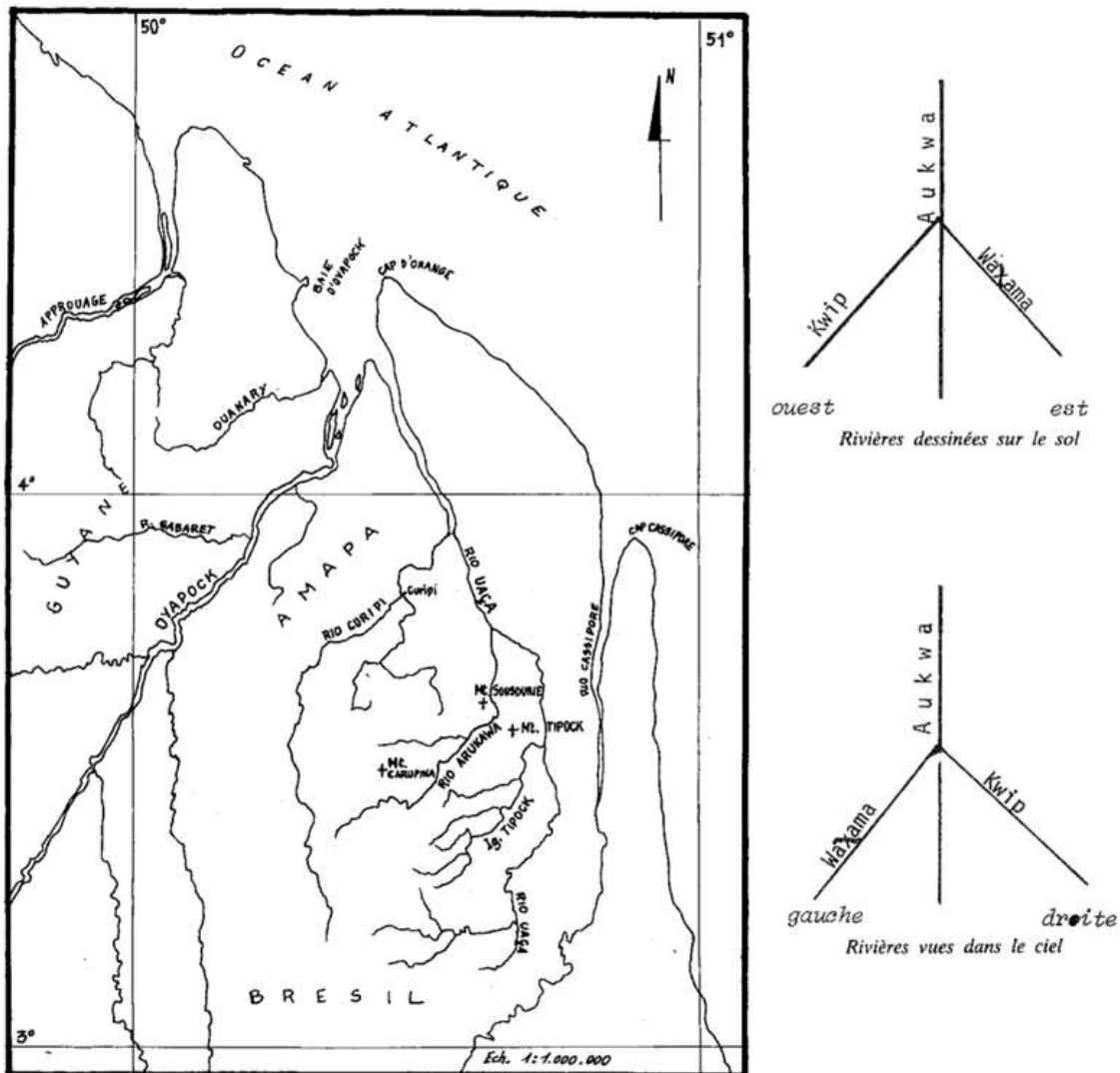
espécies animais, como pássaros, peixes, jacarés, quelônios e insetos (SANTA ROSA, 2020: 67).

A terra Indígena Uaçá, área de pesquisa da presente tese, está localizada no município de Oiapoque, no norte do estado do Amapá, Brasil, em uma área denominada como Costa Atlântica. Com relação à hidrografia a T.I. Uaçá abrange parte das bacias hidrográficas dos Rios Oiapoque, Cassiporé e Uaçá, sendo esta última a sua principal bacia. Em termos de regiões hidrográficas a área está englobada pelas seguintes divisões de bacias hidrográficas: Macrorregião - Amazônica; Mesorregião - Oiapoque/Araguari; e, por fim, a Microrregião Hidrográfica denominada Litoral do Amapá.

A bacia do Rio Uaçá desemboca no mesmo estuário do rio Oiapoque, que marca a fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, sendo composta pelos rios Uaçá, Urukauá e Curipi, seus afluentes de margem esquerda (CAPIBERIBE, 2007). Conforme relatado à Simone Dreyfus (1981), em dois momentos distintos, o rio Urukauá (Arucawa, Aukwa) seria a origem dos povos Palikur:

“Louis Norino mora na Guiana Francesa, em uma aldeia indígena recente, anexa à cidade crioula de Saint-Georges de l'Oyapock, onde algumas famílias de imigrantes se estabeleceram há cerca de vinte anos. Louis nasceu às margens do Arucawa, na grande savana alagada do Amapá, em território brasileiro. Da pequena praia onde acampamos, perto do estuário do Oiapoque, água, um caminho de água nos separa de sua terra natal, origem ele disse, coração ele pensa, de seu povo. E ele desenha na areia o seu rio, o do meio, de onde vêm todos os Aukwa-yene (de aukwa = meio e yene = povo), onde muitos ainda residem, para onde em breve nos conduzirá. Aukwa é a rota principal para a qual convergem de oeste e leste dois outros rios: Kwip [rio Curipi] e Wayama [rio Uaçá]. Dois anos depois, na aldeia, Inès e sua filha Wani me apontarão no céu estrelado o grande rio (waik) da Via Láctea e me falaram: “Veja, no meio é Aukwa e lá [à esquerda] (p. 302) é Wayama e ali [à direita] é Kwip”. Projeção, no espelho do céu noturno, de lantejoulas de água da superfície do solo” (DREYFUS, 1981: 301-302).

Na imagem a seguir (Figura 6) compilamos a carta de localização da Terra Indígena Uaçá e do Baixo Oiapoque com os dois esquemas de representação do rio Uaçá feitos à Simone Dreyfus por diferentes Palikur, acima rios desenhados no chão por Louis Norino em Saint-Georges do Oiapoque; à direita, Rios vistos no céu em observação à Via Láctea.



Carte 1: Uaçá et bas-Oyapock.

Figura 6 – Compilação da Carta de localização do rio Uaçá e baixo Oiapoque com os esquemas de representação do rio Uaçá feitos à Simone Dreyfus por diferentes Palikur, acima rios desenhados no chão por Louis Norino em Saint-Georges do Oiapoque; à direita.

De acordo com Artionka Capiberibe (2007), em seu livro *Batismo de Fogo: os Palikur e o Cristianismo*, fruto da sua dissertação de mestrado defendida em 2001, e ao citar D. Cleray (2000), descendo o curso dos três rios, da cabeceira à foz, é possível vislumbrar “uma sucessão de painéis verdes de se encher os olhos”, reflexo das 4 ecorregiões ali existentes: campos inundados, várzea, manguezal e floresta de terra firme. Assim, da nascente ao curso médio, os rios são pontuados por pequenos saltos e corredeiras em áreas de floresta de terra firme. Seguindo do curso médio em diante o que se vê são os campos alagados, as várzeas e os manguezais. Nestes “emergem tesos, que parte do ano são como ilhas cercadas por uma savana alagada, mas permitem a ocupação humana durante todo o ano independente da sazonalidade das águas”, onde se encontra a maioria das aldeias dessa Terra Indígena (CABIPIRIBE, 2007: 39-40).

Segundo Gallois & Grupioni (2003), os Palikur estão localizados em ambos os lados da fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. No lado brasileiro, eles se distribuem em 10 aldeias ao longo do rio Urukauá, um afluente do rio Uaçá. Já no lado francês, eles residem nas áreas urbanas de Caiena e Saint Georges de L'Oyapock, em bairros construídos pelo governo francês especialmente para acomodá-los, bem como em aldeias localizadas na margem esquerda do rio Oiapoque.

Essa população tem registros históricos que datam de tempos muito antigos, sendo que em 1513 o explorador espanhol Vicente Yanez Pinzon fez referência a eles como "Parikura" em seus relatos, sendo denominada por ele a costa do Rio Amazonas de Província Parikura (J.C. da Silva, 1981). Ao longo dos séculos seguintes, eles foram mencionados em outros escritos históricos e etnológicos, com diferentes variações de nomes, como Pariucur, Paricurene, Paricour, Pariucour e Palicours. Entre os estudiosos que pesquisam esse grupo, há divergências quanto à sua verdadeira autodesignação, sendo afirmado por alguns que esta seria Palikur, o nome pelo qual eles se tornaram conhecidos, enquanto outros defendem que Palikur é apenas o nome pelo qual o grupo foi identificado pelos grupos vizinhos e pelos não indígenas com quem tiveram contato. Nesse caso, acredita-se que Aukwa-yene, Pa'ikwene ou Parikwene seriam as autodenominações usadas por eles (Gallois & Grupioni, 2003), concordando com os relatos citados por Dreyfus (1981), descritos acima.

No entanto, conforme consta na dissertação de mestrado defendida por Adonias Guiome Ioiô, (2019: 48), a tradução de Arukwayene na língua Parikwaki seria “gente, povo de Arukwa”, ou seja, “gente, povo, filhos da cobra grande”, tradução esta, alcançada a partir de narrativas feitas por Uwetmin em 2016. Ainda, Ioiô (2019) enfatiza por meio de seu estudo, que da mesma forma que aconteceu com a tradução do nome Arukwa, existem, possivelmente, diversas outras histórias que foram escritas de forma incorreta ou incompleta sobre o seu povo, dando ênfase a necessidade de realização de mais pesquisas conduzidas por pesquisadores indígenas.

Assim, segundo Ioiô (2019: 31):

“Arukwa significa cobra grande, ou seja, o nome específico da cobra em língua Parikwaki dada do nosso Uhawkri⁴⁷. E os Palikur-Arukwayene deram esse o nome para o rio onde eles habitam e até hoje esse rio é chamado de Arukwa. Onde, aliás, todas as coisas têm origem como: origem do mundo, dos clãs, dos animais, dos rios, dos lagos; cada dessas narrativas tem suas explicações, e suas histórias verdadeiras. O nome verdadeiro do meu povo é Arukwayene e não Paricura, Palikur e menos ainda Parikwene”.

Assim, em respeito à sua autodenominação, a partir deste ponto passarei a escrever Palikur-Arukwayene para fazer referência a esse povo. Tendo em vista o esforço despendido na busca por uma apresentação sintética deste povo indígena, relembro o declarado por Mariana Petry : 16), que na introdução do primeiro capítulo de sua tese referente ao projeto de pesquisa em arqueologia na Terra Indígena Wajãpi afirma que: “Apresentar os Wajãpi, no entanto, é uma tarefa que não caberia aqui, nem tampouco na minha capacidade de fazê-lo”, visto que, semelhantemente, com a vasta produção bibliográfica produzida sobre os povos indígenas do Oiapoque no passado, em especial sobre os Palikur-Arukwayene, bem como, o incentivo à formação de pesquisadores indígenas, com produção de uma grande gama de monografias de conclusão de curso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá – CLII/UNIFAP⁹, somados às iniciativas destes pesquisadores na formação continuada através da realização de pós-graduações, à exemplo da pesquisa de Adonias Guiome Ioiô (2019), bem como de pós-graduações não indígenas, acredito que da mesma forma que relatado por Cabral (2014) a tentativa de realizar aqui uma descrição aprofundada deste povo tornaria este “pretensso esforço de apresentação, no mínimo, superficial, e possivelmente irrelevante”.

Aqui, ainda, abro parênteses, para reforçar o CLII/UNIFAP, o qual é um curso regular de graduação oferecido pela UNIFAP, que visa atender estudantes indígenas de diversos povos localizados no Amapá e norte do Pará, sendo eles: Aparai, Galibi-Kali’na (Galibi do Oiapoque), Galibi-Marworno, Karipuna, Palikur, Tiriyó, Wajãpi, Wayana e Apalai, provenientes das Terras e Parques Indígenas da região. Neste contexto, encontramos uma grande diversidade de línguas pertencentes a diferentes famílias linguísticas convivendo na região, cujos falantes estão integrados em um sistema de relações políticas, sociais e comerciais.

Criado em 2007, o CLII é uma das primeiras licenciaturas indígenas do Brasil e completou 16 anos de implementação em 2023. O curso busca promover uma formação intercultural, valorizando as tradições e conhecimentos indígenas, e proporcionando aos estudantes indígenas a capacidade de atuarem como agentes autônomos em suas comunidades, desenvolvendo projetos, pesquisas e ações relacionadas à educação escolar indígena.

⁹ <https://www2.unifap.br/indigena/ensino-2/tccs-digitalizados/> - Acessado em: 29/05/2023

O CLII oferece formação nas áreas de Linguagens e Códigos, Ciências Humanas e Ciências Exatas e da Natureza, além da formação específica para atuar na Educação Escolar Indígena, uma vez que o seu objetivo é capacitar os estudantes para se tornarem professores da educação básica em escolas indígenas de suas próprias comunidades. No entanto, em 2019, o Projeto Pedagógico do Curso – PPC foi atualizado como uma forma de atender às novas demandas das comunidades indígenas por ele atendidas e das políticas nacionais da Educação Escolar Indígena. Esta Licenciatura Intercultural contribui para a formação de professores pesquisadores capazes de compreender seus contextos locais/regionais e intervir com autonomia no desenvolvimento de projetos, pesquisas, estudos e ações direcionadas à educação escolar, mas também relacionadas com o contexto indígena nacional. Neste mesmo ano o Curso passou pelo processo de Avaliação do MEC, tendo recebido o conceito 3,0 (três).

Retomando, a continuidade deste tópico objetiva realizar uma breve descrição da localização e organização dos povos Palikur-Arukwayene, na medida em que essas informações possam contribuir para as discussões da presente tese e se cruzem com a proposta de construção de um Projeto de Arqueologia Pública, conforme concebido por Green, Green & Neves (2003), ou seja, onde registros da tradição oral possam apontar para possibilidade de existência de vestígios arqueológicos.

Conforme Ioiô (2019: 22-23) com base nas narrativas do Anciões, a nação Palikur-Arukwayene, antes da chegada dos colonizadores europeus, ocupava todo o território indígena do Uaçá e habitavam a região da foz do rio Umewni (Rio Amazonas), sendo que antigamente esse povo “se organizava de uma forma diferente, com cada grupo clânico ocupando um lugar e bioma específico na costa amapaense” (IOIÔ, 2019: 26).

Sobre os clãs, Gallois & Grupioni (2003) informam que esse povo se considera internamente dividido em grupos de descendência, onde é possível observar “direitos e deveres recíprocos de grupo a grupo e a presença de regras de descendência”, onde A transmissão do pertencimento ao clã passa exclusivamente pelos homens: após o casamento, a mulher permanece vinculada ao clã de seu pai, enquanto seus filhos adquirem o nome do seu clã, ainda existem “regras de matrimônio que permitem o casamento entre alguns clãs e que o proibem entre outros” (Gallois & Grupioni, 2003: 55-56).

Os Palikur-Arukwayene de cada vila ou aldeia possuíam seus próprios clãs, cada qual com o seu líder, que não era o capitão ou o cacique, e possuíam as suas próprias organizações sociais, regimentos internos, danças, festas, cerimônias, cantos, crenças,

tradições, alimentação, vestimentas, sendo, por fim, autônomos e independentes uns dos outros (IOIÔ, 2019: 23).

De acordo com Gallois & Grupioni (2003: 54) cada aldeia tem um fundador, que é considerado como o “dono do lugar”. A sua principal função política é garantir que os habitantes permaneçam unidos a ele durante sua vida, satisfeitos com seu método de organização da vida em comunidade e suas relações com membros de outras vilas. Para isso, ele precisa saber conquistar aliados, não através da força ou de um discurso autoritário, mas através da eficiência em suas tarefas e da persuasão, uma vez que ele é considerado o "dono do local", mas não das pessoas que habitam esse lugar. Por essa razão, ele não espera obediência de seus corresidentes, mas sim cooperação e apoio.

Segundo consta em Ioiô (2019: 41), de acordo com a mitologia Palikur-Arukwayene, quando os clãs foram criados, cada um recebeu a sua terra, “correspondentes aos mundos vistos pelo enviado do Uhawkri (nosso avô)” para viver em harmonia e com tranquilidade. Dessa forma, cada clã que se originou criou a sua própria cultura e língua, mas todos se consideravam como um único povo e se entendiam bem.

Conforme consta no relato de criação, Ioiô (2019: 39-40) lista 6 (seis) clãs Palikur-Arukwayene ‘primordiais’, conforme ilustrado na tabela a seguir (Tabela 1).

Tabela 1 – Listagem dos 6 (seis) clãs Palikur-Arukwayene ‘primordiais’, conforme mito da origem de tudo revelado por Uwetmin à Adonias Guiome Ioiô.

Nome na Tradição Oral Parikwaki	Significado do nome	Sobrenome em Língua Portuguesa
Wayveyene	Gente da lagarta / nação da lagarta	Ioiô
Wakavunyene	Gente da formiga / nação da formiga	Batista
Kawakyene	Gente do abacaxi / nação abacaxi	Labontê
Wadahyene	Gente da lagartixa / nação lagartixa	Iaparrá
Paraymiyene	Gente do bagre / nação do bagre	Guiome
Waxriyene	Gente da terra ou nação da terra	Felício

Segundo o mito de criação do mundo e dos clãs, Iwanika que foi o criador, decidiu deixar o maywaka (nosso mundo/mundo terrestre), para se juntar ao seu gihawkri (avô) e morar no kuweryene (mundo superior/mundo do Uhawkri). Porém, antes de partir, ele reuniu todos os Palikur-Arukwayene para esclarecer sobre a sua ida e dizer que deixaria uma pessoa para liderá-los. Assim, ele foi ao oceano buscar essa pessoa que era datka (cobra) e nomeou esse líder como Arukwa, ao encontrá-lo no centro do oceano. Esse datka kiyapyad (grande cobra) foi escolhido por Iwanika para cuidar do povo e ser o líder

de todos os clãs. Ele era uma pessoa humana e possuía um barco que era uma grande cobra, mas quando estava nele virava axtig (fera/monstro) e deixava de ser gente/pessoa (IOIÔ, 2019: 45).

Quando Arukwa esteve entre os Palikur-Arukwayene, ao longo de 60 anos, ele morava em uma aldeia chamada Kwap. Sob a sua liderança, a população Palikur-Arukwayene cresceu muito, mas infelizmente ele também descobriu que não poderia ficar mais no maywaka (mundo terrestre) e decidiu ir para um mappeyni (lugar onde todos os rios encontram no centro do oceano. A palavra mappeyni pertence a língua do clã maykyene que foi extinto) (IOIÔ, 2019: 45).

Devido a sua ida, ele informou a todos os Palikur-Arukwayene que quando se fosse algumas coisas ruins poderiam acontecer com eles. Nessa época não havia xamãs e era Arukwa quem cuidava e curava as pessoas, mas quando partiu que os problemas começaram a surgir, entre eles: doenças, mortes, guerras e a presença de muitas feras/monstros como, cobras enormes, morcegos, guaribas, gaviões e outros, que atacavam e comiam muitos Palikur-Arukwayene, naquele tempo, no rio Urucauá (IOIÔ, 2019: 45).

Passados alguns séculos o Karumayga que vivia no kuwerevyene (mundo superior/mundo do Uhawkri) sentiu a morte de muitos Palikur-Arukwayene e veio ajudar junto com o seu sobrinho Ugus. Ambos engravidaram jovens arukwayono, sendo que dessa gravidez nasceram no maywaka (mundo terrestre) Karumayga e Ugus na forma de homens Palikur-Arukwayene. Ugus curava as pessoas através de chás e ervas tradicionais, ele colocava a mão em cima da erva e após dava-a para a pessoa tomar. Karumayga é um ser poderoso e masculino e tinha o poder de criar com a sua palavra, criou uma ilha chamada tukwamnaw junto com os pássaros que vivem nesta ilha. Durante muitos anos, os dois curaram muitas pessoas no rio Urucauá, mas as pessoas adoeciam muito e muito rápido, assim eles não tinham descanso. O Karumayga se deitava no chão para dormir e curar as pessoas doentes com o seu espírito, entrando nos corpos das pessoas para curá-las o mais rápido possível (IOIÔ, 2019: 46).

Karumayga queria criar um caminho do warumka (montanha tipoca) até mbitriye (montanha ilha dos misibyovyenevwi/morcegos), contudo, Ugus lhe instruiu a não criar pois as futuras (pág 47) gerações não conseguiriam atravessar o warik (rio). Ele possui poder para criar outras coisas e concedeu poder a Ugus para construir uma barragem para possibilitar a travessia do rio. Reuniu com a comunidade Palikur-Arukwayene para conversar sobre as dificuldades para enfrentar doenças e sofrimento. Dessa conversa,

Karumayga sugeriu que o povo fosse para um lugar onde não existia doenças e sofrimentos. Assim organizou uma festa para todos irem para esse lugar wayhbi (mundo subterrâneo), mas quando todas as pessoas estavam dançando em movimentos circulares uma senhora adoeceu e a dança não deu certo. As pessoas ficaram com raiva de Karumugaya, devido à sua desistência e ele disse as pessoas que não seria possível ir ao mundo subterrâneo, pois levariam doenças para lá. O padrasto do Karumayga ficou com tanta raiva, que jogou caldo de peixe estragando o mastro da festa de ida ao outro mundo, onde o seu pai morava. Assim, os planos de Karumayga não se concretizaram e ele ficou muito triste.

Tamanha foi a sua raiva que Karumayga decidiu morrer para ressucitar como imortal e viver junto com o seu pai no Kuweryene (mundo superior/mundo do Uhawkri) (IOIÔ, 2019: 47).

No tempo de Karumayga, veio de inugikyene (mundo dos deuses das chuvas/mundo das constelações) Wanese é um ser feminino que era ihamu (xamã). Engravidou uma moça arukwayono, com a finalidade de fazê-la nascer no maywaka (nosso mundo/mundo terrestre) como uma pessoa poderosa, uma autoridade, para que as pessoas pudessem respeitá-la. Ela possuía conhecimento para desunir as pessoas com seus poderes, fazer com que elas brigassem entre si e dessa forma atrapalhassem os trabalhos do Karumayga e Ugu. A prática de Wanese, deu início as origens diversas dos ihamwiben (xamãs) arukwayene, tornando alguns mais poderosos que outros. (IOIÔ, 2019: 47)

No tempo dos xamãs, os Palikur-Arukwayene se comunicava e se relacionavam com esses seres ou entidades, quando eles vinham/apareciam no maywaka (nosso mundo/mundo terrestre) e se transformam as pessoas como nós, entretanto, nos seus mundos todos eram feras/monstros, quando vestiam as suas roupas (paletós/camisas/casacos). Essa relação com esses seres de outros mundos acabou se tornando muito frequente e significativa, principalmente, nas diversas festas tradicionais no rio Urucauá, produzindo o surgimento de outros clãs entre os Palikur-Arukwayene. Foi através dessas formas de relacionamentos que passaram a surgir muitos clãs, para além daqueles iniciais criados pelo Iwanika (IOIÔ, 2019: 50).

Na tabela a seguir, adaptada de Ioiô (2019), com base nas informações relatadas pelo senhor Uwetmin à Adonias Guiome Ioiô em 2016, somada às informações constantes em Nimuendajú, (1926), Arnaud (1968), Ricardo (1983), Capiberibe (2007); fazemos uma listagem de todos os clãs existentes nas narrativas Palikur-Arukwayene.

Tabela 2 – Listagem de todos os nomes de clãs Palikur-Arukwayene. Adaptado de Ioiô (2019) (Fonte: ID's 1-6: Nimuendajú, 1926; Arnaud, 1968; Ricardo, 1983; Capiberibe, 2007; e Uwetmin, 2016. ID's 7-32: Entrevista com o senhor Uwetmin à Adonias Guiome Ioiô em 2016 na aldeia Mawihri).

ID	NOME NA LÍNGUA PARIKWAKI MASCULINO / FEMININO	TRADUÇÃO EM LÍNGUA PARIKWAKI E PORTUGUESA	SOBRENOME EM LÍNGUA PORTUGUESA	SITUAÇÃO ATUAL
1	Wayveyene / Wayvuyano	Itey (lagarta) são wayveyene (gente da lagarta) ou nação da lagarta	Ioiô, Orlando, Paulo, Brasil, Martiniano e Hipólito	Vivo
2	Wadahyene / Wadahyano	Wadak (lagartixa) são wadahyene (gente da lagartixa/osga) ou nação da lagartixa/osga	Iaparrá	Vivo
3	Wakavunyene / Wakavunyano	Kasis (formiga) são wakavunyene (gente da formiga) ou nação da formiga ou do esteio	Batista e Leôncio	Vivo
4	Waxriyene / Waxriyano	Waxri Imuvitye (terra alta ou montanha) são waxriyene (gente da terra ou da montanha) ou nação da terra ou da montanha	Antônio Felício, Augusto	Vivo
5	Paraymiyene / Praymiyano	Paraym (bagre) são paraymiyene (gente do bagre) ou nação do bagre ou piramutaba	Guiome e Martins	Vivo
6	Kawakyene / Kawakyano	Kawa (abacaxi) são kawakyene (gente do abacaxi ou nação do abacaxi)	Labontê	Vivo
7	Kamuwyene	Significa gente do kamuw/sol ou povo do sol	Pessoas/gentes/grupo que são espíritos invisíveis do sol; originado pelo casamento entre batista com kamuwyene/sol	Recém-extintos
8	Kaygyene	Significa gente da kayg/Lua ou povo da lua	-	Extinto
9	Yawiyene	Significa gente do pássaro yawi/Jaburu ou povo do pássaro jaburu	-	Extinto
10	Tuwesguyene	Significa gente do tuwesgu/arco-íris ou povo do arco-íris	-	Extinto
11	Kawokwinyene	Significa gente da kawokwine/onça ou povo da onça	-	Extinto
12	Karuwyene	Significa gente da karuw duwwoh/arara vermelha ou povo da arara vermelha	-	Extinto
13	Saruwyene	Significa gente da saruw/lontra ou povo da lontra	-	Extinto
14	Parawyene	Significa gente da paraw/onda da água ou gente de “espuma da maresia” ou povo da água/povo de “espuma da maresia”	-	Extinto
15	Kasuggyene	Significa gente da kasug/borboleta ou povo da borboleta	-	Extinto
16	Karuyene	Significa gente do karu/vagalume ou povo do Vagalume	-	Extinto
17	Wakukwayene	Significa gente do wakukwa/macaco ou povo do macaco	-	Extinto
18	Makewemnyene	Significa gente do makewem/uruburei ou povo do uruku-rei	-	Extinto

19	Munyene	Significa gente do mun/cupim ou povo do cupim	-	Extinto
20	Kareggutyene	Significa gente da karegut/libélula do mato ou povo da libélula do mato	-	Extinto
21	Tukurinyene	Significa gente de tukurinye/japim do mato ou povo de japim do mato	-	Extinto
22	Wagayriyene	Significa gente do wagayri/lagartixa-azul ou povo do lagartixaazul	-	Extinto
23	Mayene/Maye	Maye é povo do warik urumewni/rio Amazonas	-	Extinto
24	Maygkyene	Significa gente dos mayg/ventos ou espíritos dos ventos de outro mundo ou povo dos Ventos	-	Extinto
25	Urakyene	Significa gente do urak/poraquê ou povo do poraquê	-	Extinto
26	Uwanyene	Significa gente da uwan/paca ou povo da paca	-	Extinto
27	Kariwruyene	Significa gente do kariwru/tamuatá ou povo do tamuatá	-	Extinto
28	Mahamayene	Significa gente da mahama/matá-matá ou povo da mata-matá	-	Extinto
29	Maranruyene	Significa gente do maranru/bacu-de-pedra ou povo do bacu-de-pedra	-	Extinto
30	Yatwayene	Significa gente da yatwa/mucura ou povo da mucura	-	Extinto
31	Iwivgayene	Significa gente do iwivga/bambu ou povo do bambu	-	Extinto
32	Kurumwiyene	Significa gente do iwivga/bambu ou povo do bambu	-	Extinto

Pensando sobre os clãs e a sua dispersão, e a probabilidade dos mesmos estarem relacionados com um rearranjo populacional pós-contato, vislumbramos a possibilidade de que os mesmos estejam relacionados à uma assimilação de outros grupos indígenas da costa do Amapá, confluindo, por fim, nas narrativas Palikur-Arukwayene dos diferentes clãs, o que vemos, inclusive na afirmação de que “através dessas formas de relacionamentos [entre Palikur-Arukwayene e os seres de outros mundos/entidades no tempo dos xamãs] que passaram a surgir muitos clãs, para além daqueles iniciais criados pelo Iwanika” (IOIÔ, 2019: 50).

Nos parágrafos anteriores, apresentamos, de forma resumida a narrativa de criação do mundo e dos clãs Palikur-Arukwayene, feita por Uwetmin (Manoel Antônio dos Santos) à Adonias Guiomê Ioiô, nos anos de 2015 e 2016 na aldeia Mawihri, para enfatizar alguns pontos de importância para o projeto de arqueologia pública na Terra Indígena Uaçá e os sítios visitados por David Green ao longo dos últimos 20 anos.

Assim, na narrativa citada, podemos listar alguns nomes importantes que orientaram e vem orientando as atividades de campo, principalmente, do David na área da Terra Indígena Uaçá, dentre eles: Arukwa, Kwap, Tivigumnaw, Karumayga, Warumka; Mbitriye, entre outros. Ressalto aqui, que com exceção de Arukwa e

Karumayga que fazem referência à entidades criadoras do universo, todos os outros nomes fazem referência à lugares, nos quais foram identificados vestígios arqueológicos, conforme listado no próximo capítulo.

Com relação ao ciclo produtivo, em atenção ao constante em Gallois & Grupioni, (2003), observa-se que em toda a região do baixo Oiapoque as atividades produtivas estão fortemente ligadas aos rios, uma vez que estes desempenham um papel crucial na agricultura, pesca, caça e transporte das comunidades locais, garantindo o acesso a roças, alimentos e recursos. Normas de preservação ambiental foram estabelecidas nas assembleias da década de 80, proibindo a venda de peixe e carne de caça fora das terras indígenas do Uaçá, visando proteger os recursos naturais e garantir a subsistência local. A pesca é regulada sazonalmente para proteger a desova, especialmente do pirarucu, enquanto a caça ao jacaré é proibida. As armas tradicionais, como arco e flecha, arpão, ponta e zagaia, são fabricadas com ferro velho e são essenciais para a pesca e caça. A mobilidade espacial é uma característica marcante dos povos indígenas da região, que se deslocam frequentemente em busca de recursos naturais e para realizar atividades como cultivo de roças, caça, pesca e coleta. Essas atividades estão diretamente ligadas às estações do ano, com a estação seca (verão) sendo dedicada à abertura, derrubada, plantio e colheita das roças, enquanto a estação chuvosa (inverno) influencia a disponibilidade de animais, peixes e frutos. Além das trocas internas, os povos indígenas do Uaçá também realizam comércio de seus produtos, mantendo relações comerciais internas e externas, especialmente com Oiapoque, Guiana Francesa e Cassiporé.

Em entrevista realizada em 28-29 de 2018, Aldiere Orlando, indígena Palikur-Arukwayene licenciado em Letras, à Adonias Guiome Ioiô (2019: 100-101), foi relatado que o Povo Palikur-Arukwayene possui um calendário anual dividido em quatro ou duas estações que não coincidem completamente entre si. A divisão em quatro estações se dá de acordo com o nível da água nos campos inundáveis que circundam as ilhas onde estão localizadas a maior parte das aldeias. Estas estações são: “digiswiki (enchente), un-ad (água-zão), nimehme (vazante), e kamuw-kri (sol-estação). A divisão em duas estações se dá de acordo com o clima equatorial característico do Estado do Amapá, compreendendo os períodos da chuva (inverno amazônico) denominado muwokwe-kri (traduzido como chuva-estação) com início a partir do mês de dezembro e a de seca (verão amazônico) denominado abereswan (traduzido como verão) que inicia a partir do mês de julho. De acordo com a cosmologia Palikur-Arukwayene, existem 6 (seis) chuvas e cada

uma recebe a denominação pelo nome da constelação que pode ser vista durante o seu período de ocorrência.

Começando no fim de dezembro, a chegada das primeiras chuvas coincide com o solstício de inverno e com o nascimento de **Kayeb, a Cobra Grande de Duas Cabeças** situada na região de Escorpião. Em fevereiro, começam as chuvas de **Tavara, o Martim Pescador**, seguidas pelas chuvas de **Uwakti, o Homem na Casa**, em março. Em abril e maio, as chuvas torrenciais de **Kusuvwi, o Irmão Mais Velho, e Kusuvwi, o Irmão Mais Novo** – as Plêiades – inundam as savanas e dão início à estação de pesca em meio a uma batalha titânica com **Awahwi, a Cobra Grande de Três Cabeças** situada em Perseu. Seguem-se a elas as chuvas mais suaves de **Wayam, o Jabuti**, em julho e agosto. A estação seca começa nesse período e segue até dezembro.

Dessa forma, “se diz que as estrelas chamam as chuvas” e é através delas que o povo se orienta para realizar o plantio, colheita e para se alimentar, e importante lembrar que cada estação, período ou tempo servem para a recordação, por exemplo, do nascimento dos filhos ou de eventos importantes.

Tabela 3 – Listagem dos meses Palikur-Arukwayene, com explicação do período do ciclo das chuvas e os ciclos das espécies. Adaptada de Ioiô (2019) e Revisada por David Green e Diana Green (2023).

CONSTELAÇÕES DA CHUVA			
MÊS	DENOMINAÇÃO	EXPLICAÇÃO	MUDANÇAS
DEZ/ JAN	KAYEB	1ª chuva-estação	Início da fase da 1ª chuva-estação para “enchente”, que divide o ano, vem da constelação de astro denominado de Kayeb, a serpente, e inicia com a chuva leve e com pouca água; Período do cultivo da roça/plantação de mandiocas e espécimes, bananas, batata doce, abacaxi, etc; Época da bacaba; Época de tamuatá e de ovos de tamuatás; Época da desova do peixe limpa-vidro; Época do peixe jeju e do peixe traíra, piranha, tucunarés, jacaré e tracajá; de florescimento das árvores e das plantas; Tempo da reprodução dos ovos de tamuatás, tucunarés, piranhas, cará; Época dos patos que comem nos campos secos.
FEV	TAVARA	2ª chuva-estação	Início da fase da 2ª chuva-estação vem da constelação de astro Martim-Pescador, o pássaro, época em que o nível d’água “águazão” no pantanal já é razoavelmente elevada ao redor das ilhas; Época de tracajás, jacarés; Época dos tucumãs; Época dos peixes quando entram no campo alagado, como: tucunaré, piranha, danché, jeju, traíra, acará-apaiari, etc; continua o período do cultivo da roça/plantação de mandiocas; Término da época da plantação das bananas variadas.
MAR	WAKTI	3ª chuva-estação	Início da fase da 3ª chuva-estação vem da constelação de astro Wakti, as sete estrelas, também época em que o nível d’água no pantanal continua razoavelmente elevado ao redor das ilhas; Tempo da safra de maracujá; Início da época da pescaria no campo alagado, como: acará-apaiari, piranha, tucunaré, acará, etc.; Época da pesca do tracajá e jacaré no

			campo alagado; Época da caçada; Início da época da safra de mandioca do cultivo do ano anterior.
ABR	KUSUVWI-EGGUTYE	4ª chuva-estação	Início da fase da 4ª chuva-estação vem da constelação de astro Kusuvwi-Eggutye, o irmão mais velho, sendo nesta época que o nível d'água no pantanal já é consideravelmente elevada em relação as estações anteriores, mas não tão alto; Início da época dos peixes danché.; Época do peixe piaba subindo o rio em grandes números; Época do peixe acará-apaiari, piranha, tucunaré, danché, etc; Início da época da produção de canoas pequenos, médios e grandes; Época de frutos de buriti; Época do açaí; Tempo para construção de casa.
MAI	KUSUVWI-ISAMWIT-YE	5ª chuva-estação	Início da fase da 5ª chuva-estação vem da constelação de astro Kusuvwi-Isamwitye, o irmão mais novo, mas este astro é a continuação fase da 4ª chuva-estação e tem chuva muito forte e demorada, e nessa época o nível d'água no pantanal chega ao máximo. E é nessa época que todos conseguem chegar nos lugares mais distantes da região por meio da canoa. Época dos peixes danché; Época dos filhotes dos papagaios (quando são procurados e criados); Época do peixe acará-apaiari, piranha, tucunaré, danché, etc; Época da produção de canoas pequenos, médios e grandes; Época de frutos de buriti; Época do açaí; Tempo para construção de casa; Época do “makananu” maduros, tipo de cipó que dá frutas unidas e tem gosto de gelatinas; Época do inajá; Tempo para tirar pé de buriti para servir de ponte entre ilhas no tempo da seca; Tempo de andiroba.
JUN	WASAW-KA	Tempo da chuva fraca	Início do período da roçagem de roças (preparação). Época da safra do açaí; Início da época dos papagaios; Época do inajá.
JUL	IHUKWAKI/ABERES-WAN	Estação da seca	Início da estação da seca e/ou “vazante”. Nesta época o nível d'água começa a baixar e a chuva é passageira. Início da época de derrubada da roça; Época do início de verão; Período de caranguejos; Início da época das plantas maduras: cana-de-açúcar, batata, abacaxi e cará; Época dos papagaios, tucanos, sururinas, jacu, araras, maitaca-roxa, jandaia (quando começam as travessias em grande número para outras ilhas); Época do ingá; Início da época da fruta do pepino-do-mato; Tempo da cabaça madura; Tempo de confecção de armas como: arcos e flechas para flechar peixes no rio; Tempo do mel de abelha.
AGO	WAYAM	6ª chuva-estação do Wayam	Início da fase da 6ª chuva-estação vem da constelação de astro Wayam, o jabuti, sendo que esta última época considerada como estação da chuva-vazante, pois nessa estação a chuva é passageira e os campos vão secando. Início da época dos tucunarés, quando flutuam no rio; Época de derrubada da roça (nas áreas de capoeira ou na mata virgem); Início da época da safra de frutos; Época da fruta do pepino do mato; Início da época plantas maduras: cana-de-açúcar, batata, abacaxi, parasu e cará.
SET	IWANYAN-EWKA	Início da desova dos animais reptéis/estação da seca	Época da desova de camaleão-fêmea. A água no campo continua diminuindo. Início do tempo dos ovos de tracajá; Época dos tucunarés, quando boiam no rio; Época dos peixes danchés, quando boiam no rio; Época da desova de camaleão-fêmea; também época do som de lagartos pequenos para anunciar que está chegando ao fim do período de derrubada de roças nas capoeiras; Época do cântico da cigarra, do jacu para anunciar a época do verão/seca; Época da roçagem de roças pequenas e

			derrubadas das roças; Época das laranjas madura; Tempo de aruanãs; Tempo de florescimento do ipê.
OUT	MEWKA- YAN- EWKA	Kamuw-kri /sol-estação	Última estação que divide o ano é conhecido como sol-estação, período quente, e o campo está quase seco. Época dos ovos do tracajá; Período do verão; Período da queimada de roça; Época de coivara da roça; Início do cântico do sapo, isso significa que está chegando o período da chuva; Época da manga; Tempo da galega; Tempo dos pássaros que existem no rio e nos lagos como: maguari, garça, arapapá, pato, marreco, biguatinga, mergulhão, socó-boi, etc; Tempo de aruanãs; Tempo dos peixes que flutuam no rio como: tucunaré, cará, piranha, traíra, danché, pratinha, acará, peixe boca-de-fogo, acará-açu, etc; Tempo de caju; Tempo de feriado ou descanso/tempo para piquenique/tempo para os arukwayene ir com toda a família fora da comunidade a procura de alimentos ao longo rio Urucauá; Tempo para fabricar farinha na roça, mas dormem na casa da farinha devido a seca e a distância da roça; Tempo da banana madura.
NOV	WAS AKEWKA- NAVRIK	Kamuw-kri /sol-estação	Continua o período do sol-estação e o campo já está seco. As pessoas chegam em suas roças, caminhando em cima dos buritizeiros; Início do período do cultivo da roça/plantação de mandiocas, daxin, cará, cana-de-açúcar, batata doce, abacaxi e cará espinhosa; Início da época da bacaba; Início da época dos ovos do peixe limpa-vidro; Época dos cânticos do pássaro aracuã-de cabeça-vermelha, significa que está chegando a época da chuva; Tempo de aruanãs; Época de tamuatá, jacaré e tracajá que ficam em baixo dos barros no verão nos campos, próximos dos lagos e nos igarapés); Época da Dança/Festa do Turé na lua cheia.

Conforme apresentado por Ioiô (2019: 68-69), os potes de cerâmica se chamam Darivwi. É interessante saber que os Palikur-Arukwayene possuem conhecimento ancestral sobre a produção de potes de cerâmica, desde a origem do seu povo. Especificamente, eles dominam as técnicas de produção de diversos tipos de potes de cerâmica, incluindo grandes potes que são usados para armazenar a bebida wohska (também conhecida como caxixi ou caxiri). De acordo com as informações fornecidas por Uwetmin [o finado Uwet] (*op. cit.*), Kwap e Warabdi eram aldeias/vilas onde havia muitas pessoas no rio Arukwa. Esses locais eram centros de ensinamento das artes Arukwayene, incluindo as técnicas cerâmicas. Naquela época, a aldeia Kwap era habitada por vários clãs, cada um deles com suas próprias formas de produzir diferentes tipos de potes cerâmicos, como darivwit (pote grande de cerâmica), tukutku/tuktuk (pote duplo de cerâmica), mukuw (vaso em cerâmica), makuk/puhtet/kehsetet (apito em cerâmica), ihehgit (forno), suyeg (panela), migu (machado), miyuk (prato), tima (ralador) e outros.

Conforme registrado por Ioiô (2019), em uma conversa com Manoel José Ioiô, acompanhado pela professora arukwayano Marileia Labontê Martins e pela estudante Irabete Labontê Martins, foi possível compreender como os potes são fabricados.

Infelizmente, não há informações adicionais sobre as técnicas específicas mencionadas na conversa. No entanto, foi registrado o seguinte processo: Na produção dos potes de cerâmica, a matéria-prima utilizada é a argila. A confecção dos potes é realizada exclusivamente pelas mulheres arukwayonovwi. O processo de fabricação envolve vários dias de trabalho, geralmente durando cerca de três dias. Após a confecção, os potes são deixados secar por aproximadamente um mês antes de serem queimados. A queima dos potes é feita utilizando uma grande quantidade de lenha, o que gera um intenso calor. A contribuição dos homens arukwayenevwi é observada principalmente em tarefas mais pesadas, como buscar o barro, carregar os potes, retirar a casca da árvore kuwep e trazer a lenha, entre outras atividades. Os diferentes tipos de argila são encontrados em pequenas lagoas no campo alagado. O barro é misturado com cinzas das cascas da árvore kuwep e, em seguida, as mulheres amassam a mistura por alguns minutos até que fique com uma consistência macia, resistente e que não se quebre ou rache durante a queima no fogo, preservando, assim, a forma e a beleza dos potes.

De acordo com Zélia Martins e Irabete Martins (2019), na cultura dos Palikur-Arukwayene, as mulheres arukwayonovwi têm um papel fundamental na transmissão dos conhecimentos sobre a produção de cerâmica para as gerações mais jovens. Essas habilidades são ensinadas às crianças e netos, com ênfase especial nas meninas. Esse ensinamento é considerado crucial para preparar as futuras gerações, garantindo a continuidade e preservação dos conhecimentos tradicionais do povo Palikur-Arukwayene. À medida que as meninas se tornam adultas e se casam, elas são testadas por suas sogras para verificar se estão realmente preparadas para trabalhar e se tornar independentes de seus pais. A habilidade de produzir diversos potes de cerâmica é um dos aspectos essenciais avaliados durante esse processo. Essa tradição reflete a importância atribuída à autonomia e habilidades práticas na vida adulta das mulheres na cultura Palikur-Arukwayene.

Além das narrativas transmitidas pelos anciões, a existência dos antepassados Palikur-Arukwayene é evidenciada pela descoberta de muitos potes de cerâmica em diversas ilhas e locais que correspondem às antigas aldeias. Esses achados arqueológicos reforçam a conexão histórica e ancestralidade do povo no rio Urucauá, fornecendo evidências tangíveis da presença e atividades de seus antepassados.

É interessante observar a evolução dos rituais funerários entre os Palikur-Arukwayene. Nas narrativas registradas por Zélia Martins e Irabete Martins (2019), é

mencionado que antigamente o povo Palikur utilizava urnas de barro para o sepultamento de seus entes queridos, conforme também identificado no contexto arqueológico da região. No entanto, houve uma modificação significativa nesse costume após o fim da guerra entre os Palikur e os Hiyer (Galibis) e a chegada dos holandeses que acompanhavam os Hiyer da Guiana Francesa.

Ainda, conforme Martins e Martins (2019), seguindo as orientações dos holandeses, os Palikur deixaram de utilizar as urnas de barro e de queimar os corpos de seus falecidos. Atualmente, os enterros são realizados em caixões de madeira. No entanto, mesmo com essa mudança, ainda teriam sido preservadas práticas rituais, como o uso de remédios, orações e resguardos específicos para o momento da morte. Esses rituais são realizados no mesmo local dos enterros antigos, que é em Kwap, seguindo as mesmas regras de divisão da sociedade em clãs.

É importante destacar que cada clã possui uma área específica no cemitério, mantendo assim a tradição de separação e organização do espaço funerário de acordo com a estrutura social dos Palikur-Arukwayene. Essa continuidade na manutenção das regras e divisões do cemitério reflete a importância dada à preservação das tradições e da identidade cultural do povo.

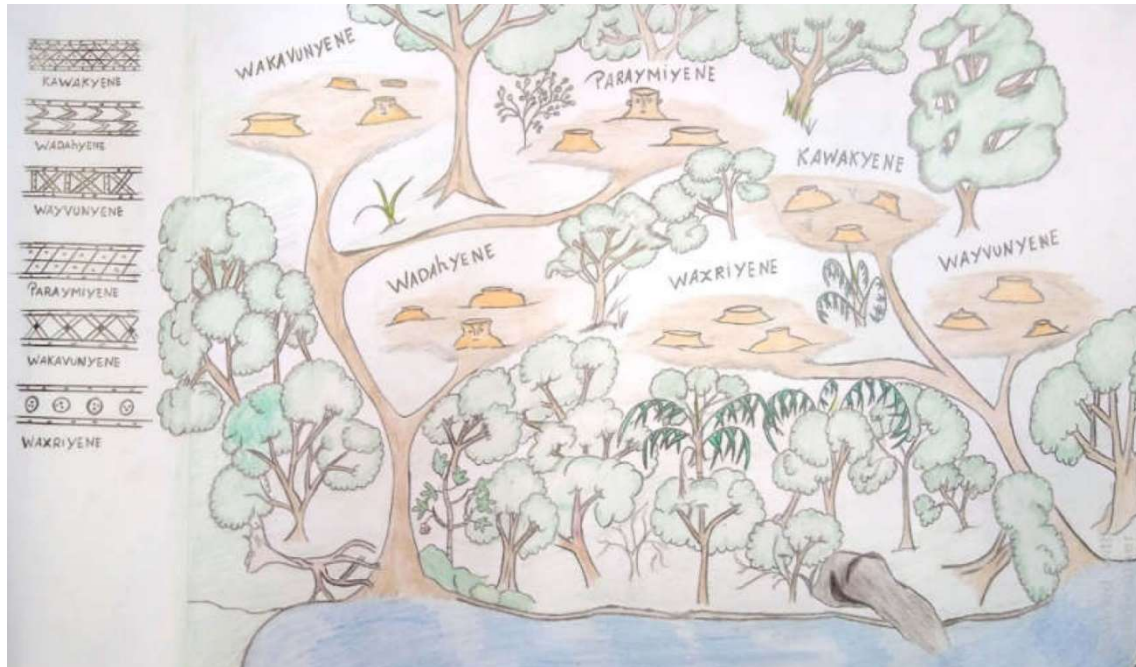


Figura 7 - Representação de Kwap, onde cada pessoa era enterrada junto ao seu clã e cada um separadamente. Autor: Kariwa disponível em Martins & Martins (2019: 42).

Segundo Green (2011), o kiysepka foi uma cerimônia para celebrar e, então, "esquecer" os mortos. Nas gerações passadas, uma pessoa falecida era cremada e colocada em uma urna a qual era armazenada na casa dos parentes. Após um período de

luto, geralmente por volta de um ano, uma cerimônia seria realizada onde os parentes poderiam raspar as suas sobrancelhas e cabelo e pintavam as suas pernas de vermelho, então as urnas eram levadas para um sítio cemitério ou um abrigo rochoso. Nesse sentido, poder-se-ia avançar com as pesquisas sobre os sítios megalíticos, inclusive aqueles de menores dimensões e menor quantidade de sepultamentos, enquanto uma possibilidade de marcar a época específica da morte de uma pessoa importante, possivelmente em alinhamento com os quatro eventos astronômicos principais Palikur-Arukwayene, facilitando o acesso da pessoa falecida ao mundo superior.

Ressalta-se que apesar de ser uma análise interessante da justificativa de construção dos sítios megalíticos, essa explicação poderia fortalecer o motivo de existência de quase 30 (trinta) sítios megalíticos no estado do Amapá. Entretanto, uma vez observado, por meio de escavações arqueológicas, que existiram práticas de revisitação destes sítios, com esvaziamento de câmaras funerárias seguido de novos enterramentos, é possível que diferentes pessoas tivessem o direito de transitar entre os mundos no pós-morte, bem como além de cemitérios e marcadores temporais, estes sítios poderiam estar funcionando também como ‘templos’ para a execução de rituais e danças específicas.

2.2. Síntese Arqueológica da Costa Atlântica do Amapá

Neste tópico iremos apresentar uma breve descrição das principais pesquisas arqueológicas realizadas na costa atlântica do Amapá, área geográfica onde se encontra localizada a T.I. Uaçá, permitindo assim um panorama geral sobre os autores, projetos e áreas englobadas em suas pesquisas.

As primeiras pesquisas nessa região se deram no período de junho a julho de 1883, quando Henri Anatole Coudreau realizou uma excursão ao Cunani, descrita em seu livro *La France Équinoxiale: Voyage à travers les Guyanes et l'Amazonie tome II*. Coudreau, auxiliado por Le Beller, realizou a primeira escavação de um poço funerário artificial nesta região (COUDREAU, 1887). No interior desse poço foram encontradas 7 urnas, as quais foram posteriormente identificadas como filiadas à fase Aristé (Rostain, 1994). Além destas urnas, o autor sugere que entre a foz do rio Cunani e a vila homônima, podem ser encontrados “vestígios de quatro ou cinco acampamentos antigos, com cemitérios” (COUDREAU, 1887: XXI).

Foi em 1895 que o Museu Paraense organizou a sua primeira expedição científica à costa do Amapá. O itinerário compreendia a região entre os rios Cunani e Cassiporé, a região da vila do Amapá e a zona dos lagos. Os resultados arqueológicos e etnográficos dessa expedição, foram publicados em 1905 pelo Prof. Dr. Emílio Augusto Goeldi sob o título de “*Excavações archeologicas em 1895, executadas pelo Museu Paraense no Littoral da Guiana Brasileira entre o Oyapock e Amazonas. 1ª Parte. As cavernas funerárias artificiais de Indios hoje extinctos no Rio Cunany (Goanany) e sua cerâmica*”.

Em expedição ao Igarapé do Holanda, tributário do rio Cunani, Goeldi (1905) descobre sobre o Monte Curú um bloco de granito que se encontrava fincado no solo em posição inclinada, marcando o meio de dois grandes discos de granito que cobriam dois poços artificiais com câmara lateral em forma de bota e contendo cerâmicas funerárias ricamente decoradas em seu interior. Além deste sítio, também foram encontrados vestígios arqueológicos na vila do Amapá, a qual foi interpretada como sendo “um aterro sepulcral, um *teso* artificial” (GOELDI, 1905: 8). Os achados de Goeldi, tanto na vila do Cunani como na vila do Amapá, foram posteriormente enquadrados na fase Aristé por Meggers & Evans (1957).

Nos anos de 1923 e 1925, Curt Nimuendajú realiza duas expedições à região da costa atlântica do Amapá. Na primeira ele buscava encontrar os “pilares de pedra” na região costeira do município de Amapá e seu entorno e na segunda abordou a região da fronteira entre a Guiana Francesa e a Guiana Brasileira, com foco na atual Terra Indígena Uaçá; ambas são apresentadas de forma sintética por Sigvald Linné (1928: 71-77). Os relatos das pesquisas de Nimuendajú são publicados, respectivamente, como: *Stone-settings and Urn Sites in Brazilian Guyana* e *Archaeological investigations in the Regions of the Rio Aracauá and the Rio Uaçá* (RYDÉN, 2004: 14), em seu trabalho póstumo *In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region* compilado e traduzido por Stig Rydén e Per Stenborg em 2004. As cerâmicas descritas por Nimuendajú também são enquadradas na fase Aristé.

Após mais de 20 anos sem pesquisas arqueológicas no estado do Amapá, Betty Meggers e Clifford Evans seguem para o Amapá em 1949 para iniciar as suas pesquisas através de visitas, registros e escavações estratigráficas. Os resultados oriundos dessas pesquisas foram publicados em 1957 no livro *Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon*.

Os trabalhos realizados até então possuíam caráter colecionista e exploratório, buscando encontrar, através de analogia direta, a relação entre os povos que habitavam a

região em tempos históricos e os vestígios dos povos do passado. Foi através da sistemática de coleta e análise de dados empregada por Meggers e Evans (1957) que se buscou a construção de uma história cultural para o Amapá, a qual estava inserida no quadro de ocupação das américas e também no modelo de desenvolvimento cultural elaborado por Julian Steward (1948). Como resultado de suas análises quantitativas, com posterior seriação dos tipos cerâmicos, os autores definiram 3 fases arqueológicas para o estado do Amapá, sendo elas: Aruã, Aristé e Mazagão. A região norte do estado ficou definida como área de ocorrência de sítios filiados à fase Aristé (MEGGERS & EVANS, 1957).

Ainda nos anos 50, o arqueólogo Peter Paul Hilbert do Museu Paraense Emílio Goeldi escava dois sítios arqueológicos filiados à fase Aristé na região do baixo curso do Rio Cassiporé. Os resultados de suas escavações foram publicados sob o título de *Contribuição à Arqueologia do Amapá: fase Aristé no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia N.º 1* (HILBERT, 1957).

Nos anos 2000, Lesley e David Green em conjunto com o arqueólogo Eduardo Góes Neves, iniciaram um projeto de arqueologia pública na Terra Indígena Uaçá, Oiapoque-AP. Neste, através da combinação de fontes arqueológicas e etnográficas, buscavam o envolvimento da comunidade através da formação de arqueólogos indígenas, levantamento de histórias orais com identificação de locais relacionados a eventos importantes da tradição oral Palikur, no qual procuravam discutir as prioridades da pesquisa e de seus resultados com a comunidade local (GREEN, GREEN, & NEVES, 2003; CABRAL & SALDANHA, 2008: 13). Como resultado desse projeto foram identificados 11 sítios arqueológicos filiados à fase Aristé e relacionados a diversos momentos míticos importantes da história oral Palikur (GREEN, GREEN, & NEVES, 2003: 379).

Este projeto foi retomado em 2005 em conjunto com a equipe do NuPARq/IEPA e contabiliza hoje um total de 18 sítios arqueológicos registrados, dos quais as informações apresentadas os relacionam à memória Palikur e a diversas categorias de sítios, sendo a maioria referente a sítios cerâmicos a céu aberto sobre elevações naturais, denominadas como ilhas localizadas em campos sazonalmente inundáveis, sendo que três deles possuíam estruturas escavadas semelhantes à estruturas de fossos defensivos (CABRAL & SALDANHA, 2010).

Os sítios escavados por esses autores revelaram cerâmicas filiadas à fase Aristé e datações que remontam a sequência cronológica da área para os séculos XIII ao XIV d.C.

(SALDANHA & CABRAL, 2010). Em conjunto com os relatos de contas de vidro europeias encontradas por Nimuendajú no interior de urnas Aristé no cemitério de Kwap, vemos a possibilidade de permanência dos grupos produtores da cerâmica Aristé nessa região durante uma longa duração, iniciando antes e se mantendo após o contato com os europeus (SILVA, 2016).

A partir de 2005 e ainda em execução, Mariana Cabral & João Saldanha iniciam o *Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno* (CABRAL & SALDANHA, 2008). Este projeto engloba uma ampla área da região nordeste do estado do Amapá e possui como principais objetivos a ampliação da compreensão sobre as ocupações antigas da região com foco especial nos povos construtores das estruturas megalíticas – hoje filiadas à fase Aristé –, bem como, o envolvimento da comunidade local na valorização e preservação do patrimônio arqueológico (CABRAL & SALDANHA, 2008: 10; SALDANHA & CABRAL, 2010: 106).

Saldanha & Cabral (2014), sintetizam os resultados de suas pesquisas em sítios Aristé na costa atlântica do Amapá no artigo intitulado *A longa história indígena na costa norte do Amapá*, onde ressaltam a grande variedade de contextos da fase Aristé, dando ênfase à “vontade de intervir na paisagem, ativando o espaço geográfico dessas culturas por meio de deposições específicas”, bem como, enfatizam a sua longa duração indo desde o século I d.C. até o período colonial.

Saldanha & Cabral (2010) refinaram o quadro arqueológico proposto por Meggers & Evans (1957), apresentando três zonas arqueológicas baseadas em fatores ambientais: o Interior do Estado, a Costa Estuarina e a Costa Atlântica, reafirmando a última como região de ocorrência dos sítios filiados à fase Aristé. Recentemente, foi elaborada uma nova síntese para a arqueologia do estado Amapá (SALDANHA et al., 2016), onde a profundidade da caracterização arqueológica é amplificada através da análise das cerâmicas e dos padrões de assentamento dos complexos cerâmicos identificados neste estado.

Nessa nova síntese, Saldanha et al. (2016) apresentam um quadro arqueológico que é caracterizado, principalmente, por dois momentos cronológicos distintos, iniciando no primeiro milênio depois de Cristo e seguindo até a conquista europeia com o ano 1.000 d.C. como divisor de águas. São apresentados dados que remontam a profundidade cronológica dos povos do estado do Amapá para aproximadamente 5.000 a.C., contudo, eles ainda são escassos.

O período relacionado ao primeiro milênio da era cristã seria representado por dois complexos cerâmicos, um localizado junto ao estuário amazônico, denominado como complexo Jari, e o outro localizado na costa atlântica, denominado como Ouanary Encoché. Já no período que compreende o segundo milênio depois de Cristo “o Amapá cristaliza uma série de entidades arqueológicas, caracterizando uma das áreas mais diversas da Amazônia” (SALDANHA et al., 2016: 89). Os complexos cerâmicos foram então encaixados em 5 fases arqueológicas que estão separadas com base nas características geográficas do território. Assim, as fases Aristé, Mazagão, Marajoara e o estilo Caviana se localizam na zona costeira – costa atlântica e costa estuarina –, enquanto a fase Koriabo se encontra localizada no interior montanhoso. Como observado em pesquisas recentes, as cerâmicas da fase Aristé, as quais ocorrem no interior da T.I. Uaçá, são encontradas com presença homogênea na costa atlântica do Amapá, indo do rio Araguari, ao sul, até o rio Oiapoque ao norte, com limite máximo de ocorrência no rio Approuague na Guiana Francesa (SILVA, 2016).

De forma a finalizar essa síntese, tem sido proposta a existência de dois conjuntos arqueológicos distintos, concebidos a partir de diferenças nos artefatos e contextos deposicionais. Um destes conjuntos estaria localizado na costa do estado do Amapá, integrando as fases Aristé, Mazagão, Caviana, Marajoara e Maracá e estaria possivelmente relacionado aos grupos Arawak ou Arawaknizados que, com base em fontes etnohistóricas, estariam organizados na forma de uma grande confederação de clãs, já no interior do estado se encontraria o conjunto relacionado à fase Koriabo que estaria ligado aos grupos de língua Karib (SALDANHA et al., 2016: 96).

Por fim, até o presente momento, pode-se afirmar que o modelo arqueológico atual para o estado do Amapá encontra-se bem definido e que os resultados de campo que vem sendo obtidos nos últimos trabalhos de arqueologia tendem a corroborar a existências de, pelo menos, duas zonas arqueológicas distintas.

2.3. Síntese Etnohistórica da Área de Estudo

Com base em documentos e mapas históricos, os autores citados na síntese arqueológica sugerem uma grande dispersão de diferentes grupos indígenas, originários e imigrantes que se movimentaram pelas terras da costa atlântica do Amapá, da mesma forma que sugerem a existência de vários conflitos entre os próprios grupos indígenas, bem como conflitos causados pelos europeus ao iniciarem o processo de colonização.

Gallois (2008: 45) afirma a dificuldade de se estabelecer um relato cronológico entre os grupos que viviam nesta região em tempos pré-históricos com os grupos indígenas atuais que hoje a habitam. O principal motivo para essa dificuldade seria os “processos de fusão que ocorreram em toda a região”, indicando na realidade a “riqueza e complexidade da história indígena nessa área”. Esses processos foram bem documentados pelos viajantes no fim do século 18 e os grupos que hoje residem na região são resultado das assimilações deles, desde períodos indígenas antigos até o contato com os europeus e mais recentemente com o Estado-Nação Brasileiro.

A autora sugere que “os primeiros exploradores encontram uma cadeia de grupos diversificados ocupando extensamente a costa”. Dentre os quais “os Galibi-Kali’na que se estendiam do Amapá à Venezuela” e “os grupos de língua e cultura Aruaque, entre eles os ancestrais dos Palikur, moradores de zonas litorâneas no baixo Amazonas e costa norte do Amapá”, afirmando que os últimos circulavam por toda a costa e mal conheciam os povos do interior (GALLOIS, 2008: 46).

Ao descrever uma etnohistória de longa duração para o Amapá e afirmando a constante movimentação das populações indígenas no período da chegada dos europeus às Guianas, Gallois (2008) sugere que a região do litoral das Guianas foi ocupada a cerca de 2.000 anos atrás por populações de língua Aruaque e que em aproximadamente 1.100 anos atrás teriam chegado à região povos falantes de línguas Caribe com duas frentes de migração, uma vinda do baixo Amazonas e outra descendo o litoral, procedente do Orenoco e rio Negro. O último movimento migratório para essa região que se deslocava no eixo sul-norte, chegando às Guianas ainda no século XVI, faz referência aos grupos falantes da língua Tupi-Guarani. Até o presente, algumas hipóteses de correlação entre os grupos que habitaram a região e as cerâmicas da fase Aristé foram levantadas.

Goeldi (1905: 42) sugere uma possível correlação entre os índios Mayé e as cerâmicas encontradas nos poços artificiais do Monte Curú na região do Cunani, mas essa relação é feita apenas com base na sobreposição de áreas a partir da análise de relatos e mapas históricos e ele assume não ser possível garantir essa relação, pois nem mesmo a língua desses grupos teria se conservado. Ele também chega a levantar a possibilidade de que as urnas encontradas na povoação do Amapá estariam relacionadas aos Arricarés, mas responde essa hipótese da mesma forma que à das cerâmicas de Cunani.

Nimuendajú (2004) ao relatar as suas escavações feitas no Monte Mayé sugere que os traços que ele encontra em três sítios seriam originários dos povos Mayé. O autor também relata a presença de raladores de mandioca de cerâmica encontrados na região

do Uaçá que não são usados atualmente, pois teriam sido substituídos por raladores com pontas de ferro, mas que ainda são reconhecidos entre os Palikur e são desconhecidos pelos outros povos da região que são uma miscigenação de Aruãs, Galibis e Maraóns. Entre os últimos ele encontra fragmentos de raladores e cerâmicas em um sítio de urnas que são idênticas àquelas dos antigos Palikur. Ele chega a sugerir, então, que essas cerâmicas seriam um elemento cultural *Aruakean* (NIMUENDAJÚ, 2004).

No relatório de Nimuendajú (2004) de Ulakte-Uni, localidade habitada por uma família Palikur, ele confirma a hipótese de Goeldi (1905), de que os poços artificiais são escavados na ausência de cavidades naturais nas proximidades, quando encontra cerâmicas de “um povo do qual [a cerâmica] é quase idêntica àquela encontrada por Goeldi no Igarapé do Hollanda (Cunani)” em uma câmara subterrânea natural.

Segundo Linné (1928) as cerâmicas encontradas por Goeldi no Cunani não se limitavam apenas a esta região, uma vez que cerâmicas com as mesmas características foram encontradas por Nimuendajú no monte Ukupi. O autor concorda com a teoria de Nimuendajú de que os ancestrais dos Palikur não devem ser distinguidos da população que viveu no Monte Mayé, uma vez que os objetos encontrados em suas investigações na região do rio Arucauá apresentam muitas semelhanças, apesar da existência de detalhes contrários à tese.

Hilbert (1957: 34) também apresenta a ligação feita por Linné-Nimuendajú com a cerâmica encontrada por Goeldi, afirmando que o mesmo motivo de “ave estilizada, com cauda enrolada e cabeça virada para traz”, apresentada por Linné (2008), aparece em duas urnas no sítio funerário Vila Velha II. E cita Eurico Fernandes dizendo que esse motivo é encontrado entre os Palikur como distintivo do clã Uacapú-Ienê, o principal e mais antigo, sendo utilizado para marcar objetos, armas e urnas funerárias.

Rostain (1994) sugere que os Mayé, possíveis Aruak, seriam os herdeiros seminômades indiretos das comunidades pré-históricas. Como tais eles seriam pescadores-coletores que viveram em casas de palafita coletivas, nos mangues costeiros entre o Cabo Orange e o Cunani. Esses grupos provavelmente teriam ficado exilados nas áreas de mangue devido à forte densidade demográfica da costa do Amapá. Ao considerar os ciclos de dança Palikur o autor sugere uma possível relação entre os Mayé e os Palikur atuais.

Martijn Van den Bel (2009a) apresenta uma sobreposição geográfica entre o território dos Aracouros do início do século XVII que se estende desde a Ilha de Caiena na Guiana francesa até o rio Araguari no Amapá, área correspondente à dos sítios

funerários da fase Aristé. O autor afirma ser difícil datar corretamente os sítios funerários Aristé, mas esses sítios teriam sido proto-históricos ou do início do período histórico, uma vez que possuem material histórico associado. Também é sugerido que durante o período colonial os sítios funerários pré-coloniais, ou mesmo as urnas, podem ter sido reutilizados pelos índios da Guiana, como relatado por Nimuendajú, onde os Palikur atuais têm conhecimento dos sítios funerários antigos e retiram contas de vidro europeias do interior das urnas para uso próprio.

Os Aracouros, grupo dominante proposto por van den Bel (2009a), teriam reunido os povos do baixo Oiapoque e Cassiporé em alianças políticas durante o século XVII, as quais teriam desaparecido com a contínua guerra e dizimação por parte dos europeus e, por fim, se reagruparam para formar os Palikur atuais no século 18. O autor também apresenta uma série de nomes étnicos usados antes de 1650 que, “sem dúvida” após essa data, fazem referência aos grupos conhecidos como Palikur, entre eles estão: Arricarri / Arricouri / Arricary / Arracoory / Caripous / Aricours / Arocouros / Arocores / Arricoens.

Van den Bel (2009a) com base em documentos históricos também levanta a questão das confederações que existiram na área do baixo Oiapoque, uma formada por Yayos, Maraon, Arawak e Caripous, chefiada pelo chefe Caripou *Anacaioury*, inimigos dos Caribes, chefiados pelo chefe Carib *Camaria* de Caiena; e inimigos dos Mayzer [Mayés?]. Essas confederações também agrupavam índios recém-chegados do Orenoco e do baixo Amazonas, como os Paragotos, Itutan, entre outros, e no século XIX acabaram todos sendo assimilados nos Palikur atuais.

Van den Bel (2009b: 52) sugere que uma “afiliação cultural entre as tradições cerâmicas pré-colombianas e indígenas atuais permanece inegável”. O autor acredita que os motivos iconográficos dos clãs não são apenas expressões artísticas que podem ser separadas no tempo e espaço, e sim que essas devem ser entendidas em seu amplo contexto social, como afirmadores de identidade social e marcadores culturais. Ao citar Guapindaia (2001 *apud* VAN DEN BEL, 2009b: 52) o autor afirma que o “registro arqueológico Aristé mostra que os elementos decorativos são repetitivos em áreas geográficas específicas e que isso pode refletir marcadores culturais”.

Nimuendajú (1986) em sua coleção de mitos ameríndios, diz que os Palikur habitavam a margem setentrional do estuário do Amazonas no século XVII e que há mais de 200 anos estão localizados no rio Urucauá, afluente do Uaçá. O que reforça a ideia de assimilação de outros povos para se tornarem os Palikur atuais, apresentada anteriormente por Van den Bel (*op. cit.*).

Também baseado na mescla dos grupos e na origem de comunidades híbridas reconstruídas como os Palikur, Rostain (2011: 25) considera que a chegada dos povos das Antilhas, delta do Orinoco e baixo Amazonas ao Amapá, perturbaram a estabilidade social Aristé e que as últimas manifestações desta cultura se deram por volta de 1700-1750, ao mesmo tempo em que sugere uma evolução progressiva da cerâmica com a chegada, após conquista, destes povos refugiados, sendo que essa fusão de estilos cerâmicos seria, então, a gênese dos próprios Palikur e da sua cerâmica. Com isto o autor também propõe a mescla das sociedades produtoras das cerâmicas arqueológicas: Aristé, Mazagão e Arauquinóide, bem como, as sociedades relatadas nos documentos históricos: Palikur, Aruã, Arikare e os Maraon, para também levantar a hipótese das confederações pan-tribais.

Por fim, vale ressaltar aqui as publicações recentes de Martijn Van den Bel (2022), *“Jan van der Goes : An Indian Prince at Cayenne in the Seventeenth Century?”*, na qual são discutidas as extensas redes de relações existentes na região, as quais, pós-contato passaram a incluir também as diferentes coroas europeias e também as populações afrodescendentes, como pano de fundo para contextualização do possível Príncipe Indígena Holandês que teria constituído uma fortificação na costa do estado do Amapá, entre os rios Calçoene e Oiapoque, mais especificamente no rio Mayacaré, com uma população de indígenas Caribe e que, possivelmente, participou das guerras Palikur-Galibi; e de Sylvia Spelt-Bombin (2018), *Makers and Keepers of Networks: Amerindian Spaces, Migrations, and Exchanges in the Brazilian Amazon and French Guiana, 1600-1730*, contrariando a visão clássica de que a região da Terra Indígena do Uaçá configuraria uma Zona de Refúgio do período Colonial, e sim dando protagonismo aos povos indígenas da região, a autora sugere que na região da costa leste das guianas:

habitaram grupos multilíngues e multiétnicos que mantiveram redes de trocas baseadas no comércio, rituais, alianças e guerras, que desencadearam diversos processos de etnogênese. Tais conexões fizeram deste um espaço ameríndio porque o que deu unidade e centralidade ao espaço foram as interações entre os povos indígenas, sua ocupação e uso de terras e águas, seus padrões de uso e suas frequentes migrações dentro deste espaço. Essas semi-imigrações e redes existiam antes da chegada de os europeus e, enquanto a colonização europeia mudou as relações de poder regionais, alguns indígenas mantiveram sua autonomia dentro desse espaço, que não era definido pelos limites físicos da expansão europeia, nem era um refúgio da violência europeia. Este espaço incorporou assentamentos europeus como Belém, Caiena e missões vizinhas, e não foi limitado por fronteiras europeias como o rio Oiapoque. Embora as habitações ameríndias possam parecer restritas a determinados lugares, este artigo mostrou que as trocas entre os povos, mesmo através de terras e águas ocupadas por inimigos, tornavam as fronteiras europeias irrelevantes para os ameríndios vivendo em um espaço multicêntrico em estado de fluxo e contínuo mudar (SPELT-BOMBIN, 2018: 612).

Assim, essa discussão força uma revisão da matriz núcleo-periferia e repensa os espaços indígenas como regiões complexas de relações étnicas emaranhadas que eram eles próprios centros de interação nativa e, em muitos casos, perduraram até o período contemporâneo (HARRIS & ESPELT-BOMBIN, 2018).

Não é negado que a intervenção europeia neste espaço através do comércio, escravização e descimentos afetou as populações existentes na área, reconfigurando as relações, bem como forjando novas formações sociais, mas é enfatizada a centralidade dos povos indígenas para a reconfiguração das trocas, reconhecimento político de outros grupos, reconfigurações de poder dos ameríndios e sua realocação dentro e fora das missões, deslocamentos de pessoas e novas reconfigurações, reforçando a reprodução social quando ela existia – por exemplo, entre Palikur e Galibi, sendo que em casos contrários, outros tipos de alianças entre diferentes grupos indígenas fossem forjados, como no caso das visitas e comércio entre os Aruã, Maraon e Galibi, ou os Palikur e os povos que conviviam com eles.

Assim, com relação à criação de redes locais e ou regionais à exemplo do caso dos Aruã, a autora sugere que:

Os Aruã permaneceram centrais nas redes de troca, e os lugares ocupado por suas habitações continuou a se expandir ao longo do século XVII e início do século XVIII. O alto grau de mobilidade ao longo das décadas esteve relacionado aos seus papéis como comerciantes, marítimos e navegantes fluviais. Engajados no comércio com ameríndios e europeus desde o início, eles continuaram negociando mercadorias europeias e indígenas na década de 1720 e além. Já no início (e talvez antes) da década de 1680, eles começaram a se estabelecer entre e ao lado de outros grupos, como os Galibi. Dada a onipresença dos Aruã em uma época em que a maioria dos povos ameríndios lutava para manter seus números, resta saber se “Aruã” gradualmente se tornou um etnônimo que incluía vários grupos que compartilhavam uma língua comum e participavam de uma mesma rede. Por sua vez, podemos também perguntar se os processos revelados de etnogênese contribuíram para a percepção de proeminência desse grupo indígena em particular (ESPELT-BOMBIN, 2018: 613).

3. UMA VIAGEM NO TEMPO: RESULTADOS DAS ATIVIDADES DE CAMPO DA ARQUEOLOGIA NA T.I. UAÇÁ – ANOS 1925 A 2023

As primeiras pesquisas arqueológicas realizadas na atual Terra indígena Uaçá foram realizadas por Curt Nimuendajú em meados de 1920, quando visitou a região para a realização de pesquisas etnográficas entre os índios que ali viviam.

Stig Rydén e Per Stenborg (2004) compilam, ordenam e sintetizam as informações referentes às pesquisas realizadas na região dos rios Arucauá (Urucauá) e Uaçá por Curt Nimuendajú no ano de 1925 no Capítulo 2 *Archaeological Researchs in the Regions of the Rio Arucauá and the Rio Uaçá*¹⁰ do seu livro *In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region*¹¹ (RYDÉN & STENBORG, 2004:42-52), publicado como uma obra póstuma de Nimuendajú, onde são agrupadas informações das suas pesquisas arqueológicas presentes, tanto nas correspondências trocadas por Nimuendajú e Erland Nordenskiöld, quanto as informações que já se encontravam publicadas em sua obra *Die Palikur-Indianer Und Ihre Nachbarn*¹².

Para a apresentação dos resultados das pesquisas de Nimuendajú, Rydén & Stenborg (2004) optam por separar as informações de acordo com a hidrografia, uma vez que tal divisão também faz referência à forma como os indígenas atuais se encontravam divididos no território. Assim, às margens do rio Urucauá se encontravam os Palikur e às margens do Uaçá se assentavam uma miscigenação de remanescentes Aruã, Galibi e Maraón. Dessa forma, ao longo do rio Urucauá foram encontrados os sítios arqueológicos denominados Kuapi (Kwap), Ulakte-Uni, Roça Comecomes, Mawir-Mini e Uakauy-Uné, enquanto ao longo do rio Uaçá foram identificados os sítios denominados Courbaril e Coumarouman. Além desses dois rios, a coleção de achados de Nimuendajú no Museu Etnográfico de Gotemburgo também contempla dois machados do rio Curipy, um da região do Monte Caripurá e outro de origem desconhecida, e, também, três machados que teriam sido encontrados na margem direita do rio Oiapoque.

¹⁰ Pesquisas Arqueológicas nas Regiões do Rio Arucauá e do Rio Uaçá (Tradução do autor).

¹¹ Em Busca de um Passado Amazônico: Pesquisas Arqueológicas na Guiana Brasileira e na Região Amazônica (Tradução do autor).

¹² Os Índios Palikur e seus Vizinhos (Tradução do autor).

Após mais de 70 anos das expedições realizadas por Nimuendajú, as pesquisas arqueológicas na T.I. Uaçá foram sendo retomadas vagarosamente. Mesmo que os primeiros registros de vestígios arqueológicos na área tenham sido feitos por Nimuendajú, as pesquisas arqueológicas que motivaram essa tese de doutorado devem muito ao esforço constante realizado por David R. Green juntamente aos indígenas Palikur e todos os colaboradores que se envolveram nas pesquisas ao longo desses mais de 25 anos, desde o fim dos anos 1990 até os dias atuais.

David R. Green, 59 anos, é produtor de vídeos e fotógrafo, fluente em língua indígena - Parikwaki, filho do casal de americanos Diana e Harold Green. É paraense, uma vez que nasceu em Belém do Pará no dia 14 de maio de 1964, mas aos 8 meses de idade, em janeiro de 1965 foi para a aldeia Mangue no Rio Urucauá, onde seus pais trabalhavam como linguistas filiados à Sociedade Internacional de Linguística – SIL, sendo assim criado entre os Palikur-Arukwayene.



Figura 10 - À esquerda, na aldeia Kumenê em 1965, Elsa Ioiô, a filha do Afonso Kuway Ioiô (à esquerda) e David Green (à direita); à direita, David Green em 2017 durante a expedição ao Monte Carupina com Iteyvinwa: Monte das Lagartas ao fundo.

Oficialmente, conforme consta no Processo IPHAN n° 01492.000042/1997-42¹³(ANEXO I), iniciado em 15 de abril de 1997, pode-se afirmar que as pesquisas arqueológicas que culminaram no **Projeto de Arqueologia Pública na Terra Indígena Uaçá** iniciam com o protocolo conjunto de uma carta, na 2ª Superintendência Regional do IPHAN e no Museu Emílio Goeldi, ambos em Belém-PA, em nome de David R. Green, datada de 14 de abril de 1997, e intitulada “Boletim informativo sobre possíveis descobrimentos arqueológicos no Rio Urucauá no estado do Amapá” (ANEXO II).

¹³ A consulta aos processos administrativos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN é pública, os quais podem ser consultados diretamente pelo Número de Referência do Processo, bem como por palavras-chaves através do link:

https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0

Conforme consta no Memorando nº 042/01/GAB2ªSR/IPHAN de 06 de março de 2001, quando do protocolo da carta, o Sr. David R. Green compareceu na Sede do IPHAN “manifestando preocupação com a situação presenciada e relatada por ele naquela reserva indígena”.

Nesta carta, David conta que viajou para a Terra Indígena Uaçá para fazer um documentário independente que não possui relação com arqueologia, mas que no dia 24 de março de 1997, juntamente com cinco indígenas Palikúr descobriu “evidências de uma caverna subterrânea contendo ossos humanos e pedaços de cerâmica dando a entender que o sítio foi utilizado há centenas de anos”. David Green e a antropóloga Lesley Fordred Green ouviram de um Palikur, Kiyavwiye Uwet, que nesse lugar, uma senhora cuidava das crianças de todos durante uma guerra muito antiga. (GREEN et al., 2008).

Ainda, o autor afirmava que a localidade continha “valiosas informações sobre antigas culturas indígenas da região”, uma vez que identificou “pedaços de cerâmicas de vários estilos, que talvez sejam pertencentes a diferentes culturas”.

Conforme relatado, os Palikur têm muitas histórias sobre a formação rochosa chamada Aragbus (espingarda), nome dado ao lugar por haver duas colunas de granito alinhadas como a mira de uma espingarda. Por estar distante das aldeias atuais, poucos conhecem a sua localização exata. Próximo à época de sua visita, caçadores haviam reencontrado esse local, sendo que seus cães haviam se perdido. Pela distância dos latidos deduziram ser grande a extensão da caverna embaixo das rochas, mas não entraram na mesma por três razões: primeiro, porque a entrada é muito estreita, com uma descida de quarenta e cinco graus; segundo, porque havia muitos morcegos; e, terceiro, por causa das histórias de feitiçaria envolvendo aquele lugar.

Um dos caçadores, o qual havia sido vizinho dos pais de David por muitos anos, razão pela qual depositava confiança no mesmo, acompanhado de mais quatro jovens indígenas, concordou em levá-lo até a localidade onde os cachorros haviam desaparecido. Lá, em frente a um buraco de tatu, encontraram ossos que pareciam ser de humanos e várias peças de cerâmicas. Segundo consta na carta, “Entusiasmados, os índios começaram a escavar com terçados e pedaços de pau. Logo depois houve uma conscientização de que o trabalho exigiria técnica e, por isso, não prosseguiram”.

Dentre as peças encontradas estavam:

“(…) uma peça de barro perfurada (que nosso guia reconheceu como uma tampa de urna); uma orelha e pé humanos feitos de cerâmica, que pareciam fazer parte de uma urna antropomórfica; uma peça com desenhos no estilo das

peças encontradas por Emílio Goeldi no rio Cunani; uma outra peça parecia mais antiga, com traços incisos. Encontramos alguns ossos humanos com vestígios indicando que foram parcialmente cremados, incluindo fêmur, vértebras, costelas e algumas falanges. Perto de lá também foi encontrado um machado de pedra bem delineado. Também encontramos um cristal de quartzo com três centímetros de comprimento”.

O autor narra que as cerâmicas e ossos foram embrulhados em folhas e reenterrados no local onde foram encontrados, mas que foram selecionados dois pedaços que seriam levados para serem analisados por arqueólogos, sendo ressaltado que foram filmados 50 minutos da área e dos vestígios arqueológicos. Segundo David, os vídeos originais encontram-se armazenados na Universidade da Cidade do Cabo (UCT).



Figura 11 - Duas vistas do manuseio dos materiais em 1997, com a seleção dos materiais cerâmicos e ósseos para reenterrar embrulhados em folhas. (Fonte: Imagens do acervo pessoal do David Green e cedidas ao autor em fevereiro de 2020)

Tendo em vista o ocorrido e, principalmente, os achados, David enfatiza a urgência de realização de algum acompanhamento por parte do Museu Goeldi, uma vez que além do interesse e “oportunidade ímpar de se aprofundarem as descobertas arqueológicas brasileiras”, em seu retorno à aldeia, os indígenas que acompanharam a visita ao sítio demonstraram interesse em retomar a escavação na área, mas foram desencorajados pelo autor da carta que, no momento, conseguiu “convencê-los a esperarem um arqueólogo para orientá-los”. No entanto, os indígenas concordaram em esperar até meados de abril daquele ano, não mais que isso, citando três razões:

Primeiro, a água da várzea vai baixar, dificultando o acesso ao local; Segundo, o guia principal é idoso e teme não ter outra oportunidade; e, Terceiro, se eles não forem, outros irão (como aconteceu há uns anos atrás, quando um Creolo Francês visitou o lugar e levou várias cerâmicas e machados de pedra sem dar qualquer remuneração aos palikúr).

Por fim, tendo em vista que retornaria a área em 16 de abril daquele ano, David fala sobre a importância de apresentar alguma posição sobre uma eventual pesquisa, ou ainda melhor, como julga, “uma pessoa credenciada pelo Museu para averiguar o valor da descoberta e orientar os trabalhos de escavação”.

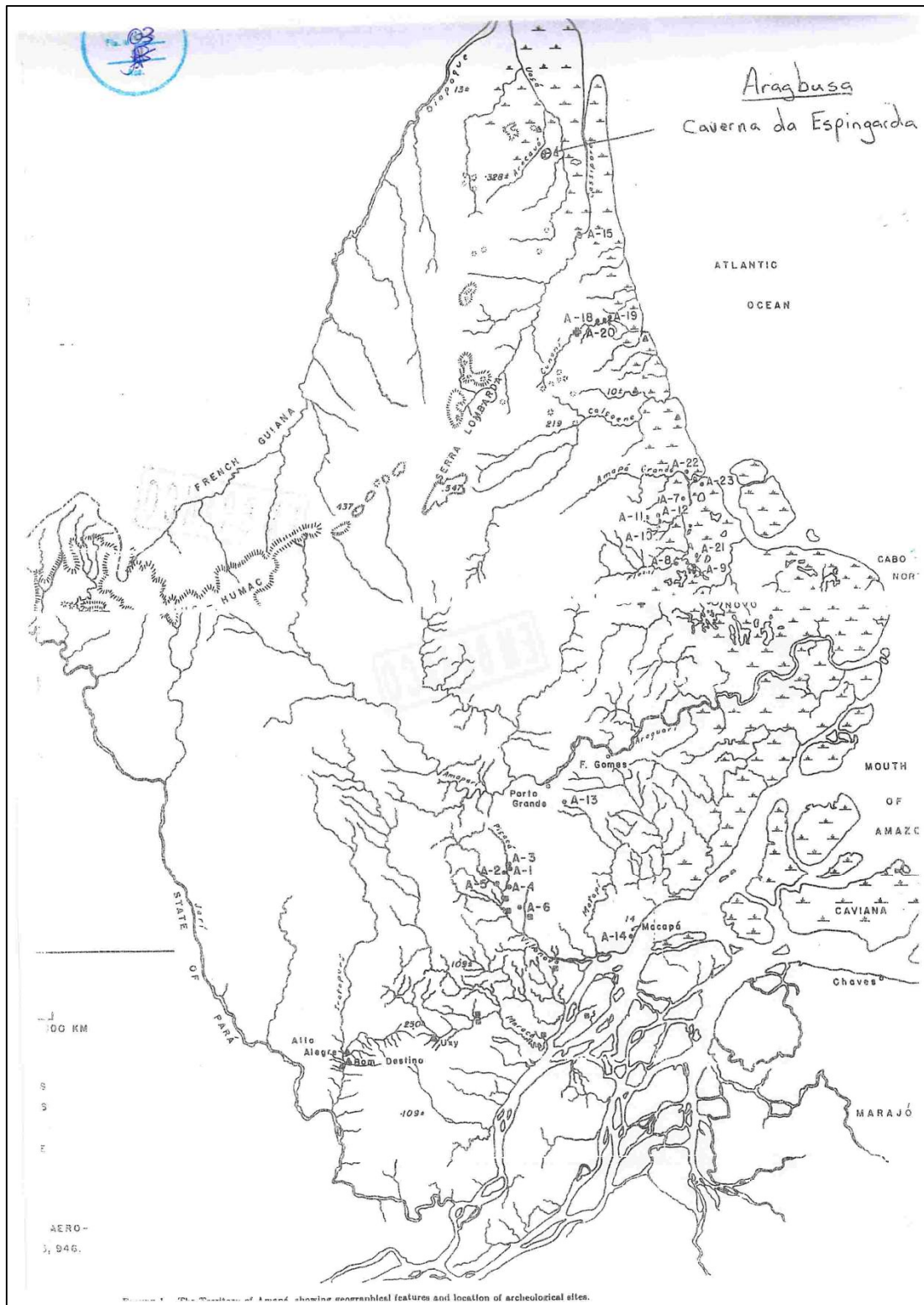


Figura 12 - Recorte do Mapa de Nimuendajú apresentado na Figura 3, com realce nos sítios arqueológicos citados no texto.

Conjuntamente à carta, foi encaminhada em anexo uma cópia do Mapa de Localização dos sítios arqueológicos identificados no estado do Amapá – *Figure 1 - Territory of Amapá, showing geographical features and location of archaeological sites* – que consta no Livro de Betty Meggers e Clifford Evans 1957 (ANEXO III), com

indicação feita a mão da localização do sítio arqueológico “Aragbusa (Caverna da Espingarda)”, conforme imagem a seguir (Figura 12).

Como resposta ao protocolo da Carta, a Sra. Elizabeth Nelo Soares, Coordenadora Regional da 2ª CR/IPHAN à época, encaminhou em 15 de abril de 1997 o Ofício nº 059/97/2ª CR/IPHAN à Ilma. Sr.ª M.D.Dr.ª Vera Guapindaia, Pesquisadora Responsável pela Área de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, referente à solicitação de Apoio no sentido de “deslocar para a área em questão um arqueólogo credenciado por essa Instituição, com fim, primeiro de constatar tais informações e avaliar a necessidade de urgente investigação científica ou, até mesmo de prover operação de salvamento.”

No entanto, contrário a urgência solicitada pelo David R. Green, quando do protocolo de sua Carta, a resposta emitida pela Sra. Edithe Pereira, responsável pela Área de arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG, em 02 de maio de 1997, informou da impossibilidade de deslocamento imediato de arqueólogo para a área solicitada com base nas seguintes justificativas:

- “a) O Sítio arqueológico está localizado em área indígena e o acesso só poderá ser feito mediante autorização da FUNAI;
- b) O trabalho na área, seja ele de pesquisa ou de salvamento, deverá ser feito por uma equipe composta de pelo menos dois pesquisadores e dois técnicos;
- c) O MPEG não dispõe, no momento, de recursos que permitam cobrir os gastos de deslocamento e manutenção da equipe em campo” (PEREIRA, 1997).

Ainda em 09 de maio de 1997, a Coordenadora Regional da 2ª CR/IPHAN, responde solicitando o levantamento dos custos necessários para cobrir as despesas com a realização da pesquisa, bem como informar que a solicitação de autorização de acesso a área junto à FUNAI seria providenciada pelo IPHAN, mas que dependeria da informação, por parte do MPEG, do nome pesquisadores e o período em que estariam disponíveis para o desenvolvimento do trabalho de campo. Informações que, conforme correspondência remetida pelo MPEG em 16 de maio de 1997 estavam sendo providenciadas. No entanto, conforme Memorando nº 042/01/GAB2ªSR/IPHAN de 06 de março de 2001, os contatos estabelecidos entre o IPHAN e o MPEG, com objetivo de viabilizar o deslocamento de arqueólogo deste último até o Oiapoque não chegou a ser concretizado.

Foi a partir desse momento que Lesley Green e David Green passaram desenvolver maior interesse pela arqueologia da região, chegando a recolher informações sobre trabalhos já realizados no Amapá, como por exemplo os trabalhos de Emilio Goeldi (1900) e as expedições de Curt Nimuendajú (2004). A apresentação das informações presentes nessas publicações para os moradores de Uaçá causou interesse no assunto,

tanto da parte dos indígenas como dos pesquisadores. Foi com esse despertar que Lesley e David, em 1999, falaram com o arqueólogo Eduardo Góes Neves, o qual se interessou em trabalhar na região devido a sua possível profundidade cronológica (GREEN et al., 2008). Nesse momento estava sendo concebido o Projeto de Arqueologia Pública na Terra Indígena Uaçá (GREEN; GREEN; NEVES, 2003).

Conforme relatado em Green & Green (2013), esse primeiro contato com Eduardo Neves se deu no âmbito do Quarto Congresso Arqueológico Mundial (Fourth World Archaeological Congress – WAC4), realizado na cidade do cabo e presidido por Martin Hall que colocou Lesley e David em contato com o arqueólogo paulista Pedro Funari, o qual, por sua vez, os apresentou para Eduardo Góes Neves. Juntos, tiveram longas conversas sobre o registro arqueológico do Brasil, em meio às deliberações do WAC sobre arqueologia pública e éticas da pesquisa pós-colonial.

Assim, foi apresentada uma proposta de financiamento à Wenner Green Foundation, a qual foi generosamente apoiada em 2000 e 2001, proporcionando uma oportunidade para realizar um projeto de arqueologia pública na Área Indígena do Uaçá. O objetivo principal desse projeto era explorar e investigar os fragmentos materiais, histórias escritas, desenhos, mapas antigos e história oral relacionados a essa região, a fim de desenvolver uma narrativa mais abrangente e enriquecedora sobre sua história. Para que, ao seguir as trilhas e traços deixados por esses elementos, os pesquisadores pudessem reunir informações significativas sobre a história da Terra Indígena Uaçá. Isso envolveria a análise cuidadosa de objetos arqueológicos descobertos em escavações, a interpretação de histórias e escritos antigos, o estudo de desenhos e mapas que retratam a região ao longo do tempo e o diálogo com a comunidade local por meio de narrativas orais transmitidas de geração em geração (GREEN & GREEN, 2013).

Para o início desse projeto, foram entrevistados mais de uma dúzia de narradores em sete vilas Palikur ao longo do rio Urucaúá, gerando um banco de dados com mais 230 histórias, sendo que muitas das histórias fazem referência à lugares específicos na paisagem, os quais, por sua vez, são de grande interesse para as pesquisas arqueológicas (GREEN; GREEN; NEVES, 2003). Foi com base nesse banco de dados que foram elencados lugares onde eventos chave da etnohistória teriam ocorrido. Assim, foi em 2000 que Eduardo Neves fez a primeira visita aos sítios da região com o objetivo de verificar os lugares que poderiam ter maior potencial informativo para arqueologia (GREEN et al., 2008).

Foi nesse momento que Eduardo visitou os sítios Warabdi¹⁴, Kwap, Masika e Aragbus, os quais considerou de maior interesse para o início das atividades de escavação. Contudo, ainda era necessário o consentimento dos Palikur para isso. Porém, o desconhecimento sobre a arqueologia ainda era grande, dessa forma, Eduardo convidou três Palikur, Avelino Labonté, Tabenkwe Manoel Labonté e Ivanildo Gômes, para participar das escavações que estava realizando nas proximidades de Manaus. Após a familiarização com o trabalho de campo da arqueologia, os três retornaram para a T.I. Uaçá e compartilharam a sua experiência com as lideranças locais. Dessa forma, houve permissão, e a primeira escavação formal do projeto iniciou em novembro de 2001 (GREEN; GREEN; NEVES, 2003; GREEN et al., 2008).

Vale ressaltar que, após a primeira visita de Eduardo à Terra Indígena Uaçá, foi escrita a duas mãos pelo então Chefe do Posto Indígena Palikur o Sr. Nilo Martiniano e pelo Coordenador do Projeto junto à Comunidade Palikur o Sr. Ivanildo Gomes, uma carta, datada de 02 de julho de 2000, encaminhada ao IPHAN-Belém, solicitando que, após análise, os cacos de cerâmicas coletados sejam devolvidos para a comunidade, junto com todas as informações geradas sobre elas (ANEXO IV).

No período que compreendeu os anos de 2002 a 2005, os trabalhos com os materiais recolhidos durante as atividades de campo ficaram parados por questões logísticas referentes ao armazenamento do material em Macapá e não em Belém. Foi em 2005, quando os arqueólogos João Darcy de Moura Saldanha e Mariana Petry Cabral foram nomeados como arqueólogos no Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA e iniciaram a criação e consolidação do atual Núcleo de Pesquisa Arqueológica – NuPArq, que as pesquisas do projeto da T.I. Uaçá foram mais uma vez retomadas, então com a análise dos materiais arqueológicos coletados por Eduardo (GREEN et al., 2008). Entretanto, esses resultados ainda estão passando por tratamento e não foram publicados. É nesse momento em que entra o presente projeto, visando dar continuidade nas análises e na elaboração de inferências sobre a ocupação indígena da área da T.I. Uaçá.

Foi através da retomada dos trabalhos com a participação de João Saldanha e Mariana Cabral na equipe que foi elaborada uma cartilha (ANEXO V), concebida por

¹⁴ Ao realizar a sobreposição da localização desse sítio com o mapa de Nimuendajú, foi verificada grande proximidade com o sítio nomeado por esse autor como Uakayu-uné. Sobre Walabdi (Warabdi), Nimuendajú cita que, assim como Kuapi (Kwap), esse também é um cemitério que ainda era usado pelos Palikur no momento da sua visita (NIMUENDAJÚ, 2004).

Lesley Fordred-Green, onde seriam divulgadas todas as atividades realizadas até o momento na área da T.I. Uaçá e quais os passos a seguir, caso os Palikur ainda possuíssem interesse na continuidade desse tipo de trabalho na região. Segundo Saldanha & Cabral (2009), a cartilha parece ter sido uma estratégia interessante para a divulgação dos resultados, uma vez que a comunidade se interessou em ler e ver as fotos apresentadas.

Dessa forma, as atividades arqueológicas realizadas por Saldanha & Cabral (2009) compreenderam a coleta de superfície e o mapeamento do sítio Warabdi, o qual já havia sido visitado por Eduardo Neves em junho de 2000; a coleta de superfície, o mapeamento e a abertura de uma sondagem amostral visando a compreensão da estratigrafia do sítio Aragbus; e, por fim, a escavação de duas urnas que afloravam à superfície na rua principal da aldeia de Kumenê. Outra atividade realizada por Saldanha & Cabral (2009) foi o o registro, através do preenchimento das fichas do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, dos três sítios estudados por eles, sendo que todos os outros sítios identificados na região, até o presente momento, não possuem o seu cadastramento “oficial”, assunto que merece ser tratado em assembleia com os Palikur após a defesa dessa Tese.

Após esse último período de atividades, as pesquisas arqueológicas na região foram novamente interrompidas devido a uma série de dificuldades logísticas. Por outro lado, David Green (2019, comunicação pessoal) acompanhado de pesquisadores Palikur, continuou realizando visitas aos locais importantes para a tradição Palikur, dentre eles o monte Karumna (Carupina), presente no mapa de Nimuendajú (1926).

Assim, em 2011, visita um lugar denominado Msibiyumnaw: Caverna dos Morcegos, localizado na Ilha Mpitriye, enquanto seguia as narrativas sobre Karumayra, visto como o mais poderoso Pajé Palikur. Nesse lugar, ele identifica duas áreas de ocorrências arqueológicas, sendo um sítio funerário de abrigo sob rocha de forma oval com dimensões aproximadas de 20 x 15 m. Ao longo do perímetro desse abrigo oval, há grutas com 1,6 m de altura, sendo que em um dos lados há uma entrada em forma de um arco natural. Lá foi encontrada uma alça zoomórfica. A outra área de ocorrência arqueológica ficou nomeada como Toca da Onça, caracterizada por uma caverna pequena com, pelo menos, uma urna antropomórfica rachada.

Sendo que não havia nenhum arqueólogo ou técnico em arqueologia acompanhando a visita, tendo em vistas outros compromissos do IEPA na época, os vestígios foram deixados no local em que foram encontrados, sendo feito apenas registros por meio de gravações de vídeos. Em momento posterior, quando o David pode analisar

os vídeos com mais cuidado, identificou que em uma das vasilhas que estava meio enterrada havia contas de vidro azul.

Depois dessa visita, David retornou à T.I. Uaçá em dezembro de 2017, quando, acompanhado dos Palikur Lega Labonté, Amauro Ahevewni “Maruksi” Ioiô, Ailton Batista, Agnaldo Batista (filho do Ailton), Leniel Felício Ioiô (filho do Amauro), Henrique “Xoni” Batista e Natã dos Santos realiza uma visita ao Monte Carupina e identifica, a meia viagem, uma caverna no Monte das Lagartas. Nesta, identificam dois sítios arqueológicos interessantes nos abrigos que existem na lateral leste do monte, sendo um abrigo maior e um abrigo menor.

O abrigo maior tem, aproximadamente, 35 m de largura, 25 m de altura e 15 m de profundidade, onde foram encontradas pelo menos 6 grutas que parecem ser sítios rituais ou acampamentos sazonais de curta duração. Em uma das grutas há um assento de pedra.

O abrigo menor tem, aproximadamente, 20 m de largura, 10 m de altura e 8 m de profundidade com solo de coloração alaranjada, seca e pouco compactada, sendo descrita pelo David como fofa, com pelos menos 30 cm de profundidade. Neste abrigo foram identificados muitos fragmentos cerâmicos pela superfície.

Ficou ressaltado que em ambos os abrigos não foram identificadas contas de vidro ou qualquer outro material de origem europeia.

Em janeiro de 2019, David, acompanhado dos Palikur Ailton Batista e Lega Labonté, visitam o sítio arqueológico Uwaktewni, localizado no Monte Ukupi. Este sítio é caracterizado por um conjunto de abrigos e cavernas, onde são identificados muitos fragmentos cerâmicos com decorações Aristé em superfície.

Foi a partir de 2019, que no âmbito do desenvolvimento da presente Tese, iniciei uma série de conversas com David Green sobre as suas viagens de visita aos sítios da T.I. Uaçá. Esse primeiro diálogo se deu, especificamente, no dia 17 de janeiro de 2019, quando me reuni com David Green e Aldiere Orlando (indígena Palikur licenciado em Letras e atualmente assessor técnico indígena CONDISI/DSEI), no Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – NuPARq/IEPA, no momento em que ainda atuava como um dos gerentes do Núcleo de Arqueologia desse importante Instituto, posição que abdiquei após aprovação no concurso público do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN com lotação na Superintendência do IPHAN no Amapá, na qualidade de Técnico em Arqueologia, onde atualmente atuo como Superintendente.

Nessa primeira reunião, tanto David quanto Aldiere ressaltaram a importância da retomada das pesquisas arqueológicas na T.I. Uaçá, visto que as pesquisas que se desdobraram até então foram de grande valia para o despertar da comunidade indígena sobre a existência, variedade e importância de sítios existentes na área e a sua relação com os mitos de origem dos Palikur, mas que a falta de retorno dos resultados das pesquisas gerou um desconforto entre a comunidade e a arqueologia, sendo ressaltada a necessidade de devolução tanto dos materiais coletados para a região, quanto dos resultados das análises e mapeamento de sítios, para que, somente a partir de então, fosse retomado o diálogo com vistas na obtenção de consentimento das lideranças Palikur para a continuidade de incursões de pesquisadores na área visando a continuidade do Projeto de Arqueologia Pública e a realização de novas escavações.

David (comunicação pessoal, 2019) relatou que o caminho do Karumayra ainda precisa ser confirmado por escavações estratigráficas, sendo que em um perfil exposto, verificou uma possível perturbação da estratificação natural dos solos. Conforme informado, ele acredita que essa área poderia ter sido usada para criar peixes tamuatá. “Ainda, atualmente, é a principal área onde os tamuatás desovam durante as primeiras chuvas fortes do inverno amazônico. Os ovos dos tamuatás são muito apreciados pelo os Palikur e é o melhor caviar da Amazônia” (*op. cit.*).

Também, com relação ao potencial de ligação entre os mitos Palikur e os sítios arqueológicos David sugere que uma visita à caverna do Uwaktewni, na ilha Ukupi, seria importante para mostrar as ligações entre os atuais Palikur e o estilo da cerâmica Aristé. O Uwaktewni em Palikur significa "as ruínas do Uwakti". Nas narrativas dos Palikur, “o Uwakti é visto como um homem ancestral Palikur que puxou os quatro esteios da casa dele e subiu aos céus e se tornou a terceira constelação das Estrelas da Chuva”, ressaltando que é interessante que esse mito cosmológico fundamental dos Palikur esteja associado a um sítio arqueológico Aristé.

Em março de 2020, David retorna à T.I. Uaçá, nesse momento ele faz uma rápida viagem à Msibiyumnaw: A Caverna dos Morcegos acompanhado dos Palikur-Arukwayene Raildo Labontê Orlando, Alan Batista Hipólito, Gesinaldo Narciso Felício para confirmar se a urna Aristé e os demais artefatos ainda se encontravam no interior da caverna ou sofreram algum tipo de depredação e ressaltou que este é um importante sítio arqueológico que precisa de atenção urgente do IPHAN.

Em janeiro de 2021, através do uso do software Zoom Earth, David passa a observar possíveis alterações da paisagem visíveis nas imagens de satélites disponíveis

no software supracitado. Neste ele identifica pelo menos duas ou três aldeias antigas entre as ilhas Ukupi e Mpitriye (caverna dos morcegos), as quais acredita ser aldeias antigas, possivelmente filiadas à fase Aristé, ressaltando que estes sítios somente aparecem nas memórias mais remotas dos narradores Palikur. Estas não são aldeias atuais ou de ocupação recente.

Todos os sítios estão bem pertos, do dito caminho de Karumayra. David (com. pess. 2023) acredita que os anciões ameríndios acharam uma região ideal para o manejo das águas com ênfase na agricultura e pesca, também meio afastada e escondida. Perto das ilhas, o pesquisador identificou estruturas/modificações da paisagem que estariam, possivelmente, relacionadas com montículos ou campos elevados similares aos identificados na Guiana Francesa (ROSTAIN & MCKEY, 2015), e mais recentemente em Macapá-AP¹⁵, mas ainda sem pesquisas aprofundadas.

Recentemente, o foco das pesquisas de David tem sido a relação dos espaços ou passagens entre mitologia e arqueologia – as fronteiras de mitos –, enfatizando as modificações da paisagem, através da análise de imagens de satélite por meio do uso de softwares de visualização de mapas e imagens de satélite em tempo real, como por exemplo: Zoom Earth e Google Earth, sendo que as modificações identificadas vão sendo registradas para posterior verificação *in loco*. Outro foco de pesquisa tem sido a expansão e migração dos povos indígenas da região, uma vez que a linguagem Palikur é uma das linguagens aruaque mais complexas, indicando, possivelmente, que seja uma das mais antigas desse tronco linguístico.

A última visita realizada por David à T.I. Uaçá se deu em agosto de 2021, quando visitou o afloramento denominado Waratnayan (Maguarízinho), caracterizado por um afloramento granítico, onde David identificou depressões circulares (cúpulas) e, também, furos circulares no maciço rochoso, os quais estão associados à fragmentos cerâmicos dispersos no chão.

Em março de 2022, David compartilha um mapa que identifica melhor a ilha Wakawyanvit (a ilha do falcãozinho acauã), onde foi encontrado um aplique de urubu rei por Nimuendajú, no entanto ele ainda não realizou uma visita à essa localidade.

Inicialmente, pretendia dar continuidade às atividades de campo no interior da T.I. Uaçá, acompanhando as agendas do David Green juntamente aos pesquisadores indígenas

¹⁵ Sítio denominado: Campos Elevados do Pantanal - <https://sicg.iphan.gov.br/sicg/bem/visualizar/42016#&panel1-4>

Palikur-Arukwayene. No entanto, as diversas dificuldades logísticas, somadas à Pandemia do COVID-19 (SARS-CoV-2), impossibilitaram a concretização dessa proposta. No entanto, após consulta ao David Green, este concordou em se tornar o principal interlocutor dessa pesquisa, esclarecendo dúvidas sobre as atividades realizadas na T.I. Uaçá desde o início do projeto até os dias atuais e também participando ativamente da discussão dos dados sobre os sítios arqueológicos e os vestígios recuperados.

De tal modo, listamos a seguir todos os sítios arqueológicos – ou lugares de achados comprovados – presentes na referência bibliográfica consultada para a realização desse levantamento sobre as pesquisas arqueológicas realizadas na área da Terra Indígena Uaçá, bem como através das informações fornecidas pelo David Green ao longo desses 4 (quatro) anos de colaboração. Cabe ressaltar aqui que não teremos a mesma qualidade e profundidade de informações presentes nas descrições desses diferentes lugares, uma vez que nem todos chegaram a ser visitados pelos pesquisadores, nem todos possuem a sua localização registrada ou ilustrada e muito menos tiveram algum tipo de atividade prospectiva realizada. Contudo, o que buscamos com essa listagem, para além dos objetivos da presente tese – a verificação da sua correlação com a Fase Aristé –, é uma primeira aproximação para posterior registro dos sítios arqueológicos presentes na T.I. Uaçá e a possibilidade de retomada do Projeto de Arqueologia Pública.

3.1. Descrição dos Sítios Arqueológicos Identificados na T.I. Uaçá até Agora

Durante o primeiro biênio do doutorado, muito tempo foi tomado pelas disciplinas, reelaboração do projeto e transcrição do caderno de campo de Eduardo Neves (2000-2001) sobre as atividades que desenvolveu na T.I. Uaçá, sendo que as etapas que se seguiram focaram na análise dos vestígios arqueológicos, mas principalmente na sistematização das informações referentes às atividades da arqueologia na região, visto que as descrições dos sítios, seus conteúdos, localização, inserção na paisagem, entre outras informações, até o momento, não se apresentavam disponíveis de forma sistematizada em qualquer outro lugar, configurando, em geral, informações esparsas de propriedade dos pesquisadores ou então esquemas para uso em trabalhos específicos.

Por exemplo, Saldanha & Cabral (2009) relatam a identificação de 18 sítios arqueológicos na T.I. Uaçá, os quais estariam relacionados à tradição oral Palikur. Contudo, não é feita uma organização sistemática desses sítios, não sendo disponibilizada

tampouco uma listagem de seus nomes. Esse fato, provavelmente, resultou das constantes interrupções do projeto arqueológico na área.

Como um dos principais resultados propostos para a presente tese, pensando no retorno das informações obtidas até o presente momento para a comunidade Palikur-Arukwayene, bem como a produção de dados sistemáticos acadêmicos para a continuidade das pesquisas na área, optamos por realizar um mapeamento da localização dos sítios arqueológicos identificados na área da Terra Indígena Uaçá que estão descritos no presente trabalho (Figura 13). Os sítios que se encontram descritos no presente capítulo estão representados pelos pontos vermelhos enumerados no mapa, enquanto os pontos pretos fazem referência à outros sítios constantes na Base de Dados do Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – NuPARq/IEPA. Esse mapa acompanha uma tabela complementar (Figura 14), onde o número dos pontos faz referência à coluna ID da tabela. Assim, esses dois produtos podem ser utilizados de forma isolada ou complementarmente.

O mapa foi produzido a partir da sobreposição da poligonal da T.I. Uaçá, com a hidrografia da região, a rodovia BR-156 e os sítios localizados na área. Os pontos em vermelho representam os sítios descritos no presente trabalho, enquanto os pontos pretos representam outros sítios ou lugares onde foi relatada a descoberta de um vestígio arqueológico. Apesar de apresentar a localização pontual dos sítios, ressalta-se que em sua maioria essa é localização aproximada, uma vez que foram utilizadas as descrições dos sítios, combinadas com a análise de imagens de satélite para a sua localização, tomando como ponto de partida sempre um sítio ou localidade já conhecida. Já com relação à concretização e conseqüente confirmação da nomeação dos pontos pretos enquanto sítios arqueológicos é necessária a realização de um levantamento bibliográfico minucioso e revisão das pesquisas arqueológicas na região, o qual vem sendo realizado pela equipe do NuPARq/IEPA com vistas na elaboração do Programa de Zoneamento Ecológico e Econômico do Estado do Amapá- PZEE/AP¹⁶.

Assim, um dos caminhos para a continuidade dos trabalhos do presente projeto está voltado para o refinamento do mapeamento dos sítios na área, através do cruzamento de informações presentes na bibliografia com os pontos conhecidos da paisagem.

¹⁶ <http://www.zee.ap.gov.br/conteudo/zee/zee-no-amapa>

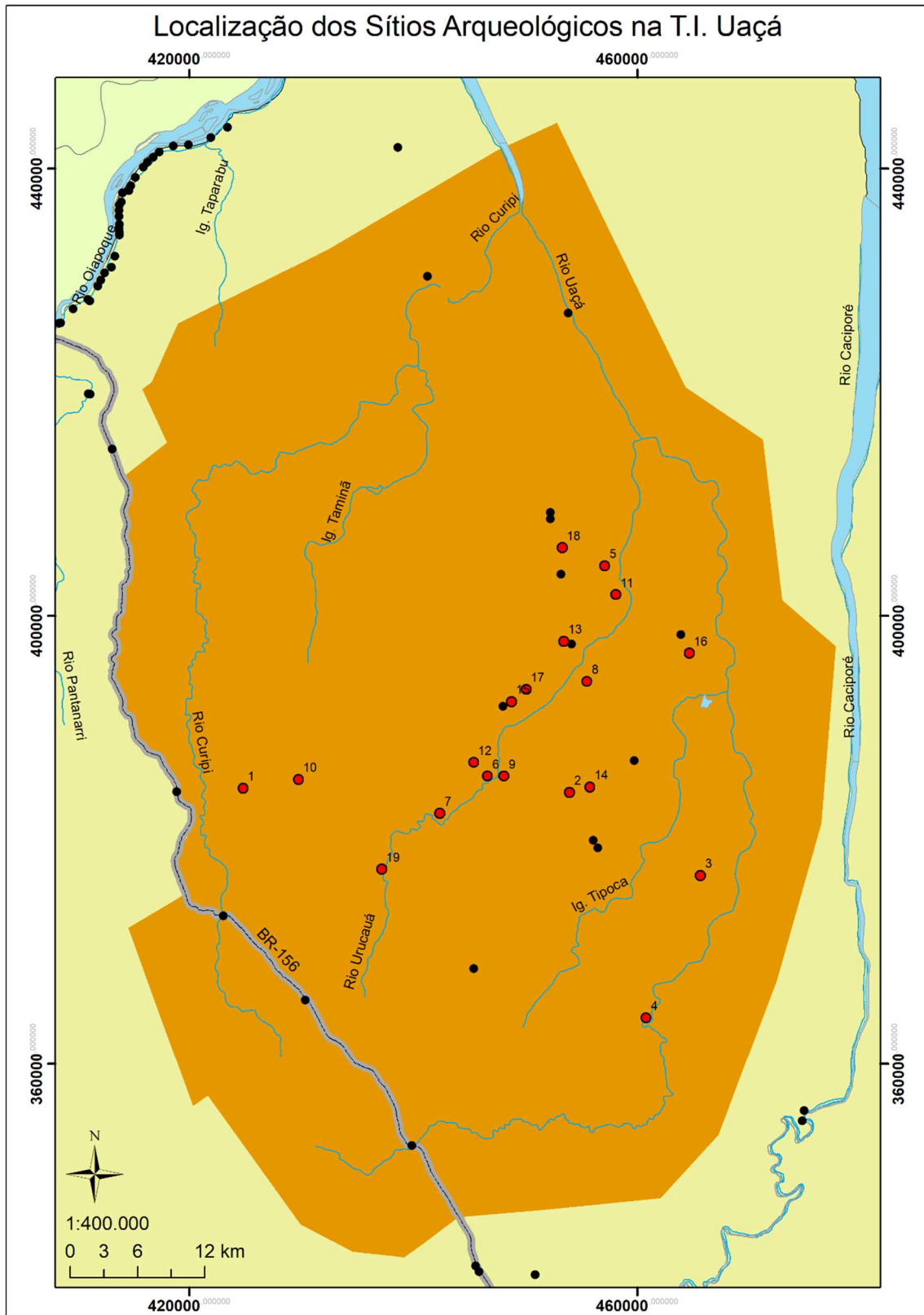


Figura 13 - Mapa da localização dos sítios descritos no presente trabalho com sobreposição do shapefile de sítios presentes no banco de dados do NuPARq/IEPA (Elaborado pelo autor: SILVA, 2023).

ID	NOME DO SÍTIO	TIPO DE SÍTIO	LOCALIZAÇÃO	TIPO DE VESTÍGIO
1	Abrigo das Lagartas	Acampamento	Terra Firme	Cerâmica e Lítico
2	Aragbus	Habitação/Cemitério em abrigo rochoso	Terra Firme	Cerâmica e Lítico
3	Coumarouman	Cemitério a céu aberto	Ilha	Cerâmica
4	Courbaril	Habitação/Cemitério a céu aberto	Terra Firme	Cerâmica
5	Karumayra Gahina	Caminho construído	Ilha	Modificações da paisagem
6	Kumenê	Cemitério a céu aberto	Ilha	Cerâmica
7	Kwap	Habitação/Cemitério a céu aberto	Terra Firme	Cerâmica e Lítico
8	Masika	Habitação	Ilha	Cerâmica e Colonial
9	Mawir-Mini	Cemitério a céu aberto	Ilha	Cerâmica
10	Monte Karumna	Gruta	Terra Firme	Cerâmica e Lítico
11	Msibiyumnaw	Cemitério em Gruta/Abrigo Rochoso	Ilha	Cerâmica e Colonial
12	Tawah	?	Ilha	Cerâmica e Lítico
13	Ulakte-Uni	Cemitério em Gruta/Abrigo Rochoso	Ilha	Cerâmica
14	Uraka	?	Terra Firme	Polidores Fixos e Colonial
15	Warabdi	Habitação/Cemitério a céu aberto	Ilha	Cerâmica
16	Warumka	Sambaqui	Terra Firme	Cerâmica e Lítico
17	Wakawyanvit	?	Ilha	Cerâmica
18	Wayadman	Cemitério em Gruta/Abrigo Rochoso	Ilha	Cerâmica
19	Waratnayan	Acampamento	Terra Firme	Cerâmica, Lítico e Polidores Fixos

Figura 14 - Tabela complementar ao mapa apresentado na Figura 41. Listagem dos sítios, com a descrição do seu tipo, localização e tipo de vestígios encontrado.

A seguir, é realizada a descrição individual de cada um dos sítios identificados, com presença e registro de vestígios, e/ou visitados ao longo da presente pesquisa. Ressalta-se que no decorrer do desenvolvimento das pesquisas bem como na transcrição das narrativas foram apontadas diversas outras localidades que podem vir a ser confirmadas como sítios arqueológicos, no entanto a sua confirmação depende da continuação das atividades de levantamento de campo.

Dessa forma, na continuação desse capítulo, vamos nos ater apenas nas localidades que foram consideradas, de fato, como sítios arqueológicos, onde foram identificados vestígios que atestam a sua natureza antrópica.

3.1.1. Iteyvinwa: Abrigo Das Lagartas

Este sítio foi registrado por David Green através de fotografias e anotação de coordenadas geográficas em dezembro de 2017, quando, acompanhado dos Palikur-Arukwayene Edivaldo Lega Labonté, Henrique Batista, Ailton Batista e Natã dos Santos, estavam realizando uma expedição ao Monte Carupina e identificaram, a meia viagem, uma caverna no Iteyvinwa: Monte das Lagartas.

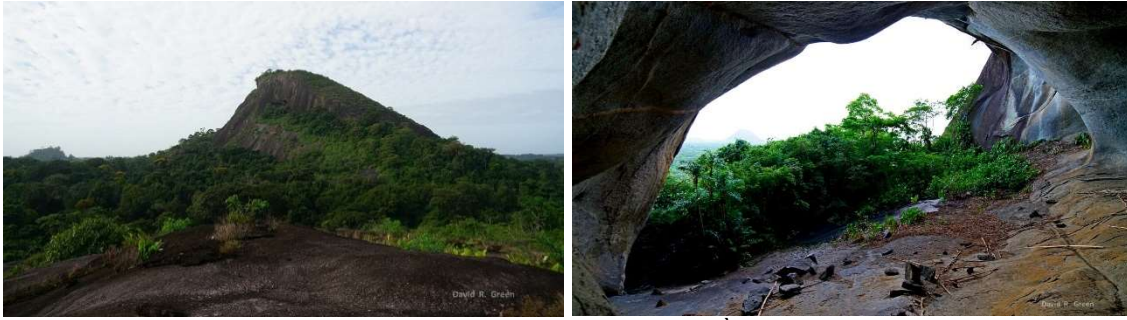


Figura 15 - Duas vistas do sítio arqueológico Abrigo das Lagartas. À esquerda, vista do Iteyvinwa: Abrigo das Lagartas, sendo que no meio da formação rochosa é possível verificar uma faixa de vegetação onde se encontram os abrigos; à direita, vista do sítio de dentro de um dos abrigos rochosos (Fotos: David Green, 2017).

Conforme Imagem a seguir, é possível verificar que este Monte se encontra a aproximadamente 5 km em linha reta direção leste da BR-156 (transect amarelo na figura a seguir). Nesta caverna, foram identificadas, pelo menos, duas áreas de ocorrências arqueológicas interessantes nos abrigos que existem na lateral leste do monte, sendo estas denominadas como Abrigo maior e Abrigo menor.

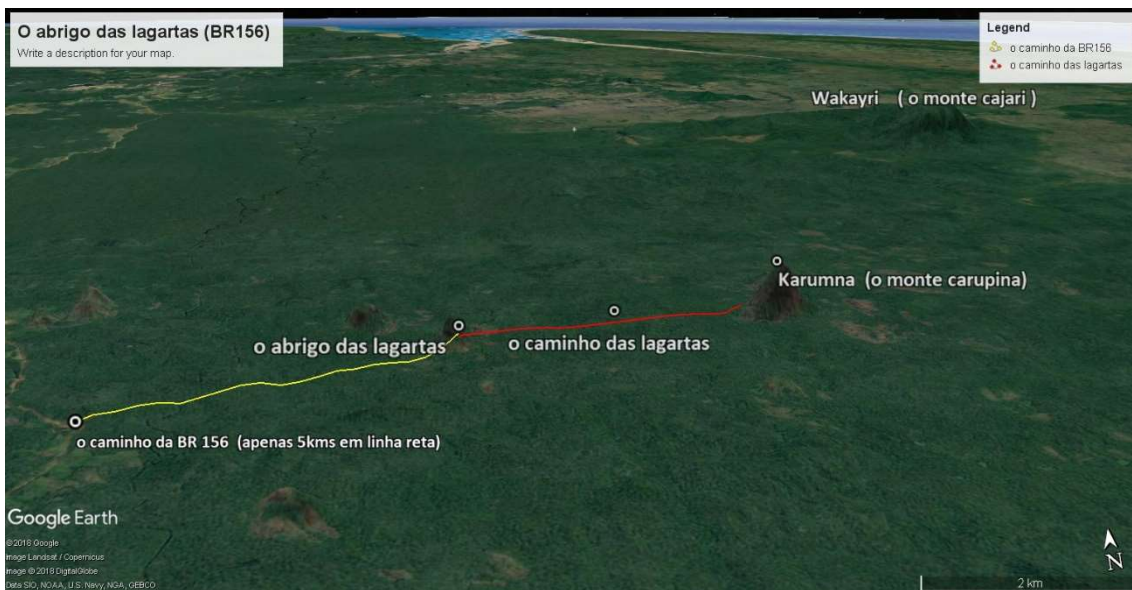


Figura 16 - Croqui esquemático de localização do sítio Abrigo das Lagartas elaborado a partir de Imagem de satélite com projeção de relevo extrapolada obtida por meio do software Google Earth, sendo que em amarelo é indicado o caminho percorrido da BR-156 até a o sítio e em vermelho o caminho do sítio até o Monte Carupina (Karumna).

O abrigo maior tem, aproximadamente, 35 m de largura, 25 m de altura e 15 m de profundidade, onde foram encontradas pelo menos 6 grutas que, segundo relatado, parecem ter função ritual ou serviram como acampamentos sazonais de curta duração.



Figura 17 - Vista panorâmica do interior do Abrigo Maior, onde é possível verificar muito material lenhoso e blocos de rochas que foram identificados como “bancos de pedra” (Fotos: David R. Green, 2017).



Figura 18 - Interior do Abrigo maior, duas fotos de detalhe dos “bancos de pedra” identificados no interior do abrigo (Fotos: David R. Green, 2017).

No interior do abrigo maior encontravam-se dispersos muitos blocos de rocha que foram interpretados como bancos de pedra, estando um inteiro e os outros foram considerados como se estivessem quebrados.



Figura 19 - Duas vistas do interior do Abrigo Maior. À esquerda Lega Labonté verificando um possível arco antigo de madeira que se encontrava na superfície do abrigo; à direita, vista do "banco de pedra" encontrado (Fotos: David R. Green, 2017).

Na mesma área onde foram identificados os bancos, também foram encontradas várias varas de madeira, possivelmente lenha para fogueira e alguns que foram interpretados pelo grupo de indígenas Palikur-Arukwayene como esteios de uma antiga barraca ritual. Entre esse material lenhoso foi encontrada uma vara que foi identificada

pela equipe como um arco antigo, bem como restos de carvão, sendo coletada uma amostra e enviada ao IEPA para posteriores análises.



Figura 20 - À esquerda, Natã dos Santos segurando esteio antigo de possível barraca ritual; à direita e acima, Henrique Batista segurando madeira antiga; à direita centro e abaixo, Ailton Batista segurando lenha com carvão na ponta (Fotos: David R. Green, 2017).

Ao longo da superfície do entorno, próximo à linha de goteira, do Abrigo maior foram identificados diversos pontos com ocorrência de fragmentos cerâmicos, alguns dos quais são apresentados nas imagens a seguir.



Figura 21 - Fragmentos cerâmicos dispersos na superfície do sítio na área próxima à linha de goteira do Abrigo maior. (Fotos: David R. Green, 2017).

Também, dentre as estruturas identificadas pela equipe de campo, foi verificada uma fogueira antiga, na qual havia grandes pedaços de cerâmica, blocos de rocha e um sedimento argiloso de coloração alaranjada.



Figura 22 - Duas vistas da fogueira antiga identificada no Abrigo maior. à esquerda, vista geral da área da fogueira; à direita, detalhe de fragmento de cerâmica com decoração antropomórfica incisa (Fotos: David R. Green, 2017).

O abrigo menor tem, aproximadamente, 20 m de largura, 10 m de altura e 8 m de profundidade com solo de coloração alaranjada, seca e pouco compactada, sendo descrita pelo David como fofa, com pelos menos 30 cm de profundidade. Neste abrigo foram identificados muitos fragmentos cerâmicos pela superfície.



Figura 23 – À esquerda, fragmento cerâmico com decoração pintada identificado na superfície do Abrigo menor; à direita, o indígena Palikur-Arukwayene, Natã Dos Santos, segurando o fragmento (Fotos: David R. Green, 2017).



Figura 24 - Duas vistas do Abrigo menor, onde é possível visualizar o sedimento pouco compacto de coloração alaranjada e os vestígios arqueológicos em superfície (Fotos: David R. Green, 2017).

Tendo em vista a possibilidade de ocorrência de vestígios arqueológicos do período pós-contato na área da Terra Indígena Uaçá, David enfatizou que nesse sítio, em

ambos os abrigos, não foram identificadas contas de vidro ou qualquer outro material de origem europeia.

Ainda, com relação a esse sítio, David levanta a hipótese de existência de uma aldeia antiga nas proximidades e talvez um caminho antigo entre os montes de Karumna (Carupina) e Iteyvinwa (o Abrigo das Lagartas). É possível que exista uma área de habitação no topo do afloramento rochoso onde se encontra o Abrigo das Lagartas, uma vez que existe uma área de floresta de porte médio no mesmo (Figura 25), bem como foi verificado por David a existência de, pelo menos, dois caminhos para ele, no entanto essa área não foi visitada.



Figura 25 - Duas vistas do Monte onde está localizado o Abrigo das Lagartas, à esquerda, é possível verificar a área de vegetação de porte médio no topo do morro; à direita, observa-se um dos possíveis caminhos para o topo, onde há a existência de uma área de vegetação arbórea de porte médio (Fotos: David Green, acervo pessoal).

Complementarmente, ao verificar os sítios localizados nas proximidades, vale ressaltar que a, aproximadamente, 11 km ao noroeste foi identificado por Saldanha & Cabral (2012), durante o levantamento arqueológico referente à implantação do Programa Luz para Todos, um sítio arqueológico do tipo Montanha Coroada.



Figura 26 - À esquerda, foto obtida com Drone do sítio Montanha Coroada (Foto do Autor: SILVA, 2020); à direita, reconstituição de aldeia do tipo “montagnes couronnées” (Ilustração de Jean-Pierre Penez em MESTRE, 2010).

Segundo as informações do relatório (SALDANHA & CABRAL, 2012), este sítio contém estruturas de terra na forma de uma grande vala no entorno do topo de uma

montanha, distando cerca de 400 m da margem esquerda da BR-156 (sentido Macapá-Oiapoque). A sua estrutura de terra tem formato circular com cerca de 80 m de diâmetro. Não foram identificados vestígios arqueológicos na superfície do terreno, uma vez que a área estava totalmente coberta por pastagens.



Figura 27 – Imagem capturada com Drone da vista panorâmica da área do sítio Montanha Coroada, onde a estrutura do sítio está circulada em vermelho e é possível observar no horizonte, no canto superior esquerdo da foto, o conjunto de montanhas do qual o Iteyvinwa (o Abrigo das lagartas) faz parte (Foto do autor).

3.1.2. Aragbus

O sítio arqueológico denominado Aragbus é caracterizado por ser um afloramento granítico composto por um conjunto de abrigos rochosos, sendo verificado, até o momento, a presença de material arqueológico em quatro abrigos (Figura 28).

A tradição Palikur sobre esse sítio sugere que poderia ter sido ocupado em diferentes momentos do passado, sendo que em um desses momentos o sítio teria sido utilizado para esconder as crianças durante um episódio da guerra dos Palikur com os Galibi (GREEN et al., 2008).

Aragbus, assim como Kwap, está localizado em área de terra firme, contudo ele não se encontra inserido em uma paisagem de península, mas sim no fundo de uma enseada. O acesso ao sítio é feito por canoa através dos campos inundáveis, partindo de Kumênê pela margem direita do rio Urucauá. A viagem tem uma duração aproximada de três horas, viajando na direção S-SE no sentido Kumene-Aragbus, e o trajeto é quase todo

feito sem remo, mas com auxílio do Takami¹⁷. Pelo caminho deve-se atravessar algumas ilhas, mas, em geral, a maior parte do caminho segue cruzando grandes áreas de campos.

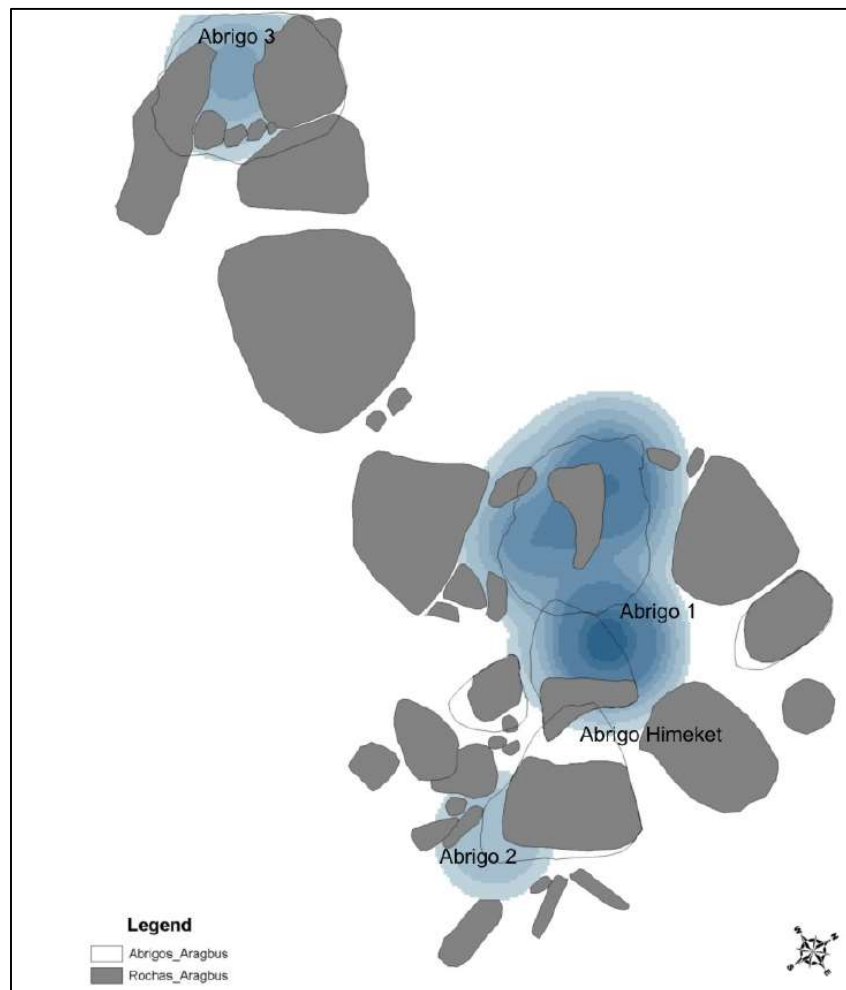


Figura 28 – Croqui da dispersão das rochas e abrigos em Kwap, sobrepostos com a densidade total de material em superfície. (Fonte: SALDANHA & CABRAL 2009; Elaborado por: João Saldanha 2008).

Nas bordas das ilhas e áreas de terra firme ocorrem imensos e belíssimos buritizais. Um dos guias Palikur que acompanhou Neves (2000-2001) informou que havia várias aldeias na região de Aragbus no passado. Dentre elas há Tivigumnaw (Figura 29) que segundo a finada Sra. Yuka Ioiô era uma aldeia o tamanho da cidade de Cayenne, apesar do exagero, a ilha Tivigumnaw é conhecida como uma das maiores aldeias antigas (DAVID GREEN, comunicação pessoal, 2023).

¹⁷ TAKAMI: Haste longa (3 m) com forquilha na ext. distal, usada para mover as canoas nas áreas rasas dos campos inundados (NEVES, 2000-2001).

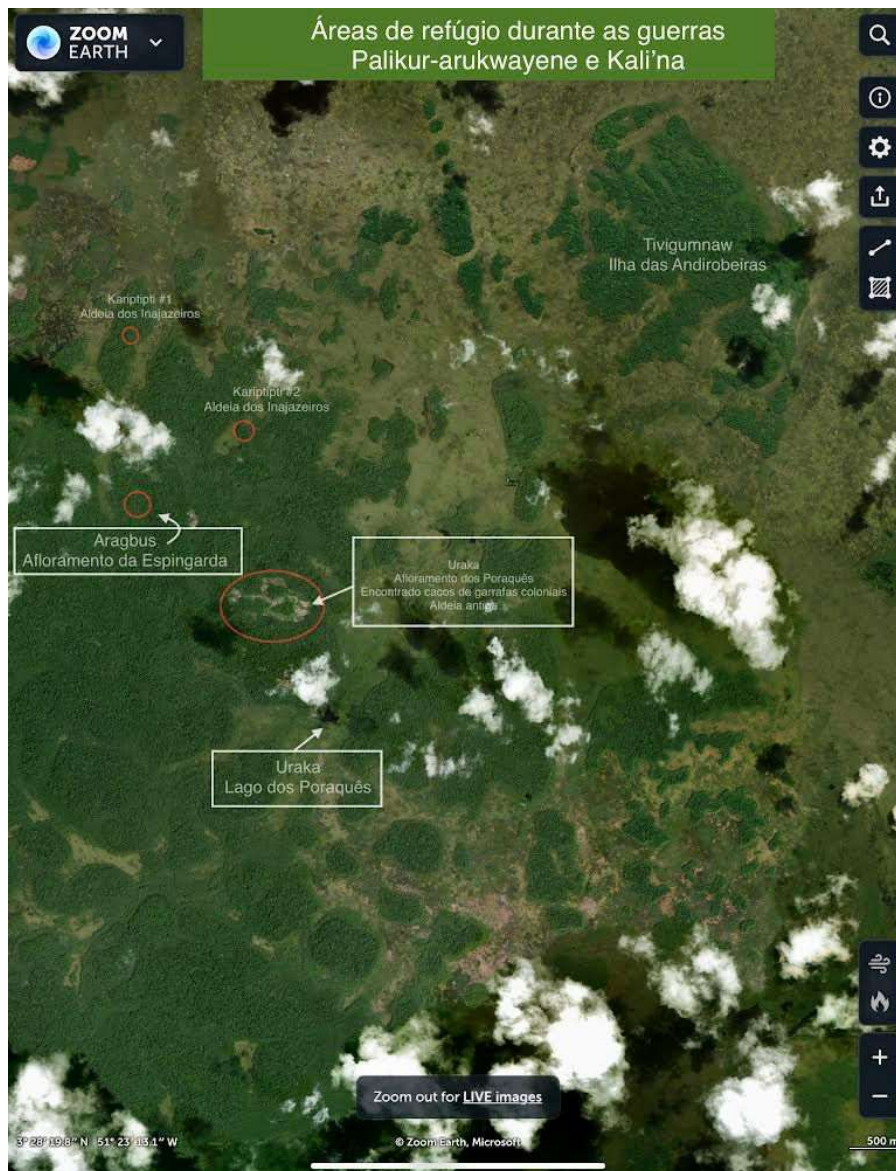


Figura 29 - Imagem indicando as possíveis áreas de refúgio dos Palikur durante as guerras Palikur-arukwayene e Galibi Kali'na. Nesta imagem é possível ver Aragbus e Uraka, nos quais foram identificados vestígios arqueológicos.

O primeiro registro desse sítio se deu quando David Green visitou Aragbus junto com o Sr. Uwet e outros dois Palikur em 1997, quando Uwet encontrou um machado e um apito de cerâmica. Naquele momento foi verificado que um tatu havia escavado um buraco no abrigo Himeket, de onde haviam saído fragmentos cerâmicos e ossos humanos. Ao revisitar o sítio em 2000, Eduardo Neves descreve em seu caderno de campo que o nome Aragbus quer dizer “espingarda” em Palikur, sendo provavelmente uma corruptela de “Arcabuz”, o qual se designa especificamente à duas rochas de granito presentes na superfície do sítio e que se destacam da rocha principal e apontam para a direção norte (NEVES 2000/01). A maneira com que as rochas estão posicionadas, apontadas para o céu e formando uma espécie de V, é o que motiva o seu nome (Figura 30).



Figura 30 - Duas vistas de Aragbus. À esquerda vista do abrigo 1; à direita, vista dos dois blocos de rocha que apontam para o céu e nomeiam o sítio. (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009)

Os fragmentos cerâmicos encontrados na superfície do sítio foram preliminarmente classificados como pertencentes à Fase Aristé. Segundo Neves (2000/01), Lesley Fordred-Green acreditava que os blocos rochosos apontados para o céu estivessem relacionados com os alinhamentos artificiais, conforme os reportados por Nimuendajú (2004) e depois por Meggers & Evans (1957) e classificados como Fase Aruã (SALDANHA & CABRAL, 2009). No entanto, Neves (2000-2001) descreve que apesar do seu formato sugestivo, estas seriam apenas formações naturais.

Nos anos 2000 Eduardo Neves revisitou esse sítio acompanhado por Sr. Uwet, David Green e Lesley Green e mais outros cinco Palikur, nomeadamente Avelino Labonté, Elielson, Ivanildo, Lega, Ailton. Nesse momento a ideia era realizar uma descrição mais precisa do sítio, bem como fazer a abertura de pequenas tradagens, visando identificar a profundidade das camadas arqueológicas (NEVES, 2000; SALDANHA & CABRAL, 2009).

Como resultado dessas tradagens, foi verificado que a rocha matriz de Aragbus é o próprio granito que aflora à superfície. Não foi encontrado em subsuperfície outro tipo de rocha que não fosse o quartzo do granito decomposto. Talvez, pelo fato de que Aragbus está localizado em uma ponta de terra firme e não em uma das ilhas presentes na região, pode ser que não haja tanta laterita assim em seu substrato. Em relação à geomorfologia da região, Neves (2000-2001) propõem uma relação entre as pontas e outras áreas de terra firme com os afloramentos de granito, uma vez que esses não se encontram nas ilhas.

No Abrigo 1, foram feitas sete tradagens. Para isso, Eduardo esticou uma linha paralela à parede rochosa com alinhamento de 40° SE, sendo que a parede possui uma inclinação de 55°. Essa linha foi piquetada a cada 5 m, sendo que no ponto 20, foi esticada uma nova linha perpendicular à anterior (230° SW) e à parede rochosa com 10 m de

comprimento. Essa nova linha foi piquetada a cada 1 m, sendo abertas sondagens com colher e terçado a cada ponto ímpar (T1, T3, T5, T7 e T9). Por fim, a partir do ponto T5 foi esticada uma última linha, paralela à parede rochosa, onde foram realizadas mais duas sondagens a cada 2m (T8 e T10). O resultado obtido apontava que o sedimento do abrigo era pouco profundo, atingindo ao máximo 60 cm, “quando o trado batia em rocha” (NEVES, 2000-2001). Além disso, na porção central (mais ampla) do abrigo, a profundidade alcançou apenas 20 cm.

Neste sítio, o sedimento é geralmente arenoso com partículas variando de médias a muito finas e a coloração em superfície no entorno de T3 era 5YR 2.5/2 (Dark Reddish Brown) e na base da mesma tradagem era 5YR 4/4 (Reddish Brown).

No Abrigo denominado Aragbus II por Eduardo Neves (2000-2001), e posteriormente descrito como Abrigo Himeket por Saldanha & Cabral (2009) conforme consta no mapa (Figura 28), Neves escavou 5 tradagens em uma linha que atravessava a entrada do abrigo. Essa linha possuía orientação de 50° SW e teve os pontos plotados a cada 2 m. Este abrigo está localizado ao norte de Aragbus I, mais ou menos 5 m de distância descendo a encosta, e possui a sua face abrigada voltada para o sul. Neste abrigo as sondagens também não passaram dos 60 cm, quando alcançavam a rocha e o sedimento apresentava coloração 5YR 4/6 (Yellowish Red) em sua extremidade W a partir de uma leitura aleatória da superfície. Nas tradagens foram coletados fragmentos de ossos, aparentemente humanos.

Como resultado das intervenções realizadas por Eduardo Neves (2000-2001) foi sugerido que Aragbus seria um sítio aparentemente pouco profundo e com fragmentos de cerâmica Aristé, podendo ter sido utilizada como local cerimonial (cemitério) pelos ancestrais dos Palikur, visto que foram encontrados fragmentos de ossos por David em 1997 e nas tradagens do Abrigo Himeket. Apesar da sugestão de ser um sítio pouco profundo, Neves (2000-2001) levanta a dúvida sobre os níveis de rocha encontrados na base das tradagens, uma vez que não possuía certeza no momento se constituíam o substrato ou se seriam fragmentos caídos do teto, indicando, por fim, o interesse na realização de intervenções futuras para verificar essa questão. Outra dúvida levantada pelo autor faz referência à possibilidade de ocorrência de ocupações arcaicas no local e sugere, também, que nos outros abrigos, onde não foram realizadas intervenções, é provável que haja a ocorrência de cerâmicas pertencentes à fase Aristé.

João Saldanha e Mariana Cabral (2009), retornam em 2008 à este sítio para realizar o mapeamento das rochas e abrigos, bem como da dispersão de material em

superfície e a coleta de uma amostra desse material. Além disso, esses pesquisadores também tinham como objetivo a realização da abertura de um poço-teste para verificar a estratigrafia do sítio.

Durante a visita de Saldanha & Cabral (2009) ao sítio, foram informados, até muito recentemente, esses blocos eram utilizados por caçadores Palikur como indicadores de rumo de aldeias. Saldanha & Cabral (2009) com base em sua experiência em trabalhos em sítios megalíticos fazem algumas ponderações sobre a estrutura de pedras em “V” de Aragbus:

Diferente de todos os outros sítios megalíticos conhecidos até o momento, Aragbus é um afloramento natural dos blocos, o que o coloca em uma situação – por enquanto – única. Os dois blocos parecem, a princípio, resultado de formação natural, sendo inclusive visíveis os negativos de destacamento da rocha-mãe, distante poucos metros. Porém, a simetria entre os dois blocos e o fato deles estarem alinhados com o Leste magnético coloca dúvidas sobre a natureza desta formação. Uma possibilidade aventada, apesar dos blocos estarem ainda próximos à rocha-mãe, é que eles tenham sido movidos para esta posição, mas apenas uma escavação em área ampla na base das rochas poderia dar indicações sobre isto. (SALDANHA & CABRAL, 2009: 5)

Segundo Saldanha & Cabral (2009), para o registro do sítio, inicialmente, foi feito o mapeamento de todos os blocos que compõem o conjunto que caracteriza o sítio. Depois desse mapeamento foi estabelecida uma malha de quadras de 4x4 m por todos os abrigos do sítio e a unidade de escavação referente ao Poço-Teste 1 (PT-1) (Figura 31). Essa malha foi utilizada como referência para a coleta e quantificação dos materiais em superfície. Levando em conta as diversas narrativas sobre o sítio e o fato de que os materiais arqueológicos ali presentes servem como uma espécie de testemunhos dessas histórias, ficou acordado que a coleta de superfície seria amostral, tendo sido coletados apenas fragmentos diagnósticos como bordas, bases e fragmentos com decoração. Dessa forma, foi anotado o número de peças coletadas e não coletadas para cada quadra de 4x4 m, possibilitando, assim, o controle da densidade de material na superfície do sítio.

O Poço-Teste 1 foi demarcado na área do Abrigo Himeket, distante cerca de 50 cm da parede sul do abrigo e, aproximadamente, 4 metros da linha da entrada do abrigo. A escavação do poço teste foi realizada a partir da remoção de níveis artificiais de 10 cm, com peneiramento de todo o sedimento em malha de 3 mm (SALDANHA & CABRAL, 2009).



Figura 31 - À esquerda, ao fundo da foto as atividades de mapeamento dos abrigos e na frente da foto o poço-teste já demarcado; à direita, coleta seletiva do material em superfície no Abrigo 1 (Fotos: SALDANHA & CABRAL, 2009; disponíveis no Acervo do NuPArq/IEPA).

Na superfície do PT-1 havia a ocorrência de vários blocos de granito soltos, medindo até 30 cm. Os primeiros níveis estavam muito perturbados, possivelmente bioturbações, como revolvimento do solo por tatus, formigueiros e cupinzeiros. A seguir são apresentadas as informações por níveis de escavação, conforme descrito por SALDANHA & CABRAL (2009: 8):

- **Nível 0 e 10cm**, o sedimento era muito solto e arenoso, de coloração marrom clara, contendo fragmentos cerâmicos e ósseos (inclusive um fragmento de mandíbula humana).
- **Nível 10 a 20cm**, continuava o mesmo sedimento, com muitos fragmentos ósseos e menor quantidade de cacos cerâmicos.
- **Base dos 20cm**, na porção próxima à parede do abrigo, começou a aparecer outra camada, de tom alaranjado.
- **Nível 20 a 30 cm**, foi dada preferência em escavar antes a camada alaranjada que possuía textura arenosa e compactação média, a qual não continha material arqueológico. Em seguida a escavação continuou com a camada marrom clara, e vestígios de uma fogueira foram identificados no canto Norte.
- **Nível 30-40cm**, a camada laranja ampliou, dominando quase toda quadrícula aos 40cm.
- **Nível 40-50cm**, seguiu esta camada laranja, arenosa e com sedimento solto
- **Base dos 50cm**, foi possível perceber uma nova diferenciação nas camadas, com o aparecimento de uma camada laranja mais compacta e levemente mais escura na porção mais distante da parede do abrigo. Esta camada parece delimitar uma estrutura, que tem sedimento mais solto e friável.
- **Nível 50-60cm**, a estrutura ficou mais evidente. O sedimento que a preenche é mais granuloso, de coloração mesclada de cinza e marrom escura, contendo fragmentos ósseos e poucos cacos cerâmicos. No interior da estrutura também foram encontrados blocos de rocha granítica (a mesma matéria-prima que forma os abrigos).
- **Nível 60-70cm**, confirmou as características do nível anterior, com a delimitação das duas camadas. Na camada laranja mais compacta, foi

possível fazer coletas de carvão associado a material lítico lascado, que pensamos ser o início de uma camada mais antiga de ocupação.

- **Base do 80 cm** de profundidade, a estrutura já havia acabado, restando apenas a camada laranja mais compacta. Ainda aparecem três fragmentos cerâmicos neste nível, e uma perturbação de cupinzeiro era evidente.
- **80-90 cm**, muitos blocos de rocha apareceram, diminuindo a área de escavação para aproximadamente um quarto da quadrícula, onde seguia a camada laranja compacta.
- **90 e 110cm**, seguiu essa camada laranja mais compacta, apenas com material lítico lascado (quartzo) e alguns nódulos de laterita.
- **110-120cm**, alcançamos outra camada, de coloração vermelha e repleta de lateritas, muito granulosa, ainda foi coletada uma lasca de quartzo.
- **120-130cm**, foi escavado, confirmando que a base do abrigo é um solo laterítico, e não a rocha-mãe.



Figura 32 – Duas vistas da escavação do PT-1 no Abrigo Himeket. À esquerda, nível 40-50 cm, com blocos rochosos aparentes e um grande fragmento cerâmico preenchendo a estrutura identificada; à direita, poço-teste finalizado aos 130 cm. (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009: 9).

Como um dos resultados desta escavação, foram obtidas amostras de carvão tanto da camada com cerâmica e ossos quanto da camada com material lítico (Saldanha & Cabral, 2009: 9). Por fim, para esse sítio foram obtidas duas datações radiocarbônicas: 600±40 BP (BETA-255787) e 840±40 BP (BETA-255786), situando-o no período que vai desde o século 12 até o século 15 d.C. (SALDANHA, 2016).

3.1.3. Coumarouman

Este sítio foi registrado por Nimuendajú (2004) e está localizado na margem esquerda do rio Uaçá, mais especificamente, em uma pequena ilha situada nos campos inundáveis à noroeste do grande Coumarouman. Esse sítio é caracterizado por ser um antigo sítio de urnas, mostrado para Nimuendajú pelos moradores do Uaçá. Estes últimos atribuíram o sítio ao extinto grupo dos Itoutanes, que, de acordo com a sua tradição, viveram aqui antes da chegada dos Aruãs, lembrando que os povos do Uaçá seriam uma mistura étnica de povos Aruã, Maraon e Galibi, conforme descrito anteriormente. Foram

encontrados fragmentos de vasos com forma similar a das urnas de Mawir-Mini, os quais possuíam em seu pescoço três apliques como nas urnas Palikur (Figura 33). Além desses materiais, Nimuendajú (2004) também relatou ter encontrado fragmentos de uma tigela funda semelhante à escavada por ele em 1924 em Rebordello, Caviana, a qual continha contas em seu interior. Foram encontrados também fragmentos com traços de uma pintura branca e preta. Não foram encontrados vestígios de corpos ou acompanhamentos funerários.

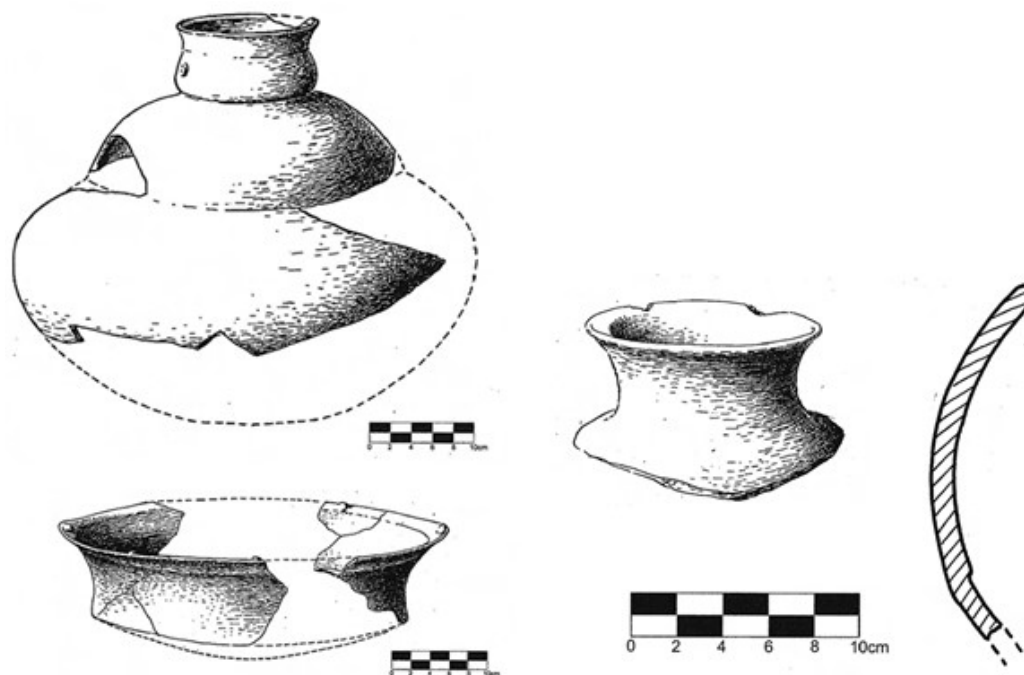


Figura 33 - Fragmentos cerâmicos do sítio Coumarouman, Amapá, Uaçá (NIMUENDAJÚ, 2004: Prancha 14, p. 187).

3.1.4. Courbaril

Este sítio foi registrado por Nimuendajú (2004) e está localizado na margem esquerda do rio Uaçá, já em área de terra firme. Segundo o autor, os vestígios de um antigo sítio de urna são encontrados em uma plantação de mandioca. Sobre esses vestígios, Nimuendajú interpretou que seriam originários dos índios Palikur, uma vez que foram encontrados fragmentos de “raladores” de mandioca (Figura 34). De acordo com a tradição, o clã Palikur Palaimiune teria vivido neste rio. Além desses fragmentos, Nimuendajú também relata ter visto uma urna com forma e decoração (borda incisa e pescoço arredondado) muito semelhante à urna de Kwap, a qual estava em posse de uma moradora da região e sendo utilizada como jarro de água.

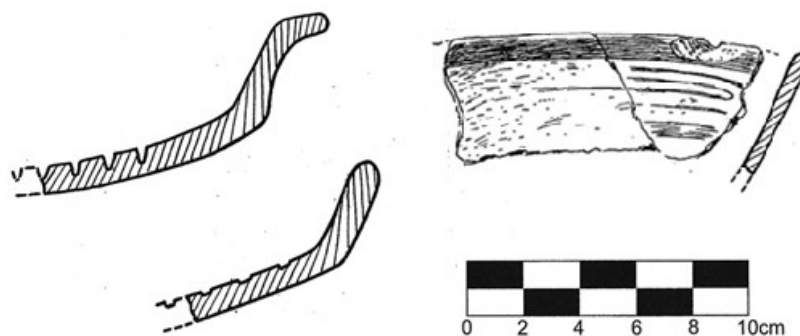


Figura 34 - Fragmentos cerâmicos do sítio Courbaril, Amapá, Uaçá. (Nimuendajú 2004: 181; 187)

3.1.5. Karumayra Gahina: O caminho de Karumayra

O sítio Karumayra Gahina: o caminho de Karumayra, foi inicialmente identificado por David Green em 2011, durante a transcrição dos mitos de Karumayra narrados por Uwet Manuel Antônio dos Santos em diferentes ocasiões (ainda em fase de transcrição e tradução), quando percebeu que era possível que essas narrativas fossem baseadas em uma figura histórica real. Dessa forma, utilizando o Google Earth para pesquisar a paisagem relacionada aos mitos, ficou evidente a presença de um longo caminho reto à nordeste do sítio Msibiyumnaw: Carverna dos Morcegos, estando localizado nos campos inundáveis entre Mpitriye: Ilha da Raia e o rio Urucauá (Figura 35).

Conforme verificado, trata-se de um caminho reto com 1,5 km de comprimento e 40 metros de largura, facilmente visível a uma altura de 50 quilômetros do espaço. Uma construção dessas dimensões sugere o trabalho de uma população considerável, bem como formas de organização e mobilização social específicas.

Em todo o entorno desse caminho, e conforme enumerado na presente tese, vêm sendo identificados diversos sítios arqueológicos filiados à Fase Aristé, tendo em vista esse quadro, David sugere que essa área poderia ter sido um centro de poder político durante a ocupação indígena antiga e que permaneceu na longa duração, até o contato com os europeus.

Com base nessas informações, David (comunicação pessoal, 2020) acredita que essa descoberta pode fornecer novas perspectivas sobre a fase arqueológica Aristé, bem como sobre o sítio megalítico AP-CA-18: Rego Grande 1, conhecido na imprensa popular como o "Stonehenge da Amazônia", sugerindo que uma maior compreensão dos usos dos megalitos encontrados na região dos municípios de Amapá e Calçoene, no estado do Amapá, poderia começar com a decodificação dos mitos Palikur-Arukwayene, uma vez que, com a identificação deste sítio, a fama de Karumayra estaria firmemente enraizada

na tradição oral e na paisagem Palikur-Arukwayene, em especial, e na Costa Atlântica do Amapá, de forma mais ampla, conseqüentemente o centro de ocorrência de sítios da Fase Aristé.



Figura 35 - Diferentes vistas do Karumayra Gahina: o caminho de Karumayra, demonstrando a sua implantação nos campos inundáveis da margem esquerda do rio Urucauá. Acima, imagem de satélite de localização do sítio com relação ao Msibiyumnaw e o rio Urucauá. Abaixo, fotografias de diferentes ângulos capturadas com Drone (David R. Green, 2021).

Adicionalmente, é sugerido que a construção dessa estrutura de terra poderia ter formado um reservatório utilizado para agricultura e/ou criação de peixes, tartarugas, iguanas ou jacarés, ficando enfatizado que o riacho que dá acesso ao caminho é chamado

Aramtemvu, possivelmente uma referência às flautas de bambu. Seria possível que essa estrutura de terra fosse considerada o caminho de dança de Karumayra?

Dessa forma, acredita-se que este sítio está intrinsecamente relacionado com o principal mito de origem do universo dos Palikur-Arukwayene, brevemente apresentado no Capítulo 3 desta tese (Tópico 2.1.1). Tendo em vista a relevância deste achado e das narrativas relacionadas ao Karumayra, a partir de 2011, a continuidade das atividades de visitação dos sítios arqueológicos na Terra Indígena Uaçá realizadas por David Green e acompanhadas pelos pesquisadores Palikur-Arukwayene, tem se focado nesse mito e nas narrativas registradas sobre o Karumayra.

Conforme Uwet informou para David (comunicação pessoal, 2023), o avô dele, Guillaume Auguste, disse que o Karumayra foi “o xamã dos xamãs, não existindo outro xamã como ele. Ele foi o progenitor da dança turé. O Karumayra construiu um caminho na várzea entre a ilha Turumah e a ilha dos morcegos”. O nome do Karumayra significa “o vento da arara vermelha” ou “o espírito da arara vermelha” (Karu = arara vermelha; Mayra = vento).



Figura 36 - À esquerda, Uwet Manuel Antônio dos Santos; à direita, Arara Vermelha tomando banho (Fotos: David R. Green, acervo pessoal).

Assim, segundo as narrativas levantadas por David (2011), o Karumayra teria sido o xamã Palikur mais poderoso. Ele era o governante de seu mundo; possuía uma origem sobrenatural; nasceu de uma mulher humana; realizou muitas maravilhas, mesmo quando criança; construiu grandes caminhos e represas; conduziu o seu povo rumo à vida eterna; dirigiu a dança da flauta de bambu aramtem para o submundo; descobriu tauni, a seiva alucinógena do xamã; assumiu o espírito da onça; e, por fim, viajou para as estrelas. Buscando ilustrar a sua importância, a seguir são resumidas três narrativas sobre o Karumayra que levaram David às descobertas arqueológicas:

1) A Dança para a Vida Eterna. Karumayra conduz seu povo para o submundo - um lugar sem doença ou morte. Da Ilha das Pombas (Tukwemnaw), Karumayra ascende ao mundo superior e captura pombas para as pessoas comerem em preparação para a dança. As pessoas dançam por um mês e chegam à altura dos ombros no submundo. A tia malvada de Karumayra traz pessoas doentes para a procissão de dança. Como nenhuma doença é permitida no submundo, a procissão de dança deve retornar a este mundo. Karumayra decide ir sozinho. Seu corpo físico morre, mas seu espírito vive como um mediador entre o mundo espiritual e o xamã.

2) Karumayra derrota os índios Tukuyene. Os Tukuyene eram 'comedores de carne humana'. Eles chegaram sem serem convidados para um baile. Karumayra faz com que todas as mulheres e crianças se escondam em um local de refúgio no final do caminho de dança. Karumayra convoca o Avô de Todos os Macacos Uivadores para bloquear e guardar a entrada. Os Tukuyene trazem cativos que pretendem comer durante a dança. Karumayra negocia a libertação dos cativos em troca de duas grandes pombas para cada pessoa. Depois de um mês dançando, Karumayra consegue embriagar os Tukuyene com uma poção mágica em sua cerveja de mandioca. Os Tukuyene são amarrados a seus barcos e incendiados. (Os primeiros registros históricos europeus documentam a presença dos ameríndios Tucujos ou Tocoyennes na foz do rio Amazonas).

Ressalta-se que no mapa “Les Peuples Indigènes de l’Amapá et du Bas Oyapock de 1596 à 1760” de Françoise e Pierre Grenand (1987: 47), os Tukweine foram identificados na porção sul do estado do Amapá, entre os rios Cajari e Maracá-Pucu, no período de 1640-1676, fazendo parte dos povos que migraram para o norte do estado nas ondas de migração de 1650-1760 geradas pela pressão colonial na foz do Amazonas.

É importante notar nesse relato à captura de indígenas Palikur que habitavam a região do rio Calçoene, seriam estes descendentes daquelas populações que construíram os sítios megalíticos?

Karumayra, the most powerful Palikur shaman, defeats the Tukuyene (the black marsh bird people)



Narrated by Uwet Manuel Antônio dos Santos

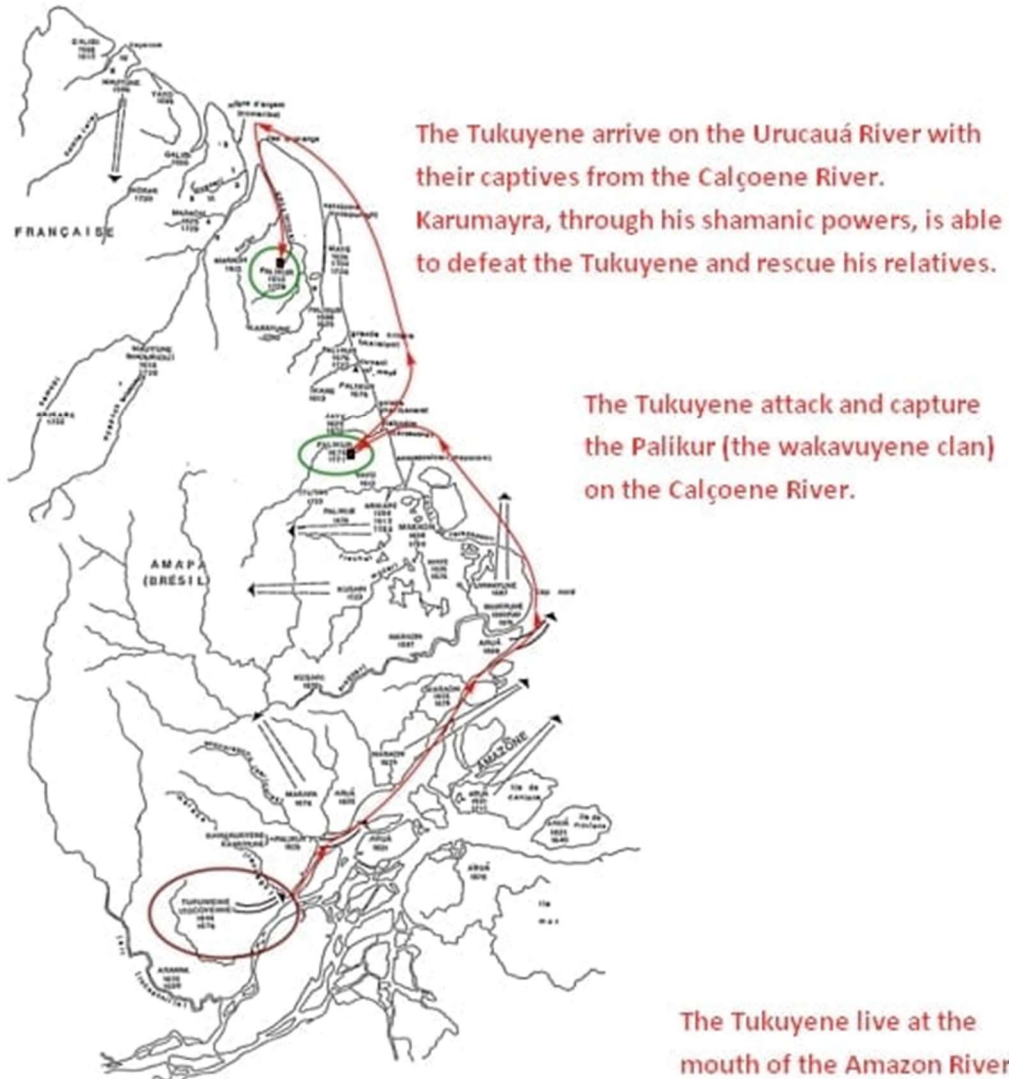


Figura 37 - Mapa ilustrando o deslocamento dos Tukuyene da foz do rio Amazonas até o rio Urucauá, conforme relatado por Uwet, sobreposto ao mapa “Les Peuples Indigènes de l’Amapá et du Bas Oyapock de 1596 à 1760” de Françoise e Pierre Grenand (1987: 47). Editado por David Green, 2022.

3) Karumayra Constrói Caminhos e Barragens. Cansado de remar em sua canoa, Karumayra constrói pontes de terra através das pastagens inundadas para conectar as ilhas da selva. De sua casa na Ilha Turumah, ele constrói um caminho para Msibiyumnaw: Caverna dos Morcegos e depois para a Ilha Warumka. Karumayra comanda seus ajudantes espirituais para construir uma barragem no rio Urucauá, possibilitando a travessia a pé desse rio.

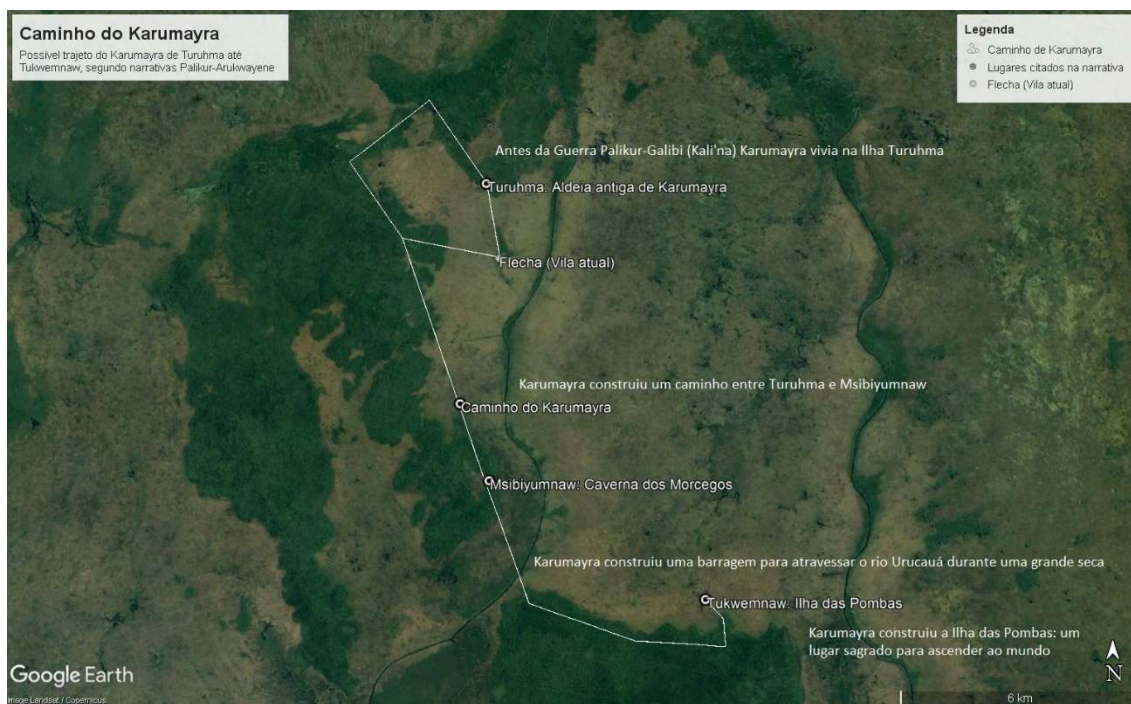


Figura 38 - Possível trajeto percorrido por Karumayra no mito de origem Palikur-Arukwayene (David R. Green, 2022).



Figura 39 – À esquerda, corte estratigráfico registrado por David Green, evidenciando uma camada de sedimento escuro sobreposta à uma camada amarelada, no entanto não é possível verificar com precisão a mudança entre as camadas; à direita, Tamuatá *Hoplosternum littorale* (Hancock, 1828) (Siluriformes: Callichthyidae) e suas ovas (Fotos por: David R. Green, acervo pessoal).

O caminho do Karumayra ainda precisa ser confirmado por métodos de prospecção arqueológica convencionais, em especial testes estratigráficos. David registrou um perfil estratigráfico que sugere alguma perturbação da estratificação natural dos solos, no entanto é imprescindível uma escavação arqueológica controlada. Por fim, David sugere que essa área poderia ter sido usada para criar peixes tamuatá, pois mesmo atualmente, é a principal área onde eles desovam durante as primeiras chuvas fortes da estação chuvosa. Os ovos dos tamuatás, em especial, são muito apreciados pelo os

Palikur. David (comunicação pessoal 2023) acredita que, nesta região de campos inundáveis entre o rio Urucauá e o monte Ukupi, os anciões ameríndios encontraram uma região ideal para o manejo das águas com ênfase na agricultura e na pesca, a qual também se encontra relativamente afastada e escondida do principal fluxo de pessoas pelo rio Urucauá.



Figura 40 - Imagem apontando o local onde foi realizado o registro do perfil estratigráfico (David R. Green, 2019).

Por fim, com relação ao caminho do Karumayra, tendo em vista toda sua paisagem envolvente e os diversos sítios arqueológicos identificados em seu entorno, bem como as os dados levantados, a partir de sobrevoo com drone e softwares de visualização de imagens de satélite com alta resolução, é possível inferir que a área que compreende os montes Ukupi, Mpitriye e os campos inundáveis localizados na margem esquerda do Rio Urucauá configuram uma paisagem com diversas modificações antropogênicas caracterizando um complexo sistema de assentamento, inclusive com a construção de um possível sistema de manejo de água, conforme ilustrado na imagem a seguir.



Figura 41 - Possível sistema de manejo de águas, com a construção de canais e aterros artificiais.

É possível que o caminho do Karumayra compreenda uma estrutura natural do tipo *Chenier* (ROSTAIN, 2010), a qual foi ocupada, modificada e significada pelos ancestrais dos atuais Palikur-Arukwayene. No entanto, independentemente da sua origem construtiva, toda a paisagem circundante sugere um alto grau de transformação e povoamento, onde figuravam “técnicas agrícolas engenhosas, semipermanentes, elaboradas e eficientes” ROSTAIN, 2008), considerando a construção, manutenção e manejo de campos elevados e canais, conjugando técnica de agricultura de várzea e em campos elevados com técnicas de manejo e domesticação de fauna através da construção de reservatórios e/ou viveiros. Assim é possível que a paisagem dessa área se assemelhasse àquela reconstituída por Rostain (2010) para a região de Korou (Figura 42).

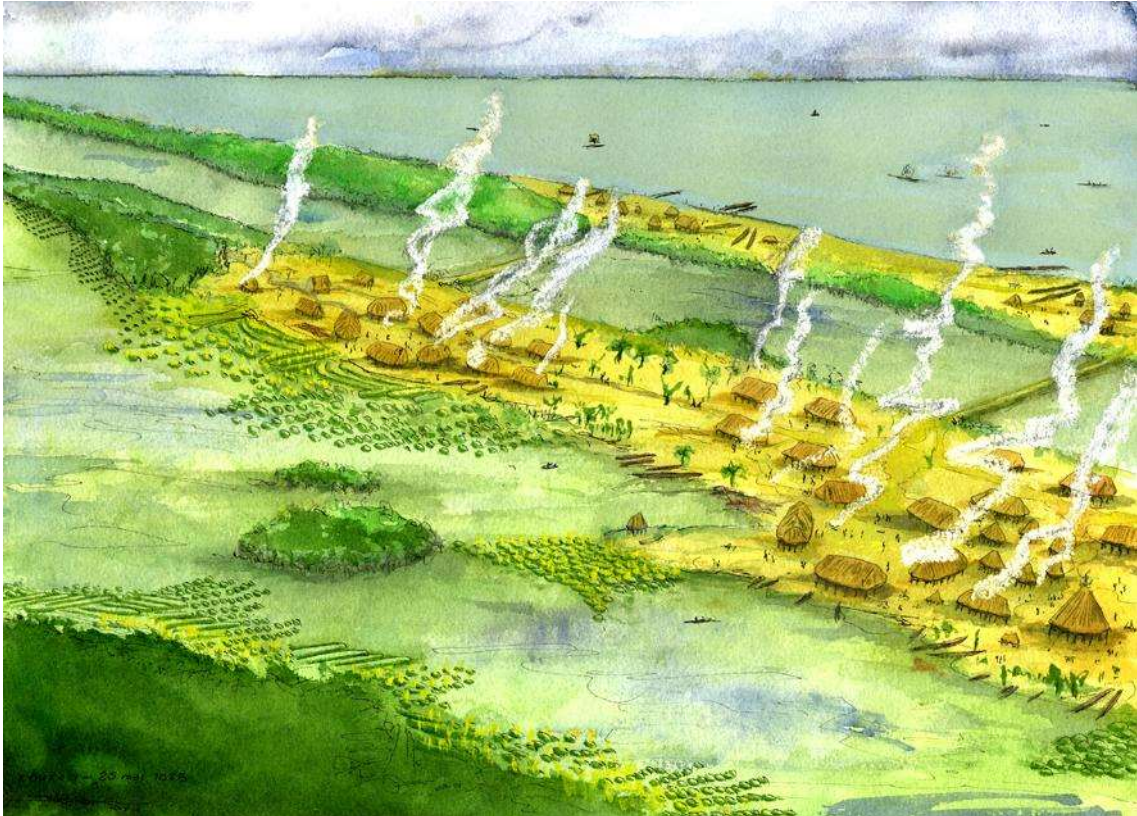


Figura 42 - Reconstituição possível das ocupações indígenas antigas das áreas de várzea da Costa das Guianas (ROSTAIN, 2010).

Assim, considerando essa densa modificação da paisagem, relembramos aqui o afirmado por Rostain (2010):

É óbvio que os índios pré-colombianos transformaram intensamente as savanas costeiras das Guianas. Nas savanas inundadas, os campos elevados parecem ser a melhor resposta agrícola ao aumento da população porque esta técnica permite o uso intensivo da terra. A densidade populacional pode atingir 50 a 100 pessoas por km em áreas com campos elevados. Acredito que a partir de 650 DC, a intensificação da agricultura usando a técnica de campo elevado resultou progressivamente em crescimento populacional, complexidade social, interação intersocietal, especialização de artesanato e comércio de longa distância; **fatores que juntos resultaram no surgimento de cacicados ao longo da costa das Guianas** (ROSTAIN, 2010: 349). (tradução livre do autor; grifo nosso).

Uma peculiaridade deste sítio é que David (2011) identificou, usando o Google Earth, que o ângulo de alinhamento do "caminho reto" é de 160 graus (20 graus do sul verdadeiro), sendo que no alvorecer do solstício de inverno, as duas cabeças de Kayeb estão em perfeito alinhamento com o caminho. É importante ressaltar que este é o mesmo fenômeno astronômico com o qual o sítio AP-CA-18: Rego Grande 1 (CABRAL & SALDANHA, 2008; SILVA, 2016) encontra-se alinhado, só que naquele caso o

alinhamento foi observado pelo sol e não pelas constelações. Certamente que o início das chuvas deve ter sido um evento importante para todas as sociedades indígenas, mas, no Amapá, a identificação de sítios arqueológicos alinhados à estes eventos astronômicos só foi identificada, até o momento em sítios filiados à Fase Aristé.

3.1.6. Kumenê

O sítio arqueológico Kumenê está localizado sob a atual aldeia homônima, a qual é a mais populosa das aldeias Palikur no Urucauá, englobando aproximadamente seiscentos e setenta habitantes (Funai – ADR/Oiapoque, 2003). Essa aldeia se estende sobre uma ilha de aproximadamente 1 km de comprimento máximo por 600 m de largura máxima, circundada por campos alagados e com sua porção ocupada voltada para o Rio Urucauá, o qual se encontra a uma distância de aproximadamente 300 m em direção sudeste. Diferentemente dos outros sítios registrados na T.I. Uaçá, o sítio de Kumenê não possui nenhuma narrativa histórica associada relatada pelos Palikur (SALDANHA & CABRAL, 2009).

Apesar de não possuir narrativa histórica associada, David Green (comunicação pessoal, 7 de março de 2023) informa que Emiliano Iaparrá disse que, durante a fundação (mais recente 1967) da Aldeia Kumenê, houve uma discussão sobre a existência do cemitério lá chamado Kwap e que por esse motivo o líder Xebé (ou Shebé) do Mangué (Mawihgi) era contra a sua fundação, mas que no final as famílias de Paulo Orlando, Leon Orlando e Afonso Ioiô se mudaram para a ilha Kumenê.

Conforme descrito por Ivanildo Gomes (2012), ao citar o senhor Manoel Antônio dos Santos (Uwet), a ilha de Kumenê era um local de caça, sendo toda de mata rica e com vários tipos de animais, sendo primeiramente chamada de wewyket que significa: local de caça, sendo que muitas pessoas iam caçar nessa ilha. Os primeiros moradores a construir casa na ilha teriam sido o senhor Waramka e sua esposa Rosinha, seguidos por Pol e sua esposa Araykwa, mãe de Paulo Orlando, Leon e Maria Tereza, os quais também são conhecidos como primeiros habitantes. Os três irmãos também se casaram e fizeram as suas casas, formando três famílias que deram início a fundação da aldeia.

Ainda, conforme Ivanildo Gomes (2012), após a chegada do casal de missionários linguistas do Summer Institute of Linguistics (SIL) Diana Green e seu esposo Harold Green, em 1965, autorizado e enviado pelo SPI para a aldeia Kumenê, com objetivo de estudar a língua Palikur e traduzir a bíblia para a mesma língua e, posteriormente, com a chegada, em 1968, do pastor Glen Jhonson e sua esposa Dorothy e do pastor Chris e Ezé,

todos americanos da Igreja pentecostal Assembleia de Deus, foi que aos poucos os Palikur foram aceitando a evangelização e passaram a se unir em uma única aldeia. Assim, desde aceitação do evangelho, os habitantes das aldeias distantes começaram a mudar para Kumenê e foram abandonando as suas aldeias. Por volta de 1974 que foi iniciada a educação escolar em Kumenê, na época da FUNAI. Gomes (2012: 16), enfatiza que “a concentração do povo foi devido ao apoio do SPI, FUNAI e Evangelização, que foram os grandes incentivadores da criação da aldeia Kumenê”.



Figura 43 - Aldeia de Kumenê - Foto aérea obtida com drone por David R. Green em março de 2020.

Na rua principal da aldeia de Kumenê, tem sido notado o aparecimento de bordas de urnas, possivelmente funerárias, aflorando à superfície. Segundo Saldanha & Cabral (2009) os moradores da aldeia tentaram retirar algumas, mas assim que eram removidas da terra elas quebravam. Eduardo Neves (2000-2001) realizou a escavação de uma dessas urnas (SALDANHA & CABRAL, 2009).

Dado que o interesse original do projeto de pesquisa na T.I. Uaçá estava voltado para a relação entre a tradição oral Palikur e os sítios arqueológicos, este sítio não havia recebido atenção. Contudo, considerando que o projeto objetivava na prática de uma arqueologia pública, buscando dialogar com as pessoas que interagem com o patrimônio arqueológico no seu cotidiano, Saldanha & Cabral (2009) decidiram ser de grande interesse para a pesquisa realizar algum tipo de atividade nessa aldeia. Um outro ponto que influenciou muito nessa decisão, foi o fato de que nem todos da comunidade podiam acompanhar as atividades que estavam sendo realizadas nos outros sítios. Assim, a

realização de uma escavação, em como, o próprio registro do sítio com o mapeamento dos materiais que afloravam a superfície, seriam uma forma de aproximar toda a comunidade de Kumenê com o trabalho do arqueólogo. Assim, optou-se pela escavação de duas vasilhas que já estavam expostas e parcialmente impactadas na rua principal da aldeia.



Figura 44 - Diferentes Vistas das Vasilhas que afloravam à superfície nas ruas de Kumene no momento das atividades de campo de Eduardo Neves em 2001. As fotos foram registradas por David Green durante um desfile escolar em celebração ao 07 de setembro em 2001.

O motivo da escolha dessas urnas foi o aparente estado de boa preservação que apresentavam em superfície e o fato de estarem dispostas justamente no meio da rua principal. A escavação foi realizada através da abertura de uma malha de 2x1 m, orientada de forma a englobar as duas vasilhas que se encontravam próximas uma da outra (Figura 45). Antes de ser iniciada a escavação foi solicitada a permissão do cacique e durante a escavação as visitas, principalmente por parte das mulheres e crianças eram frequentes (SALDANHA & CABRAL, 2009).

A comparar as imagens registradas por David Green em 2001 com as imagens das escavações de Saldanha & Cabral (2009), pode-se observar que as mesmas urnas escolhidas para serem escavadas foram aquelas registradas durante as atividades de campo de Eduardo Neves. É válido ressaltar aqui que, atualmente, conforme relatado por

David Green (comunicação pessoal, 7 de março de 2023) existem em torno de 8 a 10 urnas que estão aflorando à superfície no caminho principal de Kumenê.

Em 2008, a escavação se deu através da remoção de níveis artificiais de 10 cm e tinha como objetivo manter as vasilhas *in situ* com o seu sedimento de preenchimento, buscando evidenciar as urnas por completo. Conforme relatado nas experiências de retiradas anteriores realizadas pelos Palikur, as urnas estavam de fato completamente fragmentadas, contudo, a metodologia de escavação permitiu que fossem retiradas inteiras. Permitindo assim que em seguida fosse realizada a escavação de seu interior (SALDANHA & CABRAL, 2009)

O sedimento no entorno das urnas apresentava uma coloração amarelada, entretanto, foi verificado que a área se encontrava muito perturbada com manchas de coloração mais escura e alguns pontos com sedimento mais compacto ou mais solto. Uma das urnas, possui como tampa um “ralador” de mandioca (SALDANHA & CABRAL, 2009), conforme relatado por Nimuendajú (2004) para outros sítios da região.



Figura 45 – Sítio Kumenê. À esquerda, urnas aflorando à superfície com os piquetes delimitando as quadriculas; à direita, nível 10-20 cm finalizado com as urnas evidenciadas. (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009)

A escavação do interior das vasilhas foi realizada na própria comunidade (Figura 46), uma vez que o objetivo da sua retirada era familiarizar as pessoas com o trabalho da arqueologia, além de também diminuir a possibilidade do surgimento de qualquer tipo de suspeita sobre o seu conteúdo. Como resultado da escavação, em seu interior foram encontrados apenas fragmentos de cerâmica, estes de outras vasilhas, sendo possível também realizar a coleta de amostras de carvão, possibilitando a realização de datações para este sítio (SALDANHA & CABRAL, 2009). Assim, foi realizada uma datação radiocarbônica para esse sítio 570+40 BP (BETA-255792), permitindo o seu enquadramento no século 15 d.C. (SALDANHA & CABRAL, 2010).

Segundo Saldanha & Cabral (2009), foi utilizada uma bússola e uma trena para a realização do mapeamento dos vestígios na comunidade e, como resultado dessa atividade, foram registrados mais nove pontos com ocorrências de vestígios.



Figura 46 - Sítio Kumênê. À esquerda, escavação do interior de uma das vasilhas retiradas da rua principal com participação dos moradores da comunidade; à direita, realização da atividade de mapeamento do sítio (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009).

3.1.7. Kwap

As primeiras descrições desse sítio foram registradas por Curt Nimuendajú (1925; 2004), seguidas pelas descrições das atividades de campos de Eduardo Neves (2000-2001) e, por fim, pelas atividades antropológicas de David Green e Lesley Fordred Green (GREEN et al., 2008; GREEN e GREEN, 2013). Assim, buscamos realizar uma síntese de todas as descrições e atividades arqueológicas realizadas nesse sítio.

O sítio está situado na margem esquerda do rio Urucauá e dista cerca de meia hora de voadeira de Kumene em motor de 15hp na direção oeste. Segundo a tradição oral Palikur esse local foi ocupado durante a guerra com os Galibi, servindo como uma espécie de fortaleza. Pode-se observar no caminho íngreme que vai do porto ao sítio a presença de uma vala que desce a encosta, provavelmente, de natureza antrópica. Atualmente, Kwap ainda é utilizado como cemitério para as comunidades Palikur do Alto Urucauá, com a presença de muitos túmulos recentes visíveis no local. Eles se destacam por serem pequenos *mounds* de sedimento com laterita. A informação geral é que o cemitério de Kwap é muito antigo. Por outro lado, há pessoas da região que fazem roças no local, visto que o solo ali é mais fértil. Pode-se perceber que em alguns pontos a cobertura vegetal é de capoeira, atestando a sua antropização recente (NEVES, 2000-2001).

Ao descrever Kwap, Nimuendajú (2004) indica esse lugar como um cemitério ainda em uso pelos índios Palikur, sendo que estes índios possuem dois cemitérios, um seria Kwap e o outro Walabdi. De acordo com o autor, nenhum Palikur brasileiro é

enterrado fora deles e quando, por força das circunstâncias, um indivíduo tem que ser enterrado em outro lugar, os seus ossos são posteriormente exumados e transferidos para o local adequado. Em Kwap são enterrados os membros dos clãs Kamohiyune [Kamuwyene], Palaimiune [Paraymiyene], Wadahinyune [Wadahyene] e Wakapuene [Wakavunyene], enquanto em Walabdi são enterrados os clãs Waipureyene [Wayveyene], Kavalpuku [Kawakyene] e Wasilyene [Waxriyene], cada clã tendo um lugar separado para os seus mortos.

Segundo Nimuendajú (2004), no momento da sua visita, os índios Palikur realizavam os seus enterros de forma Cristã, colocando uma cruz sobre o túmulo. Entretanto, os seus ancestrais praticavam enterramento secundário em urnas com belíssimas decorações (Figura 47) e a cova era indicada por uma pedra pesando aproximadamente 10-20 kg trazida para esse propósito, as quais ainda se encontram espalhadas por todo o local, tendo sido removidas do seu lugar original há muito tempo, devido às constantes movimentações no sítio, como veremos a seguir.



Figura 47 - Vasilhas Cerâmicas de Kwap, Amapá, coletadas por Nimuendajú e encaminhadas para o Museu de Gotemburgo. Fotos por: Ferenc Schwetz (NIMUENDAJÚ, 2004: 359-360).

Em suas correspondências para Nordenskiöld, Nimuendajú relatou que os Palikur não possuem nenhuma reverência com os antigos sepultamentos e que no caso de acertarem uma urna quando estão abrindo uma nova cova, eles a quebram e retiram o seu conteúdo na busca por contas de vidro que eram colocadas como acompanhamento funerário.

Nimuendajú relata ter encontrado muitos fragmentos de tigelas que seriam utilizadas como “raladores de mandioca”, colocou entre parênteses pelo fato de que essa hipótese continua em aberto até os dias atuais, sendo a única descrição de seu uso feita por uma indígena Palikur ao lembrar que os seus ancestrais não moíam a mandioca em nas tradicionais tábuas, mas em tigelas de cerâmica. Segundo o próprio Nimuendajú, alguns dos fragmentos coletados por ele possuíam acanalados tão finos que não poderiam

ter servido para qualquer propósito prático e que a sua presença no registro arqueológico poderia estar ligada a continuidade da sua produção para servir, então, apenas como tampa de urna, mesmo após a introdução das tabuas de ralar. Fragmentos dessas tigelas foram encontrados em abundância nos antigos sítios de habitação dos Palikur. Ainda sobre os raladores, Nimuendajú (2004) relata que eles eram muito semelhantes àqueles encontrados por Nordenskiöld (1913 *apud* Nimuendajú 2004) no Monte Velarde e em outros lugares de Mojos, como Monte Hernmark e o Monte Masicito.

Apesar de citar a falta de reverência entre os Palikur e seus antepassados, Nimuendajú (2004) sugere que os Palikur afirmam positivamente que as urnas funerárias de Kwap e as tigelas para ralar mandioca poderiam ser atribuídas aos seus ancestrais, enquanto as outras descobertas feitas por Nimuendajú poderiam estar relacionadas com um povo estrangeiro que viveu na região antes deles.

A primeira visita à área, realizada por Eduardo Neves, se deu no ano 2000, sendo encontrado material cerâmico em abundância pela sua superfície. Neves havia sido informado de que haveria um tipo de fortificação nesse sítio, contudo, nessa primeira visita ao sítio não foram encontradas evidências da sua existência. Talvez a própria posição do sítio, situado sobre um promontório elevado, constituísse essa fortaleza.

Nesse primeiro momento, o sítio foi estimado como possuindo uma área aproximada de 0,6 ha, tomando como base o platô/península em que se encontra localizado. De acordo com Ivanildo, um dos Palikur que acompanhou Eduardo Neves (2000-2001), a antiga aldeia de Kwap era muito maior que a atual de Kumenê, demonstrando a sua significância no passado. É plausível que o sítio seja mesmo grande. Existem relatos de que nas outras pontas de terra firme adjacentes são encontrados cacos de cerâmica na abertura e manutenção das roças, caracterizando seu potencial para a presença de outros assentamentos antigos.

O caminho de acesso ao sítio se dá por meio de uma vala com largura de 3 m, profundidade de 1,65 m e inclinação aproximada de 20° com orientação de 20° NW-SE. No momento de sua visita, Eduardo foi informado da existência de uma outra vala de acesso, com orientação E-W. Devido à presença de estruturas de terra artificiais, Kwap também se assemelha ao sítio Warabdi, descrito mais adiante nesse capítulo.

Foram abertas duas tradagens nesse sítio com o objetivo de compreender um pouco mais sobre o seu processo de formação. Na primeira tradagem, denominada Tradagem 1 (T1), foi verificada a presença de materiais cerâmicos até 110 cm de profundidade, sendo caracterizada por sedimento de coloração escura (10 YR 2/1

“Black”) e composto por laterita em toda a sua profundidade. O sedimento era bastante pedregoso com blocos de laterita que variavam de tamanho “muito fino” à “bastante grosso”. Nessa tradagem foi coletada uma amostra do sedimento de coloração escura. Na base da tradagem, a partir dos 110 cm, o sedimento apresentava coloração alaranjada (5YR 5/8 “Yellowish red”), característica da formação geológica da região, caracterizada por carapaça laterítica. Na segunda tradagem, denominada Tradagem 2 (T2), diferentemente de T1, o sedimento era pedregoso e amarelado até 30 cm de profundidade.

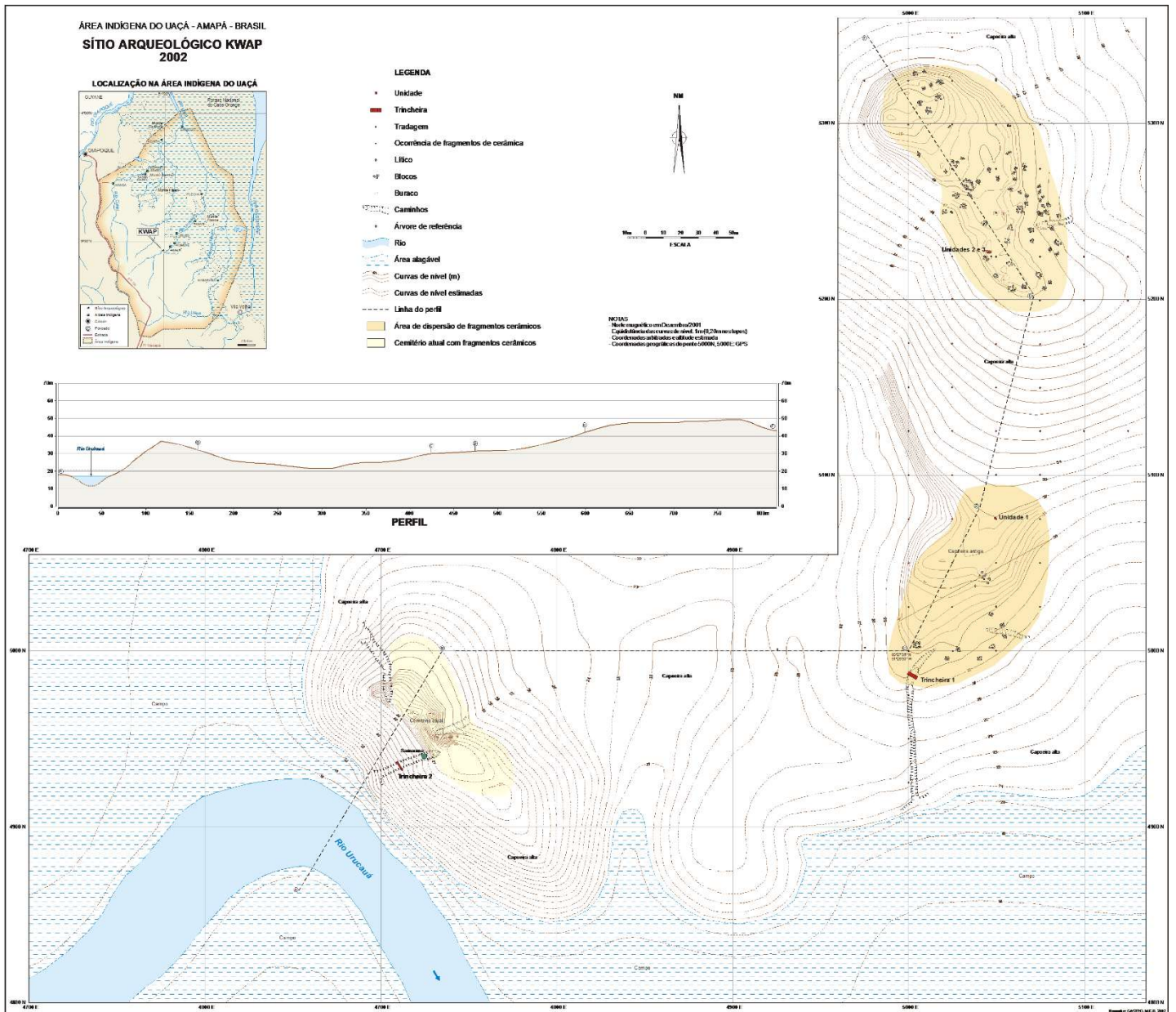
Talvez a profundidade do depósito de T1 seja explicada pela sua localização, uma vez que se encontra em um montículo elevado, levantando a possibilidade de que esse montículo seja um possível “loose midden”. Uma outra hipótese se orienta para a possibilidade da tradagem ter sido aberta em um antigo sepultamento Palikur.

Em 2001, Eduardo Neves retornou à T.I. Uaçá com o objetivo de realizar escavações sistemáticas em alguns sítios. Um desses era Kwap. Assim, as atividades realizadas em Kwap compreenderam a realização da topografia do sítio, a abertura de tradagens em uma malha regular de pontos equidistantes a cada 25 m (cf. Anexo 1). Por fim, os pontos que apresentavam melhor potencial informativo – tanto em relação à sua contextualização dentro da paisagem do sítio quanto em contexto deposicional –, foram investigados através da abertura de quadrículas escavadas em níveis artificiais de 10 cm.

Para o início dos trabalhos de campo em Kwap foi definido um Ponto Ø com nomenclatura de N5000/E5000, o qual serviu como *datum* para orientar a distribuição de todos os outros pontos consecutivos. No Total foram realizadas as seguintes intervenções no sítio Kwap: duas trincheiras, uma de 6x1 m e outra de 6x2 m, ambas cortando diferentes valas artificiais; uma escavação de 1x1 m em área de depósito arqueológico profundo, uma escavação de 2x1 m em um montículo; e, por fim, foram escavadas 66 tradagens prospectivas, visando compreender a área e a profundidade do sítio. Como resultado dessas atividades, foi gerado o mapa a seguir (Figura 48).

Conforme pode ser observado no mapa, o sítio de Kwap é composto por três platôs/planos, os quais também caracterizam áreas de concentração de vestígios arqueológicos. No primeiro platô, às margens do rio Urucauá (elevação média de 30 m), encontra-se o atual cemitério Palikur, onde foi verificada a ocorrência de cerâmicas em superfície e a presença de três valas – caminhos escavados. À leste, encontra-se o segundo platô, caracterizado por estar localizado em meia encosta (elevação média de 30 m), com uma grande área de dispersão de vestígios e dois caminhos escavados. Já ao norte encontra-se o terceiro platô, localizado em área de topo com elevação máxima de 50 m e

apresentando um caminho escavado. A seguir, descrevemos os resultados das intervenções realizadas no sítio.



3.1.7.1. Unidade 1 (1x1 m) – N5076/E5050

Segundo a descrição anterior dos diferentes compartimentos do sítio, essa unidade está localizada no segundo platô e foi a primeira a ser escavada. O motivo da sua abertura se deu pelo fato de ter sido encontrado um grande caco de cerâmica, aparentemente com restos de engobo vermelho e temperado com quartzo, a 95 cm de profundidade na tradagem N5075/E5050, escavada 1m ao sul da Unidade 1. Devido à

profundidade do contexto, essa área do sítio foi considerada como um local apropriado para a obtenção de amostras potenciais para datação por C14.

No entorno da unidade, bem como em todo o platô onde está localizada e no terceiro platô, há grande concentração de pedaços de granito em superfície, caracterizando pequenos aglomerados, contudo, nesse ponto a concentração de cerâmicas é maior.

A frequência de material cerâmico reduziu aos 40 cm de profundidade com solo arenoso, findando aos 50 cm. Na base do nível 50-60 cm havia uma camada muito dura, indicando a presença de uma camada laterítica, recobrendo um nível cerâmico mais antigo. No nível 60-70 cm encontramos um pouco de cerâmica e carvão.

Ultrapassando essa camada o solo continuava compacto, apesar de ter atravessado o nível de piçarra. A coloração era caracterizada por tonalidade mais avermelhada 7.5 YR 7/8. Na base dos 80 cm o sedimento já se apresentava mais solto, indicando a presença de outra camada arqueológica. Na base da unidade foi encontrado um fragmento de cerâmica no quadrante do AVC e, também, na peneira. Somado a isso foi observado o aumento de número de fragmentos de carvão, alguns dos quais foram plotados no plano da base do nível. Foi notada na base desse nível a presença de manchas de coloração mais escura em meio ao avermelhado. A escavação prosseguiu com colher de pedreiro. Foi identificada a ocorrência de manchas mais escuras em meio ao solo avermelhado, as quais poderiam indicar antigas estruturas escavadas ou então bioturbações.

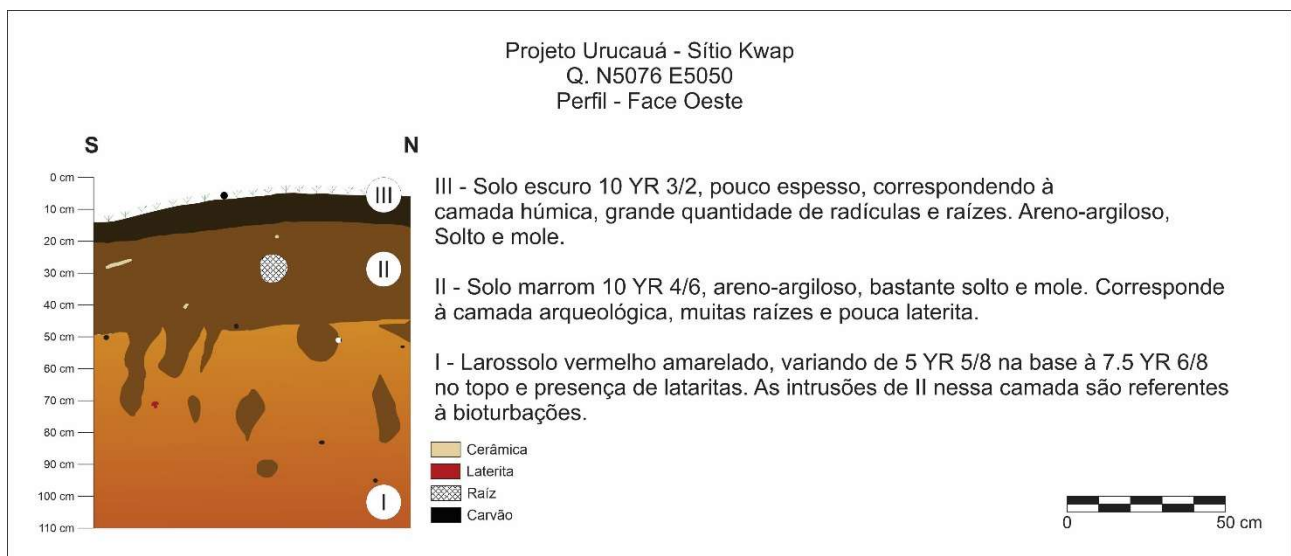


Figura 49 - Perfil estratigráfico, face oeste, unidade Q. N5076 E5050 (Elaborada pelo autor: SILVA, 2019).

Em relação à essa unidade de escavação, Neves (2000-2001) levanta as seguintes hipóteses. O sítio poderia apresentar dois componentes arqueológicos. No primeiro

haveria a ocorrência de cerâmicas relacionadas com os Palikur, enquanto que no segundo e mais profundo existiria uma ocupação Aristé ou pré-Aristé.

3.1.7.2. Montículo 1 (Unidades 2 e 3 – N5228/E5047; N5228/E5046)

A área descrita aqui como Montículo 1, faz referência à uma estrutura que parece ser um montículo artificial. Sobre essa estrutura, Neves (2000-2001) acreditava poder se tratar de duas possibilidades iniciais, a primeira fazia referência à uma lixeira de fundo de casa e a segunda à um sepultamento, mas, a princípio, acreditando mais na primeira possibilidade.

No montículo e seu entorno há muitas rochas (granito), possivelmente trazidas para o sítio, uma vez que não ocorrem naturalmente na área. Atualmente os Palikur costumam trazer o granito para colocar no alto dos montes de terra de suas sepulturas. Se isso estiver correto para o sítio, pode significar que os montículos sejam mesmo estruturas funerárias. No Montículo 1 foram escavadas duas quadrículas N5228/E5046 e N5228/E5047, onde existe uma associação entre pequenos blocos de granito e cacos de cerâmica.

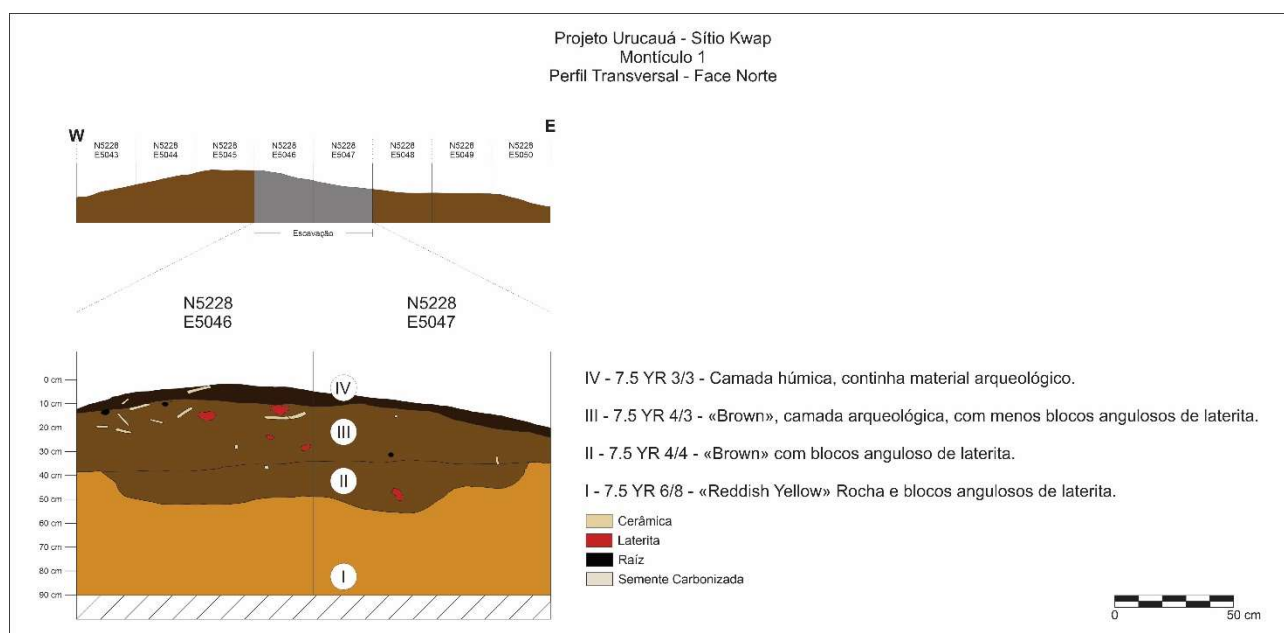


Figura 50 - Perfil transversal do Montículo 1 (Face Norte) com detalhe para o Perfil Norte das quadrículas N5228/E5046 e N5228/E5047 (Elaborado pelo autor: SILVA, 2019)

Como resultado da escavação, podemos observar que o Nível II parece formar uma estrutura do tipo fossa, geralmente associadas à áreas de descarte para a região, em especial, nos sítios habitacionais da fase Aristé (cf. SILVA, 2016).

3.1.7.3. Trincheira 1

Buscando entender as estruturas de caminho enterrados, Neves (2000-2001) optou por escavar uma trincheira de 6x2 m cortando uma das valas. A orientação da trincheira é oblíqua ao grid, mas a escolha do local a ser escavado se deu com base na área que apresenta maior declividade nas paredes da vala. Diferentemente do restante das atividades no sítio e justificado pela orientação da trincheira, Neves (2000-2001) optou por criar um sistema particular de identificação das quadras na trincheira, visto que ela não estava alinhada com o grid. Assim, a trincheira foi dividida em unidades de 1m², as quais foram nomeadas pelas letras de A a F.

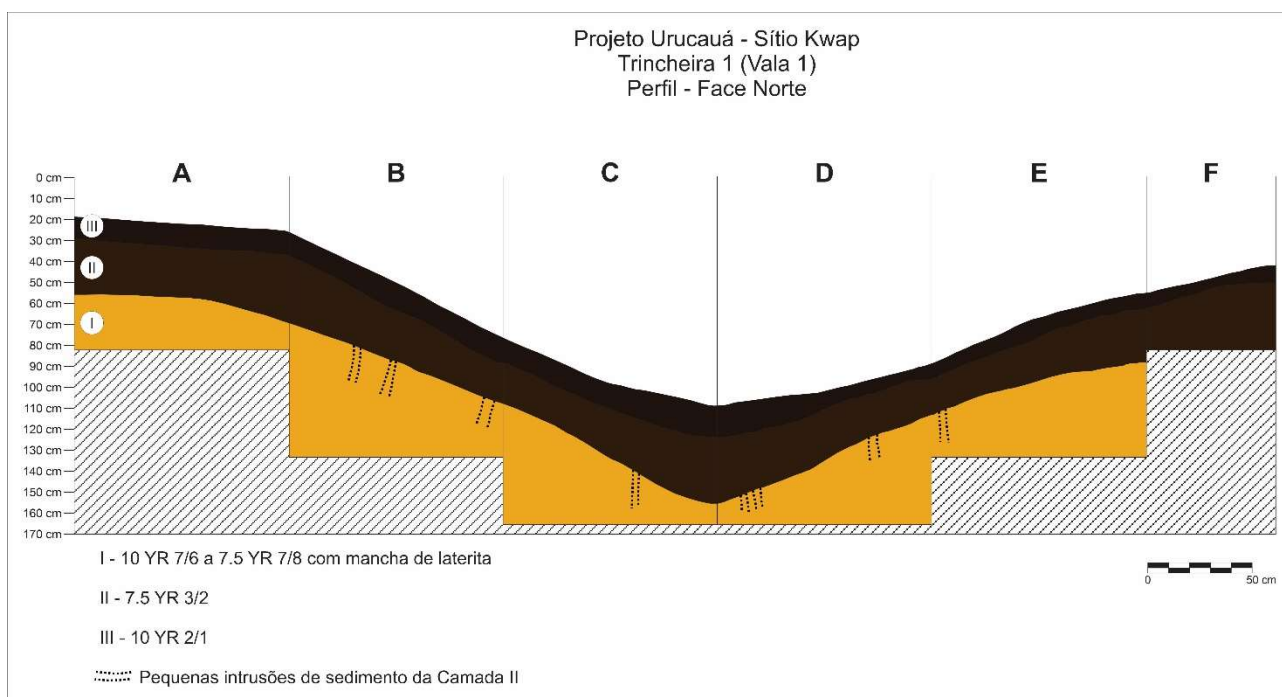


Figura 51 - Perfil estratigráfico, face norte, da Trincheira 1, escavada na Vala 1 (Elaborado pelo autor: SILVA 2019).

3.1.7.4. Trincheira 2

Na vala/caminho escavado que leva da margem do rio Urucaúá para o cemitério atual de Kwap – localizado à sudoeste do primeiro platô do mapa – e, conseqüentemente, utilizada para acessar o sítio, foi aberta uma segunda trincheira, denominada Trincheira 2. Seguindo a mesma divisão utilizada na nomenclatura das quadriculas da Trincheira 1, essa trincheira foi dividida em seis quadras, nomeadas em ordem alfabética indo de G a L, incluindo K. Assim, essa trincheira era composta por 6 quadriculas de 1 m², com orientação crescente de SW para NE. Essa vala apresenta uma profundidade de aproximadamente 70 cm.

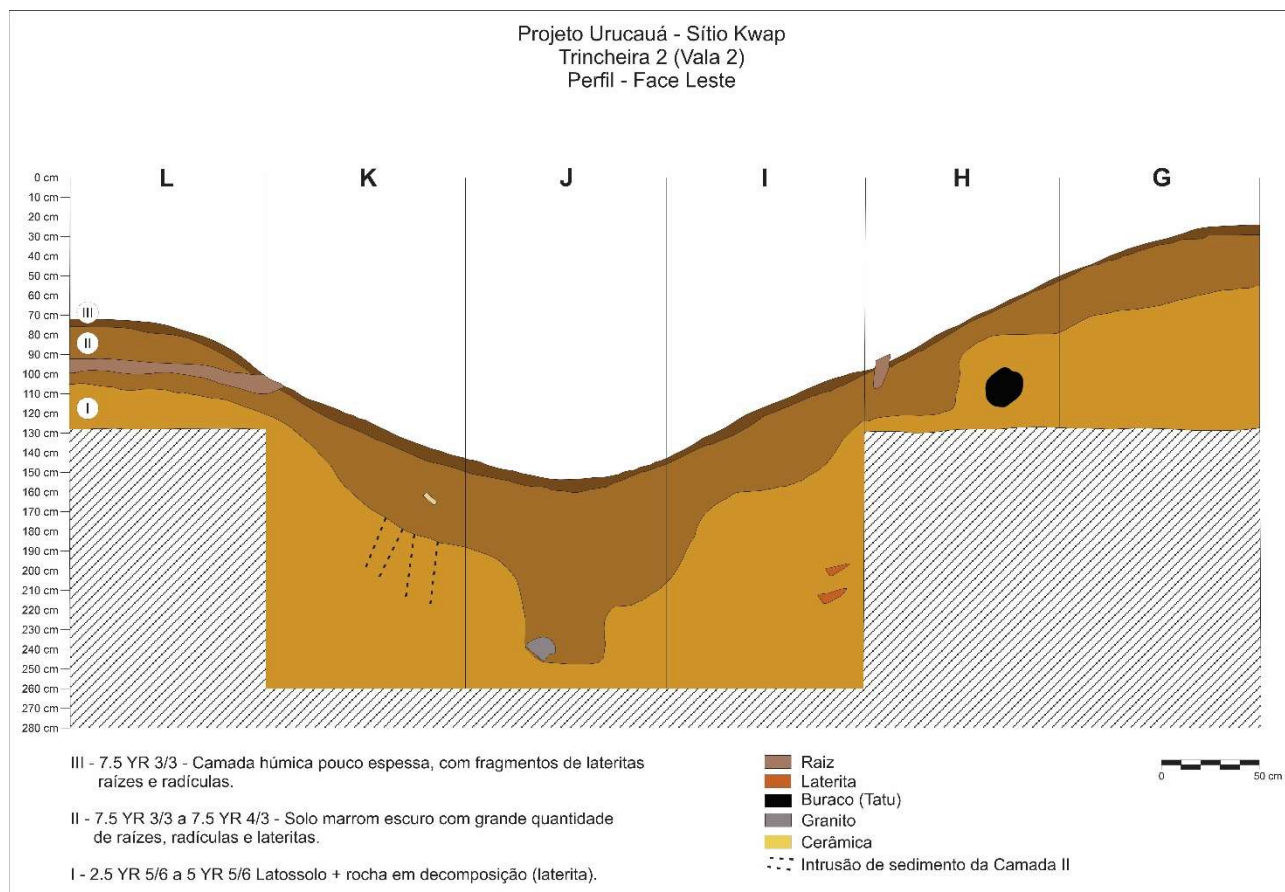


Figura 52 - Perfil estratigráfico, face leste, da Trincheira 2, escavada na Vala 2 (Elaborado pelo autor: SILVA, 2019).

Como resultado das escavações, principalmente das tradagens, Eduardo Neves (2000-2001) verificou que os solos de terra preta eram bem profundos, o que demonstra que Kwap pode ter sido uma vila ocupada durante muito tempo. Na tradição oral Palikur, Kwap foi onde a guerra com os Galibi teria acabado (GREEN et al., 2008).

Eduardo (NEVES, 2000-2001) recomenda que em atividades futuras seja verificada a possibilidade do sítio se estender mais para o norte, uma vez que as tradagens finalizaram em uma encosta com declive acentuado. Até o presente momento segue sendo assumido que o declive marca o limite do sítio para o norte. Outra questão a verificar seria a funcionalidade das valas. A sua estratigrafia sugere que sejam artificiais, contudo, a sua posição não indica função defensiva do tipo paliçada, uma vez que se encontram perpendicular ao centro dos platôs. Elas também poderiam ser caminhos escavados, mas a sua base apresenta poucos sinais de compactação e alterações.

De qualquer modo, a opinião favorecida pelos Palikur é de que sejam caminhos escavados que representassem passagens para uma aldeia que era, em sua parte mais exposta no topo e cercada por paliçadas. Através desses caminhos teriam sido jogadas as

toras de madeira sobre os seus inimigos que tentassem escalar o morro para atacar Kwap. Pelo momento, essa me parece a hipótese mais plausível.

Neves (2000-2001) sugere que Kwap parece ser um sítio unicomponencial formado pela agregação de muitos Palikur em uma mesma aldeia. Tal agregação parece fugir do padrão tradicional de assentamento Palikur, que era mais pulverizado, composto por pequenas aldeias espalhadas pelas ilhas. Nesse sentido, há um paralelismo possível entre Kwap e Kumenê, já que Kumenê também é uma aldeia nucleada, só que pela religião.

Resultados de datações radiocarbônicas obtidas para esse sítio, mas que ainda não foram publicadas permitem situá-lo por volta do século 16 d.C. (SALDANHA, 2018, comunicação pessoal).

Apos a publicação do “*Jan van der Goes : An Indian Prince at Cayenne in the Seventeenth Century?*” (Van den Bel, 2022), David (comunicação pessoal, 2023) acredita ter conseguido definir, um possível contexto histórico para a batalha de Kwap. Dessa forma, com base nas informações levantadas, somadas às narrativas Palikur-Arukwayene, é sugerido que a batalha se desenrolou entre 1640-1670 AD, sendo apontadas as seguintes inferências:

1. ‘Os holandeses’ lideraram os Hiye (os Caribe: os Galibí de Cayenne e os Arecarets do rio Mayacaré) durante a última batalha do Kwap, sendo possível que o líder holandês tenha sido o próprio Jan van der Goes (o ex-governador do Essequibo) ou seu filho;
2. Os guerreiros saramaka (de origem africana) faziam parte da frota dos Galibí, muitas vezes os holandeses recrutaram ex-escravos para participar nas suas companhias;
3. A escala média da batalha, os Palikur-Arukwayene dizem que a frota dos Galibí tinha duas embarcações maiores e dezenas de canoas guerreiras dos Galibí. Os Palikur-Arukwayene conseguiram afundar uma das embarcações maiores no Rio Urucauá próximo a aldeia antiga Piturí (perto de Kwap) (Figura 53), alguns anciões Palikur dizem que os holandeses tinham um canhão pequeno abordo. Infere-se ainda que o Jan van der Goes, tinha outros motivos financeiros, haja vista que ele queria controlar a comercialização do peixe-boi no Cabo Norte, Amapá. Em poucos anos, havia poucos peixe-bois sobrando no Rio Mayacaré, assim o Rio Uaçá oferecia mais oportunidades. A vitória doce-amarga dos Palikur-Arukwayene no Kwap foi decisiva para a continuação dos Palikur-Arukwayene no Rio Urucauá.

Dessa forma, David considera de suma importância retomar as pesquisas no entorno de Kwap realizando levantamentos arqueológicos em e no entorno de Piturí aonde os Palikur-Arukwayene, possivelmente, afundaram a embarcação holandesa, bem como, se possível, realizar prospecção subaquática.



Figura 53 - Imagem de localização da antiga aldeia denominada Piturí com relação à localização de Kwap (Elaborado por David Green, 2023).

3.1.8. Masika (Wasica)

Este sítio está localizado em uma ilha homônima na margem direita do rio Urucauá, inserida em uma paisagem de campos alagados (Figura 54). Nesse sítio há um local de dança que hoje está coberto por bambus, o qual também é citado como o porto de embarcações. Outra atividade recente na área é referente à uma roça de mandioca, onde Kiyavwiye Sarisri mantem o seu cultivo, devido a existência de solos de terra preta profundos, nos quais há abundância de cerâmica (NEVES, 2000-2001; GREEN et al., 2008). Como resultado das prospecções realizadas por Neves (2000-2001), foi verificada a existência de lateritas em até aproximadamente 40 cm de profundidade em alguns buracos encontrados na área do sítio. Esse sítio ainda não teve as duas dimensões delimitadas, sendo realizada apenas a prospecção oportunística, bem como, a obtenção das suas coordenadas geográficas.

Nesse sítio, assim como em Kwap, foi verificada a presença de estruturas de terra do tipo vala ou caminhos escavados, cortando perpendicularmente o terreno, indo desde o topo da ilha até os campos alagados (NEVES, 2000-2001).



Figura 54 – À esquerda, vista do sítio Masika e a sua inserção nos campos inundáveis da T.I. Uaçá; à direita, vista do material cerâmico em superfície, na imagem constam fragmentos de cerâmica vidrada (Fotos: David Green).

Segundo a tradição oral Palikur, Masika era ocupado no período histórico, quando houve um massacre dos índios que vivam lá. O massacre, segundo a tradição, foi perpetrado por portugueses e dele só sobreviveram duas crianças. Nesse local os portugueses teriam atacado os Palikur durante uma festa e as mulheres teriam sido comidas por jacarés. Durante a visita de Eduardo Neves (2000-2001) ao sítio foi verificada a ocorrência artefatos históricos (cacos de louça vidrada e de torno).

O trabalho arqueológico nessa área, com uma escavação em área ampla ou em pontos estratégicos, poderia gerar mais informações sobre a vila de Masika, enquanto que a análise das cerâmicas no laboratório poderia auxiliar na situação temporal do local, contribuindo, por fim, na localização da história de Masika em relação à História do Brasil. (GREEN et al., 2008).

3.1.9. Mawir-Mini

Este sítio foi registrado por Nimuendajú (2004) e está localizado em uma ilha de aproximadamente 800 m de comprimento por 500 m de largura, inserida na paisagem campos inundáveis, localizada na margem direita do rio Urucauá – praticamente em frente à aldeia de Kumenê a uma distância de aproximadamente 1,5 km.

Essa ilha, segundo o autor, era habitada pelo chefe e seus parentes. Ali havia sido escavada uma urna (Figura 55) no espaço antes da cabana do feiticeiro Guillaume. Segundo relatado pelos moradores, a urna não continha nada em seu interior. Nimuendajú ainda sugere que a forma dessa vasilha forma possui grande semelhança com uma outra encontrada por ele anos antes na região do Monte Mayé, próximo à boca do rio Cunani (NIMUENDAJÚ, 2004).

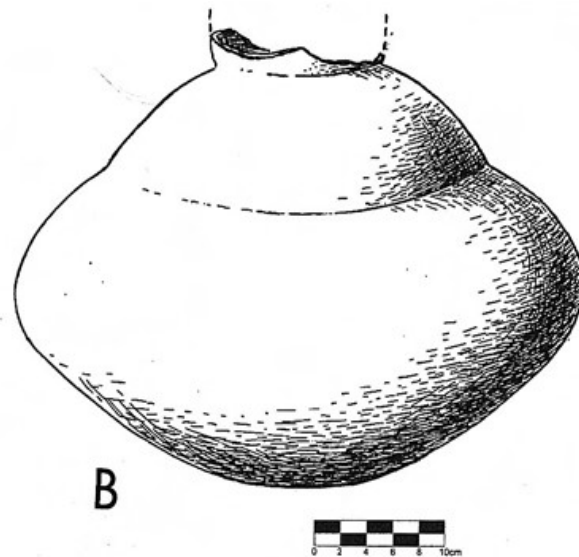


Figura 55 - Vasilha Cerâmica do sítio Mawir-Mini, Amapá, Uaçá. (NIMUENDAJÚ, 2004: Prancha 14, p. 187)

3.1.10. Monte Karumna (o Monte Carupina)

Segundo Green et al. (2008) perto do Monte Karumna tem uma gruta conhecida como Kurumsuk Givin – o lar dos Kurumsuk. Foi encontrada uma lâmina de machado no interior dessa gruta. Nessa área, também foram encontrados fragmentos cerâmicos. O Monte Karumna é caracterizado por ser um grande afloramento rochoso, localizado à sudoeste do rio Urucauá em área de terra firme e distante dos campos alagados que englobam o grande conjunto de sítios registrados na região até o momento (Figura 56). Contudo, pelo fato de que a paisagem da área é caracterizada por baixo relevo, esse monte pode ser visto a longas distâncias.



Figura 56 - À esquerda, vista do Monte Karumna; à direita, fragmento de cerâmica disposto na superfície da rocha que caracteriza o monte (Fotos: David Green).

3.1.11. Msibiyumnaw: Caverna dos Morcegos (Mpitriye: Ilha da Raia)

Este sítio foi identificado por David, em 2011. A descoberta do sítio se deu quando, seguindo as narrativas sobre Karumayra, uma figura histórica-mitológica, visto como o mais poderoso Pajé Palikur-Arukwayene, visitou o lugar denominado Msibiyumnaw: Caverna dos Morcegos, localizado em Mpitriye: Ilha da Raia, a qual se encontra entre o Monte Ukupi, à oeste, e o Rio Urucauá, à leste, distando aproximadamente 5 km ao sul da atual aldeia de Flecha.



Figura 57 - Imagem fornecida por David ao autor, esboçando a localização das cavernas identificadas em MPITRIYE: ILHA DA RAIÁ, mais especificamente a Msibiyumnaw: Caverna dos Morcegos (Imagem por David R. Green, 2022).

Nessa localidade, foram identificadas, pelo menos, 3 (três) cavernas, das quais 2 (duas) apresentaram ocorrências arqueológicas em seu interior, sendo uma delas caracterizada por ser um sítio funerário de abrigo sob rocha de forma oval com dimensões aproximadas de 20 x 15 m. Ao longo do perímetro desse abrigo oval, há grutas com 1,6 m de altura, sendo que em um dos lados há uma entrada em forma de um arco natural. Lá foi encontrada uma alça de cerâmica zoomórfica.



Figura 58 - À esquerda, vista da área descrita como um arco natural; à direita, vista do aplique em forma de alça zoomórfica, possivelmente um mamífero, localizado no interior desse abrigo rochoso (arco natural (Imagem por David R. Green, 2011).



Figura 59 - À esquerda, vista da entrada principal da Caverna dos Morcegos; à direita, da entrada da segunda área de ocorrência arqueológica, denominada como Toca da Onça (Imagem por David R. Green, 2020).

A outra área de ocorrência arqueológica ficou nomeada como Toca da Onça, sendo caracterizada por uma caverna pequena, onde, inicialmente, David havia identificado uma urna antropomórfica rachada em superfície e, também, uma vasilha ou tampa que ainda se encontrava enterrada.



Figura 60 - Duas vistas da urna antropomórfica rachada. À esquerda, é possível verificar a disposição da urna sobre um bloco de laterita com a abertura da caverna ao fundo (Imagem por David R. Green, 2011); à direita, indígenas Palikur-Arukwayene que acompanharam David em sua visita (Imagem por David R. Green, 2020).



Figura 61 - Duas vistas de detalhe da urna antropomórfica rachada encontrada na Toca da Onça, onde é possível verificar elementos decorativos característicos da fase Aristé, semelhantes aos identificados nos contextos de Cunani, Rego Grande e nas cavernas da Guiana Francesa. À esquerda, frente da urna (rosto); à direita, parte de trás da urna (Imagens por David R. Green, 2020).

Como foi informado, uma vez que não havia nenhum arqueólogo ou técnico em arqueologia acompanhando a visita, tendo em vistas outros compromissos do IEPA na época, os vestígios foram deixados no local em que foram encontrados, sendo feito apenas registros por meio de gravações de vídeos. Quando estava revendo as filmagens feitas na Caverna Toca da Onça, David verificou que juntamente à vasilha cerâmica que ainda estava enterrada havia contas de vidro azul, provavelmente do período pós-contato.



Figura 62 - Duas vistas da vasilha enterrada identificada por David em 2011 na Toca da Onça. À esquerda, vista ampla, onde é possível identificar pequenas bolinha azuis junto ao sedimento na porção interna da boca da vasilha aflorando em superfície, canto superior esquerdo da foto. À direita, vista de detalhe (Imagens por David R. Green, 2011).

Em março de 2020, David retorna à T.I. Uaçá e faz uma rápida viagem à caverna dos morcegos para confirmar se a urna Aristé ainda estava lá. Nesse momento ele verificou que este é um importante sítio arqueológico, onde, além da urna exposta e da vasilha ainda enterrada, existem diversas cavidades nas paredes da caverna com presença de vasilhas inteiras fragmentadas *in situ*, provavelmente depósitos primários que quebraram com o passar do tempo.



Figura 63 - Duas cavidades naturais na matriz rochosa da Caverna Toca da Onça com deposições cerâmicas referentes às vasilhas fragmentadas in situ (Imagens por David R. Green, 2020).

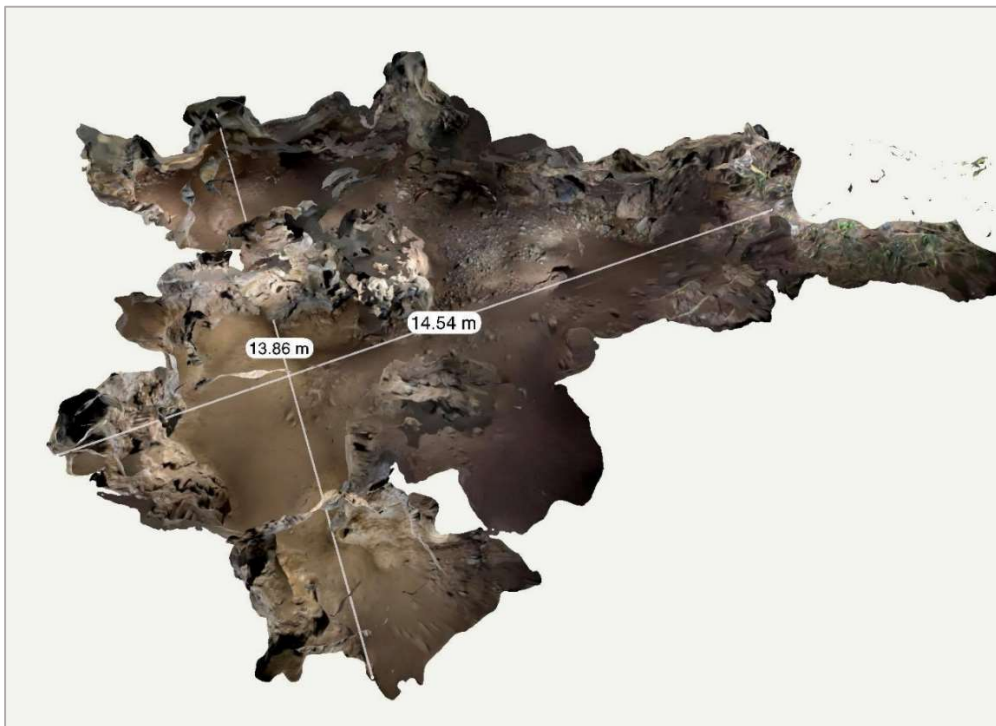


Figura 64 – Imagem de Reconstituição 3D do interior da Toca da Onça, obtida através do uso de LIDAR e processamento no software Polycam no iPad (David R. Green, 2021).

Além dessas estruturas, também foi identificada uma “pia ou bacia natural”, a qual a equipe acredita que possa ter sido modificada pelos ancestrais indígenas. Ainda, com relação à vasilha enterrada com contas de vidro azul, esta não pode ser localizada. David supõe que depois de 10 anos de chuvas a área possa ter sido recoberta com lama, ou uma outra pessoa poderia ter entrado e mexido no sítio. Tendo em vista essa possibilidade, ele acredita ser urgente a necessidade de retomar as pesquisas arqueológicas na área.



Figura 65 - À esquerda, vista da “pia ou bacia natural”; à direita, Danilo Orlando, colaborador Palikur-Arukwayene, segurando vestígios cerâmicos encontrados nas cavidades do sítio Toca da Onça (Imagens por David R. Green, 2020).



Figura 66 - Exemplos de elementos decorativos identificados no sítio Toca da Onça (Imagens por David R. Green, 2020).

Com relação aos vestígios identificados neste sítio, cabe ressaltar que, conforme imagens anteriores (Figura 66), da mesma forma que a urna encontrada em 2011, as vasilhas apresentam elementos decorativos característicos da Fase Aristé, sendo constante a decoração pintada caracterizada por traços monocromáticos vermelhos sobre pasta natural ou banho branco.

A partir de janeiro de 2021, através do uso do software Zoom Earth, David passa a observar possíveis alterações da paisagem visíveis em imagens de satélites disponíveis

no software supracitado. Por este método, identifica pelo menos duas ou três aldeias antigas entre as ilhas Ukupi e Mpitriye (onde está localizada a Caverna dos morcegos), as quais acredita ser aldeias antigas, possivelmente filiadas à fase Aristé. Ainda, ele enfatiza que estes sítios somente aparecem nas memórias mais remotas dos narradores Palikur, ou seja, não são aldeias atuais ou de ocupação recente.



Figura 67 - Possíveis sítios identificados na área das Ilhas Ukupi e Mpitriye, identificados por David R. Green através do uso do software Zoom Earth, combinado com o seu conhecimento prévio da área e das narrativas dos anciões Palikur-Arukwayene (David R. Green, 2021).

Por fim, cabe ressaltar que todos estes sítios estão próximos do sítio denominado caminho de Karumayra. David (comunicação pessoal 2023) acredita que, nesta região de campos inundáveis entre o rio Urucauá e o monte Ukupi, os anciões ameríndios encontraram uma região ideal para o manejo das águas com ênfase na agricultura e pesca, a qual também se encontra relativamente afastada e escondida do trânsito de pessoas pelo rio Urucauá.

3.1.12. Tawah

O sítio Tawah é caracterizado por estar localizado sobre uma ilha nos campos inundáveis. A ilha é alta e do seu topo têm-se uma boa visão de seu entorno, que inclui campos e ilhas, inclusive Kumenê, que também é alta. Ali o Sr. Carlos Floriano Ioiô encontrou fragmentos cerâmicos e uma lâmina em pedra polida em uma área de roça (Figura 68). Esse sítio fica a aproximadamente meia hora de Kumenê em direção Norte-Nordeste, para chegar lá é preciso atravessar duas ilhas até chegar à terceira, chamada Tawah. O Sr. Floriano informou que mantém a roça desde 1999, contudo no momento da visita de Neves (2000-2001) havia abandonado para a formação de capoeira e cultivo posterior.



Figura 68 - Frente e verso da lâmina de machado em pedra polida encontrada em Tawah. Escala de 5 cm. (Foto: Newan Souza, 2018)

3.1.13. Ulakte-Uni (Uwaktewni – Monte Ukupi)

Nas grutas de Ukupi dois Palikur, Josué e Genildo, acompanharam David a um lugar onde eles disseram que tinha muita cerâmica (Figura 69). Havia alguns potes pintados no estilo Aristé, e tinha também ossos de jaguar. Muito mais tarde, David soube que Nimuendajú também tinha estado nessas grutas (GREEN et al., 2008).

O primeiro registro desse sítio foi feito por Nimuendajú em 1925 durante a sua estadia entre os índios do Urucauá. Naquele momento, o sítio foi nomeado como Ulakte-Uni, sendo posteriormente revisitado por David e Lesley Green (GREEN et al. 2008). Durante a visita desses últimos pesquisadores foi constatado que havia muita cerâmica nesse sítio, havendo alguns potes pintados com decorações que remetiam à fase Aristé (Figura 70) e ossos de jaguar, sendo que no momento da visita não haviam relacionado

esse lugar com os achados de Nimuendajú. Essa associação acabou sendo feita com relação à sua localização no Monte Ukupi.



Figura 69 - À esquerda vista do Monte Ukupi; à direita vasilha cerâmica depositada *in situ* e aflorando à superfície do solo no interior da gruta (Fotos: David Green, 2008).

De acordo com David Green (comunicação pessoal, 2021), este é um sítio arqueológico importante para mostrar as ligações entre os atuais Palikur e o estilo da cerâmica Aristé. O Uwaktewni em Palikur significa "as ruínas do Uwakti". Nas narrativas dos Palikur, o Uwakti é visto como um homem ancestral Palikur que puxou os quatro esteios da casa dele e subiu aos céus e se tornou a terceira constelação das Estrelas da Chuva, enfatizando a importância de que esse mito cosmológico fundamental dos Palikur esteja associado a um sítio arqueológico Aristé.



Figura 70 - Fragmento de Borda de Urna Antropomórfica, Ulakte-Uni, Amapá. Foto por Ferenc Schwetz (NIMUENDAJÚ, 2004: Prancha 186)

O acesso à esse sítio pode ser feito pelo próprio rio Urucauá, sendo que o monte Ukupi é visível à distância, estando localizado na margem esquerda desse mesmo rio. O

monte Ukupi é caracterizado por ser uma ilha inserida nos campos inundáveis, a qual possui aproximadamente 11 km de comprimento por 3 km de largura máxima que se estende de sudeste à noroeste, perpendicularmente ao rio Urucauá e paralelamente à ilha de Wayadman, a qual se encontra à nordeste de Ukupi. Esse monte é caracterizado pela presença de vários picos, sendo que as grutas que caracterizam o sítio de Ulakte-uni estão localizadas no seu pico mais ao sul e próximo ao lago homônimo, localizado ao pé do deste pico, no seu lado leste.

Nimuendajú (2004) descreve que não muito distante do local habitado pelo Palikur Paul e sua família, se encontram duas cavernas que levam verticalmente para baixo da colina, sendo uma menor e outra de maiores dimensões. Na menor, não foram encontrados vestígios, enquanto a maior seria um cemitério utilizados pelos povos que produziram a cerâmica posteriormente filiada à fase Aristé:

“(...) serviu como um cemitério para aquele povo cuja cerâmica é quase idêntica à encontrada por Goeldi (1900) no Igarapé do Holanda (Coanany). Então, a teoria de Goeldi (p. 23), de que os índios do Coanany tinha previamente usado cavernas naturais como cemitérios e artificiais quando foram para um distrito onde as anteriores não poderiam ser encontradas, está completamente confirmada (NIMUENDAJÚ, 2004:47)¹⁸.”

De acordo com Nimuendajú (2004), dois buracos levavam 4 m abaixo para uma grande câmara subterrânea, sendo que a partir dessa, um conjunto de duas câmaras levavam para a encosta da colina, onde havia uma fenda que iluminava o interior da última câmara. A primeira era muito baixa com altura de aproximadamente 1 m e a segunda era ainda menor, sendo difícil até de sentar-se em seu interior. Não foram encontrados traços que indicassem que as cavernas tenham sido alteradas pelo homem.

Os materiais arqueológicos estavam colocados separadamente, nas duas câmaras menores em grandes quantidades; Nimuendajú (2004) descreve que apesar de ter procurado não encontrou o conteúdo das vasilhas, nem acompanhamentos funerários, os quais, também não teriam sido encontrados em Coanany (Nimuendajú 2004:47). Cabe ressaltar aqui, que também nos sítios megalíticos escavados por Mariana Cabral e João Saldanha (2008) não havia conteúdos no interior das vasilhas, apenas um sedimento muito friável.

¹⁸ Tradução livre do autor.

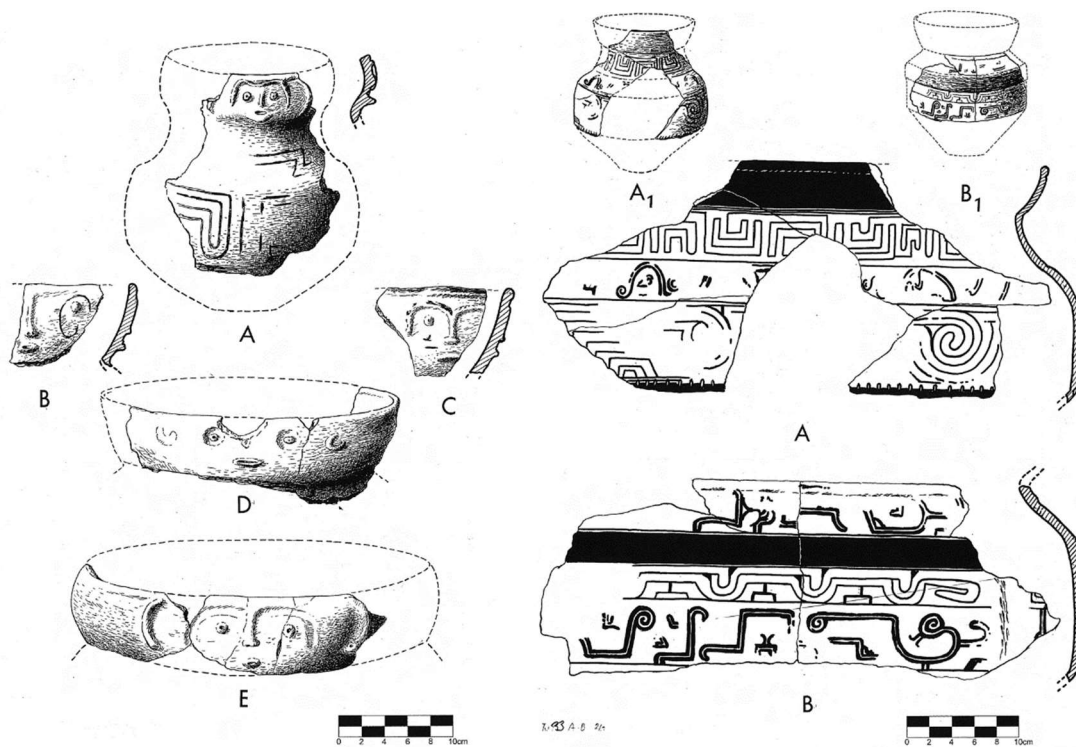


Figura 71 - Fragmentos cerâmicos do sítio Ulakte-Uni, Amapá, Uaçá. (NIMUENDAJÚ, 2004: 182-183)

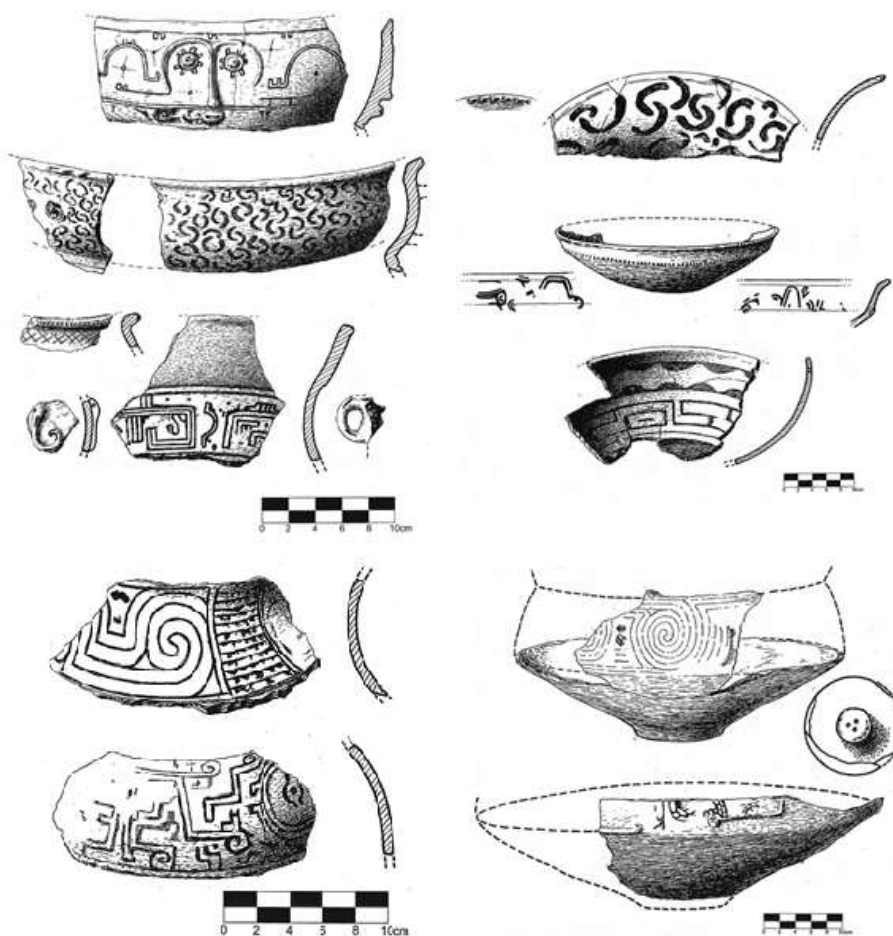


Figura 72 - Fragmentos cerâmicos do sítio Ulakte-Uni, Amapá, Uaçá. (NIMUENDAJÚ, 2004: 184-186)

Em janeiro de 2019, David, acompanhado dos Palikur Ailton Batista e Lega Labonté, revisitam o sítio arqueológico Uwaktewni, localizado no Monte Ukupi, verificando que ainda existem muitos fragmentos cerâmicos com decorações Aristé expostos em superfície.



Figura 73 - Fotos da visita realizada por David e colaboradores às cavernas de Uwaktewni em 2019. Acima e à esquerda, Ailton Batista segurando um fragmento cerâmico com decoração pintada em vermelho; abaixo e à direita David Green verificando uma das entradas das cavernas (Imagens por David R. Green, 2019).

Além das cavernas de Ulakte-Uni, Nimuendajú (2004) também relata ter realizado a coleta de fragmentos de uma tigela para ralar mandioca na localidade de Roça Comecomes no Monte Ukupi (Figura 74).

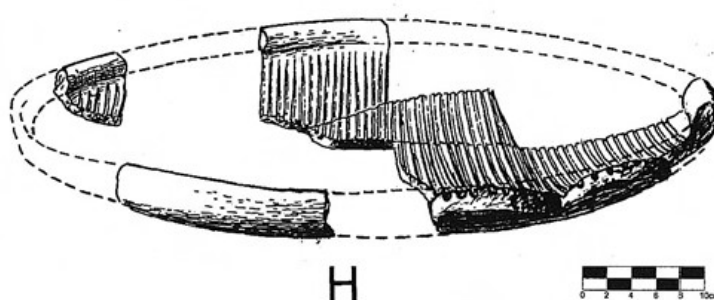


Figura 74 - Fragmentos cerâmicos do sítio Roça Comecomes, Monte Ukupi, Uaçá, Amapá. (NIMUENDAJÚ, 2004: Plate 14, p. 187)

Ainda, nos últimos anos, verificando o entorno do Monte Ukupi com auxílio das imagens de satélite disponíveis no software Zoom Earth, David identificou uma passagem antropogênica construída sobre os campos inundáveis, possivelmente uma obra

monumental, no Pasiswakun: Canal das Cupiúbeiras, perto de Uwaktewni, conforme pode ser observado nas imagens a seguir (Figura 75).



Figura 75 - Pasiswakun: o canal das cupiúbeiras com diferentes aproximações, possibilitando verificar as modificações da paisagem apontadas como estruturas antrópicas (Imagens por David R. Green, 2023).

3.1.14. Uraka

Este sítio também é um lugar que foi mencionado nas histórias que as pessoas contaram sobre a guerra com os Galibí, estando localizado em uma ponta de terra firme, próximo ao sítio de Aragbus, aproximadamente 2 km de distância. David e Lesley foram

lá com Floriano e Ivanildo. Uraka é caracterizado por ser uma grande área lisa com um afloramento granítico, localizado perto de um lago. Em alguns lugares desse afloramento, foi verificada a presença de polidores fixos (Figura 76) (GREEN et al., 2008).

Na superfície da rocha foram encontrados fragmentos de cerâmica. Um deles se parece com as garrafas de grês holandesas já registradas em outros sítio do estado do Amapá. A presença desse material na região do Uaçá levantou uma série de questões para Green et al. (2008): Será que essas cerâmicas foram trazidas para Uraka pelos Holandeses? Ou será que as pessoas que viviam no local faziam comércio com os Holandeses e depois traziam as cerâmicas aqui? É impossível saber ao certo, mas pode-se inferir que, antigamente, havia algum tipo de relação entre as pessoas da região e os Holandeses.



Figura 76 - Duas vistas dos polidores fixos encontrados em Uraka (NEVES, 2000-2001).

3.1.15. Warabdi (Uakayu-Uné)

O primeiro material registrado dessa região foi apresentado para Nimuendajú (2004) por uma garota que levou para ele um aplique com formato de cabeça de urubu (Figura 77), semelhante àqueles encontrados na região do Tapajós. Esse aplique teria vindo de uma antiga plantação, hoje coberta por altas moitas com espinhos, localizada na ilha de Uakayu-Uné. Segundo Lexan Yuyú, um dos colaboradores de Nimunedajú, as pessoas que viveram nesse local haviam morrido porque comeram a ponta da cauda de uma cobra demoníaca que o seu feiticeiro havia trazido com ele de uma visita ao mundo

dos espíritos. Outra narrativa sobre o sítio diz que “Warabdi é um local onde existia uma aldeia Palikur a cerca de 500 anos, e foi o cenário de batalhas com os Kurumsuk, gigantes brancos com armadura e orelhas grandes que atacaram os Palikur” (Saldanha & Cabral, 2009: 3), sendo definido como palco dos primeiros encontros com os europeus, uma narrativa que David acredita ser um evento histórico. Uma outra narrativa sugere que neste sítio viviam alguns Palikur por ocasião da chegada dos Galibi à região (Neves 2000/01), nesse caso, fica a dúvida se a chegada dos Galibi teria empurrado os Palikur da terra firme para as ilhas dos campos inundáveis, gerando o padrão de habitação verificado hoje na região, motivando o começo da guerra entre os Palikur-Arukwayene e os Galibi Ka'lina? David (comunicação pessoal, 2023) acredita que a aldeia antiga Warabdi foi um sítio importante na formação dos Palikur-Arukwayene atuais. Conforme ele contou, na narrativa do Sr. Uwet, os Galibi destruíram a aldeia de Warabdi, fazendo com que os Palikur-Arukwayene recuassem para o Kwap, depois Aragbus e para uma ilha estratégica entre o rio Urucauá e Uaçá chamada Tivigumnaw: a ilha das Andirobeiras, próxima à Aragbus (*op. cit.*).



Figura 77 - Aplique em formato de urubu do sítio Uakauy-Uné, Amapá, Uaçá. (Adaptados de: NIMUENDAJÚ, 2004: Prancha 14, p. 187)

Ao realizar a sobreposição do mapa de Nimuendajú (2004) com o resultado das atividades de Neves (2000-2001) e de Saldanha & Cabral (2009) foi possível verificar que o ponto referente à Uakauy-Uné se sobrepõe com a localização do sítio de Warabdi (Figura 78), registrado por esses últimos pesquisadores, então, consideramos nesse trabalho como sendo o mesmo sítio.

Este sítio está localizado em uma ilha de formato ovalado e com aproximadamente 800 x 300 m de extensão. O caminho para o sítio dista mais ou menos meia hora de Kumenê descendo o rio Urucauá de voadeira até o acesso à aldeia Tauari e depois seguindo pelo lado oposto do acesso, entrando no igarapé Wasaygwen (que se estende até a montanha do Cajari) na sua margem esquerda e, por fim, pelos campos inundáveis

até chegar à ilha do sítio, completando um trajeto de aproximadamente 8,5 km. No momento da visita de Eduardo ao sítio, ele era caracterizado por uma capoeira de cerca de 10 anos. A matriz do sedimento nesse sítio também é caracterizada pela ocorrência de lateritas, mesmo que pequenas (NEVES 2000-2001).

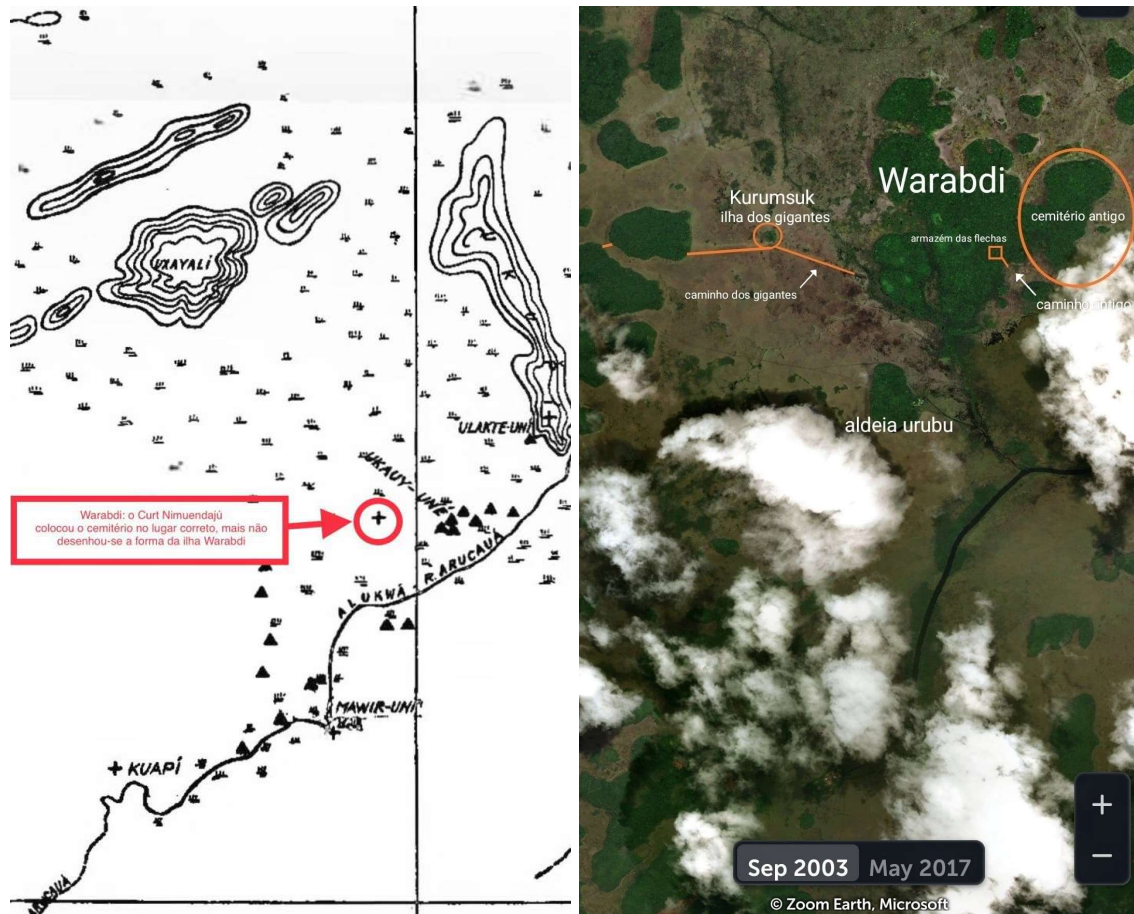


Figura 78 - Imagens de localização do Sítio Warabdi (Ukauy-Uné) identificado inicialmente por Nimuendajú (1926). À esquerda, indicação da localização do sítio por Nimuendajú, mas sem o desenho do contorno da ilha; à direita, localização do sítio sobreposta com imagem de no software Zoom Earth, sendo apontados os lugares presentes nas narrativas. Enfatiza-se Kurumsuk: ilha dos gigantes.

Ainda, conforme verificado por David (comunicação pessoal, 2023), ao analisar o entorno de Warabdi nas imagens de satélite disponíveis no Software Zoom Earth, existem possíveis caminhos construídos à esquerda da ilha, ligando com uma ilha de menores dimensões, denominada Kurumsuk: a ilha dos gigantes, que poderia ter abrigado os europeus durante essa guerra histórica.

De acordo com Neves (2000-2001), na superfície do sítio foi verificada a presença de muitos fragmentos cerâmicos e algumas feições, aparentemente de origem antrópica. Dentre essas feições há o que parece ser um caminho escavado que vai desde a água até o centro da ilha, também sua parte mais elevada. O caminho é cercado por dois pequenos montes laterais paralelos, um de cada lado. Ao final do caminho, no centro e parte mais

alta da ilha, há uma feição de forma ovalada, constituída por uma depressão cercada por um aterro. Essa depressão apresentava características que indicavam que sua natureza fosse, possivelmente, artificial.

Buscando compreender melhor a natureza das estruturas presentes no sítio, Neves (2000-2001) optou pela abertura de duas tradagens paralelas entre si, uma localizada sobre uma de suas pontas aparentemente aterradas da estrutura ovalada e outra na sua área central. Essas tradagens foram nomeadas, respectivamente como T1 e T2 (Figura 79).

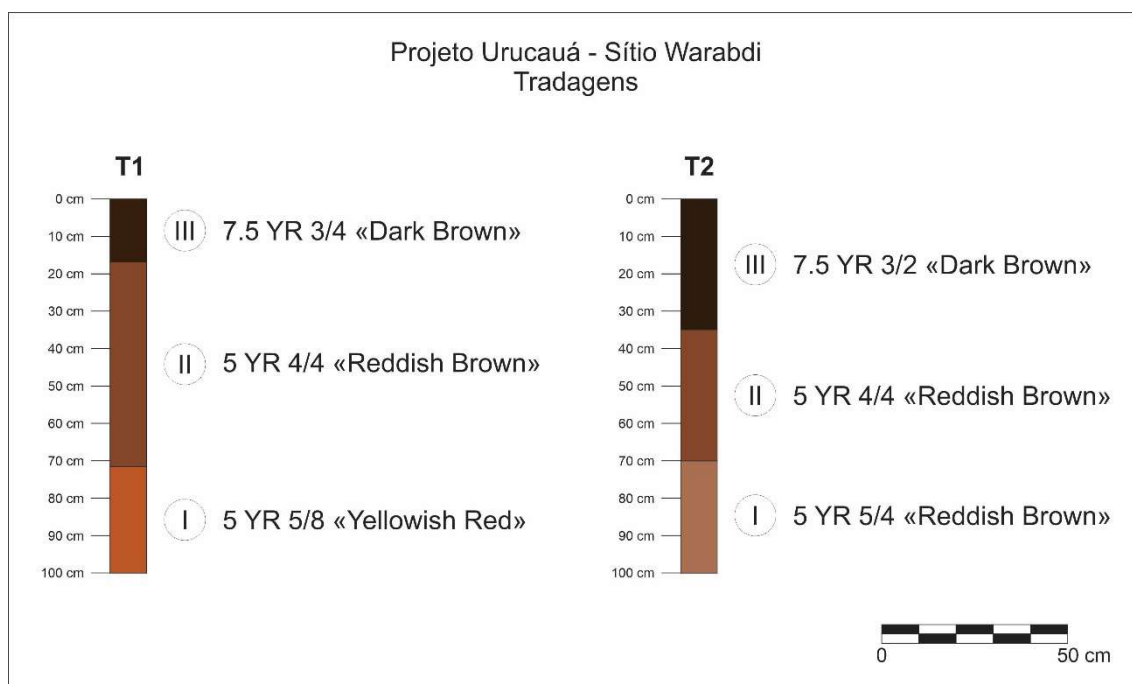


Figura 79 - Sítio Warabdi. Cortes estratigráficos das tradagens (T1 e T2) escavadas por Eduardo Neves (2000-2001) (Prancha elaborada pelo autor: SILVA, 2019).

Na tradagem T1 foi verificado que o sedimento em geral é bastante argiloso e pedregoso em todos os níveis, sendo que o Nível I, aproximadamente 75 cm de profundidade, já caracterizava uma piçarra com rochas bastante grandes, indicando, possivelmente, o substrato geológico, caracterizado pela presença da carapaça laterítica. Foi verificada a presença de material cerâmico em profundidade e realizada uma coleta de carvão, associada à fragmento cerâmico, aos 30 cm de profundidade. Já na tradagem T2 o material aparece em maior frequência e com maior profundidade, sendo que a 1 m de profundidade ainda não havia sido alcançado o substrato geológico.

Ivanildo, um dos Palikur que acompanhava Eduardo, sugeriu que o buraco original dessa área ovalada possuía, inicialmente, a forma de um retângulo, cujas vértices foram desmoronando com o tempo devido à bioturbação, sugestão a qual Eduardo considerou como relevante (NEVES, 2000-2001).

Neves (2000-2001) não realizou uma prospecção intensiva e extensiva nesse sítio, contudo, ele enumerou os seguintes problemas e atividades a serem realizadas no sítio:

- 1) A depressão é irregular ou quadrangular?
- 2) Por que a depressão é mais funda que a superfície adjacente?
- 3) O “sepultamento” dentro da depressão é mesmo um sepultamento ou um buraco de tatu?
- 4) A saída para o caminho é mesmo rebaixada?
- 5) Qual é a área total do sítio, uma vez que ele não verificou o outro lado da ilha?

Como sugestão de atividades a serem realizadas no sítio o autor indica:

- 1) Abertura de uma trincheira perpendicular à vala e ao aterro com o objetivo de entender o seu processo de construção;
- 2) A delimitação sistemática do sítio através da abertura de sondagens regulares;
- 3) Topografia realizada em conjunto com a delimitação.

Sobre Warabdi, Neves (2000-2001) ainda observa que esse sítio se assemelha ao sítio Ilha da Fortaleza, visitado por ele na região do Mazagão, uma vez que possui cobertura vegetal de capoeira, está localizado no topo de uma colina e tem valas e aterros, indicando uma possível relação entre essas distintas áreas do estado.

Warabdi foi revisitado por João Saldanha e Mariana Cabral em 2008, quando esses pesquisadores tinham como objetivos: realizar um mapeamento das feições e coletar os materiais de superfície a fim de diagnosticar o tipo de cerâmica presente. Nesse momento, a vegetação do sítio permanecia como uma capoeira fechada, dificultando a visibilidade na área. Ao desembarcarem no sítio, Saldanha e Cabral (2009) se depararam com duas estruturas identificadas pelos Palikur como fornos de pão de mandioca (beiju), as quais são caracterizadas por estruturas de barro e pedra, de formato circular e com uma altura aproximada de 0,5 metros. No interior de uma delas, havia fragmentos de um assador de cerâmica com borda incisa (Figura 80). Próximo às estruturas, também foram encontrados fragmentos de um grande pote que, Avelino Labonté – Palikur que os acompanhou nas atividades, relatou lembrar que, quando criança, havia visto potes de caxiri inteiros neste local (SALDANHA & CABRAL, 2009)



Figura 80 - Sítio Warabdi: À esquerda, vista geral da estrutura de assar beiju. À direita, fragmento de assador de beiju encontrado junto à estrutura (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009).

A primeira atividade de prospecção realizada por Saldanha & Cabral (2009) foi identificar e mapear as estruturas descritas por Neves (2000/01): a vala/caminho que dá acesso ao sítio e a estrutura escavada de formato ovalado (Figura 81). Após a sua identificação, foi verificado que havia uma grande concentração de cerâmica em seu entorno. Como dimensões, foi verificado que junto ao campo alagado e a cerca de 20 metros dele, a fossa possui 11 metros de comprimento e 1,5 metros de profundidade e que a partir daí o caminho segue em 309° rumo ao topo da ilha. Ao final, a cerca de 5 metros dele, se encontra a estrutura de terra de formato circular/oval, formada pela escavação de uma área e aterro dos limites, também descrita anteriormente.



Figura 81 Sítio Warabdi. À esquerda, vala/caminho escavado; à direita, estrutura ovalada, pode-se notar que o centro da foto caracteriza uma área de depressão (Fonte: Acervo NuPArq/IEPA).

Depois de identificar as estruturas descritas por Neves (2000-2001), Saldanha & Cabral (2009) seguiram contornando a ilha até alcançar a área de um cemitério antigo, que está fora de uso há alguns anos, possivelmente o mesmo cemitério descrito por Nimuendajú (2004) como Walabdi. Nesse não foram encontradas cerâmicas em sua superfície, como em Kwap (GREEN, GREEN & NEVES, 2003). Outro ponto observado por Saldanha & Cabral (2009) é que nesse sítio não há a presença de cruzeiros, mas era

possível observar os montículos de terra que marcam as covas, assim como a presença de uma planta com folhagem de tom arroxeadado que os Palikur costumam colocar nos cemitérios (SALDANHA & CABRAL, 2009).

Dando continuidade ao percorrimento do entorno da ilha, buscando a delimitação do sítio, Saldanha & Cabral (2009) encontraram outra vala/caminho escavado que não havia identificada pelos trabalhos anteriores.

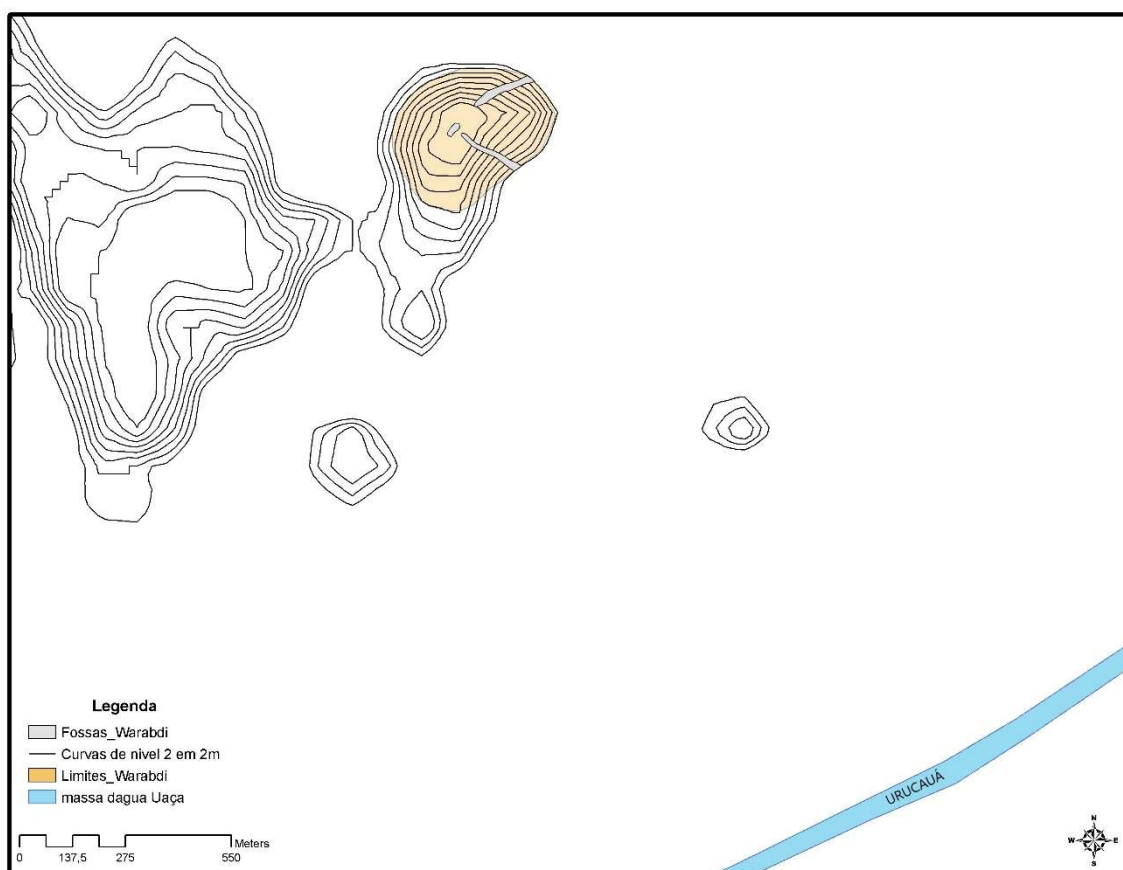


Figura 82 - Sítio Warabdi. Croqui e delimitação do sítio com identificação das estruturas antrópicas. (Fonte: SALDANHA & CABRAL, 2009)

Como resultado dos trabalhos de Saldanha & Cabral (2009) no sítio de Warabdi foi possível registrar a área de dispersão de material arqueológico em superfície por todo o topo da ilha, realizar o registro e plotagem das três estruturas antrópicas: duas valas/caminhos, que ligam os campos inundáveis ao topo, e, por fim, uma estrutura ovalada formada pela escavação do interior e deposição do seu conteúdo no entorno, formando aterros, localizada na porção central do topo da ilha (Figura 82). Também foram realizadas coletas de superfície na área do sítio, dentre elas os fragmentos de assador descrito anteriormente (Figura 80).

3.1.16. Warumka: o Monte Tipoca

Conforme pode ser observado na imagem a seguir (Figura 83), o Monte Tipoca é caracterizado por ser uma paisagem que abrange marcos territoriais, como por exemplo a Ilha Ivegepket, dois pontos que se relacionam às narrativas de Karumayra, uma aldeia antiga que localizada em uma península, indicada por David Green como uma possível montanha coroada e um Sambaqui, o qual está relacionado como as narrativas da Cobra Grande Waramwi. Ainda, ao sul de Tipoca, em Saramna: Ilha Kalbas, existe uma aldeia antiga Palikur denominada Wagaygiye. É digno de nota, enfatizar que nesta área, onde existe a possibilidade de existência de um dos sítios mais antigos da região, haja vista a existência de um sambaqui, também constam referências às narrativas de Karumayra, porção norte da imagem.

No sítio arqueológico de Tipoca, localizado na ilha de Ivegepket, que em português significa “mirante”. Essa ilha é maior que a paisagem circundante, algo em torno de 30 m de altitude máxima, e oferece uma boa visão de uma porção do rio Urucaú (GREEN 2015). A viagem ao sítio descrita por Lesley Green (2015) engloba o seguinte trajeto, descer o rio de voadeira com motor, carregando uma canoa, seguida pela viagem de remo na canoa durante a maior parte do dia da viagem pelos campos inundados e finalizando com caminhar a pé.

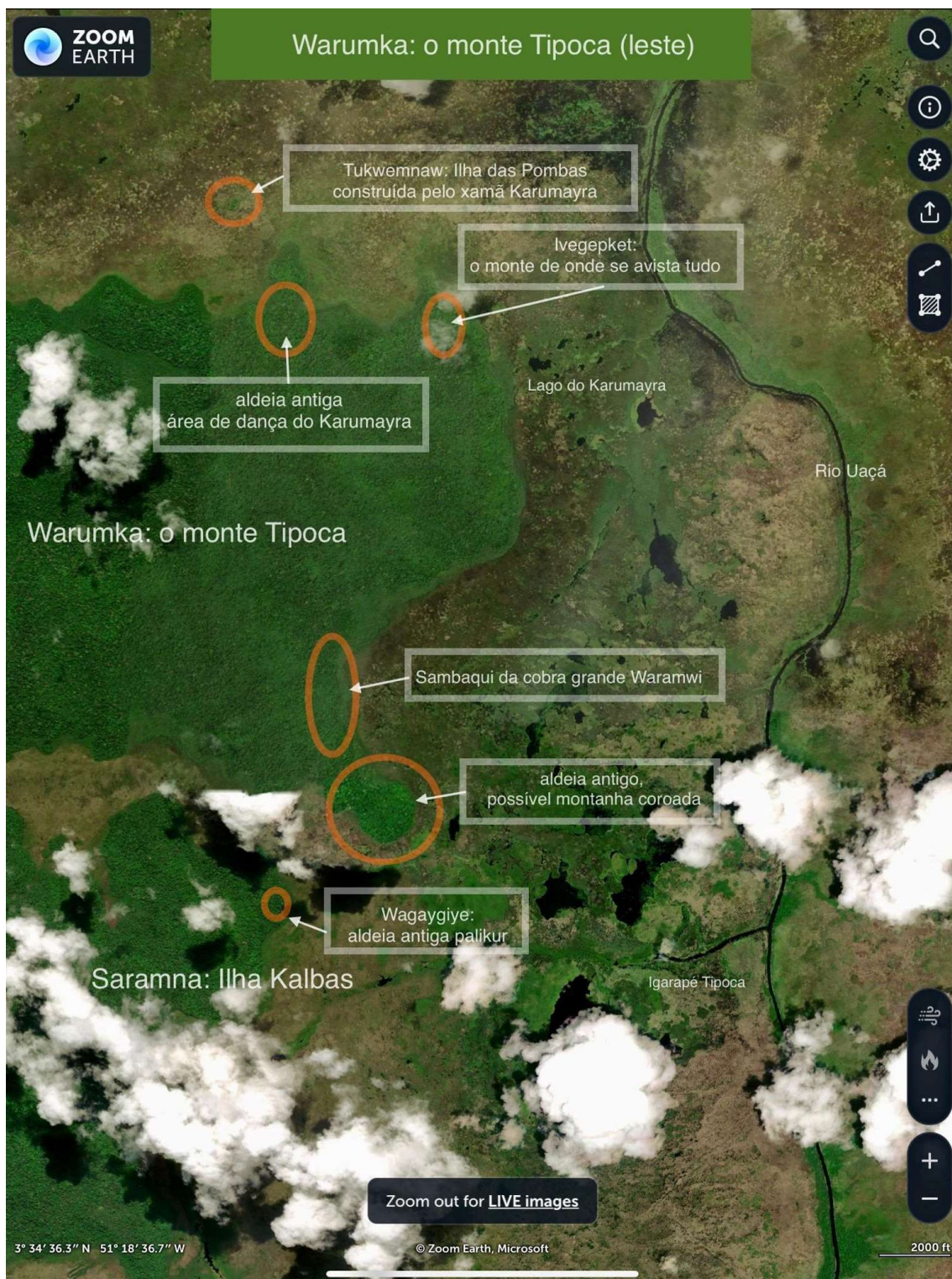


Figura 83 - Mapa de localização das áreas de interesse arqueológico em Warumka: o Monte Tipoca. (Elaborado por David R. Green, 2023).

Esse sítio é caracterizado por ser um depósito de conchas e ossos de animais, caracterizando um sambaqui (Figura 84). As pessoas locais chamam esse sítio de Waramwi Giyube, ou o lixo de Waramwi, um personagem ontológico para os Palikur (GREEN et al. 2008).



Figura 84 - À esquerda, Ivanildo Gomes em Tipoca, no Ivegepket; à direita, vista das conchas que formam o sambaqui de Tipoca (Fotos por David Green, Fonte: Green, 2015)

Apesar do interesse de Eduardo Neves (2000-2001) em visitar esse sítio, depois de muitas conversas com David, Lesley e Ivanildo, a decisão foi que não iriam para Tipoca para verificar o suposto sambaqui que lá existe, ficando a visita pendente para uma outra oportunidade. Assim, esse sítio carece de maiores informações sobre o seu contexto de deposição, bem como sobre os materiais arqueológicos ali presentes. Green (2015) informa que nesse sítio foram encontradas conchas perfuradas que podem ter servido como contas de colar.

Não foram realizadas intervenções arqueológicas nessa área, mas se houvesse interesse da comunidade, esse poderia ser o primeiro sambaqui a ser escavado no estado do Amapá e seria de grande importância para a compreensão da história de ocupação de território, principalmente pela possibilidade de associação aos povos denominados como Mayés nos registros históricos, uma vez que estes foram descritos como os povos pescadores-coletores que habitavam os mangues da costa norte do estado do Amapá, mais especificamente a área entre o rio Cunani e o Cabo Orange, chegando inclusive a ter conflitos bélicos com os Palikur-Arukwayene, os quais, auxiliados pelas coroas europeias teriam sido extintos (SILVA, 2016). Importa ressaltar que, conforme levantado em Silva (2016), as inferências elaboradas sobre esses povos, sugerem que eles teriam sido um dos povos mais antigos do estado do Amapá, no entanto, acredito que essa inferência tem como base um pensamento evolucionista unilinear, onde a sua antiguidade está diretamente relacionada com a sua possível economia de pesca-coleta e o modo de vida semi-nômade em áreas de mangues. Mas a sua contemporaneidade aos demais grupos indígenas da região durante o período colonial, somada à escassez de informações, impossibilitam o aprofundamento dessas questões, valendo ressaltar aqui a importância de intervenções arqueológicas nesta região.

3.1.17. Wakawayanvit

Esse local foi apontado por David como um possível sítio arqueológico ao analisar cuidadosamente os registros que Nimuendajú fez do sítio Ukauy-uné, estando possivelmente relacionado à esse último. Conforme observado por David, Nimuendajú escreve Ukauy-uné (no mapa), no entanto, no aplique de urubu rei que ele coleta, está escrito Wakawyuné. Escrito dessa forma, o sentido é o clã do falcão acauã. De fato, David verificou que a ilha Wakawayanvit fica próximo a ilha Warabdi.



Figura 85 - Acima, correlação entre as nomenclaturas apresentadas por Nimuendajú para a área, com diferenças entre a nomenclatura constante no mapa e a nomenclatura constante no aplique. Abaixo mapa de localização de Wakawayanvit com relação à Warabdi e Tawari (aldeia atual) na margem oposta do rio (Elaborado por David Green, 2021).

Ainda, David acredita que a família do finado cacique Emílio Leôncio na ilha Tawari (Irimewni) encontraram os vestígios arqueológicos. Em 2019, o atual cacique no Tawari, Henrique Leôncio (filho do Emílio) mostrou para David alguns cacos e apliques

na casa dele, no entanto, ele ainda não teve a oportunidade de visitar a ilha para realizar mais registros. Por fim, ele enfatiza que narrativas sobre os urubu-rei são importantes na cosmologia Palikur, mas que, ao mesmo tempo, é uma narrativa regional, apontando, por fim, a existência de possíveis conexões com a cerâmica de Santarém.

3.1.18. Wayadman (Montayh Koklis)

Esse sítio está localizado em uma ilha localizada nos campos inundáveis perto da aldeia Flecha, a primeira aldeia localizada na margem esquerda do rio Urucaú próximo à sua foz e, conseqüentemente, seu encontro com o rio Uaçá. O seu nome Wayadman (Palikur) pode ser traduzido como Montayh Koklis (patois) ou como Montanha Caracol (Português). Flecha é uma aldeia Galibi, mas que também possui habitantes Palikur. O acesso ao sítio é feito por um longo caminho, uma viagem de aproximadamente duas horas de barco e depois mais vinte minutos de caminhada pela floresta. O trajeto da viagem seria, partindo de Flecha em direção oeste e depois norte até alcançar o sítio.



Figura 86 - Diferentes vasilhas encontradas no sítio Wayadman/Montayh Koklis e que se encontravam na Aldeia de Flecha em 1997 (Fotos: David Green, 1997).

O primeiro registro da existência desse sítio foi feito por David Green e Lesley Green em 1997, quando um indivíduo, Sr. Sandoval ‘Caramujo’ Narciso, que morava em

Flecha (atualmente mora na aldeia Kuahí), mostrou aos pesquisadores três potes que havia recuperado em uma caverna. Desses, dois teriam se quebrado, sobrando apenas um, o qual se encontra na casa do líder da comunidade durante a visita de Eduardo (NEVES 2000/01).

Wayadman é um sítio caracterizado pela existência de cavidades na matriz rochosa (laterítica) onde foram encontrados depósitos funerários. Eduardo visitou duas cavidades nessa área, os quais nomeou como Montayh Koklis I (MKI) e Montayh Koklis II (MKII). As cerâmicas que se encontram depositadas são muito elaboradas e semelhantes às encontradas por Goeldi (1905) no poço funerário da região do Cunani (NEVES 2000/01; GREEN et al. 2008).



Figura 87 - Duas vistas de Montayh Koklis I (MKI), à esquerda acesso à abertura vertical da cavidade; à direita interior da cavidade visto de fora da abertura (Fotos: David Green, 2000).

As tentativas de realizar prospecções interventivas no sítio foram frustradas por desencontros no diálogo entre o cacique o Sr. ‘Zecão’ Narciso, pai de Caramujo, e a equipe de pesquisa na época da visita de Eduardo (2000/01), contudo ficou acertado que em um próximo momento três Galibi seriam incluídos na equipe, o que poderia mudar o quadro das atividades, possibilitando a realização de intervenções em subsuperfície. Dessa forma, nesse sítio foi realizado o registro através de fotografias e desenho de croquis esquemáticos, bem como a coleta de materiais diagnósticos que se encontravam na superfície.



Figura 88 – Acima, ‘Zecão’ Narciso, pai de Caramujo, líder da comunidade de Flecha nos anos 2000, segurando vasilha retirada de Wayadman/Montayh Koklis (Montanha Caracol) por Caramujo antes de 1997; Abaixo, 4 (quatro) apliques coletados em Wayadman/Montayh Koklis, sendo os 3 (três) primeiros zoomorfos e o último antropomorfo (Fotos: David Green, 2000).

O pote coletado por Caramujo e que se encontrava em Flecha foi fotografado por Eduardo (Figura 89) e se caracterizava por ser uma urna de pequenas dimensões com pintura vermelha em sua superfície. Essa vasilha teria sido retirada do sítio MKI, juntamente com os outros dois que desapareceram. Juntamente com os fragmentos coletados, eles deveriam totalizar um conjunto de 5 a 10 vasilhas, semelhante ao descrito por Goeldi (1905) para a região do Cunani (NEVES 2000-2001).



Figura 89 - Vasilha Coletada por Caramujo no sítio Montayh Koklis I e armazenada na casa do líder da aldeia de Flecha. Fotos da rotação da vasilha, capturando as suas quatro faces (Fotos: Eduardo Neves 2000-2001).

O abrigo de Montayh Koklis I (MKI) se caracteriza por ser uma fenda aberta na laterita de aparência natural, a qual formou uma pequena gruta em forma de “L” com duas vias de acesso (Figura 90). Uma das vias de acesso é uma abertura horizontal em um paredão de laterita que só podia ser acessada por meio de uma escada (Figura 87) e a outra é um buraco vertical na rocha, com profundidade aproximada de 2 m, conforme pode ser observado a seguir.

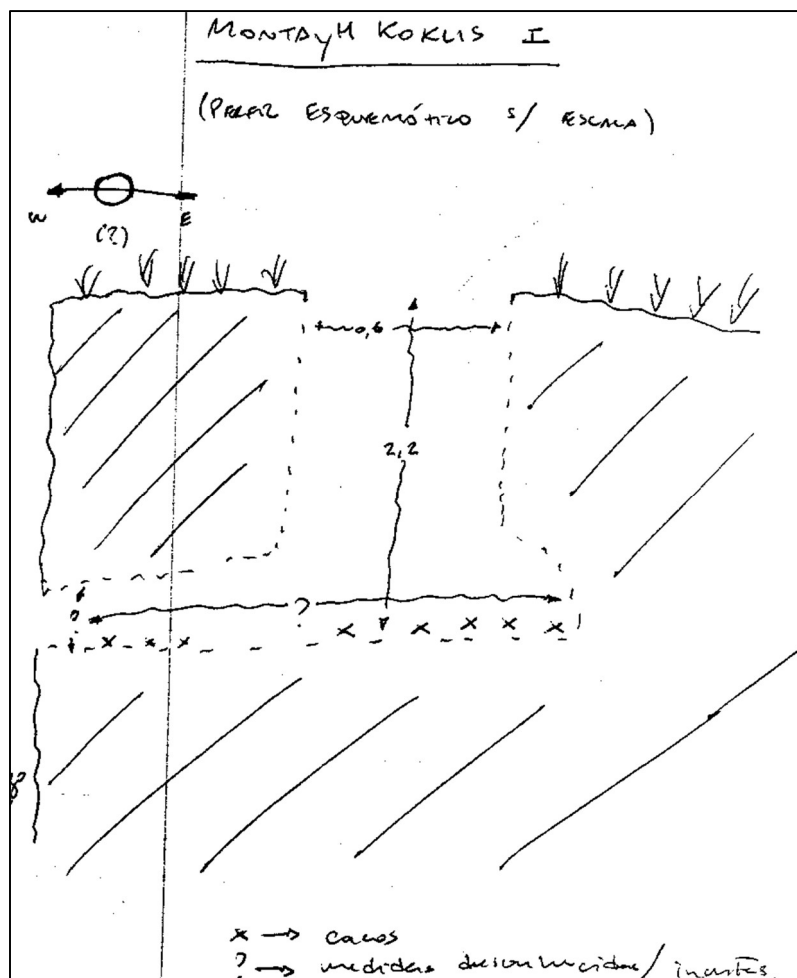


Figura 90 - Croqui com perfil esquemático sem escala do abrigo de Montayh Koklis I (Elaborado por: Eduardo Neves 2000-2001)

Não havia peças inteiras no interior de MKI, as quais já haviam sido retiradas por Caramujo. Os fragmentos que foram coletados indicam a ocorrência de pelos menos quatro outros potes de formas diferentes, sendo que em alguns havia a presença de pintura vermelha e decoração modelada, sugerindo a possibilidade de serem filiadas à fase Aristé (NEVES 2000-2001). A probabilidade de existência de outras cavidades como MKI é muito alta, como exemplo, a aproximadamente 100 m dali, foi encontrado MKII.

A cavidade nomeada por Montayh Koklis II (MKII) por Eduardo Neves (2000-2001) é caracterizada por ser um pequeno vão localizado atrás da queda d'água de uma cachoeira (Figura 91). Nessa cavidade também foi encontrado um pote retirado por Caramujo. Durante a visita ao local, foi realizada a coleta de pequenos fragmentos encontrados na base da queda d'água. David Green encontrou um belo exemplar de borda oca, o qual se assemelha às cerâmicas de Santarém (NEVES 2000-2001).

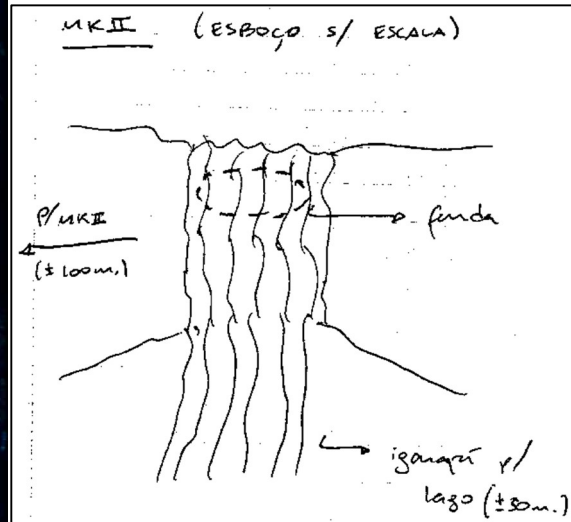


Figura 91 - À esquerda, fotografia da queda d'água onde se encontra a cavidade de MKII; à direita, croqui esquemático de MKII (Foto e croqui por: Eduardo Neves 2000-2001).

A descrição de Neves (2000-2001) sobre Wayadman finaliza com a caracterização da geologia da área, onde consta que toda a região de Flecha, incluindo a área onde se encontram MKI e MKII possui forte presença de laterita, sugerindo que essa possivelmente é a “bedrock” das ilhas encontradas nessa parte da bacia do Urucauá. E que, devido à essas características, há grande probabilidade de ocorrência de outros sítios como MKI e MKII nessa região. Contudo, o autor indica que qualquer trabalho futuro na área dependerá de longas conversas com os índios Galibi locais.

3.1.19. Waratnayan: Maguarizinho

O último sítio arqueológico visitado por David na T.I. Uaçá foi o afloramento denominado Waratnayan (Maguarizinho), em agosto de 2021 e acompanhado dos Palikur-Arukwayene Henrique Batista e Liseudo Batista (Figura 92).



Figura 92 - À esquerda, David Green no afloramento Waratnayan; à direita, David Green, Henrique Batista e Liseudo Batista.

Este é caracterizado por um afloramento granítico, onde David identificou depressões circulares (cúpulas) e, também, furos circulares no maciço rochoso, os quais estão associados à fragmentos cerâmicos dispersos no chão.



Figura 93 - À esquerda, vista de um abrigo sob rocha; à direita vista de fragmento cerâmico in situ, na superfície do sítio.

Nesse sítio também foi identificada uma lâmina de machado em pedra polida, bem como a aproximadamente 600 m do afloramento principal, foram registrados polidores fixos em afloramento na margem do igarapé, conforme ilustrado a seguir.



Figura 94 - Acima e à esquerda, Lâmina de machado de pedra polida encontrada em superfície; abaixo e à esquerda e à direita, duas vistas dos polidores fixos identificados na margem do igarapé, imagens obtidas através do uso de LIDAR e processamento no software Polycam no iPad (David R. Green, 2021).

Também, de desperta a curiosidade, mas sem origem antrópica comprovada, foram identificadas depressões circulares (cúpulas) e até mesmo furos circulares no granito macio que caracteriza a matriz rochosa, conforme pode ser observado nas imagens a seguir (Figura 95).



Figura 95 - Duas vistas de diferentes anomalias identificadas na formação granítica do sítio arqueológico Waratnayan (Fotos por David R. Green, 2012).

3.1.20. Rio Curipy

A única indicação de sítio arqueológico no rio Curipy dada por Nimuendajú vem de um achado que ele adquiriu com um árabe que morou na região durante muitos anos. O primeiro, era uma lâmina de machado que havia sido encontrada na Serra de Caripura, na margem esquerda do baixo Curipy; a segunda lâmina e menor, havia sido encontrada próximo da Capela, contudo não há maiores referências de sua localização.



Figura 96 - Lâminas de machado provenientes da região do rio Curipy. À esquerda, lâmina da Serra da Caripura; à direita, lâmina encontrada próxima da capela (NIMUENDAJÚ, 2004: Prancha 14, p. 187)

3.2. Um Norte para a Continuidade das Pesquisas

Com base naquilo que foi identificado até o momento, e seguindo as indicações dos pesquisadores anteriores conforme apontado no Capítulo 2, tendo em vista os tipos de materiais identificados, os contextos arqueológicos e a área ‘área-cultural’ abrangida pela Terra Indígena Uaçá, é possível inferir que os sítios arqueológicos identificados até o momento nessa T.I. podem ser filiados à fase arqueológica Aristé.

Nesse momento, essa inferência é realizada principalmente a partir de apenas alguns registros de materiais em superfície e alguns testes em profundidade. Trabalhos de escavação posteriores, com controle minucioso de estratigrafia complementados com séries de datações por C14 podem vir corroborar ou refutar essa hipótese. No entanto, no presente, não há elementos suficientes que apontem pelo contrário.

Para além da realização de escavações amplas e sistemáticas, esse levantamento de sítios na área da T.I. Uaçá acabou por proporcionar uma nova visão da arqueologia nessa região, onde vemos uma continuação daquelas práticas de transformação da

paisagem já apontadas para o restante das guianas (ROSTAIN, 2008, 2010) e ainda muito tímidas no estado do Amapá.

Ainda, somando-se a intensa modificação da paisagem, vem sendo verificado que, através das análises com auxílio de Softwares de Visualização de Imagens de Satélite que essa área aparentemente foi densamente ocupada ao longo dos anos com indicação de existência de um possível sistema de manejo de águas bem como a construção de um complexo sistema de locomoção, narrado na forma eventos míticos, mas marcado na paisagem na forma de aterros elevados em campos alagáveis.



Figura 97 - Possível sistema antigo de manejo de águas ao longo do Rio Urucauá, Amapá Brasil (Elaborado por David R. Green, 2023).

Por fim, tendo em vista o levantado até o momento, vemos que a possibilidade para a continuidade das pesquisas deve seguir para além da tentativa de compreensão dos sítios individualmente, tanto no que tange à oralidade quanto a sua materialidade, e que a ênfase deve ser colocada sobre a multiplicidade de formas de ocupação dessa paisagem pelos povos produtores das cerâmicas filiadas à fase Aristé, as quais foram anteriormente interpretadas como diferentes elementos de uma “gramática de monumentos megalíticos e lugares naturais na costa norte do Amapá (SALDANHA & CABRAL, 2012).

No entanto, com base nas evidências obtidas, tem se percebido que a ocupação dessa paisagem vai além de aspectos funerários. Ela engloba uma série de práticas e

atividades que demonstram uma relação complexa e dinâmica entre os povos indígenas e o ambiente em que viviam.

Uma das principais descobertas é possibilidade de existência de sistemas de domesticação de espécies e a manipulação da paisagem para a produção de alimentos. Isso indica que os povos que produziram as cerâmicas Aristé não apenas utilizavam a paisagem para fins funerários, mas também para a subsistência e o manejo dos recursos naturais.

Além disso, foram identificados vestígios de construções de canais e caminhos elevados, sugerindo a existência de redes de transporte e comunicação entre diferentes áreas da paisagem. Essas estruturas evidenciam a habilidade dessas populações em modificar e adaptar o ambiente de acordo com suas necessidades.

Essas descobertas apontam para uma ocupação mais abrangente e complexa da paisagem, que vai além do contexto funerário e monumental. O uso e transformação do ambiente por parte desses povos envolveram uma interação íntima e dinâmica com a natureza, revelando um conhecimento profundo e uma adaptação eficiente aos recursos disponíveis.

Essa nova perspectiva desafia interpretações anteriores e enfatiza a importância de considerar a diversidade de práticas e usos da paisagem pelos povos produtores das cerâmicas da Fase Aristé. As pesquisas futuras devem continuar a explorar essas interações complexas, tanto por meio da análise dos vestígios materiais, como das narrativas orais e das tradições culturais transmitidas ao longo do tempo. Isso contribuirá para um entendimento mais completo e contextualizado da história e da cultura desses povos na região.

4. UM VISLUMBRE SOBRE A MATERIALIDADE ARQUEOLÓGICA EM KWAP

Uma vez que o conhecimento arqueológico tem por base o estudo da materialização das ações humanas no mundo, optou-se por intitular o presente tópico como dessa forma, pois ele se trata da percepção da solidez e a tangibilidade dos objetos ao nosso redor, nesse caso as coleções arqueológicas da T.I. Uaçá, com foco especial no sítio Kwap, selecionado como amostra do presente estudo.

Assim, esse vislumbre da materialidade se trata da capacidade de ver e tocar o mundo físico que nos cerca, sentir a textura de uma superfície, ouvir os sons que nos rodeiam e experimentar as sensações corporais, se trata da percepção da substância material das coisas, que nos permite interagir com o ambiente físico e compreender sua existência concreta.

Esse vislumbre da materialidade nos lembra que somos seres corpóreos em um mundo físico, e que nossas ações e experiências estão enraizadas na substância tangível ao nosso redor, a qual é transformada, produzida e/ou significada pelas nossas ações. É através dessa materialidade que exploramos, interagimos e compreendemos o mundo em que vivemos.

Assim, é por meio desses vislumbres da materialidade que nos conectamos à realidade física e tangível do mundo ao nosso redor. Nos lembramos da existência concreta dos objetos e das interações sensoriais que temos com eles, despertando uma apreciação mais profunda do mundo material e de como ele molda nossas experiências e interações diárias.

4.1. Para uma seleção e definição do universo tangível

Primeiramente, tendo em vista todas as informações levantadas até o momento, infere-se que as cerâmicas arqueológicas coletadas no sítio Kwap são filiadas à fase Aristé, premissa a ser confirmada ou refutada pela presente análise. Assim, de forma a permitir a geração de dados comparáveis das cerâmicas em estudo com os resultados já obtidos para as cerâmicas dos sítios filiados à Fase Aristé no Amapá, será utilizado nesse trabalho o mesmo método de análise proposto para os projetos que envolvem a análise desse tipo de vestígios no NuPARq/IEPA (ver SILVA, 2016).

Assim, para a compreensão da cerâmica será utilizado um método de análise que pensa o vasilhame cerâmico como principal objeto de pesquisa, considerando as relações que os atributos mantêm entre si (WÜST, 1990), sendo priorizada a forma dos vasilhames. Esta metodologia se baseia essencialmente, mas não exclusivamente, na análise das bordas das vasilhas, buscando encontrar o Número Mínimo de Vasilhas (NMV), de forma a permitir uma caracterização geral dos vasilhames cerâmicos dos sítios em estudo, através de duas etapas de análise.

A primeira consiste na identificação dos atributos técnico-estilísticos dos vasilhames através da análise de variações na pasta, tecnologia de manufatura, morfologia da borda, elementos estilísticos e marcas de uso (SHEPARD, 1965; MEGGERS &

EVANS, 1970; SINOPOLI, 1991; VACHER *et al*, 1998; GOMES, 2002, 2008; F. SILVA, 2008). E a segunda etapa consiste na reconstituição gráfica das formas dos vasilhames com conseqüente enquadramento na tipologia cerâmica que vem sendo elaborada pelo NuPARq/IEPA que objetiva na identificação de tipos funcionais (MEGGERS & EVANS, 1970; ARCELIN & RIGOIR, 1979; SINOPOLI, 1991; GOMES, 2008; SILVA, 2011, 2016).

A coleção arqueológica do Projeto de Arqueologia Pública na T.I. Uaçá se encontra dividido em duas reservas técnicas. Uma porção do material, referente às primeiras coletas realizadas por Eduardo Neves no ano de 2000 foram enviadas para o Museu Paraense Emílio Goeldi e ainda se encontram lá. Sobre essa coleção, possuímos a seguinte quantificação, a qual constava no diário de campo de Eduardo (NEVES, 2000/01).

Tabela 4 - Relação do material depositado na reserva técnica do MPEG conforme consta no diário de campo de Eduardo Neves (NEVES, 2000/01).

SÍTIO	Nº de Sacos
Kumene	1
Montayh Koklis	2
Ukupi	2
Murun	1
Uraka	1
Warabdi	8
Kwap	6
Aragbus	15
TOTAL	36

Sobre esta coleção, visto que pouco depois da finalização das pesquisas de campo realizadas por Eduardo, foi solicitado por duas lideranças Palikur ao IPHAN a restituição do material arqueológico à comunidade, uma possibilidade é que seja feita a restituição desse material para o estado do Amapá, com a possibilidade de responsabilidade do Núcleo de Pesquisa Arqueológica – NuPARq do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA, essa opção teria, inicialmente, o objetivo de reunir todo o material do referido projeto, contudo, para a sua efetuação, todas as partes envolvidas devem estar de acordo, sendo elas as atuais lideranças e associações Palikur, o MPEG, o IEPA e o IPHAN. Outra possibilidade de restituição, levando em conta a solicitação no passado de retorno desses materiais para a T.I. Uaçá, poderia ser o traslado e armazenamento de toda a coleção, tanto aquela que se encontra no Goeldi como no

NuPARq/IEPA para o Kuahí - Museu dos povos Indígenas do Oiapoque: Artes, Ciência e Tecnologia.

Entendo, atualmente, que é possível que essa coleção seja remanejada para o Museu Kuahí, no entanto, atualmente ele não possui uma reserva técnica em condições adequadas para a realização dessa ação. Assim, após a estruturação deste Museu, tanto em questão de espaços físicos e equipamentos, quanto em questão de corpo técnico, é possível que as coleções arqueológicas do Oiapoque, em especial da Terra Indígena Uaçá, sejam trasladadas para esse Museu, inclusive pelo fato de que a atual localização dessas coleções encontra-se à quase 600 km de distância da sua origem, o que dificulta a sua extroversão junto a população.

A outra porção da coleção resultante das atividades de campo na T.I. Uaçá, mais numerosa, se encontra localizada na cidade de Macapá-AP, na Reserva Técnica do NuPARq/IEPA, conforme podemos ver na tabela a seguir (Tabela 5). Conforme apontado por Cabral (comunicação pessoal, 2023) os materiais arqueológicos que compõem atualmente a coleção do NuPARq/IEPA, são referentes tanto às pesquisas de Neves (2000/01) quanto de Saldanha & Cabral (2009), sendo que o material coletado por Neves (2000/01) que se encontrava no Museu Joaquim Caetano, após a retomada das pesquisas na área por Saldanha & Cabral (2009), foi movido para o NuPARq/IEPA como resultado de um acerto gerado entre ambas as instituições.

As atividades referentes ao tratamento dos materiais arqueológicos da T.I. Uaçá tiveram maior foco na sua curadoria, ou seja, em primeiro lugar a localização dos vestígios, para que em seguida fossem reacondicionados em novas embalagens, uma vez que ainda se encontravam nas embalagens originais vindas de campo. Para a realização desse procedimento foi, em primeiro lugar, realizada uma nova quantificação geral, nesse caso o formulário utilizado compreendia os seguintes campos: Nome do Projeto; Nome do Sítio; Unidade de Procedência; Data da Coleta; Responsável pela Coleta; Número de Sacolas; Tipo de Material Encontrado, Quantidade Total de Material Cerâmico; Peso do Material Cerâmico; Quantidade Total de Material Lítico; Peso Total do Material Lítico; Outros; Possui nº de Catálogo; Está Higienizado; Foto. Assim, quando foi finalizada essa atividade, foi gerada uma planilha contendo essas informações. Em seguida foi dada continuidade ao processo curatorial, com a higienização e inscrição do número de catálogo individual das peças, para que assim, por fim, fossem reacondicionadas em suas novas embalagens, seguindo os parâmetros do NuPARq/IEPA. Essas atividades fizeram

parte da bolsa de iniciação científica de Monteiro (2019) financiada pelo PIBIC-CNPq e das atividades referentes à disciplina de estágio de Souza (2018).

Tabela 5 - Quantificação geral do material arqueológico do Projeto de Arqueologia Pública na T.I. Uaçá, localizado na Reserva Técnica do NuPARq/IEPA.

SÍTIOS IDENTIFICADOS	QTD. DE SACOS	QTD. DE CERÂMICA	QTD. DE LÍTICO
KWAP	202	3286	43
ARAGBUS	33	216	49
KUMENÊ	14	516	0
WASICA	2	74	3
WAYADMAN	1	230	0
COLETA NA ROÇA DE MANOEL LABONTÉ	1	62	0
FLECHA	1	31	0
FLORIANO IÓIO	1	0	1
MAUNEWE / ROÇA DO MANGA	1	6	0
PUWAYTIKET	1	1	0
ROÇA DE SHADECO	1	2	0
COLETA DO FUNDO DA CASA DO IVANILDO	1	70	2
TIPOCA (SAMBAQUI)	1	0	3
TAWAH	1	14	0
WARABDI	2	61	4
WAWADINA	1	2	0
TOTAL	264	4571	105

Assim, a tabela aqui apresentada é uma simplificação da tabela anterior e contém a quantidade total de sacos de material que se encontram acondicionados na reserva técnica do NuPARq/IEPA, bem como a quantidade total para cada tipo de vestígio arqueológico, possibilitando, assim, uma ampla visualização da coleção arqueológica da T.I. Uaçá. Durante essa organização do material também foi possível verificar que as peças arqueológicas variavam, entre cerâmicas pré-coloniais (bordas, base e corpo de vasilhas), coloniais (vidro, grês e louças) e líticos, além dos materiais ósseos presentes na coleção da T.I. Uaçá, estes últimos, no momento desta pesquisa, ainda não haviam sido devidamente triados.

Como um primeiro resultado é possível observar que a maior porção de materiais presentes na coleção arqueológica da T.I. Uaçá é representada por vestígio cerâmicos, 98% da coleção, enquanto os vestígios líticos representam apenas 2%, como demonstrado

no gráfico a seguir (Gráfico 1). Sendo assim, as cerâmicas são o material predominante da coleção, cabendo ressaltar aqui que a maior parte desse material é proveniente do sítio Kwap, onde foi realizada a maior quantidade de intervenções, de acordo com o apresentado no capítulo anterior.

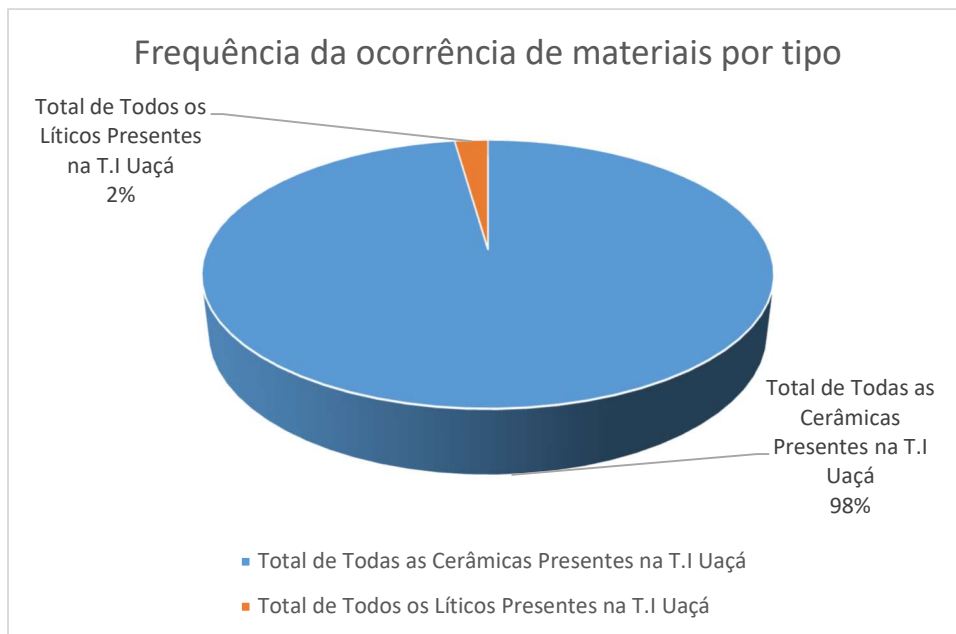


Gráfico 1: Percentual do tipo de material presente na T.I Uaçá

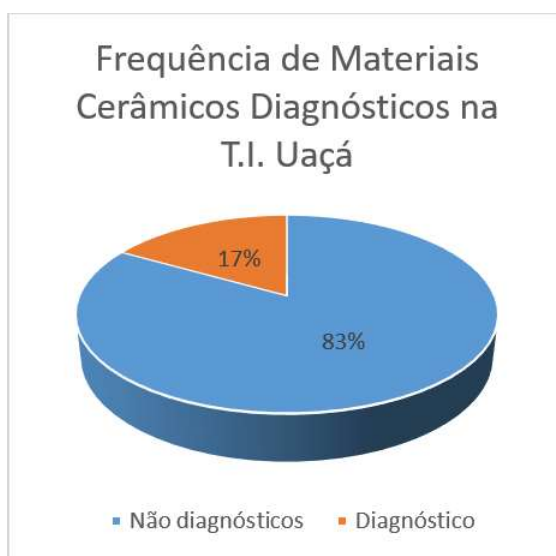


Gráfico 2: Relação da frequência entre materiais diagnósticos e não diagnósticos do total de vestígios cerâmico coletados na T.I. Uaçá

DESCRIÇÃO	QTD.	FREQ.
Corpo Pintado	158	20,60%
Corpo Com Decoração Plástica	104	13,60%
Borda Lisa	330	43,10%
Borda Pintada	34	4,44%
Borda Com Decoração Plástica	100	13,10%
Base Lisa	27	3,52%
Base Pintada	0	0%
Base Com Decoração Plástica	0	0%
Apliques de Cerâmica	9	1,17%
Cerâmica Europeia	3	0,39%
Apito Cerâmico	1	0,13%
TOTAL	766	100%

Tabela 6: Quantificação dos materiais diagnósticos presentes nos sítios da T.I Uaçá

Após a realização da quantificação geral e verificação da frequência de materiais líticos e cerâmicos na coleção, buscamos identificar, dentro do universo total de fragmentos cerâmicos, qual a porcentagem de materiais diagnósticos, possibilitando assim, saber a quantidade de material cerâmico a ser analisado para o presente projeto. A seguir é apresentado o gráfico da frequência de material diagnóstico em relação aos materiais não diagnósticos (Gráfico 2) e a tabela de quantificação preliminar de materiais diagnósticos em toda a coleção dos sítios arqueológicos da T.I Uaçá presente na reserva técnica do NuPARq/IEPA.

Assim, como pode ser observado nos apontamentos anteriores, o total de material arqueológico deste projeto presente na reserva técnica do NuPARq/IEPA é de 4571 fragmentos cerâmicos, dos quais a maior parte 3805 (83,24%) é de fragmentos de corpo lisos que não caracterizam materiais diagnósticos por não possuírem características que permitam incluí-los dentro de uma fase ou reconstituir a forma das suas vasilhas. Portanto, o universo amostral diagnóstico deste projeto é de 766 fragmentos cerâmicos (16,76%) da amostra total de todos os fragmentos cerâmicos presentes na T.I Uaçá.

4.2. Análise da Coleção Cerâmica de Kwap

Uma vez que Kwap é o sítio que apresenta a maior coleção, optamos por comparar a quantidade de materiais diagnósticos presentes nesse sítio com a soma dos sítios restantes.

Tabela 7 - Comparação entre a quantificação de materiais cerâmicos diagnósticos de Kwap com a soma dos materiais diagnósticos dos demais sítios da T.I. Uaçá.

Materiais Diagnósticos	Kwap	Outros Sítios
Corpo Pintado	149	9
Corpo Com Decoração Plástica	59	45
Borda Lisa	193	137
Borda Pintada	22	12
Borda Com Decoração Plástica	50	50
Base Lisa	8	19
Base Pintada	0	0
Base Com Decoração Plástica	0	0
Apliques	6	3
Total	487	275

Com base nesse resultado, optamos por focar as análises do presente projeto no sítio Kwap, devido o maior número de materiais diagnósticos, bem como pelo seu melhor registro de coleta e contexto de deposição. Além disso, um dos motivos que guiou essa

escolha foi o fato de que buscamos na quantidade uma amostra consistente para a realização, em momento posterior, de uma análise multicomponencial desse sítio, com os demais sítios arqueológicos filiados à fase Aristé que já foram escavados e que tiveram as suas coleções cerâmicas analisadas, dentre eles os sítios analisados pelo autor (SILVA, 2016) bem como outros sítios em estudo no NuPArq/IEPA.

Na imagem a seguir (Figura 98) é apresentada uma seleção de fragmentos cerâmicos considerados diagnósticos e encontrados no sítio Kwap. Dentre eles estão bordas, fragmentos de corpo decorados e bases.



Figura 98: Imagem da fotografia tiradas do material das tradagens do sítio Kwap, com bordas e corpos decorados (Foto: MONTEIRO, 2019).

Desse total de 487 fragmentos diagnósticos, foram analisados 289 fragmentos, sendo excluídos os vestígios repetidos, ou seja, que aparentavam fazer parte de uma mesma vasilha, bem como aqueles que não possuíam características suficientes para se enquadrarem na ficha proposta. Assim, o gráfico a seguir (Gráfico 3), apresenta a relação de vestígios analisados com indicação de procedência, juntamente com a quantidade total de vestígios não analisados.

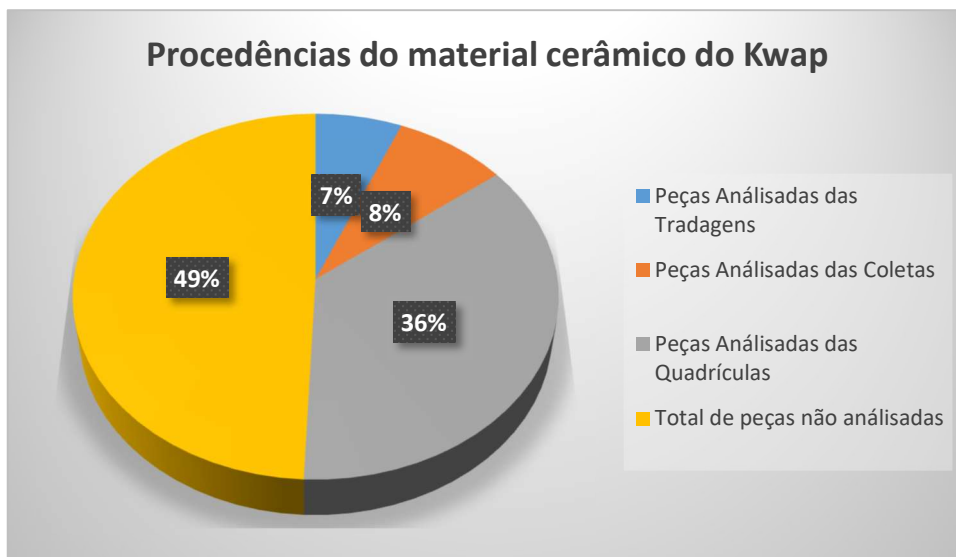


Gráfico 3 - Apresentação da relação de Procedências dos materiais analisados do sítio Kwap.

Uma vez que a presente análise tomou como base uma porcentagem dos fragmentos cerâmicos diagnósticos identificados dentro do universo amostral total do sítio Kwap, foi observado que a maior parte dos vestígios analisados compreendiam fragmentos de bordas (61%), seguidos por fragmentos de corpo (34%), e em proporções muito menores fragmentos de bases e apliques, respectivamente 1,5% e 3,5%, conforme ilustrado no gráfico a seguir (Gráfico 4).

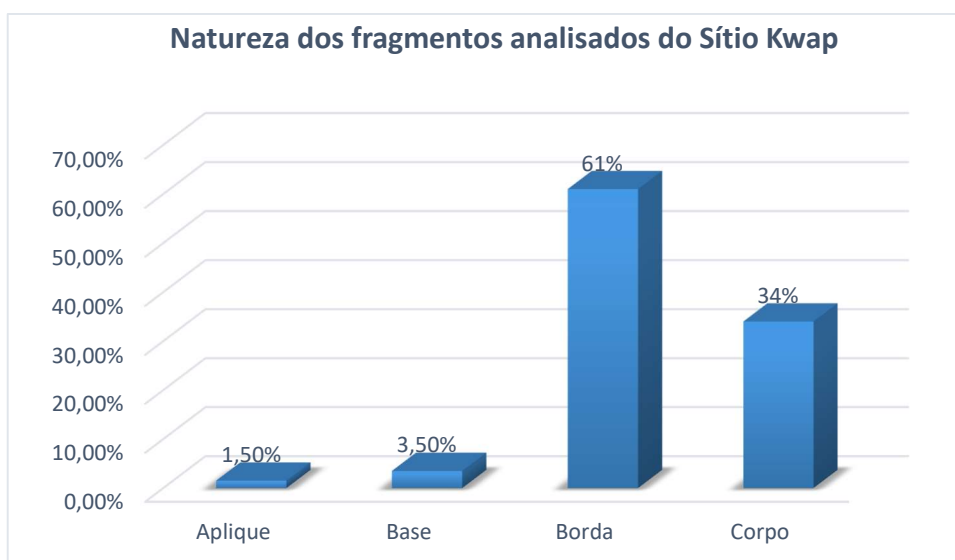


Gráfico 4 - Representação da Natureza dos fragmentos cerâmicos analisados no sítio Kwap.

Com relação ao estado de preservação dos vestígios analisados (Gráfico 5), foi verificado que a maior parte dos vestígios analisados apresentavam erosão parcial e ambas as superfícies dos fragmentos (77,5%), seguida por superfície preservada (14,2%), e já com representações muito inferiores, erosão total em uma das superfícies, indicando

que, no geral, os vestígios não se encontravam em contextos de deposição intencional, tendo permanecido expostos à intempéries durante longos períodos antes de sua deposição final, em contraposição aos quase 15% da amostra analisada que compreendem vestígios de boa conservação com as superfícies consideradas preservadas, os quais, deveriam estar localizados no interior de estruturas antrópicas, p. ex. fossas, lixeiras, buracos de poste, entre outros, fundo das valas, entre outros, desde que passaram a figurar no contexto arqueológico de acordo com o proposto por (SCHIFFER, 1995).

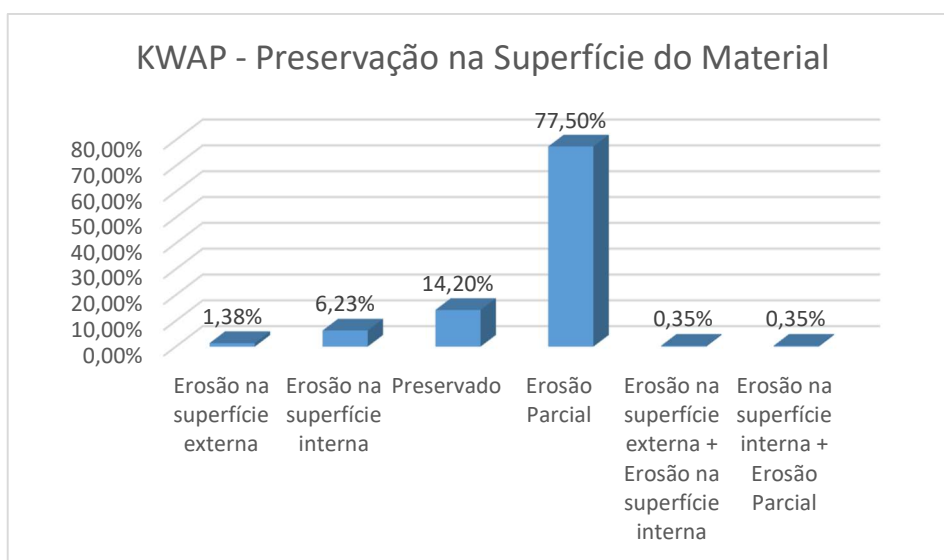


Gráfico 5 - Variação de estados de preservação da superfície dos fragmentos cerâmicos analisados no sítio Kwap.

No tocante à técnica de manufatura das vasilhas, foi observada a predominância da técnica de sobreposição de roletes (roletado), a qual, conforme o gráfico a seguir (Gráfico 6), apresenta 71% da amostra total de vestígios analisados, seguida pela combinação de técnicas roletada e modelada (15%), modelada (11%) e não identificável (3%). Conforme já foi observado em SILVA (2016), verificou-se que, no geral para as vasilhas da fase Aristé no Amapá, o corpo das vasilhas é construído a partir do uso da técnica roletada, enquanto que a modelagem, tende a ser utilizada no acréscimo de argila, a qual pode ser na forma de apliques e reforço, também sendo identificado o seu uso no início da confecção do vasilhames, quando da elaboração da base, a qual é feita a partir da abertura de uma bola de argila até alcançar a forma de um disco, no qual, posteriormente, são sobrepostos os roletes.

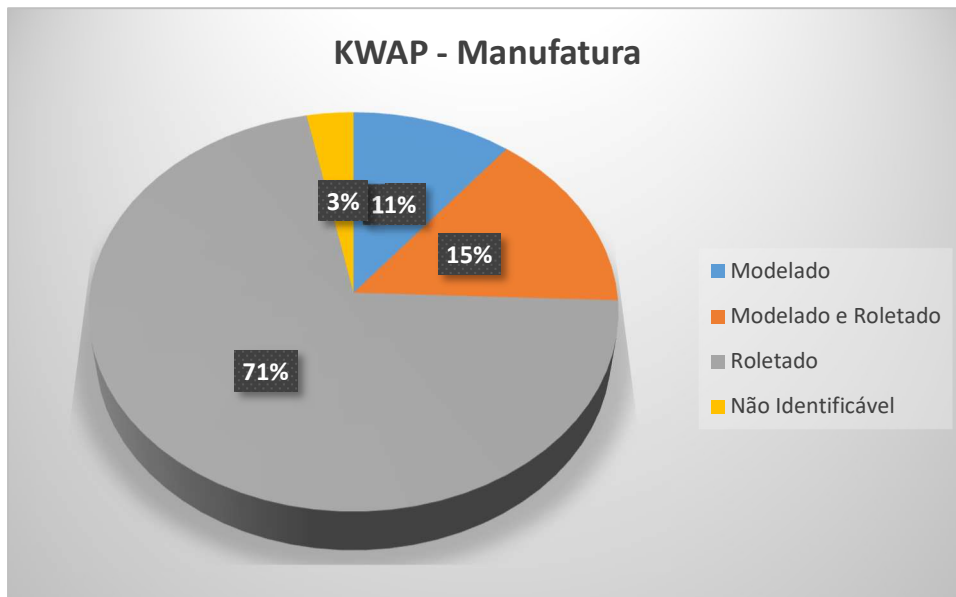


Gráfico 6 – Técnica de Manufatura das vasilhas.

Com relação ao acabamento aplicado na superfície das vasilhas (Gráfico 7), verificou-se a predominância do alisamento (92% externo e 87% interno), seguido pelo polimento (5% externo e 8% interno), existindo uma pequena parcela de vestígios onde não foi possível verificar esse atributo (3% externo e 5% interno).

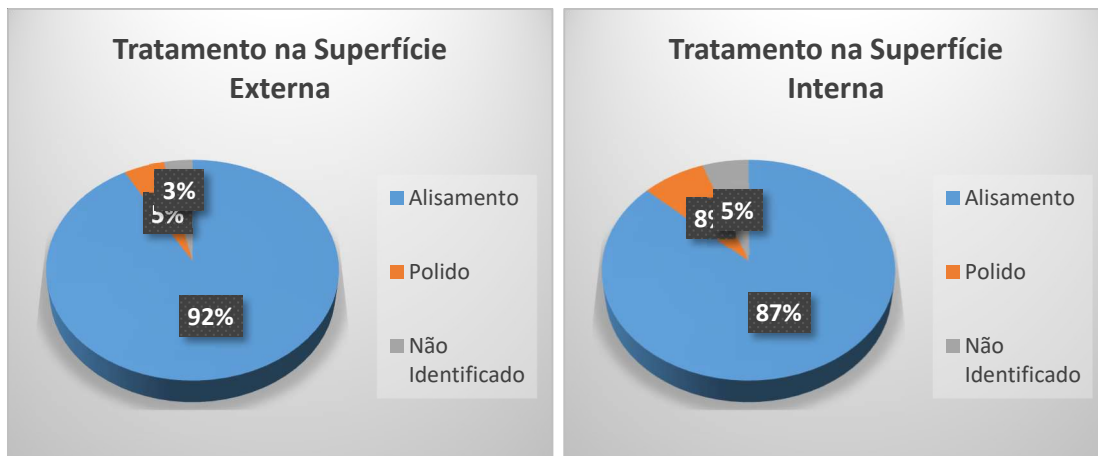


Gráfico 7 - Variações de tratamento de superfície aplicados na superfície externa (esquerda) e interna (direita) das vasilhas.

No tocante aos diferentes tipos de antiplásticos identificados na pasta dos vestígios cerâmicos do sítio Kwap, foi verificada uma predominância do uso combinado do caco moído somado a algum tipo de mineral, os quais somados, compreendem 74,4% de todo o universo amostral analisado. Assim conforme o gráfico a seguir (Gráfico 8), individualmente, a combinação mais frequente foi de Caco Moído + Granito Moído + Quartzo (44,6%), seguida por Caco Moído + Quartzo Moído (20,8%), Granito Moído +

Quartzo Moído (13,8%), somente Caco Moído (9,35%), Caco Moído + Granito Moído (9%), Granito Moído (1,4%) e, por fim, Quartzo Moído (1,05%).

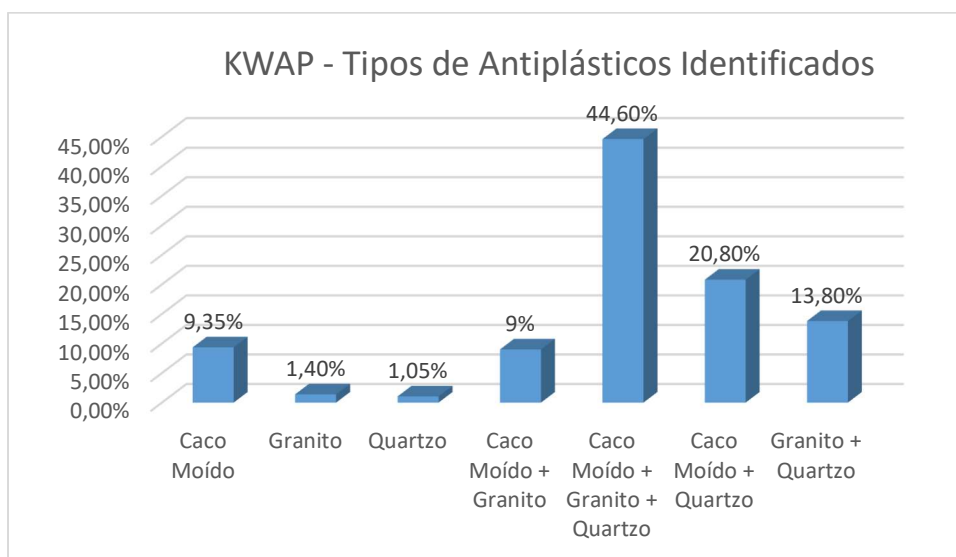


Gráfico 8 - Variações de tipos de antiplásticos identificados no universo amostral analisado do sítio Kwap.

É importante ressaltar aqui que, conforme apontado em Silva (2016), tanto nos contextos funerários quanto domésticos da Fase Aristé, é predominante o uso combinado do Caco Moído com algum mineral, em geral quartzo ou granito moído, sendo que nos sítios domésticos o granito moído possui uma ocorrência muito maior, enquanto a sua presença ocorre em quantidades muito inferiores nos contextos funerários/cerimoniais.

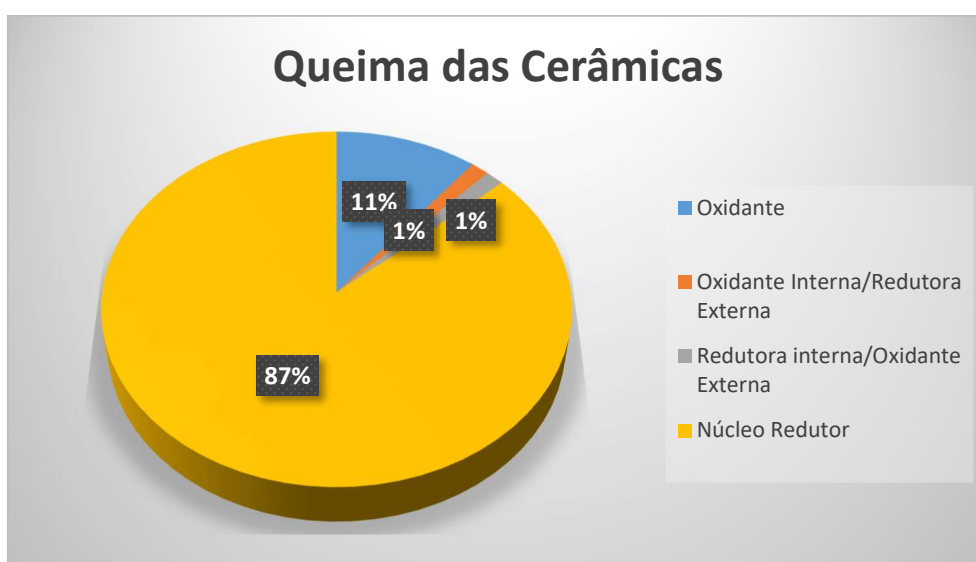


Gráfico 9 - Variações de Queima das Cerâmicas do Sítio Kwap.

Com referência à queima das cerâmicas (Gráfico 9), foi verificada a predominância da atmosfera de queima oxidante a qual se encontra dividida nas seguintes

variações: 87% oxidação externa das superfícies com presença de núcleo redutor, 11% com oxidação total da pasta, sem presença de núcleo; 1% oxidante interna com redução externa e 1% com oxidação externa e redução interna.

Essa predominância de atmosfera de queima oxidante resultou na predominância de cerâmicas com colorações claras (Gráfico 10), sendo mais frequente as vasilhas de coloração bege (63%), seguida por laranja (14%), marrom (10%), cinza (9,3%), vermelho (2,1%), bege + laranja (1%), bege + cinza e bege + marrom (ambas com 0,3%).

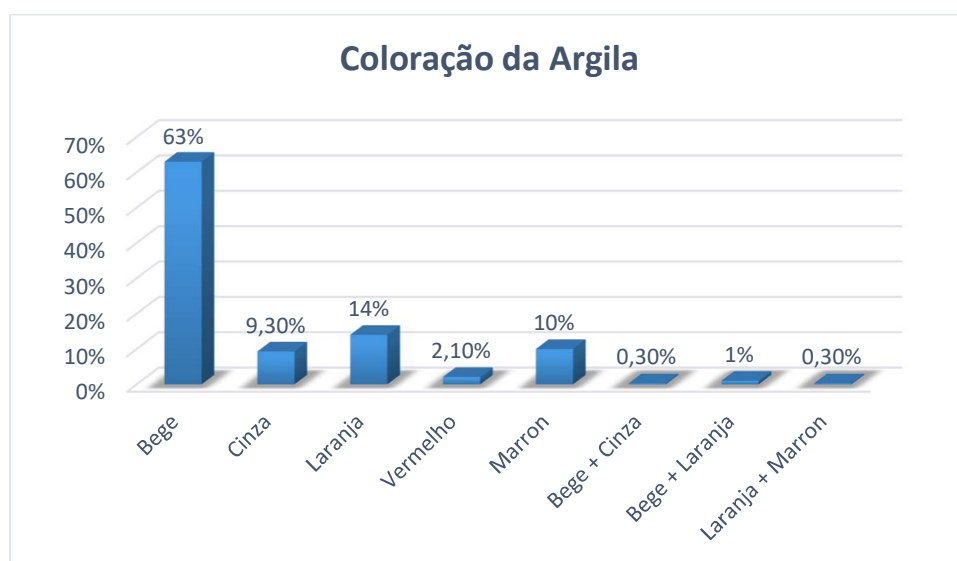


Gráfico 10 - Variações de colorações identificadas nas cerâmicas do sítio Kwap.

Ainda, se tratando da manufatura dos vasilhames, foi verificado como marca de manufatura a presença de fire clouds em 5% dos fragmentos analisados. Esse tipo de marca de uso faz referência ao surgimento de manchas negras na superfície dos vasilhames, as quais são formadas pelo agrupamento de vasilhas durante a sua queima e quando as superfícies dessas vasilhas se tocam é criada uma atmosfera pouco oxidante, resultando em áreas de coloração escura (F. SILVA, 2008: 229-230). Assim, conforme inferido em Silva (2016) sobre os contextos habitacionais da fase Aristé, pode-se sugerir que as vasilhas no sítio de Kwap estavam sendo queimada em grupo e em fogueiras a céu aberto.

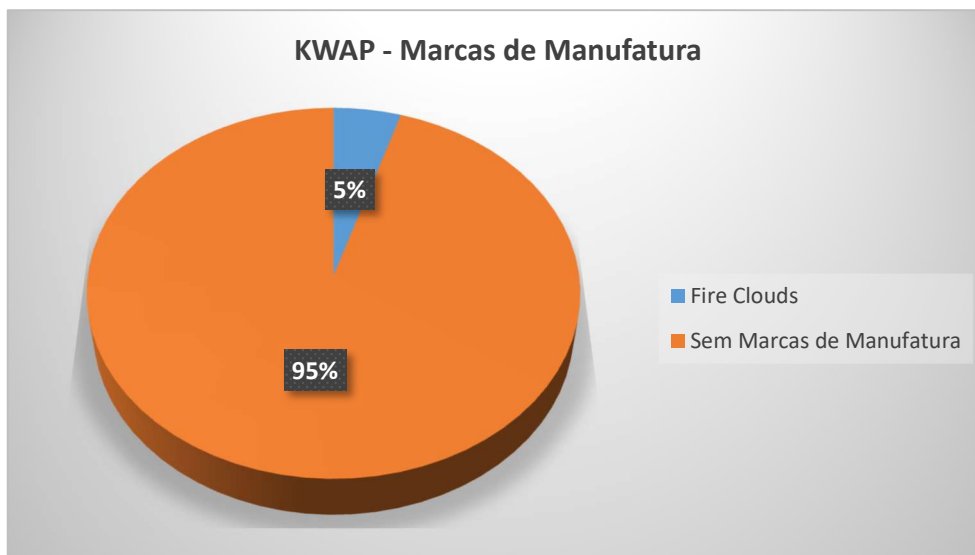


Gráfico 11 - Variação de Marcas de Manufatura identificadas no sítio Kwap.

Essa sugestão de queima das vasilhas em fogueiras a céu aberto também é reforçada pela coração da pasta das vasilhas, uma vez que as colorações identificadas, sendo predominante a oxidação das superfícies externas com presença de núcleo reduzido, são características deste tipo de queima, uma vez que nestas os ceramistas não conseguem manter uma atmosfera de queima estável durante muito tempo, resultando em uma queima incompleta, sem a eliminação total da matéria carbonácea presente na argila (MEGGERS & EVANS, 1970; SINOPOLI, 1991; GOMES, 2008; SILVA, 2016).

Com relação às dimensões das vasilhas, ressalta-se que, como afirmado anteriormente, a maior parte dos indivíduos analisados foram bordas, dessa forma, não possuímos dados referentes à altura dos vasilhames, sendo feita reconstruções a serem apresentadas no próximo tópico apenas para fins de elaboração de tipologia. Assim, as principais medições feitas referentes às dimensões foram diâmetro de abertura da boca das vasilhas e espessura média do fragmento analisado.

No que tange à espessura (Gráfico 12), verificou-se que a espessura média dos fragmentos vai de 5 mm até 24 mm, sendo que existe uma concentração de fragmentos com espessura média variando de 6 mm a 12 mm.

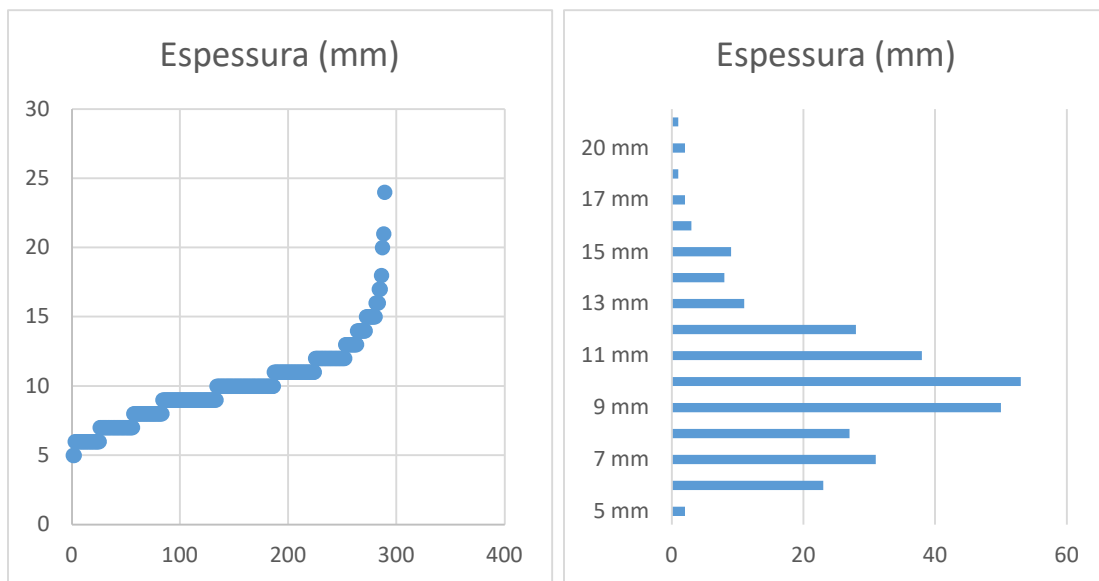


Gráfico 12 - À esquerda, dispersão da variação de medidas de espessura média; à direita, frequência das variações de espessura média.

Em se tratando do diâmetro (Gráfico 13), foi verificada uma variação que vai de 6 cm até mais de 58 cm, com maiores frequências nas faixas de 16-20 cm, 24-42 cm e 46-50 cm, sendo predominante a vasilhas da intervalo de 24-42 cm de diâmetro de abertura de boca.

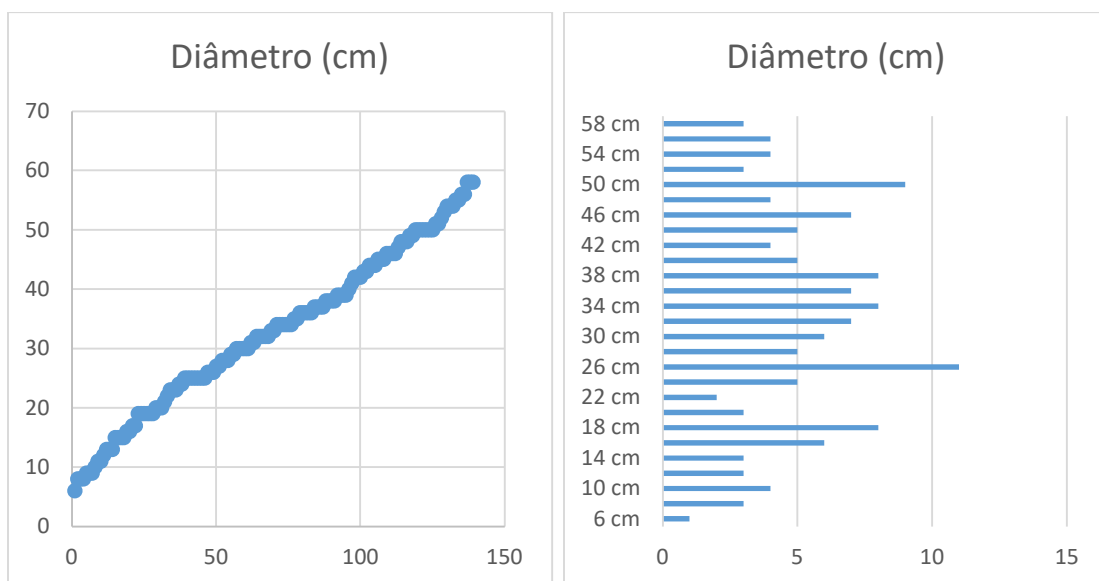


Gráfico 13 - À esquerda, dispersão da variação de medidas de diâmetro de abertura de boca; à direita, frequência das variações de diâmetro.

Com relação à morfologia, tendo em vista que as análises focaram principalmente nos fragmentos de bordas, foi enfatizada a forma da borda dos vasilhames (Gráfico 14). Dessa forma, foi predominante a borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo (42%), seguida por borda inclinada ao exterior com perfil exterior convexo (19%), borda vertical com perfil exterior retilíneo (15%), borda inclinada ao exterior com perfil exterior

retilíneo (12%), borda inclinada ao interior com perfil exterior convexo (2%), borda inclinada ao interior com perfil exterior côncavo e borda inclinada ao interior com perfil exterior retilíneo (ambas com 1%), restando 8% da amostra que não foi possível indicar o tipo de orientação.

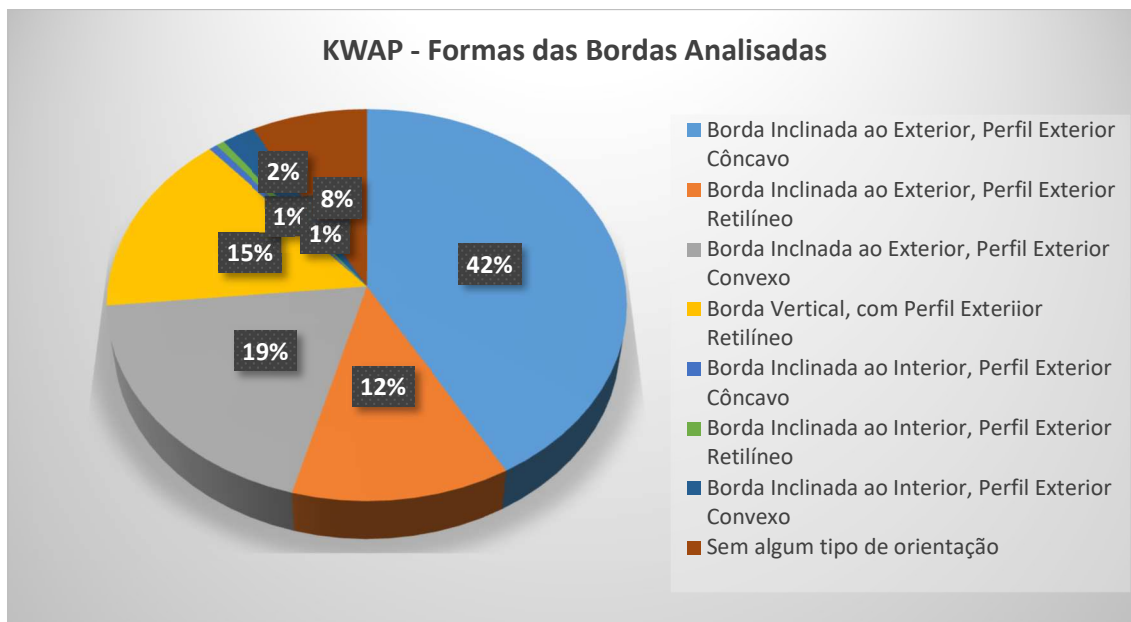


Gráfico 14 - Variação de formas das bordas identificadas na amostra analisada.

Também relacionada à morfologia das bordas, foi verificado que a forma de lábio predominante foi o lábio arredondado (41%), seguido por lábio afilado (32%), lábio plano (26%) e canaleta (1%). Com relação à presença de reforço, foi verificado que 79% das bordas não possuíam reforço e que quando presente este estava localizado principalmente na superfície externa da borda (18%), mas também ocorrendo na superfície interna (3%).

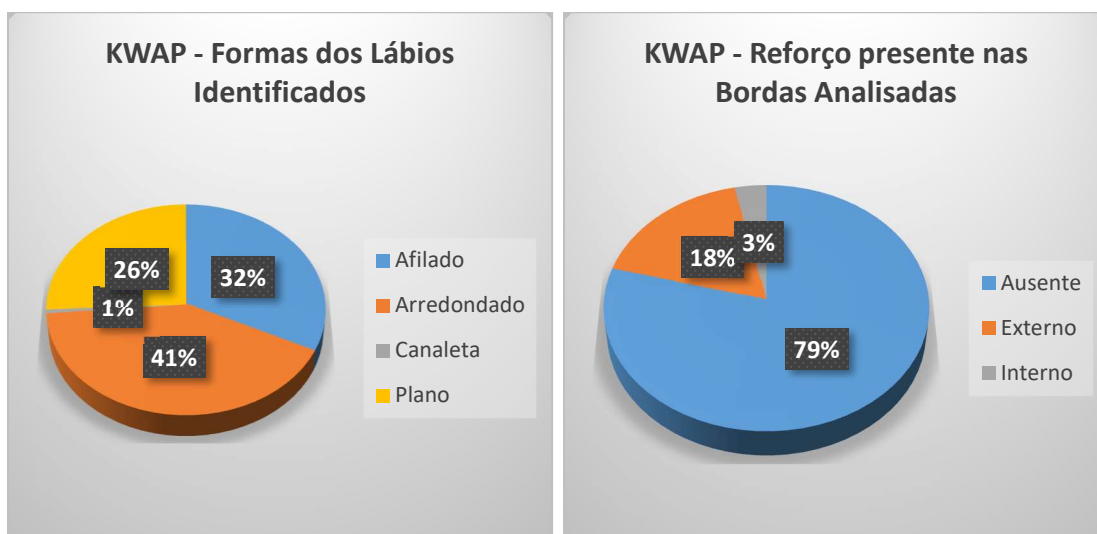


Gráfico 15 - À esquerda, variação de formas de lábio identificados no sítio Kwap; à direita, variação de tipos de reforço.

Em se tratando dos tipos de decoração, foi verificado que a decoração predominante no universo analisado é a decoração plástica (58%), tanto incisões como apliques, ocorrendo de forma isolada ou combinada com pinturas (7%) e banhos (1%), sendo que as pinturas ocorrendo de forma isolada também são bem representativas (26%), seguidas pelo banho (4%) e a combinação de banho com pintura (3%).

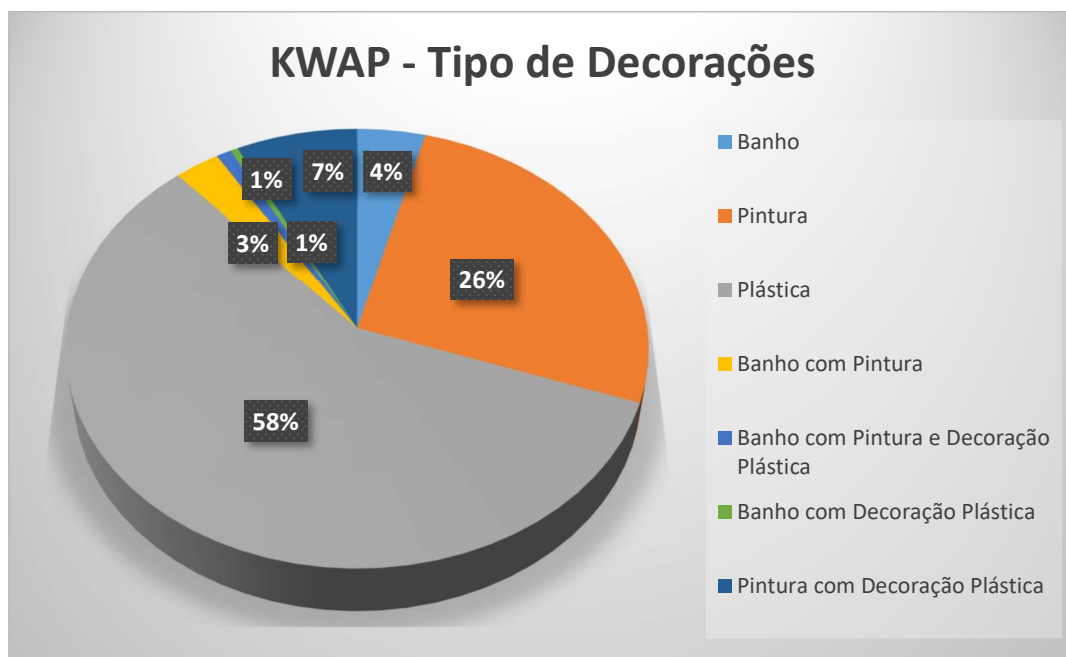


Gráfico 16 - Variação de tipos de decorações identificados no sítio Kwap.

Por fim, o que pode ser sugerido com base nos resultados técnico-estilísticos e que já havia sido verificado previamente em campo, é que foram encontrados muitos traços, como por exemplo: o uso combinado de antiplástico de mineral com caco moído, pasta de coloração predominantemente bege em suas superfícies com queima redutora, caracterizando núcleo de coloração acinzentada, alguns fragmentos possuem morfologias que remetem àquelas representadas na descrição de Ulakte-Uni, e os motivos decorativos zoomórficos e antropomórficos se assemelham aqueles já apresentados anteriormente, reforçando, assim, que a indústria cerâmica de Kwap pode ser filiada à Fase Aristé.

4.3. Tipologia Cerâmica Morfológica de Kwap

Uma vez que o método de análise proposto tinha como um dos principais objetivos uma reconstituição da forma dos vasilhames a partir dos fragmentos diagnósticos – universo amostral selecionado – que possibilitassem a indicação da sua forma possível, neste tópico será apresentado o resultado da desta variabilidade tipológica identificada no

sítio Kwap. Digo ‘possível’, pois, durante as atividades de escavação arqueológica realizada por Eduardo Neves (2000-2001) não foram encontradas vasilhas inteiras, sendo que os vestígios coletados e, conseqüentemente, a amostra analisada, compreendem em sua maioria, fragmentos de bordas de vasilhas. Assim, as pranchas que seguem retratam uma morfologia inferida e a sua classificação toma como base os tipos cerâmicos que vem sendo propostos na tipologia cerâmica da fase Aristé em constante elaboração pelo NuPArq/IEPA (SILVA, 2016).

Conforme consta em Silva (2016), esta tipologia tem como base as formas das vasilhas da fase Aristé registradas por Meggers & Evans (1957) e vem sendo incrementada de acordo com que novas formas são obtidas. A tipologia possui, até o presente momento, 14 tipos de vasilhas cerâmicas: Forma A – Jarro com colar; Forma B – Jarro com pescoço, borda espessa; Forma C – Tigela aberta; Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida; Forma E – Tigela com boca restringida; Forma F – Tigela carenada com borda flangeada; Forma G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida; Forma H – Jarro largo, borda direta, pescoço longo; Forma I – Tigela carenada com boca restringida; Forma J – Prato; e forma K – Vasilha com pedestal; L – Banco; M – Tigela Naviforme; sendo proposta ainda, uma forma combinada A e B que faz referência às vasilha funerárias antropomorfas da fase Aristé.

A seguir, com base em estudos anteriores (MEGGERS & EVANS, 1957; CABRAL & SALDANHA, 2008b; HIRIART, 2012; SILVA, 2011, 2016) acrescido dos resultados obtidos por meio da presente pesquisa, apresentamos a seguir uma tabela (Tabela 8) onde é feita uma possível correlação entre os diferentes tipos cerâmicos atualmente identificados para a fase Aristé – em contextos funerários/cerimoniais e habitacionais – obtidos através de estudos que tinham como objetivo principal a análise cerâmica, com ênfase na variabilidade cerâmica, e o seu possível uso inferido. Aqui estão incluídos os tipos cerâmicos identificados nos sítios AP-CA-18: Rego Grande 1, AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1; AP-CA-48: Ponto de Torrão; AP-OI-06: Ponte do Oiapoque; e, por fim, Kwap, objeto de estudo da presente análise.

No Anexo VI apresentamos as pranchas individuais de cada fragmento analisado, sem a reconstituição da forma da vasilha – apenas a projeção do perfil –, contendo todas as informações de procedência dos vestígios analisados, bem como o seu registro fotográfico.

ID	TIPOS	USO INFERIDO
1	Forma A – Jarro com colar	Transporte/Armazenamento
2	Forma B – Jarro com pescoço, borda espessa	Transporte/Armazenamento
3	Forma A+B - Forma combinada	Funerário/Cerimonial
4	Forma C – Tigela aberta	Servir/Consumo
5	Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida	Servir/Consumo
6	Forma E – Tigela com boca restringida	Cocção/Armazenamento
7	Forma F – Tigela carenada com borda flangeada	Funerário/Cerimonial
8	Forma G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida	Cocção/Armazenamento
9	Forma H – Jarro largo, borda direta, pescoço longo	Cocção/Armazenamento
10	Forma I – Tigela carenada com boca restringida	Cocção/Armazenamento
11	Forma J – Prato	Cocção/Servir/Consumo
12	Forma K – Vasilha com pedestal	Funerário/Cerimonial
13	Forma L – Banco;	Funerário/Cerimonial
14	Forma M – Tigela Naviforme	Servir/Consumo

Tabela 8 – Possível correlação entre os diferentes tipos cerâmicos identificados para a fase Aristé no Amapá e seus usos inferidos.

Como resultado da análise morfológica, foi possível fazer a projeção do perfil e reconstrução de 143 (cento e quarenta e três) vasilhas a partir do universo amostral selecionado para análise. Conforme consta no gráfico (Gráfico 17 - Frequência relativa de ocorrência dos tipos cerâmicos encontrados na amostra analisada do sítio Kwap.) a seguir, estas vasilhas foram classificadas em 9 (nove) tipos cerâmicos de acordo com a *Tipologia Cerâmica da Fase Aristé baseada na forma dos vasos que vem sendo elaborada pelo NuParq/IEPA*.

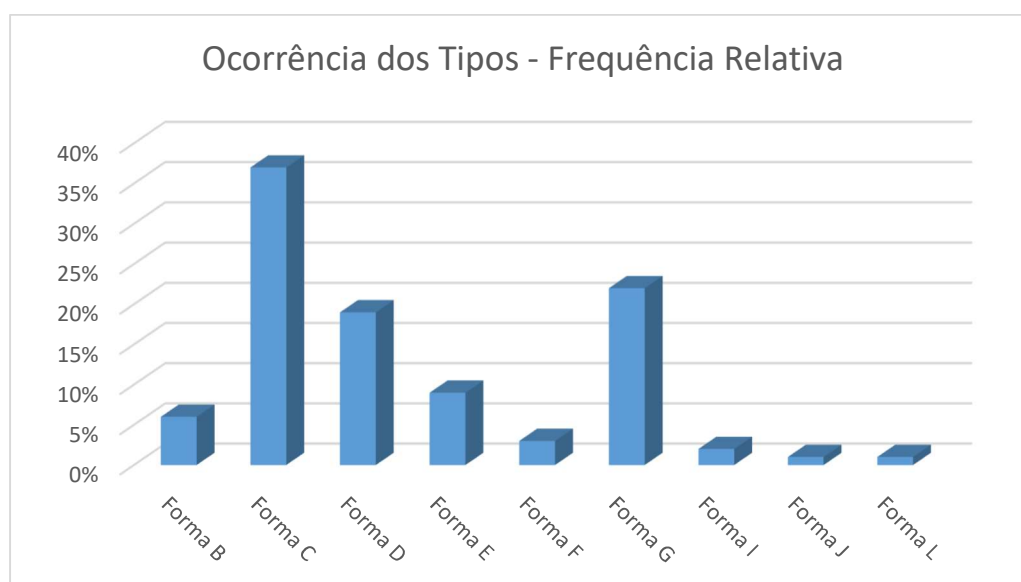


Gráfico 17 - Frequência relativa de ocorrência dos tipos cerâmicos encontrados na amostra analisada do sítio Kwap.

Conforme pode ser observado no gráfico, a forma mais frequente foi a Forma C – Tigela aberta (37%), seguida pela Forma G – Pequeno jarro arredondado com borda

inflatada (22%), Forma D – Tigela levemente carenada com borda inflada (19%) e Forma E – Tigela com boca restringida (9%), enquanto, em menores proporções seguem Forma – B Jarro com pescoço, borda espessa (6%), Forma F – Tigela carenada com borda flangeada (3%); Forma I – Tigela carenada com boca restringida (2%), Forma J – Prato (1%) e Forma L - Banco (1%). As pranchas referentes à tipologia encontram-se apresentadas no ANEXO VII - Tipos de Vasilhas Cerâmicas Identificados a Partir da Análise Cerâmica das Bordas Coletadas no sítio arqueológico Kwap.

Assim, tendo em vista a frequência observada, bem como a tabela de usos inferidos, é possível afirmar que, entre as vasilhas mais frequentes, a maior quantidade está representada por vasilhas com uso inferido de servir/consumo (56%) e em menor proporção vasilhas para cocção/armazenamento (22%). Se expandirmos essa interpretação para todos os tipos obtidos, o mesmo quadro se repete, sendo que 57% das vasilhas têm uso inferido servir/consumo; 33% cocção/armazenamento; 6% transporte/armazenamento e 4% funerário/cerimonial, conforme ilustrado no gráfico a seguir ().

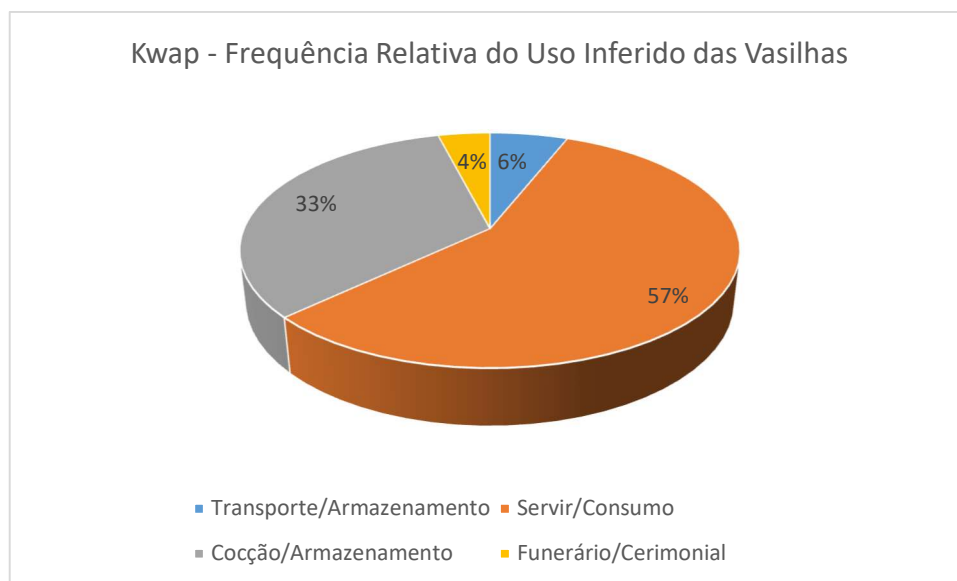


Gráfico 18 – Frequência relativa dos Usos Inferidos Identificados pela reconstituição das formas das vasilhas do Sítio Kwap.

As pranchas de cada um dos tipos cerâmicos identificados através da análise cerâmica de Kwap são apresentadas no Anexo VI do presente trabalho. Conforme descrito no início desse tópico, as formas completas foram inferidas através do registro, espelhamento e projeção do contorno das bordas dos vasilhames, sendo estas uma

inferência do autor e não a sua representação real. A continuidade das pesquisas prevê uma análise aprofundada das formas e a sua correlação com os atributos tecno-estilísticos, buscando identificar as variações e semelhanças com aqueles identificados em trabalhos anteriores.

Além dos tipos cerâmicos identificados, também foi identificado um tipo de vestígios muito característico da Fase Aristé no Amapá, que são os fragmentos de ralador, semelhantes àqueles encontrados por Nimuendajú (2004) no sítio Roça Comecomes, Monte Ukupi, Uaçá, Amapá (Figura 74 - Fragmentos cerâmicos do sítio Roça Comecomes, Monte Ukupi, Uaçá, Amapá. (NIMUENDAJÚ, 2004: Plate 14, p. 187)).

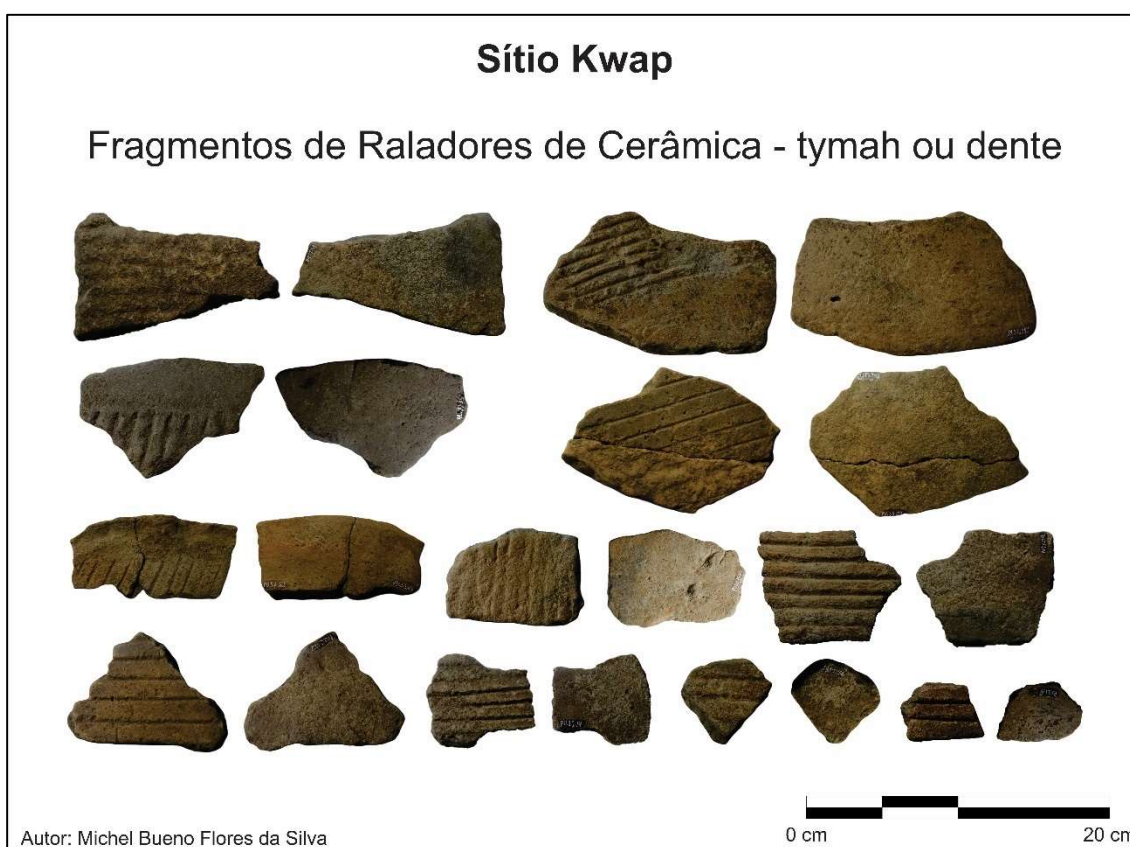


Figura 99 - Exemplos de fragmentos de Raladores de Cerâmica coletados durante as escavações de Eduardo Neves (2000-2001) em Kwap.

Acredita-se que os fragmentos de ralador podem ser representativos de vasilhas utilizadas para processar alimentos, como tubérculos e raízes, por meio da fricção. Eles possuem uma superfície com sulcos, que facilitam a trituração dos alimentos. A presença desses fragmentos no sítio Kwap sugere que os povos que habitavam o local utilizavam esses raladores como parte de suas práticas culinárias. É importante ressaltar que a presença dos fragmentos de ralador indica uma especialização na preparação dos alimentos e pode fornecer insights sobre a subsistência e as práticas alimentares. A análise

detalhada desses fragmentos, incluindo sua distribuição espacial no sítio e sua associação com outros vestígios arqueológicos, pode contribuir para uma compreensão mais aprofundada do modo de vida e das atividades cotidianas dos antigos habitantes de Kwap.

5. SOBRE CHEFIAS NA ARQUEOLOGIA DA COSTA ATLÂNTICA DO AMAPÁ: UM CAMINHO PARA DISCUTIR A ANCESTRALIDADE ARISTÉ-PALIKUR

Desde os anos 50, o tema da chefia vem sendo discutido na arqueologia amazônica, em especial na região da foz do rio Amazonas, tomando maior fôlego nos anos dois mil sob o rótulo de cacicados amazônicos, quando alcançou o seu ápice e acabou em desuso, uma vez que focou mais em uma interpretação voltada para estágios de evolução social do que sobre diferentes formas de organização sociopolítica. Essa foi uma discussão muito cara para a arqueologia e acabou por se tornar um dos fantasmas que pairam sobre o discurso arqueológico, sendo evitado até os dias atuais qualquer debate mais aprofundado sobre chefias, chefaturas, cacicados e outras formas de organização social que possam ser confundidas com interpretações evolucionistas unilineares.

Ao longo dos últimos quinze anos, a arqueologia do Amapá teve um crescimento exponencial com o fortalecimento e a criação de novas instituições de pesquisa. Como resultado desse crescimento é possível delinear um modelo de ocupação arqueológico que tem como premissa a existência de duas grandes áreas culturais com base na identificação de diferentes conjuntos de cultura material, como veremos a seguir.

O primeiro conjunto está localizado na zona costeira do estado e é representado pela ocorrência isolada ou conjunta das fases arqueológicas, em ordem alfabética e não de importância ou dominância, Aristé, Caviana, Mazagão, Maracá e Marajoara, enquanto o segundo conjunto está localizado nas áreas de floresta de terra firme do interior do estado e está associado à fase Koriabo (SALDANHA et al. 2016). Essa dicotomia, representada pela divisão ambiental entre Floresta de Terra Firme e a Zona Costeira, traz à tona uma das bases arqueológicas evolucionistas que se encontravam por trás do discurso da emergência da complexificação social amazônica, contudo, no estado do Amapá, está sendo observado que essa divisão expressa uma forma específica de apropriação e significação da paisagem com a criação de lugares persistentes, como é o

caso das estruturas megalíticas e também das paisagens naturais domesticadas pela significação.

Acreditando que essa divisão, além de espacial/ambiental, pode também estar relacionada com uma auto identificação dos grupos que habitaram a porção leste das guianas, o presente trabalho busca dar novo ar ao debate arqueológico da noção de chefia nessa porção da Amazônia, tomando como pano de fundo as recentes discussões da antropologia sobre a relacionalidade amazônica, pensando em como a existência de chefes/donos fluídos e em constantes transformações pode estar relacionada com a mobilização de pessoas e a produção e manutenção do modo de vida e do bem estar social por intermédio da mediação das relações de alteridade entre o grupo local e os outros, humanos ou não.

Diferentemente das sociedades ameríndias pré-coloniais em constante processo de compreensão e criação¹⁹ da Amazônia central, as quais são descritas como sociedades semi-estatais, no sentido de que o seu desenvolvimento sociopolítico beira o nível de Estado através de uma domesticação - por que não dominação - intensiva e extensiva da paisagem envolvente, os povos das guianas são geralmente descritos em razão da sua atomização e fluidez territorial, com grande ênfase nas suas redes de inter-relação (Gallois et al. 2005).

Nesse sentido, acreditamos ser “bom para pensar” ou “produtivo/frutífero” basearmos as nossas discussões teóricas em uma retomada da ideia de sociedades-contr-o-Estado, com vistas a evitar os abismos epistemológicos do uso do termo “sociedades primitivas”, uma vez que essa denominação está arraigada de grande preconceito evolucionista unilinear, além de reforçar a visão do determinismo ambiental das restrições do ecossistema amazônico para abrigar grupos humanos complexos.

5.1.1. Uma Forte Dose de Clastres

Retomando a introdução de Fausto (2017), devemos lembrar que para a arqueologia amazônica contemporânea, assim como para a etnologia, os modelos de chefia abordados recorrentemente envolvem ainda um antigo imaginário de Amazônia –

¹⁹ Aqui, a ideia de criação das sociedades pretéritas se dá no contexto de que a arqueologia não é um espelho do passado, mas sim uma disciplina científica, onde por intermédio do estudo dos fragmentos materiais do passado – estes, por sua vez, caracterizados por diferentes composições substanciais e fabris – busca reconstituí-lo através do embasamento teórico de cada um dos pesquisadores envolvidos na sua reconstrução, estando assim sujeito às suas diversas interpretações.

passada e presente – com formas sociopolíticas estáveis, as quais foram consolidadas no *Handbook of South American Indians* e que ganharam forma filosófica em Clastres (1977).

Assim, de forma introdutória para a presente discussão, iremos nos debruçar nas principais ideias discutidas por Pierre Clastres (1977) nos Capítulos 6 - “*A questão do poder nas sociedades primitivas*” e 11 - “*Arqueologia da Violência: a guerra nas sociedades primitivas*” de sua obra póstuma “*Arqueologia da Violência*”, para que a partir desse ponto possamos buscar elaborações mais atuais e que possam dialogar com o caso arqueológico em estudo, a saber: a Costa Atlântica do estado do Amapá.

A ênfase colocada nessa releitura de Clastres (1977) não se dá para a ausência de atributos das sociedades-contra-o-Estado em relação ao seu oposto, mas sim em uma valorização dessas diferenças que permitiram ao autor a sua separação, o que, possivelmente, é a motivação da sua existência, uma vez que uma forma solidificada de controle e poder unilinear não conforma o único elemento mantenedor de uma sociedade estável.

Assim, no Capítulo 6, o tema enfatizado pelo autor é a questão do poder nas sociedades-contra-o-Estado, uma vez que estas se diferenciam dos seus opostos pela ausência de divisão entre dominantes e dominados, ou seja, seriam sociedades indivisas, assim, o poder não estaria separado da sociedade, demonstrando a possibilidade de uma forma de organização sociopolítica diferenciada.

Desta forma, nas sociedades-contra-o-Estado não se pode isolar uma esfera política distinta da esfera social. Conforme discute Clastres (1977), essa ideia vai contra a concepção de sociedade Ocidental, uma vez que o homem é um animal político e assim a política está na sua essência. Para o autor, o social é o político, sendo o político o exercício do poder por um ou alguns sobre o resto da sociedade, sendo necessária a divisão entre os que mandam e os que obedecem, e onde inexistente o exercício do poder cai-se no infrassocial, na não-sociedade. Assim, o autor relembra a conceituação dos primeiros europeus sobre os índios da América do Sul como selvagens “*sem fé, sem lei, sem rei*”, uma vez que seus “chefes” não possuíam nenhum poder sobre os grupos, onde ninguém mandava e ninguém obedecia.

Mas quem seriam esses chefes? Os chefes sem poder estariam situados no exterior do exercício do poder político, a ausência de poder de mando interno ou poder sobre seu

grupo, seria inversamente proporcional à relacionalidade desse chefe com os chefes de outros grupos. Conforme aborda o autor ele é investido pela sociedade de certas tarefas, sendo possível ver nele uma espécie de funcionário da sociedade. A sua ausência de poder seria inversamente o excesso de poder para representar o seu grupo:

Essencialmente, compete-lhe assumir a vontade da sociedade de mostrar-se como uma *totalidade una*, isto é, assumir o esforço concertado, deliberado, da comunidade, com vistas a afirmar sua especificidade, sua autonomia, sua independência em relação às outras comunidades (CLASTRES 1977 [2014]: 139).

Dessa forma, os chefes das sociedades-contra-o-Estado seriam aqueles que falam em nome da sociedade quando ela se relaciona com o exterior, ou seja, um chefe para outros, que trataria como igual, também, o chefe dos outros, caracterizando uma relacionalidade assimétrica para o interior e simétrica para o exterior. Os outros, por sua vez, se dividiriam em amigos e inimigos. A atuação do chefe, em termos Clasterianos, seria então uma espécie de manutenção do equilíbrio entre as relações com esses outros, uma vez que o autor trata de definir que com os amigos a necessidade é o estabelecimento ou manutenção das relações de aliança, enquanto com os inimigos são levadas à cabo as operações guerreiras. Assim, as qualidades desejáveis desses chefes de relações internacionais seriam:

“habilidade, talento diplomático para consolidar as redes de aliança que garantirão a segurança da comunidade; coragem, disposição guerreira capaz de assegurar uma defesa eficaz contra os ataques dos inimigos ou, se possível, a vitória em caso de expedição contra eles” (*op. cit.*).

Contudo, apesar dessas qualidades, a relação de liderança levantada por Clastres sugere que a principal qualidade do chefe seria a de se apresentar como um porta-voz do seu grupo, uma vez que qualquer ação em benefício próprio seria frustrada pela falta de apoio de seu grupo. Todas as suas decisões seriam, então, um reflexo do desejo ou vontade coletiva. Entretanto, apesar da sua excessiva falta de representação individual, o fato de ter sido reconhecido como chefe, estaria baseado em um “mínimo de confiança garantida pelas qualidades que manifesta precisamente a serviço da sua sociedade” (CLASTRES 1977 [2014]: 140).

Um chefe enquanto prestador de serviços, nos remete para a noção de chefe/dono mobilizador levantada por Lima (2005), onde o chefe é aquele que tem a habilidade de movimentar pessoas, *como iwa de caium*, permitindo o envolvimento do grupo em uma atividade específica, se tornando assim um beneficiário da mobilização de pessoas.

A mobilização de pessoas nos remete novamente para ideia de qualidades do chefe, assim podemos pensar em termos de prestígio. É o prestígio do chefe que permite concretizar a mobilização, mas esse prestígio está relacionado à uma série de conhecimentos das tradições, para assim tomar boas decisões que sejam consonantes com as vontades do grupo.

Ao discutir o prestígio, Clastres (1977) afirma a possibilidade de confusão entre prestígio e poder, contudo na relação de prestígio o ponto de vista do líder só será escutado enquanto exprimir o ponto de vista da sociedade como totalidade una, impossibilitando uma relação comando-obediência, assim, a mobilização é possibilitada pela habilidade do chefe de atender aos desejos do grupo.

Uma vez que o chefe não possui poder, onde estaria localizado o poder nas sociedades-contra-o-Estado? Segundo Clastres (1977) a ausência de Estado se dá nessas sociedades devido à recusa da divisão, sendo assim, o poder não está separado da sociedade, porque é ela que o detém, como uma totalidade una, a fim de manter seu ser indiviso. Dessa forma, o poder se encontraria diluído por toda a sociedade, esse é um ponto importante para retomarmos, pois há aí a possibilidade de surgimento de chefes temporários ou chefes para um fim, como por exemplo os chefes de cauinagem levantados por Lima (2005)²⁰, simetrizando aqui à figura do chefe às figuras de anfitriões ou donos de festas.

A ênfase de Clastres (1977) ao discutir a chefia nas sociedades-contra-o-Estado se dá na necessidade dessas em se manter una, uma vez que o poder não pode se separar da sociedade e se configurar em um ponto de representação individual, o que causaria a sua instabilidade e possível extinção, visto que a desigualdade gerada pela emergência do poder poderia causar a desestabilização social. Assim, “o chefe está sob vigilância na

²⁰ Tânia Stolze Lima (2005: 96) nos apresenta que é apenas como Iwa de Cauim, aqui interpretado como chefes de cauinagem para se adaptar ao contexto do texto, “que um homem pode articular um grupo, envolvendo-o em alguma atividade”, sendo que “esse método de produzir a vida coletiva aplica-se indiferentemente a atividades que beneficiam o iwa [chefe] - são feitas por ele para si por meio de todos, como o transporte de uma canoa recém-talhada da floresta até o rio - ou o grupo - são feitas por ele em benefício de todos, como a pescaria de timbó”. Ressalto aqui que conforme Lima (2005: 314) “a cauinagem, como exercício de embriaguez coletiva, é uma maneira de pôr as relações (constituídas como parentesco, gênero e amizade) que fundam a socialidade doméstica em um processo de variação contínua, desencadeadora da socialidade ritual, suscetível a margens de indiscernibilidade muito variadas entre a alegria e a raiva, a festa e a guerra, a vida e a morte”. Dessa forma, a analogia refere-se à possibilidade de surgimento de um chefe para um fim que acaba culminando na reprodutibilidade e manutenção da socialidade por meio de atividades cotidianas, caracterizando todos como um chefe em potencial a depender do surgimento de uma demanda específica.

tribo: a sociedade se preocupa em não deixar o gosto do prestígio transformar-se em desejo de poder” (CLASTRES 1977 [2014]: 142).

A discussão da chefia nas sociedades indígenas vem sendo abordada por meio de uma ótica diferenciada da apresentada por Clastres (1977), uma vez que esse autor se baseia muito mais em uma relação de poder propriamente dito, do que de outras formas de interação social (LIMA 2005; GUERREIRO 2015; PERRONE-MOISÉS 2015). As discussões atuais recaem para um multiverso de chefes os quais também são traduzidos como donos, onde podemos ver chefes de momentos específicos, chefes de atividades, ou chefes de coisas. Os chefes/donos conforme têm aparecido na bibliografia, podem ser fluídos a ponto de vermos a sua transformação, onde a relação que é mantida não representa um conjunto estático. Um chefe, pode deixar de ser chefe e se encontrar na posição de outro, sendo assim a sua posição intercambiável.

Perrone-Moisés (2015), ao abordar a chefia enfatiza o papel da obrigação que o chefe possui para com a comunidade, uma vez que o equilíbrio do bem viver está sobre a sua responsabilidade. Aqui cabe lembrar também que, conforme discute Guerreiro (2015), os chefes são o arquétipo da sociedade, ele é o exemplo de pessoa ideal, assim, como parte das suas atribuições, ele tem que ser capaz de falar para o seus e para os outros, tem de ser conhecedor da palavra verdadeira, um chefe “integrador indígena e modificador de escala”.

Por fim, para encerrar essa breve discussão da chefia, temos a imagem proposta por Guerreiro, onde vemos uma aproximação menos inocente do chefe, conforme descrito até este momento, pois uma vez que ele se apresenta como um porta-voz, capaz de mobilizar pessoas através de seu prestígio/qualidades, mesmo que representando a vontade coletiva, eles possuem a habilidade de criação de semelhanças, ou seja, de atrair as pessoas para um ponto de vista específico e mantê-las nele, transformando-as em semelhantes. Assim, segundo Guerreiro (2015):

“No caso dos chefes, o ponto é atrair as pessoas para um ponto de vista específico não no campo das relações interespecies, mas sim no das relações intraespecies, um ponto de vista de humanos em relação a outros humanos – uma aldeia e um povo em relação a outros no sistema regional” (GUERREIRO 2015: 182).

Após essa retomada da ideia de chefia nas sociedades-contra-o-Estado, gostaríamos de nos debruçar sobre a ideia da guerra nessas sociedades conforme apresentado por Clastres (1977) Capítulo 11 – *Arqueologia da Violência: a guerra nas*

sociedades primitivas, para que adiante possamos vislumbrar uma possível aplicação dessas ideias de chefia e guerra no contexto arqueológico do leste guianense.

Clastres (1977) enfatiza que a violência é mencionada na literatura etnográfica para demonstrar o empenho das sociedades-contra-o-Estado em controlá-la, codificá-la, ritualizá-la, em suma, mostrar que elas tendem a reduzi-la ou mesmo aboli-la, chegando a sugerir sociedades-contra-a-violência. Buscamos enfatizar que o diálogo aqui proposto não objetiva na caracterização das sociedades-contra-o-Estado como um estágio de guerra generalizada, mas sim de organização, onde a guerra indiscriminada de todos contra todos abre caminho para uma guerra mantenedora e criadora de diferenças – de alteridade, conforme veremos adiante.

Ainda, Clastres (1977) fala sobre a guerra como um meio para se alcançar na finalidade a fragmentação, pois, segundo ele, toda sociedade primitiva anseia pela dispersão, “em outras palavras, a guerra primitiva é o meio de um fim político” (CLASTRES 1977 [2014]: 235). Aqui, interpreta-se a *comunidade primitiva* como o *grupo local*, enquanto uma comunidade em si – não primitiva nos moldes clastrianos – seria mais do que apenas a soma dos grupos que ela reúne, caracterizando então uma unidade propriamente política. A formação dessas comunidades se daria de acordo com as regras de parentesco do grupo em questão, sendo definido como critério para formação dessa unidade política a co-residência, ou seja, as pessoas que pertencem à mesma comunidade vivem juntas no mesmo local. Assim sendo, o parentesco seria um primeiro elemento aglutinador, caracterizando o início da relacionalidade entre indivíduos. A partir do momento que uma relação de parentesco é criada, a alteridade é domada para se transformar em semelhança, dá-se início à construção da comunidade.

Assim, a localidade nessa definição é sinônimo de território, uma vez que é considerada como um critério para a existência da comunidade. Ao abordarmos a ideia de território somos levados de volta para a discussão de poder/privilégio, onde entram em jogo as relações de exploração do espaço e dos recursos neles contidos, configurando esse espaço como “virtualmente” exclusivo do grupo que o ocupa. Dessa forma, a circunscrição espacial causa a identificação do outro, uma vez que ele não está inserido no interior do seu território, tornando-se então um vizinho e permitindo a efetivação do início de uma relação que pode ser de aliança/troca ou de guerra. Na localidade podemos ver um segundo elemento aglutinador, onde o indivíduo que não é domado e aglutinado,

passa a compor uma realidade de interações, um mundo de possíveis interações, sendo possível até estabelecer uma relação de parentesco futura.

Anteriormente as sociedades-contra-o-Estado foram definidas como indivisas, constituídas de uma totalidade instituída por sua unidade, contudo, o risco potencial da desestabilização social, a qual há de ser mantida pela chefia, fragiliza essa unidade e ao invés de permanecer fechada em si mesma ela se abre para as outras sociedades, nesse caso, podemos inferir, os outros/vizinhos.

É nessa abertura das sociedades que Clastres (1977) apresenta dois universos possíveis. Em um deles está a possibilidade da troca generalizada, onde todos são amigos de todos, contudo, para o autor, esse tipo de relação representaria a morte dessas sociedades, uma vez que haveria uma espécie de discurso simetrizador perdendo a sua autonomia, onde todos se tornam um, abolindo a distinção do Nós e do Outro. No outro universo possível apresentado pelo autor, temos a hipótese da hostilidade generalizada, onde cada comunidade se encontra em situação de confronto com todas as outras. Nesse caso, o conflito ou a guerra estabeleceria uma relação de dominação do vencedor sobre o vencido, gerando a divisão social. Dessa forma, tanto a amizade generalizada, quanto a hostilidade generalizada levariam ao fim das sociedades-contra-o-Estado, que seria a perda da sua propriedade de *totalidade autônoma* e a perda de seu caráter de *unidade homogênea*. Dessa forma, segundo Clastres (1977 [2014]: 242), “não é possível, entre os selvagens, nem ser o amigo de todos, nem ser o inimigo de todos”.

Contudo, tanto a guerra como a troca são apresentadas como pertencentes à essência dessas sociedades, uma estrutura necessária para a sua sobrevivência. Igualmente, segundo o autor, as sociedades-contra-o-Estado seriam compostas “de dois elementos heterogêneos – um pouco de troca, um pouco de guerra – e o ideal primitivo consistiria em manter o equilíbrio entre esses dois componentes”.

Nessa perspectiva, com efeito, a troca generalizada elimina a guerra, mas ao fazê-lo, extingue também a sociedade primitiva; e a supressão da troca pela guerra generalizada tem a mesma consequência. O ser social tem, portanto, simultaneamente, necessidade da troca e da guerra para poder a uma só vez conjugar o ponto de honra autonomista e a recusa da divisão. É com essa dupla exigência que se relacionam o estatuto e a função da troca e da guerra que se desdobram em planos distintos” (CLASTRES 1977 [2014]: 242-243).

Retornamos, então, à classificação dos outros em amigos ou inimigos, sendo que com os primeiros a aliança é desejável, enquanto com os segundos aceita-se o risco da

guerra. Contudo, conforme defende o autor, essa declaração simplista não abrange toda a multiplicidade relacional envolvida nas situações de contato com o outro, pois a guerra, apesar de não ser desejada, é o que rege as relações de troca. A troca por si só não é desejada, entretanto, ela funciona como uma ferramenta para evitar a guerra. Por fim, “a guerra coloca em questão *a troca como conjunto das relações sociopolíticas entre comunidades diferentes*, mas precisamente para fundá-la, para instituí-la pela mediação da aliança” (CLASTRES 1977 [2014]: 247-248).

Assim, uma vez que a guerra é iminente, existe a necessidade do estabelecimento de redes de aliança, onde os parceiros de troca são os aliados, a esfera da troca coincide exatamente com a da aliança. Entretanto, a aliança ao mesmo tempo permite a troca e a interrompe, ela é o seu próprio limite, sendo que a troca não vai além da aliança.

Para encerrar esse apontamento de ideias sobre chefia, poder, aliança, troca e guerra nas sociedades-contra-o-Estado, gostaria de retomar a definição de Viveiros de Castro (2014) no posfácio da obra de Clastres (1977 [2014]), onde o autor sugere que o conceito de sociedades-contra-o-Estado “designa um modo intensivo de existência ou um funcionamento virtual onipresente” carecendo ainda de definição, a qual há de ser dada pela antropologia. A apropriação desse conceito aqui se dá pela distinção dada às sociedades agrupadas sobre o rótulo de tribos de floresta tropical, as quais caracterizam o recorte geográfico desse estudo, e que como veremos, apesar não possuírem os atributos que as permitem caracterizar como sociedades estatais, as estratégias estruturantes dessas sociedades, sugerem uma relacionalidade semelhante à das sociedade-contra-o-Estado, uma vez que o registro arqueológico aponta para o equilíbrio e controle da alteridade, ao invés de uma busca desenfreada para a hierarquização e a estratificação social, com a formação de cacicados governados por um chefe ou órgão de poder uno.

Ainda cabe lembrar que Viveiros de Castro (2014) define o perspectivismo como a cosmologia contra o Estado, a qual se apega na composição ontológica do mundo mítico, aquela “exterioridade” originária para onde estariam projetados os fundamentos da sociedade.

O mundo das origens é, precisamente, tudo: ele é o plano de imanência amazônico. A questão crucial das relações entre o político e o religioso nas socialidades ameríndias se reabre integralmente por essa via, como mostram tantos trabalhos recentes. Pois é na zona de intercâmbio maximamente intenso com a alteridade – nos planos mítico, xamânico, onírico, metamórfico de articulação entre humanos e não-humanos – que o conceito de sociedade-contra-o-Estado ganha sua verdadeira

endoconsistência, ou diferença, etnográfica (VIVEIROS DE CASTRO 2014: 360).

Assim, é com base nessa citação de Viveiros de Castro (2014) que buscaremos, no tópico a seguir, realizar uma aproximação entre a arqueologia da Costa Atlântica do Amapá com a antropologia, mesmo que breve, a partir de alguns temas de discussão recentes como perspectiva ameríndia, cosmografia ritual, origens do mundo e uma noção bem viver.

5.1.2. Perspectivismo e Uma Aproximação com a Arqueologia

Segundo Danowski & Viveiros de Castro (2014) o perspectivismo ameríndio foi o nome que Tânia Stolze Lima (1996) e Eduardo Viveiros de Castro (1996; 2009) utilizaram para denominar:

“uma noção muito difundida na América indígena, segundo a qual cada espécie existente vê-se a si mesma como humana (anatômica e culturalmente), pois o que ela vê de si mesma é a sua “alma”, uma imagem interna que é como a sombra ou o eco do estado humanoide ancestral de todos os existentes”. (Danowski & Viveiros de Castro 2014: 95).

Aqui, a alma é a mesma que configura a humanidade primordial da origem do mundo, é o que os seres “enxergam, quando olham para / interagem com os seres da mesma espécie – é isso, na verdade, que *define* a noção de mesma espécie”. Portanto, em uma aplicação de “concepções de mundo” (DANOWSKI & VIVEIROS DE CASTRO 2014: 95) abordada nas discussões dos depósitos e das paisagens arqueológicas, podemos pensar a variedade das intenções ao criá-las ou imaginá-las, da mesma forma como a visão corpórea dos seres que apenas o são a partir da visão do outro. A existência de diferentes mundos, ou mais especificamente de diferentes ontologias e sociocosmologias, pode ser um grande problema para a interpretação arqueológica, visto que não podemos chegar às noções de mundo específicas. Contudo, através do estudo da cultura material, podemos encontrar padrões de criação/produção e de relações através da forma como essa materialidade se encontra dispersa no interior de, bem como entre, sítios arqueológicos.

Assim, a base do pensamento ameríndio é estruturada por uma dualidade dinâmica de complementaridade e assimetria baseada na instabilidade de criação e existência, onde um existe perante o outro, sendo que você não existe apenas perante si mesmo e quando se encontra sozinho perante diversos outros, você pode vir a acabar se tornando também um outro.

Contudo, creio que é por meio da análise estrutural, da identificação dos sememas/símbolos, que o arqueólogo, a partir da cultura material, pode identificar elementos recorrentes que podem participar das cosmografias rituais dos seus povos produtores, garantindo a sua existência enquanto um em relação ao outro, sendo a cultura material uma forma de elemento de fixação e manutenção da sua existência no mundo.

Cabe ressaltar aqui que a cultura material vem a ser entendida como toda a apropriação do mundo realizada pelos seres humanos, dessa forma, mesmo o universo natural, pode compor a cultura material, uma vez que ele pode vir a ser significado e simbolizado enquanto um elemento estruturante daquela sociedade.

Quando pensamos em significação estamos pensando na manutenção do mundo, uma vez que o rito seria a recriação de um equilíbrio natural, visto que ele narra um evento, por exemplo a origem do mundo ou um momento de fertilidade. Para este último caso, temos um exemplo material de tamanho monumental no estado do Amapá que é o sítio megalítico AP-CA-18: Rego Grande 1, o qual se caracteriza por ser um alinhamento artificial de blocos rochosos com o solstício de dezembro, marcador do período de início das chuvas neste estado, ou seja, um momento de fertilidade, mas que ao mesmo tempo contém em seu interior poços funerários que demarcam um tempo de fim ou recomeço.

Buscando dar início à junção dos pontos até aqui levantados, cabe ressaltar que esse tipo de monumento faz parte de um conjunto de mais de vinte outros registrados até o momento, os quais foram filiados à fase arqueológica Aristé e que estão localizados na costa atlântica do Amapá (SALDANHA 2016; SILVA 2016).

Ao pensar em perspectiva ameríndia, cosmografia ritual e a origem do mundo em conjunto com as teorias antropológicas recentemente discutidas para a Amazônia, alcançamos a ideia de *bem viver*, que pode ser vista como uma noção de equilíbrio/controlado, a possibilidade de manter uma socialidade fluída no sentido da convivialidade amazônica de Overing & Passes (2000 *apud* GORDON 2014: 97). Segundo Cesar Gordon (2014: 97-98) a condição de bem viver está estritamente associada à uma “estética e uma ética estreitamente associadas ao fluxo da vida cotidiana e ao universo do parentesco próximo e da convivência íntima do grupo de cognatos” podendo designar os valores essenciais da vida, como no caso dos Xikrin-Mebêngôkre (*ibid.*: 100).

Essa noção de bem viver, então, nos remete novamente para as regras de comportamento sociais, as quais são diretamente representadas na cultura material através

de comportamentos repetitivos e que nos remetem à noção de *habitus*²¹. Com isso, queremos dizer que, apesar de não possuir como ênfase a busca pela relacionalidade na cultura material, os comportamentos sociais são regidos por noções reguladoras de origem sociocosmológica que podem ser buscadas através do estudo da cultura material, permitindo, por fim, o levantamento de inferências sobre a relacionalidade das pessoas/povos que produziam essa cultura material.

5.1.3. Aplicação para o Caso Aristé-Palikur

Como um dos resultados obtidos pela execução do Projeto de Arqueologia Pública na Terra Indígena Uaçá ao longo dessas duas décadas e apesar das suas interrupções e continuidade sem acompanhamento dos arqueólogos, foi o levantamento, identificação e registro por imagem de uma série de sítios que estão intrinsecamente relacionados com as narrativas Palikur-Arukwayene. Como resultado dessas atividades, foram encontradas cerâmicas filiadas à fase Aristé, as quais teriam sido reconhecidas pelos Palikur como “vestígios dos antigos” (GREEN et al. 2003: 379; CABRAL & SALDANHA 2010: 55).

Como já apontado anteriormente, a fase arqueológica denominada como Aristé foi criada por Meggers & Evans (1957) sendo a costa atlântica do estado do Amapá definida como área de ocorrência desta fase. Dados de estudos recentes permitem afirmar que esta é uma fase milenar com datações que vão desde o início da era cristã, aproximadamente 200 d.C., até o período pós-contato com os europeus, aproximadamente 1750 d.C. (ROSTAIN 1994, 2011; CABRAL & SALDANHA 2008; COUTET 2009; SALDANHA & CABRAL 2010, 2014).

Além da sua longa duração, é possível verificar que, tanto nos contextos cerimoniais quanto nos contextos domésticos da fase Aristé, os sítios apresentam uma grande homogeneidade cultural, observada nos vestígios arqueológicos (tecnologia de manufatura das cerâmicas) e na forma de ocupar e significar o espaço (contextos deposicionais específicos dos sítios domésticos e cerimoniais) (SALDANHA & CABRAL 2014; SILVA 2016) que poderia atestar como um marcador/identificador dos povos produtores desta cultura arqueológica. Por exemplo, em relação aos tipos de

²¹ De acordo com Pierre Bordieu (2007) o *habitus* pode ser entendido “(...) como sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. Tais práticas e ideologias poderão atualizar-se em ocasiões mais ou menos favoráveis que lhes propiciam uma posição e uma trajetória determinadas no interior de um campo intelectual que, por sua vez, ocupa uma posição determinada na estrutura da classe dominante” (BORDIEU 2007: 191).

antiplástico adicionados ao tempero das vasilhas da Fase Aristé, tanto nos sítios domésticos como nos sítios megalíticos, em especial o sítio AP-CA-18, vemos uma grande ocorrência de quartzo combinado com caco moído ou isolado, enquanto que nos sítios domésticos vemos uma presença muito maior de granito, a qual, por sua vez, é quase nula no sítio AP-CA-18, entretanto, o granito é a matéria prima dos próprios blocos megalíticos, assim a sua utilização enquanto matéria prima para a elaboração das cerâmicas poderia representar uma materialização dos centros cerimoniais no interior dos sítios domésticos e assim participar na manutenção e recriação dos esquemas ontológicos desse grupo no seio das atividades cotidianas?

Sobre essa homogeneidade cultural, Rostain (1994, 2011) apresenta a hipótese de que os povos produtores da cerâmica Aristé poderiam estar organizados na forma de uma confederação pantribal ou clânica que teve a sua estabilidade impactada pela conquista europeia. Referências sobre essas possíveis confederações são encontradas também nas fontes etnohistóricas, onde a zona litorânea do Amapá seria o “território de diversos grupos Arawak ou Arawaknizados que formavam, já no século XVII, uma grande confederação de clãs” (SALDANHA et al. 2016). Destes grupos descenderiam, então, os Palikur atuais na forma de uma mistura étnica pós-colonial (VAN DEN BEL 2009b).

A longa duração, além de estar presente na padronização da cultura material e suas datações radiocarbônicas, também é perceptível na tradição oral dos atuais Palikur que apesar das suas possíveis alterações, se mantém na imaterialidade da oralidade de uma população indígena mesclada. Contudo, apesar da sua fluidez, as narrativas se encontram ancoradas na paisagem, mais especificamente, em sítios arqueológicos, todos, até o momento, enquadrados em uma única fase arqueológica, a Aristé. Assim, possuímos uma continuidade histórica, da qual não podemos traçar o início, mas que verificamos perdurar até os dias atuais.

Muitas das narrativas Palikur, contam sobre uma guerra ancestral envolvendo-os com os Galibi. O mito de origem dessa guerra, narra a criação de um mundo onde os Palikur dão motivo à criação de seu próprio inimigo ao tentar matar uma entidade deítica que se relacionava com a irmã de um Palikur, contudo a entidade desviou a flecha causando a morte dessa irmã e o seu corpo teria se transformado em larvas que, por conseguinte, se transformaram em um povo que jurou se vingar em nome da entidade. Assim, foi iniciado um tempo de guerras entre os dois grupos.

Os Palikur, falantes Arawak, teriam então iniciado por intermédio deste evento, a sua guerra ancestral com os Galibi, falantes Karib. Esse mito, possivelmente narra uma época datada pela etnolinguística, onde foi inferida uma migração Karib para o Amapá por volta do ano 1.000, quando é percebida uma grande mudança no registro arqueológico deste estado, principalmente na Fase Aristé, onde tanto a cultura material quanto os contextos dos sítios sofreram grandes alterações. Sobre os materiais cerâmicos, nós temos uma mudança brusca de uma cerâmica inciso-ponteadada para uma cerâmica policroma verificada principalmente nos contextos funerários (SALDANHA 2016; SALDANHA et al. 2016; SILVA 2016).

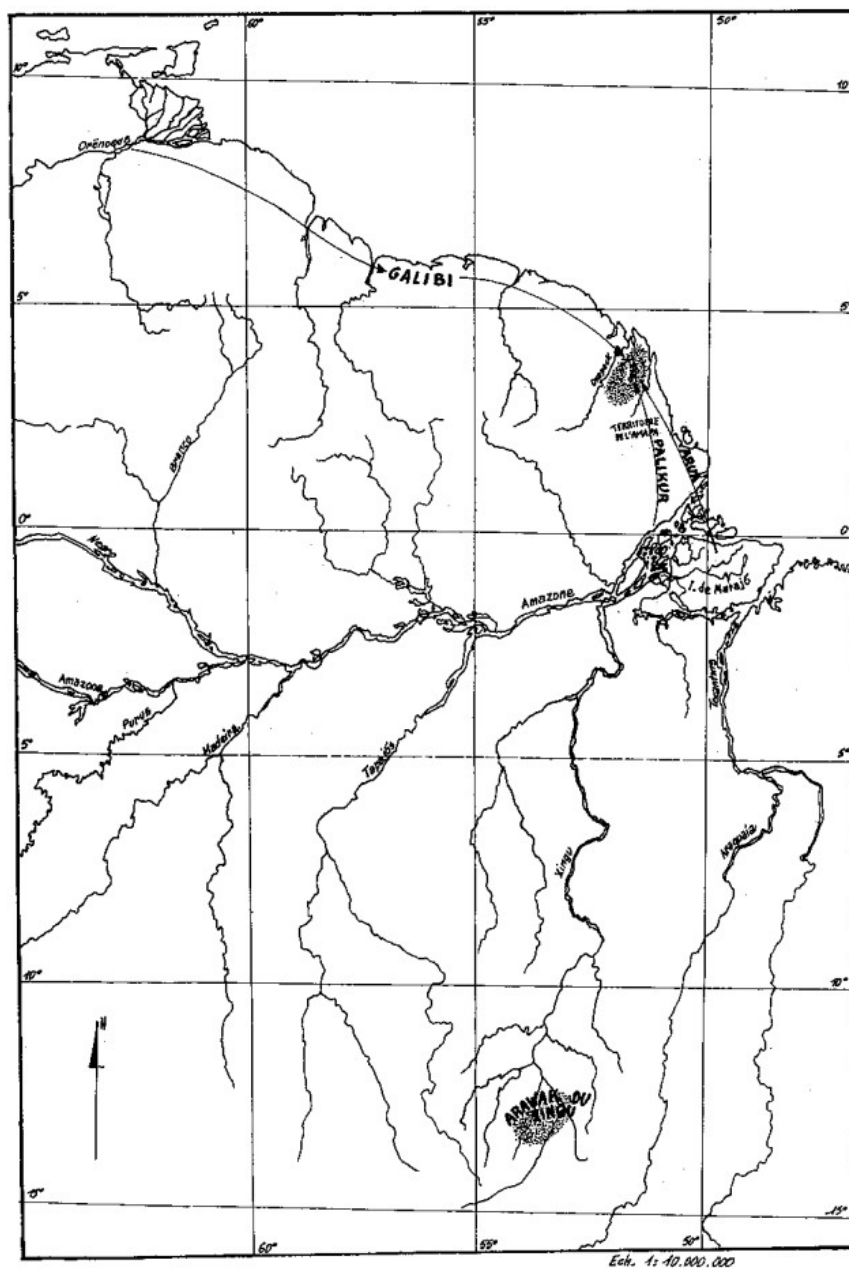


Figura 100 - Mapa ilustrando possíveis rotas de migração para a Terra Indígena Uaçá (Fonte: DREYFUS, 1981: 305)

Sobre essas migrações Dreyfus (1981) afirma que os Palikur acreditam ser originários de Urucauá e que a sua linguagem não está relacionada a nenhuma língua arawak falada nas Guianas, no litoral ou no interior, exceto por uma aproximação com o agora extinto Maraon do Oiapoque, indicando a existência de evidências de uma possível relação entre o grupo Palikur-Maraon e as línguas atuais do alto Xingu e sugerindo uma divisão ocorrida cerca de 2.000 anos atrás. A autora ainda sugere que os Palikur tenham migrado pela região amazônica e se deslocado através das savanas costeiras do Amapá.

Ao citar P. Rivet e P. Reinberg (1921 *apud* DREYFUS, 1981) a autora aponta que em 1735, os Palikur eram um grupo muito numeroso e ocupavam o Urucauá e o Alto Uaçá e que embora possam ter perdido a memória de suas próprias migrações, eles têm conhecimento de que alguns Galibi, um povo da costa guianense, chegaram ao Curipi, e que os seus vizinhos em Wayama, os índios de Uaçá, anteriormente habitavam mais a leste, perto do grande lago Auni, sendo provável que os Auni tenham sido uma população que migrou da ilha de Marajó para a Guiana Francesa, fugindo da pressão dos portugueses no século XVIII.

Portanto, a região fluvial do Uaçá foi um ponto de encontro de diferentes ondas migratórias, e os Palikur, junto com outros grupos que já desapareceram, já estavam estabelecidos nas savanas quando os últimos fluxos migratórios, impulsionados pela influência europeia, alcançaram suas terras (DREYFUS, 1981).

Pesquisas recentes (BARRETO 2018; SALDANHA & CABRAL 2018) apontam para uma migração de povos produtores de cerâmica Koriabo para o Amapá nesse mesmo período de transformação da fase Aristé. As cerâmicas Koriabo veem sendo pensadas como relacionadas com grupos falantes Karib, uma vez que o período e a rota de entrada de ambos neste estado estariam muito próximos.

A existência de um *mínimo de descontinuidade* histórica, ou seja, a sobreposição geográfica de fontes etnohistóricas, com os resultados das pesquisas arqueológicas e a tradição oral Palikur, apesar de todos os processos de fusão étnica, permitem o uso de uma abordagem de pesquisa voltada para a correlação entre cultura material e grupos étnicos, ou seja, pensarmos sobre etnicidade no registro arqueológico.

Eduardo Neves (1998), em sua tese de doutoramento, apresenta o conceito de Sistemas de Interdependência Regional, o qual é retomado em seu artigo “O Velho e o Novo na Arqueologia Amazônica” (NEVES 1999-2000: 88) denominado apenas como

“*sistemas regionais*”, onde, ao levantar os problemas de pesquisa para a arqueologia da Amazônia, o autor apresenta três categorias gerais, sendo uma delas o “estabelecimento de fronteiras étnicas – particularmente linguísticas – no passado através de vestígios arqueológicos, principalmente a cerâmica”. Nesse caso, são indicadas as problemáticas de identificação desses sistemas a partir do registro arqueológico, tanto pela inexistência de uma fórmula geral que permita a sua identificação quanto pela fluidez característica deles, uma vez que seriam:

“(…) multiétnicos e multilingüísticos; seus limites são fluidos; a integração intra-sistema é construída ao longo de diferentes vínculos, como comércio, casamento e guerra. Tais sistemas variam com o passar do tempo em termos da composição étnica e padrões de integração interna, dentro da base estrutural provida por padrões de casamento, comércio e guerra (NEVES 1999-2000).”

No caso deste contexto de estudo, uma vez renovado o interesse em compreender as “Redes de Relações das Guianas” (GALLOIS 2005) somadas ao constante interesse da arqueologia em realizar o cruzamento com as fontes etnohistóricas, buscando, por fim, a relação entre troncos linguísticos e fases arqueológicas (GOELDI 1905; NIMUENDAJÚ 2004; LINNÉ 1928; HILBERT 1957; ROSTAIN 1994, 2011; GREEN et al. 2003; VAN DEN BEL 2009a, 2009b; SALDANHA et al. 2016), a continuidade das pesquisas almejará a realização de um refinamento do que atualmente é compreendido como fase Aristé, somando-se à caracterização arqueológica da T.I. Uaçá, com fim na compreensão das relações entre os povos produtores dessa cerâmica, em especial, com os povos vizinhos.

Assim, partindo deste sistema regional guianense (BUTT-COLSON 1983-1984; DREYFUS 1983-1984; OVERING 1983-1984; RIVIÉRE 1983-1984) renovado como redes de relações através dos estudos etnográficos recentes (GALLOIS 2005), para a particularidade do registro arqueológico, deverão ser buscados os elementos da cultura material que permitam inferir a existência desses sistemas em tempos pré-coloniais.

Um estudo que tem demonstrado a potencialidade dessa linha de raciocínio foi realizado por Ericksen (2011), onde através do cruzamento de uma ampla base de dados foi elaborado um sistema de informações geográficas (SIG) que, como resultado, possibilitou a postulação de um sistema de troca regional Arawak, localizado temporalmente por volta do ano 1000 AD (Figura 2). Esse autor acredita que a dispersão e consolidação das novas áreas de ocupação Arawak poderiam estar relacionadas com características sociocosmológicas e que elas teriam dois tipos de representantes principais

(negociantes e xamãs). Um assunto importante introduzido por Ericksen (2011) é a domesticação de novas paisagens com a incorporação de novos grupos. Cabe ressaltar

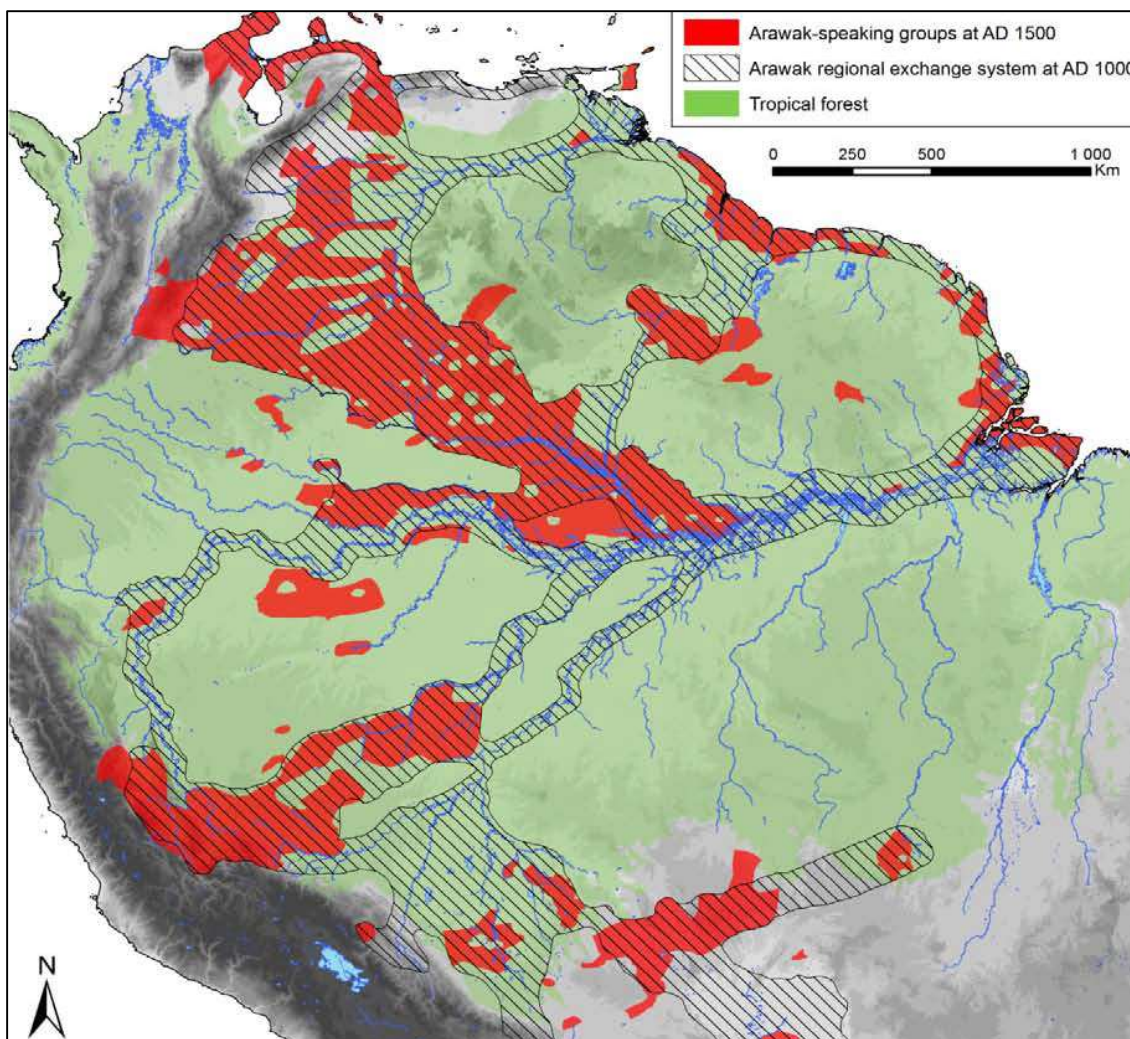


Figura 101 - Sistema de troca regional Arawak (adaptado de ERICKSEN 2011:222).

aqui, que nesse modelo a costa atlântica do Amapá, mais especificamente a T.I. Uaçá, é englobada, reforçando então a ideia de existência de uma rede de relações de grandes dimensões.

5.1.4. Costurando Ideias Para Um Caminho Interpretativo

Apesar das diversas portas abertas ao longo do texto, o presente trabalho não busca ser um estudo exaustivo das possibilidades de interrelação entre a teoria antropológica e o caso de estudo específico da arqueologia que seria a busca por uma padronização cultural que possibilite realizar uma aproximação entre vestígios arqueológicos e grupos étnicos. Busca-se aqui o levantamento de uma nova possibilidade de abordagem, onde

sistemas regionais possam ser apontados, mesmo que apenas por inferência, trazendo à tona a oportunidade de abertura para discussão de chefias e sistemas de troca.

Assim, talvez o mito da guerra ancestral entre os Palikur com os Galibi, seja uma adaptação que narre o momento em que grupos falantes Arawak iniciaram uma relação mais próxima com grupos falantes Karib, a qual não necessariamente precisa ter sido belicosa, mas que sim, manteve limites claros entre os dois grupos, criando talvez uma relação de dualidade necessária para a manutenção da existência de ambos, uma vez que a guerra de fato ou imaginária é “uma categoria crítica para a produção cultural” (LAU 2004).

A ideia de dualidade/alteridade pode ser pensada aqui em relação às áreas de dispersão cultural, visto que os povos produtores das cerâmicas filiadas à fase Aristé estariam localizados nos campos alagadiços das terras baixas das planícies costeiras do estado do Amapá, enquanto que os povos produtores das cerâmicas filiadas às fase Koriabo estariam localizados nas florestas de terra firme encontradas já nas áreas de maior relevo no interior do estado e ligadas aos três principais rios que desembocam nas planícies costeiras.

O avanço das discussões arqueológicas sobre a materialidade das populações pretéritas que habitaram a região da costa leste das guianas, pode possibilitar o levantamento de inferências sobre as diferentes formas de relação presentes no mundo do contato de grupos Aristé/Koriabo ou Arawak/Karib e como, talvez, essas relações se concretizaram na longa duração de forma tão presente que perduram até os dias atuais nas narrativas dos povos da região, mantendo e recriando ao mesmo tempo os mundos individuais desses grupos e identificando na sua materialidade diferentes eventos de contato.

Talvez seja na dualidade assimétrica do perspectivismo ameríndio e na necessidade de manutenção do mundo apresentada no conceito de bem viver que esteja a resposta para a existência milenar dos povos produtores das cerâmicas filiadas à Fase Aristé, tão famosos pela excepcionalidade estética de suas vasilhas cerâmicas e pela monumentalidade de seus sítios cerimoniais/funerários na costa leste das guianas.

A perpetuação, ao longo de mais de mil anos de uma única fase arqueológica em uma determinada região, resistindo mesmo ao contato europeu e findando em meados do século XVII é um grande indicativo da força das chefias das sociedades-contra-o-Estado,

tendo vista a ausência de uma centralização clara de poder, uma vez que área cultural onde foi registrada a grande dispersão cultural dos vestígios da fase Aristé é vizinha à mesma área de dispersão, por exemplo, das cerâmicas filiadas à Fase Marajoara, a qual também possui como características estar localizada na zona costeira do estado.

Nesse caso, não são verificados em contextos de ambas as fases indicações de conflitos entre os seus grupos produtores, sendo identificado em sítios específicos a presença de materiais arqueológicos de ambas as fases compondo conjuntos funerários, indicando uma possível relação de aliança ou mesmo troca, enquanto que em relação às cerâmicas filiadas à Fase Koriabo não foi encontrada nenhuma forma de mistura entre grupos, sendo verificado até o momento, apenas a sobreposição de sítios funerários Aristé por sítios de habitação Koriabo posteriores.

Seria então a retomada para a discussão de uma reinterpretação do conceito de sociedades-contra-o-Estado, um caminho teórico-filosófico para pensarmos nas diferentes formas de interação de grupos pretéritos, onde diferentes formas de dispersão e apropriação da cultura material poderiam caracterizar diferentes interações, como por exemplo a criação de um inimigo comum, permitindo assim a perpetuação da sua alteridade [Aristé-Koriabo], uma vez verificada uma possibilidade de homogeneidade [Aristé-Marajoara], garantindo assim a manutenção da ordem mítica de criação do universo?

A confirmação da produtividade de tal caminho para o contexto de pesquisa específico ainda depende da produção de mais dados de pesquisas sistemáticas em diferentes localidades do estado do Amapá, bem como do preenchimento de lacunas espaciais representadas ainda pela carência de pesquisas em determinadas localidades. Entretanto, pode ser observado um grande potencial em pensarmos que padrões culturais recorrentes na longa duração podem vir a configurar uma comprovação material de que, assim como nas referidas sociedades-contra-o-Estado, chefes/donos de eventos específicos poderiam ser responsabilizados pela manutenção da existência do grupo através da reprodução daqueles elementos de manutenção da alteridade que permitiam assim justificar a relação assimétrica do seu grupo/comunidade, mantendo a instabilidade de criação e existência. Aqui, o grupo ou comunidade pode ser pensado em um panorama mais amplo, chegando a configurar então as supostas confederações pantribais que vem sendo inferidas na bibliografia da região.

Ainda, discutindo sobre a possibilidade de existência de organizações sociais centralizadas em momentos específicos, Mario Júnior Alves Polo (2019) ao estudar os conjuntos cerâmicos Maracá, Caviana e Cupixi sugere que grupos responsáveis pelas cerâmicas Maracá, Caviana, Cupixi e Mazagão possivelmente compartilhavam estruturas rituais e funerárias similares, com fluxo de contato e trocas entre eles. Apesar de manterem autonomia política e ritual, não se centralizavam em denominações comuns. Sua distribuição geográfica estava adaptada à paisagem, especialmente às vias navegáveis, e a escolha dos locais funerários também era influenciada pelas vias aquáticas. Esses padrões regionais podem refletir a materialização de relações hierárquicas e possíveis classes sociais ou uma elite de indivíduos.

Por fim, conforme apontado ao longo do texto, a manutenção da alteridade parece ser essencial para a perpetuação destas possíveis confederações, visto que a necessidade de a domar para transformá-la em semelhança justifica a sua própria existência, onde o outro indomável passa a configurar uma realidade de interações, um mundo de interações possíveis que estabilizam a sua própria existência. Assim, a sugestão da existência de chefes da manutenção da alteridade, seja de caráter permanente ou temporário, parece configurar um importante caminho interpretativo para justificar a existência de padrões culturais recorrentes que perdurem na longa duração, como por exemplo a forma de ocupar a paisagem ou a forma de organizar os seus mortos, os quais, na sua reprodução, renovariam os laços de pertencimento de diferentes grupos à uma mesma confederação.

Para concluir, acho válido lembrar aqui, como discutido no Capítulo 2, o trabalho de Sylvia Spelt-Bombin (2018) onde a autora desafia a visão tradicional de que a Terra Indígena do Uaçá era um refúgio durante o período colonial. Em vez disso, destaca o protagonismo dos povos indígenas, que mantiveram redes de trocas, alianças e rituais, desencadeando processos de etnogênese. O espaço ameríndio não estava restrito às fronteiras europeias e incorporou assentamentos europeus, desafiando a concepção de uma matriz núcleo-periferia. Essa discussão propõe repensar os espaços indígenas como regiões complexas de relações étnicas entrelaçadas, destacando a diversidade e dinamicidade das interações indígenas.

6. Considerações Finais e Caminhos para a Continuidade de um Projeto de Arqueologia Pública na Terra Indígena Uaçá

Além de sistematizar a localização dos sítios arqueológicos da região, o levantamento bibliográfico arqueológico também objetiva na realização de um refinamento do que conhecemos hoje como fase Aristé, a qual até então vem sendo descrita como uma fase milenar com dois períodos distintos de produção de cerâmica e ocupação da paisagem divididos pelo ano mil.

Saldanha et al. (2016) descrevem que essa fase teria um período inicial com maior ênfase na ocupação permanente da paisagem, com sítios habitacionais de grandes dimensões e manufatura de uma cerâmica mais simples (inciso-ponteadas), caracterizada pelo tipo Ouanary Encoché; enquanto que no seu período final a paisagem passaria a ser ocupada pelo simbolismo dos sítios cerimoniais – megalíticos e grutas com deposições de urnas ricamente decoradas - e com sítios habitacionais de curta duração, caracterizando maior mobilidade pelo território, caracterizado pelo tipo Enfer Polychrome. Uma hipótese de ocupação da paisagem semelhante à essa foi levantada por Neves (2000-2001) ao pensar no padrão de ocupação da T.I. Uaçá, com ocupações menores, talvez a nível do grupo local, nos sítios localizados em ilhas nos campos inundáveis, enquanto outros sítios de habitação, englobando possivelmente diversas famílias ou mesmo clãs, estariam localizados nas pontas de terra firme, caracterizando sítios de maiores dimensões ocupados por períodos de tempo mais longos.

O autor acredita que essa diferença no padrão de ocupação da região poderia estar ligada à chegada de novos grupos, gerando uma certa instabilidade no modo tradicional de ocupar a paisagem. No caso dos Palikur-Arukwayene, essa chegada estaria relacionada com os índios Galibi, presentes na tradição oral desse povo em diversos eventos de guerra ou disputas.

Dessa forma, o aprofundamento do levantamento bibliográfico, em fontes secundárias, de toda a porção leste das Guianas poderá auxiliar a verificar a ocorrência de padrões de ocupação da paisagem, bem como possibilitar a investigação sobre uma possível padronização da cultura material relacionada com diferentes padrões de ocupação, caracterizando tipos de sítios diferentes ou mesmo diferentes grupos habitando diferentes espaços da paisagem.

Pensando em retomar uma discussão voltada para a relação entre etnicidade e cultura material, com objetivo de verificar a possibilidade de existência de sistemas de

aliança na forma de confederações para a região, deve-se buscar em trabalhos futuros a realização de um levantamento etnohistórico, também em fontes secundárias, para a região leste das guianas. Uma vez que dados de novas pesquisas (SALDANHA et al. 2016) apontam para a existência de dois complexos distintos para essa região, sendo um complexo caracterizado pelo agrupamento das fases arqueológicas Aristé, Mazagão, Marajoara e Caviana localizado na zona costeira, enquanto a fase Koriabo representaria o outro complexo localizado nas terras altas do interior. O aparecimento da fase Koriabo de forma isolada reflete mais uma carência de pesquisas nessa região do que a realidade material da área, sendo verificados até o momento alguns sítios com ocorrência de materiais que poderiam ser filiados nessa fase.

Além das pesquisas bibliográficas, será dada continuidade à análise dos materiais arqueológicos da T.I. Uaçá, buscando realizar a sua caracterização, mas evitando, a princípio, uma tentativa de padronização desses materiais, enfatizando, sempre que possível as suas diferenças.

E por último, mas não menos importante, buscaremos inserir todas as informações levantadas em um banco de dados geográfico, objetivando na elaboração de um SIG que permita acompanhar, graficamente, a dispersão das diferentes formas de ocupar a paisagem, bem como verificar a dispersão dos diferentes tipos de materiais arqueológicos no tempo e no espaço. Daí advém a necessidade de se trabalhar com bibliografias secundárias, onde estarão disponíveis a maior quantidade de informações sobre os vestígios, contextos e datações, no caso da arqueologia, bem como as diferentes formas de ocupar e se apropriar do espaço, presentes nos relatos etnohistóricos e etnográficos. Contudo, o uso de fontes secundárias, não exclui, quando se mostrar necessária, a consulta em fontes primárias para uma melhor localização ou descrição do objeto de estudo.

Uma das principais sustentações que motivou a realização dessa pesquisa como um trabalho de doutorado foi a ausência de identificação, a falta sociabilidade da arqueologia do Amapá, ou mesmo a falta da inserção social do arqueólogo nas pesquisas, considerando os materiais destacados das pessoas. Ainda durante o curso do mestrado, ao ter uma proximidade com etnoarqueologias, tanto por interesse pessoal, quanto pelo desenrolar da arqueologia em âmbito nacional e internacional, me vi envolvido em leituras arqueológicas que discutiam o papel social do arqueólogo e como os resultados dessa ciência poderiam ser potencializados através da sua extroversão durante a sua produção, possibilitando, assim, dar voz àqueles que tradicionalmente são calados pelo discurso científico.

Contudo, a escrita científica, por si só, acaba sendo uma prática de produção de conhecimento solitária, porém, até que ponto? Eu, retirado da vivência social, com os backgrounds que adestraram meu pensamento, acompanhado de meta-escritores, traduzidos na forma de parceiros de madrugadas e cafés, que me acompanham durante essa etapa, sempre isentos de sensações, mas repletos de conhecimento científico duro (uma tradução literal para *hard science*), tornando-se seres ontológicos da minha crença acadêmica, aquelas deidades que vigiam a minha produção e guiam os meus caminhos; seres ancestrais, como Nimuendajú que se tornam os balizadores das trilhas que seguirei. As pesquisas arqueológicas na Terra Indígena Uaçá, perpassam por uma série de invocações, sendo essas de caráter de propriedade, herança, longa duração, paisagem, lugares persistentes e tradição. Conceitos, os quais pretendo definir com maior cautela na continuidade das pesquisas.

No levantamento bibliográfico foi verificado, em diversos momentos, o estabelecimento de uma possível relação dos Palikur atuais com os materiais arqueológicos da região, considerando-os como uma espécie de herdeiros distantes da rica cultura material cristalizada por Betty Meggers e Clifford Evans (1957) como fase arqueológica Aristé.

Em uma conversa com Dominique Gallois, quando no ano de 2017 veio apresentar uma comunicação a convite da Superintendência do IPHAN no estado do Amapá inserida nas comemorações dos 80 anos dessa instituição, ao apresentar o meu projeto de pesquisa, a primeira sugestão que me foi dada era a seguinte: por que você não insere os outros povos indígenas do Oiapoque no seu trabalho? Essa sugestão remete para a falsa noção de estabilidade gerada por estudos anteriores, onde os Palikur se apresentariam como uma forma de índios mais puros que os seus vizinhos, o que é justificado pelos próprios devido ao fato de ainda possuírem uma língua indígena própria, enquanto seus vizinhos falam uma mistura de línguas intitulada como Kehuol.

Nesse momento, o trabalho que estava sendo discutido era a primeira versão do projeto de pesquisa submetido, quando da inscrição no doutorado, ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE/USP. Nesse, o interesse principal era realizar o levantamento em campo, conjuntamente com os Palikur, dos sítios arqueológicos presentes na sua tradição oral, realizando uma forma de cartografia social, para que em seguida fosse dada continuidade à descrição dos sítios, com a delimitação de seus contextos horizontal e verticalmente, bem como, materialmente.

Infelizmente, a logística relacionada a esse tipo de projeto, iniciando desde o transporte e estadia para a T.I. Uaçá e finalizando com a necessidade do pagamento de diárias para os auxiliares de campo, sendo obrigatória a presença de um representante de cada um dos setes clãs da região, conforme havia sido informado na época, tornaram esse projeto inviável. Adicionalmente, a Pandemia de COVID-19 (SARS-CoV-2) que, oficialmente, iniciou em 31 de dezembro de 2019 e finalizou em 5 de maio de 2023, abarcando três anos de duração do tempo de vigência do doutorado foi também um fator decisivo para concretizar a opção por não realizar as atividades de campo arqueológicas na T.I. Uaçá.

No entanto, conforme declarado por David em nossa primeira reunião presencial e verificado, especificamente, em diferentes partes do texto da dissertação de mestrado de Adonias Guiome Ioiô, o povo Palikur-Arukwayene, questiona sobre a execução de pesquisas em geral, mas também arqueológicas em especial, uma vez que, das atividades realizadas anteriormente, obtiveram pouco retorno documental e material, tendo sido solicitado, inclusive, o retorno dos materiais escavados para a T.I. Uaçá. Solicitação esta, que segue aguardando atendimento até o presente momento, tendo sido justificada a necessidade de análise dos materiais antes do retorno para a região.

Desta feita, como pode ser observado ao longo dos Capítulos 4 e 5 da presente tese, esta pesquisa acabou por orientar-se para uma descrição detalhada dos sítios arqueológicos identificados, dentro da medida do possível com base nos esparsos registros realizados, bem como se debruçar sobre a possibilidade de filiação cultural dos sítios dessa área, contribuindo para a construção de uma história indígena de longa duração da T.I. Uaçá, baseadas nos registros e resultados arqueológicos gerados até o momento.

Através da análise dos vestígios arqueológicos do sítio denominado Kwap, somado aos registros fotográficos obtidos nos demais sítios, hoje, pode-se afirmar majoritariamente, que os sítios arqueológicos da T.I. Uaçá são filiados à fase arqueológica denominada Aristé. Quais as implicações disso?

Conforme observado ao longo do texto desta tese, este tipo de inferência, visto que os sítios arqueológicos da região encontram-se geograficamente presentes na tradição oral Palikur-Arukwayene, é possível levantar a inferência de que esse povo, de alguma forma, seria descendente dos povos ancestrais produtores das cerâmicas filiadas à Fase Aristé, bem como daqueles povos que construíram os sítios megalíticos da região dos municípios de Calçoene e Amapá, bem como dos povos que manejaram as paisagens da

costa atlântica do Amapá, seja através da construção de campos elevados, caminhos escavados, montanhas coroadas e outros tipos de *earthworks* ou, até mesmo, significando paisagens naturais.

No entanto, conforme acusado nas narrativas sobre a profusão de clãs, para além daqueles seis clãs primordiais Palikur-Arukwayene, bem como a ênfase nas redes intertribais guianenses, é possível sugerir que a cerâmica filiada à fase Aristé fosse, possivelmente um dos elementos culturais comuns entre os diferentes povos indígenas falantes Arawak que habitavam esta região, motivo pelo qual, até o presente momento, é a fase arqueológica dominante nesta zona que abrange, principalmente os rios Araguari e Oiapoque, existindo a ocorrência de cerâmicas filiadas ao estilo Koriabo ao longo de ambos os rios, mas que não adentram o interior desta zona, atestando esta homogeneidade cultural.

Por fim, apesar de pretensiosas as afirmações feitas acima, vale ressaltar que as mesmas foram geradas com base em uma, ainda, diminuta quantidade de resultados, sendo necessária a retomada de um projeto de arqueologia pública na área da T.I. Uaçá e adjacências, que, para como contestado por Dominique Gallois no ano de 2017, abranja a participação de todos os Povos Indígenas do Oiapoque, bem como, conforme a vontade inicial de Lesley Green, David Green e Eduardo Neves, fomente a formação de pesquisadores indígenas especializados no campo da arqueologia, os quais possam elencar as suas próprias prioridades de pesquisa para além daquelas do desenvolvimento arqueológico tradicional/ocidental do estado do Amapá. Ainda, tendo em vista o reconhecimento, a caracterização, a contextualização e o registro dos sítios arqueológicos, entende-se que, independentemente das problemáticas de pesquisa a serem elencadas no futuro, se faz urgente a necessidade de delimitação horizontal, vertical e cultural dos sítios arqueológicos já identificados na área da T.I. Uaçá, assim como o seu registro oficial, por meio da sua inserção na base de dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, assunto que deve ser objeto de discussão junto aos Povos Indígenas do Oiapoque, tanto para auxiliar na elaboração de estratégias de preservação, como também para facilitar o acesso às informações para as futuras gerações de pesquisadores, indígenas e não indígenas, afinal de contas, como afirmou Francis Bacon (1597) em seu clássico *'Meditationes sacrae'*: conhecimento é poder, e só é possível se apropriar, gerir e salvaguardar aquilo que é conhecido.

Assim, entende-se que esta tese ao relacionar e, mesmo que sumariamente, descrever todos os locais que, por meio das narrativas Palikur-Arukwayene,

possibilitaram a identificação de vestígios materiais das antigas populações indígenas que transitaram, habitaram e significaram a região da T.I. Uaçá, cumpre um de seus objetivos, que é devolver esse conhecimento para a comunidade Palikur-Arukwayene. No entanto, vale enfatizar que esses resultados são apenas um embrião das possibilidades da pesquisa arqueológica na área, visto que muitas das narrativas registradas pelo David Green ainda não foram completamente transcritas e divulgadas em Português-Palikur, bem como as atividades de arqueologia em si compreenderam apenas a identificação de vestígios, sendo necessário o aprofundamento das informações por meio da aplicação de métodos de delimitação horizontal e vertical, bem como de contextualização desses sítios arqueológicos.

Para finalizar, é de grande mérito ressaltar que a área onde hoje está localizada a Terra Indígena Uaçá foi palco de intensos e importantes eventos relacionados à migração de diferentes povos no passado, sejam eles os primeiros ocupantes do estado, vistos, possivelmente, na figura dos Mayé, que poderiam ter sido empurrados para o cabo Orange e para as ilhas da foz do Amazonas com a chegada dos Arawak ancestrais, seguidos por uma onda de migração posterior de povos falantes Caribe que ocasionou no fomento de uma relação de alteridade Palikur-Galibi e, por fim, presenciado os primeiros contatos entre os europeus e os povos indígenas da Amazônia em uma região que até hoje luta pela preservação da sua cultura frente a um projeto constante de globalização, seja pela religião, como pela criação de uma identidade nacional brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCELIN, P. & RIGOIR, Y. 1979 Normatization du dessin en ceramologie. *Méthodes & Techniques* (1). ADAM, Lambesc. 36 p.
- BARTON, C.M.; BERNABEU, J.; AURA, J.E.; GARCIA, O.; SCHMICH, S. E MOLINA, L. 2004. Long term socioecology and contingent landscapes. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 11(3):253-296.
- BESPALEZ, E. 2009. Levantamento arqueológico e etnoarqueologia na aldeia Lalima, Miranda/MS: um estudo sobre a trajetória histórica da ocupação indígena regional. Dissertação. (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BINFORD, L.R. 1983. *Working at Archaeology*. New York, Academic Press.
- BRAUDEL, Fernand. 1984. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico*. Lisboa: Livraria Martins Fontes.
- _____. 1990. *História e Ciências Sociais*. Tradução de Rui Nazaré. Lisboa: Editorial Presença.
- BUTT-COLSON, A. 1983-1984. Conclusion. *Antropologica*. 59-62 : 359-383.
- CABRAL, M. P. & SALDANHA, J. D. M. 2008: Paisagens Megalíticas na Costa Norte do Amapá. *Revista de Arqueologia* (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso), v. 21: 3-20, 2008.
- _____. 2010. Ocupações pré-coloniais no Setor Costeiro Atlântico do Amapá. Edithe Pereira; Vera Guapindaia. (Org.). *Arqueologia Amazônica*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 2010, v. 1: 49-60.
- CAPIBERIBE, A. 2007. Batismo de fogo: os Palikur e o cristianismo / Artionka Capiberibe. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.
- COUDREAU, H.A. 1887. *La France Équinoxiale: Voyage a travers les Guyanes et l'Amazonie*. Tome II. Paris: Challamel Ainé. 492 p.
- COUTET, C.. 2009. *Archéologie du Littoral de Guyane Française*. Thèse (Doutorado em Archéologie) - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne).
- DREYFUS, S. 1983-1984. Historical and Political Anthropological Inter-connections: the multilinguistic indigenous polity of the « Caribe » Islands and Mainland Coast from the 16th to the 18th century. *Antropologica*. 59-62: 39-55.
- ERICKSON, C.L. 2009. Agency, causeways, canals and the landscapes of everyday life in the Bolivian Amazon. In: J.E. SNEAD; C.L. ERICKSON e J. A. DARLING.

- Landscapes of movement. Trails, paths and roads in anthropological perspectives.* Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology. Pp. 204-231.
- ERIKSEN, L. 2011. Nature and Culture in Prehistoric Amazonia Using G.I.S. to reconstruct ancient ethnogenetic processes from archaeology, linguistics, geography, and ethnohistory Human Ecology Division, Lund University.
- FERGUSON, T.J. e COLWELL-CHANTHAPHONH, C. 2006. Landscapes of a living past. In: *History is in the land. Multivocal tradition in Arizona's San Pedro Valley.* Pp. 189-227. 2006.
- FERGUSON, T.J.; BERLIN, G.L. e KUWANWISIWMA, L.J. 2009. Kukhepya: searching for Hopi trails. In: J.E. SNEAD; C.L. ERICKSON e J. A. DARLING. *Landscapes of movement. Trails, paths and roads in anthropological perspectives.* Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology. Pp. 20-41.
- GALLOIS, D.T. 2005. *Redes de Relações nas Guianas.* São Paulo : Humanitas.
- GALLOIS, D.T. 2008. *Levantamento Histórico-Cultural: Parque Montanhas do Tumucumaque.* Brasília: MMA (Relatório de pesquisa), 195 p. Disponível em: <http://montanhasdotumucumaque.blogspot.com.br/p/mapas.html>. Acesso em: 11 de março de 2017.
- GOELDI, E.A. 1905. Excavações Archeologicas em 1895. 1ª parte: As Cavernas Funerarias Artificiaes dos Indios Hoje Extinctos no Rio Cunany (Goanany) e sua Ceramica. *Série Memórias do Museu Goeldi*, Pará.
- GOMES, I. 2012. A História Palikur a partir da Memória dos mais velhos. Artigo (Conclusão de Curso). Licenciatura em Educação Escolar Indígena - Ciências Humanas/UNIFAP.
- GOMES, D. M. C. 2002. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE/USP.* São Paulo: EDUSP, FAPESP: 353 p.
- _____. 2008 *Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-colonial.* São Paulo, EDUSP, FAPESP: 237.
- GREEN, L. 2015. Archaeologies of intellectual Heritage? In: GNECCO, C.; LIPPERT, D. (Orgs.), 2015. *Ethics and archaeological praxis.* Springer, New York.
- GREEN, L. & GREEN, D.R. 2013. *Knowing the Day, Knowing the World: engaging amerindian thought in public archaeology.* Tucson: Arizona University Press.

- _____. 2013. Uma leitura de Waramwi: A Cobra Grande in SANTOS, Uwet Manuel Antonio dos Waramwi : a cobra grande / Uwet Manuel Antonio dos Santos, David Green, Lesley Green. -- São Paulo : Iepé, 2013.
- GREEN, L.F.; GREEN, D.; NEVES, E.G. 2003. Indigenous Knowledge and Archaeological Science: The Challenges of Public Archaeology in the Reserva Uaçá. *Journal of Social Archaeology*. 3 (3): 365-397.
- GREEN, D.; GREEN, L. F.; NEVES, E.G.; CABRAL, M.P.; SALDANHA, J.D.M. 2008. Pesquisas Arqueológicas ao Longo do Rio Urucaúá. (Brochura). In: SALDANHA, J.D.M. & CABRAL, M.P. 2009. *Arqueologia Pública na Terra Indígena Uaçá, Amapá: Primeiro Relatório*. IEPA: Macapá.
- GULDI, J. 2011. What is the Spatial Turn? Disponível em: <<http://spatial.scholarslab.org/spatial-turn/>>, 1 Julho 2020.
- HILBERT, P.P. 1957. Contribuição à Arqueologia do Amapá: Fase Aristé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia*, n. 1, p. 1-37.
- IOIÔ, Adonias Guiome. 2019. *Kayka Aramtem (Dança/Festa do Turé) entre os Palikur-Arukwayene*. Dissertação de Mestrado. UFPA.
- KATER, T.; LOPES, R. A. 2021. Braudel nas Terras Baixas: caminhos da Arqueologia na construção de Histórias Indígenas de longa duração. *Revista de História*, 180:1-35.
- LANE, P. 2006. Present to Past. Ethnoarchaeology. In: C. TILLEY; W. KEANE; S. KÜCHLER; M. ROWLANDS e P. SPYER (Eds.). *Handbook of Material Culture*. London: SAGE Publications INC. Pp. 402-424.
- LEROI-GOURHAN, A. 1985. *O Gesto e a Palavra*. 1. Lisboa: Ed. 70. 248 p.
- LINNÉ, S. 1928. Les Recherches Archéologiques de Nimuendajú au Brésil. *Journal de La Société des Américanistes*, Tome XX : 71-89.
- MARTINS, Z. & MARTINS, I. 2019. KAYKA KISEPKA : O Ritual Funerário do Povo Palikur. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena, UNIFAP-Oiapoque. 62 p.
- MAZUREK, R. R. S. 2013. *Programa de gestão territorial e ambiental das terras indígenas do Oiapoque* / Rosélis Remor de Souza Mazurek, organizador. - Belém: The Nature Conservancy.
- MEGGERS, B.J. & EVANS, C. 1957. *Archeological investigations at the mouth of the Amazon*. Bull. American Ethnology Bull. 167. Washington, D.C.

- _____. 1970 *Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica: Manual para Arqueólogos*. Washington D. C. Smithsonian Institution.
- MONTEIRO, J.K.P. 2019. Relatório Parcial da Pesquisa PIBIC 2018.2019. Variabilidade tecnológica dos vestígios líticos e cerâmicos na Terra Indígena Uaçá. Contribuições para uma história de longa-duração. Macapá: IEPA.
- NEVES, E. G. 1998. Paths in Dark Waters: Archaeology as Indigenous History in the Upper Rio Negro Basin, Northwest Amazon. Tese (Doutorado) - Department of Anthropology, Indiana University
- _____. 1999-2000. O Velho e o Novo na Arqueologia Amazônica. Revista USP, São Paulo, n. 44, p. 86-111, dezembro/fevereiro.
- _____. 2000-2001. Palikur: Rio Urucauá - AP (Diário de campo). Manuscrito.
- _____. 2016. Não existe neolítico ao sul do Equador: as primeiras cerâmicas amazônicas e sua falta de relação com a agricultura. In: Cristiana Barreto; Helena P. Lima e Carla Jaimes Betancourt (org). *Cerâmicas arqueológicas na Amazônia*. Belém: MPEG, IPHAN, 2016, 32-39.
- NIMUENDAJÚ, C. 1986. 104 Mitos Indígenas Nunca Publicados. Rio de Janeiro: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 21, 1986. p. 86-88.
- _____. 2004. In *Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region*, edited by Per Stenborg. *Etnologiska Studier* vol. 45, Världskulturmuseet i Göteborg, Göteborg.
- OVERING, J. 1983-1984. Elementary structures of reciprocity: a comparative note on Guianese, Central Brazilian, and North-West Amazon sociopolitical thought. *Antropologica*. 59-62 : 331-348.
- PATTERSON, T. 2008. A brief history of landscape archaeology in the Americas. In: B. DAVID e J. THOMAS (Eds.). *Handbook of Landscape Archaeology*. Walnut Creek: LEFT COAST PRESS. Pp. 77-84.
- POLITIS, G. 2002. Acerca de la Etnoarqueología em América del Sur. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 61-91.
- POLO, M.J.A. 2019. Corpo e Figuração na Arqueologia da Foz do Amazonas: uma abordagem pós-representacional aos conjuntos Maracá, Caviana e Cupixi. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Rio de Janeiro.

- POLONI, R. J. S. 2008. A etnoarqueologia no Brasil: ciência e sociedade no contexto de redemocratização. Dissertação. (Mestrado em Arqueologia) - Universidade do Algarve, Faro, Portugal.
- POUGET, F. M. C. 2010. Práticas arqueológicas e alteridades indígenas. 2010. Dissertação. (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RIVIÈRE, P. 1983-1984. Aspects of Carib Political Economy. *Antropológica*, 59–62, 349–358.
- RODET, M. J; ALONSO, M. 2004. *Princípios de Reconhecimento de Duas Técnicas de Debitagem: Percussão Direta Dura e Percussão Direta Macia (tendre)*. *Revista de Arqueologia*, vol. 17, n. 1: 63-74.
- ROSTAIN, S. 1994. *L'occupation Amérindienne Ancienne Du Littoral De Guyane*. Tese de Doutorado. Paris, Centre de Recherche en Archaeologie Precolombienne (CRAP), Université de Paris I. Pág. 412
- _____. 2008. Le littoral des Guyanes, héritage de l'agriculture précolombienne, *Études rurales* 2008/1, 181, p. 9-38.
- _____. 2010. Pre-Columbian Earthworks in Coastal Amazonia. *Diversity* 2010, 2, 331-352; doi:10.3390/d2030331
- _____. 2011. Que Hay de Nuevo Al Norte. Apuntes sobre el Arísté. *Revista de Arqueologia* (Sociedade de Arqueologia Brasileira), 2011. São Paulo: SAB, 2011, V. 24 nº 1. pg: 10-31.
- ROSTAIN, S. & MCKEY, D. 2015. Les paysages de champs surélevés de Guyane française : un patrimoine bioculturel menacé, *Revue d'ethnoécologie* [Online], 7 | 2015.
- ROUSE, I. R. 1972. *An Introduction to Prehistory: A Systematic Approach*. New York, McGraw Hill.
- RYDÉN, S. 2004. Introduction by Stig Rydén. *In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region*, edited by Per Stenborg. *Etnologiska Studier* vol. 45, Världskulturmuseet i Göteborg, Göteborg. pp. 14.
- SALDANHA, J.D.M. 2016. Poços, potes e pedras: uma longa história indígena na Costa da Guayana. 2017. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

- SALDANHA, J.D.M. & CABRAL, M.P. 2009. *Arqueologia Pública na Terra Indígena Uaçá, Amapá: Primeiro Relatório*. IEPA: Macapá.
- _____. 2010. A Arqueologia do Amapá: re-avaliação e novas perspectivas. In: Edithe Pereira; Vera Guapindaia. (Org.). *Arqueologia Amazônica*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010, v. 1, p. 95-112.
- _____. 2012. *Relatório Preliminar de Atividades do Convênio N°001/2011 – CEA/IEPA (Pesquisa Arqueológica para implantação do Programa Luz Para Todos)*. IEPA: Macapá.
- _____. 2014. A longa história indígena na costa norte do Amapá. *Anuário Antropológico/2013*, Brasília, UnB, 2014, v. 39, n. 2: 99-114
- SALDANHA, J. D. M.; CABRAL, M. P.; NAZARE, A. S.; LIMA, J. J. S.; SILVA, M. B. F. 2016. Os Complexos Cerâmicos do Amapá: proposta de uma nova sistematização. In: Cristiana Barreto; Helena Pinto Lima; Carla Jaimes Betancourt. (Org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. 1 ed. Belém: IPHAN / Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016, p. 86-96.
- SANTA ROSA, Domingos. 1961-2020. Para cuidar da terra indígenas: memórias e reflexões de Domingos Santa Rosa / organização Augusto Ventura dos Santos, Rita Becker Lewkowicz - 1. ed. - São Paulo: IEPÁ, 2020.
- SANTOS, M. 2004. Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- _____. 2009. Pensando o Espaço do Homem. 5. ed., 2ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- SCHIFFER, M. B. 1995. Archaeology as Behavioral Science in: SCHIFFER. M. B. Behavioral Archaeology: first principles. Foundations of Archaeological Inquiry, PP. 46-54.
- SHEPARD, A. 1956. *Ceramics for the Archaeologist*. Vol. Publ. 609. Washington D. C.: Carnegie Institution of Washington.
- SILVA, F.A. 2008. Ceramic technology of the Asurini do Xingu, Brazil: an Ethnoarchaeological study of artifact variability. *Journal of Archaeological Method and Theory* v. 15(3):217-265.
- SILVA, F.A. e STUCHI, F.F. 2010. Evidências e significados da mobilidade territorial: a T.I. Kaiabi (Mato Grosso, Pará). *Amazônica. Revista de Antropologia*, 2(1):46-70.

- SILVA, Joaquim Caetano da. L'Oyapoc et L'Amazone. Paris: Imprimerie de L. Martinet. 1981 [1861].
- SILVA, M.A. 2019. *Galibi Marworno, Palikur, Galibi Kaliña e Karipuna: demarcando territórios e territorializações*. Tese (doutorado em ciências sociais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara). Oiapoque/AP. 418 p.
- SILVA, M.B.F. 2011. *Análise Tipológica e Espacial do Sítio Arqueológico AP-OI-06, Extremo Norte do Amapá. Monografia de Especialização*. Monografia de Especialização. Universidade do Estado do Amapá - UEAP. Amapá. Brasil.
- _____. 2016. *Aldeias e Organização Espacial dos Povos Produtores da Cerâmica Aristé: Contribuições para a Arqueologia das Unidades Habitacionais da Costa Atlântica do Amapá*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. 245 p.
- _____. 2019. Estruturas escondidas: o método de escavação por decapagem mecânica e o estudo das habitações Aristé. In: PORTO, V.C. (Ed.). *Arqueologia Hoje: tendências e debates*. São Paulo: MAE/USP, 2019.
- SILVA, M.B.F. & SALDANHA, J.D.M. 2015. Análise intrassítio de aldeias relacionadas à Fase Aristé: contribuições para uma household archaeology da costa atlântica do Amapá. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 20: 229-235.
- SINOPOLI, C. 1991 *Approaches to Archaeological Ceramics*. Washington D.C.: Plenum Press.
- SOUZA, N.A.O. 2018. *Relatório do Estágio de Laboratório*. Rio Grande: ICHI/FURG.
- STEWART, J.H. (Ed) 1948, *The Tropical Forest Tribes*, Washington, DC: Smithsonian Institution, 986 p.
- TILLEY, C. 2004. *The Materiality of Stone: Explorations in Landscape Phenomenology*. Oxford: Berg.
- VACHER, S.; JEREMIE, S. & BRIAND, J. 1998. *Amerindiens du Sinnamary (Guyane): Archeologie en Foret Equatoriale*. 60. Paris: Maison des Sciences de l'Homme. 227 p.
- VAN DEN BEL, M. 2009a. The journal of Lourens Lourenszoon and his 1618-1625 stay among the Arocouros on the lower Cassiporé River, northern Amapá Sate, Brazil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 4 [2]: 303-317.

- _____. 2009b. The Palikur Potters: an ethnoarchaeological case study on the Palikur pottery tradition in French-Guiana and Amapá, Brazil - As Oleiras Palikur: um estudo de caso etnoarqueológico sobre a tradição cerâmica dos Palikur na Guiana Francesa e no Amapá, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, 4 [1]: 39-56.
- WHITRIDGE, P. 2004. Landscapes, houses, bodies, things: place and the archaeology of Inuit imaginaries. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 11(2):213-250.
- WÜST, I. 1990. *Continuidade e Mudança: Para Uma Interpretação dos Grupos Ceramistas Pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese de doutorado, USP.
- _____. 1999. Etnicidade e Tradições Ceramistas: algumas reflexões a partir das antigas aldeias Bororo do Mato Grosso. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 3*: 303-317.
- ZEDEÑO, M.N. e BOWSER, B.J. 2009. The archaeology of meaningful places. In: B.J. BOWSER e M.N. ZEDEÑO (Eds.). *The archaeology of meaningful places*. Salt Lake City: The University of Utah Press. Pp. 1-14.
- ZEDEÑO, M.I. 1997. Landscapes, land use, and the history of territory formation: an example from puebloan southwest. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 4(1):63-103.

ANEXOS

ANEXO I

Capa Original do Processo N° 01492.000042/1997-42, referente ao início das pesquisas arqueológica na Terra Indígena Uaçá e aberto por meio do protocolo da carta do David Green em 15 de abril de 1997.

GUIA PARA FORMAÇÃO DE PROCESSO

DATA 15/04/97

NÚMERO

01492.000042/97-42

PROCEDÊNCIA

I P H A N / 2ª CR

NOME DO INTERESSADO

I P H A N / 2ª CR

NATUREZA DO DOCUMENTO

ESPÉCIE

NÚMERO

DATA

15

25

PALAVRAS CHAVES DO ASSUNTO

35

RESUMO DO ASSUNTO

P O S S Í V E I S | D E S C O B R I M E N T O S | A R Q U E O L Ó G I C O S | R I O
U R U | C A U Á | E S T A D O | D O | A M A P Á

**PRIMEIRA
MOVIMENTAÇÃO**

DATA REMESSA

DE

ENVIAR PARA

PROT.

ÓRGÃO

UNIDADE

INSTRUÇÕES DE PREENCHIMENTO

OBSERVAÇÕES GERAIS

- Os Campos sombreados devem ser deixados em branco. Seu preenchimento será realizado pelo Protocolo.
- O preenchimento deve ser realizado de forma legível, o que acelerará a autuação e garantirá rapidez na tramitação do Processo.

PREENCHIMENTO

CAMPO "PROCEDÊNCIA"

Este campo deve ser preenchido com o nome da entidade de onde procede o documento.

CAMPO "NOME DO INTERESSADO"

Preencher este campo com o nome da pessoa interessada na abertura do processo.

CAMPO "NATUREZA DO DOCUMENTO"

Este campo deve ser preenchido com a espécie do documento (carta, ofício etc.), número e data de emissão do documento que gerou o processo.

CAMPO "RESUMO DO ASSUNTO"

Destina-se ao preenchimento com o resumo do assunto do processo.

CAMPO "PRIMEIRA MOVIMENTAÇÃO"

Neste campo deve ser transcrita a sigla do órgão para onde o processo deve ser remetido após sua formação.

ANEXO II

Carta em nome de David R. Green, datada de 14 de abril de 1997, e intitulada “Boletim informativo sobre possíveis descobrimentos arqueológicos no Rio Urucauá no estado do Amapá”, protocolada na 2ª Superintendência Regional do IPHAN e no Museu Emílio Goeldi, ambos em Belém-PA.

Para 2^o Coordenação Regional
do IPHAN

Belém, 14 de abril de 1997



A Diretoria

Centro de Pesquisa do Museu Emílio Goeldi

Departamento de Arqueologia Roberto Araujo de Oliveira Santos Junior, Vera Lúci Calandrini Guapindaia, Edithe da Silva Pereira, Fernando Luiz Taveres Marques, e Ana Lúcia da Costa Mte

Boletim informativo sobre possíveis descobrimentos arqueológicos no rio Urucaúá no Estado do Amapá.

No dia 24 de março de 1997, juntamente com cinco índios palikúr descobri evidências de uma caverna subterrânea contendo ossos humanos e pedaços de cerâmica dando a entender que o sítio foi utilizado há centenas de anos. Tal caverna era usada pelos índios palikúr como esconderijo para crianças e pessoas idosas durante as guerras intertribais com os galibi, no século passado.

Acredito que tal sítio contém valiosas informações sobre as antigas culturas indígenas da região e as suas rotas de migração. Lá encontrei pedaços de cerâmica de vários estilos, que talvez sejam pertencentes a diferentes culturas.

Redescobrimto da caverna

Os palikúr têm muitas histórias sobre a formação rochosa chamada Aragbusa (espingarda). O lugar tem este nome por haver duas colunas de granito alinhadas como uma mira de espingarda. Mesmo assim, poucos conhecem a localização exata pois fica bem distante das suas aldeias atuais. Recentemente, caçadores a reencontraram e, na ocasião, perderam seus cães. Pela distância dos latidos deduziu-se ser grande a extensão da caverna embaixo das rochas. Mas não entraram lá pelas seguintes razões: primeiro porque a entrada é muito estreita, com uma descida de quarenta e cinco graus; segundo porque há um grande número de morcegos, e; terceiro por causa das histórias de feitiçarias envolvendo aquele lugar.

Participação do autor

Eu sou paraense, filho de americanos e cresci em uma aldeia palikúr, onde meus pais trabalhavam como linguistas, filiados à Sociedade Internacional de Lingüística. Falo fluentemente a língua indígena e sou atualmente um operador cinematográfico. Viajei para a tribo para visitar amigos e fazer um documentário independente não relacionado ao assunto em questão.

Um dos caçadores (vizinho dos meus pais por muito anos e que por isso deposita confiança em mim) concordou em me levar até o lugar onde os cachorros desapareceram. Quatro jovens nos acompanharam na viagem.

Assim que chegamos ao local uma forte chuva começou a cair e nós nos protegemos embaixo das rochas. Em frente a um buraco de tatu havia um osso que parecia de um ser humano. Depois encontramos várias peças de cerâmica e outros ossos



que foram jogados pelo tatu enquanto ele estava cavando sua toca. Entusiasmados, os índios começaram a escavar com terçados e pedaços de pau. Logo depois houve conscientização de que o trabalho exigiria técnica e, por isso, não prosseguiram.

Peças descobertas

Foram encontradas as seguintes peças: uma peça de barro perfurada (que nosso guia reconheceu como uma tampa de urna); uma orelha e pé humanos feitos de cerâmica, que pareciam fazer parte de uma urna antropomórfica; uma peça com desenhos no estilo das peças encontradas por Emílio Goeldi no rio Cunani; uma outra peça parecia mais antiga, com traços incisos. Encontramos alguns ossos humanos com vestígios indicando que foram parcialmente cremados, incluindo fêmur, vértebras, costelas e algumas falanges. Perto de lá também foi encontrado um machado de pedra bem delineado. Também encontramos um cristal de quartzo com três centímetros de comprimento.

A cerâmica e os ossos foram embrulhados em folhas e enterrados no local onde foram achados. Dois pedaços foram separados para serem analisados por arqueólogos. Filmêi 50 minutos da área e das peças que foram encontradas.

Urgência

Quando voltamos à aldeia meus companheiros quiseram retomar a escavação imediatamente mas consegui convencê-los a esperarem um arqueólogo para orientá-los. Os índios concordaram em esperar até meados de abril, mas não mais que isso. E citaram três razões: a água da várzea vai baixar, dificultando o acesso ao local; o guia principal é idoso e teme não ter outra oportunidade; e, se eles não forem logo, outros irão (como aconteceu há uns anos atrás, quando um Creolo Francês visitou o lugar e levou várias cerâmicas e machados de pedra sem dar qualquer remuneração aos palikúr).

Diante da situação que se apresenta, seria muito interessante se o Museu pudesse desenvolver um trabalho de investigação na área, pois, sem dúvida, delinea-se uma oportunidade ímpar de se aprofundarem as descobertas arqueológicas brasileiras.

Na próxima quarta-feira, dia 16 de abril, estarei retornando a aldeia e é importante que eu leve alguma posição sobre uma eventual pesquisa ou, o que seria bem melhor, uma pessoa credenciada pelo Museu para averiguar o valor da descoberta e orientar os trabalhos de escavação.

Sem mais para o momento, aguardo sua resposta.

David R. Green

David R. Green
Ag Cabanagem C.P. 5040
66601-970 Belem, Para Brasil
Tel 235 1372 Fax 235 2192
E-mail: marcos@supridad.com.br

ANEXO III

Figure 1 - Territory of Amapá, showing geographical features and location of archaeological sites (MEGGERS & EVANS, 1957)



ANEXO IV

Carta em nome de Nilo Martiniano e Ivanildo Gomes, datada de 02 de julho de 2000, encaminhada ao IPHAN-Belém, solicitando que, após análise, os cacos de cerâmicas coletados sejam devolvidos para a comunidade, junto com todas as informações geradas sobre elas.

Posto Indigena Palikur
Município De Oiapoque
Estado de Amapá



Em, 02/07/2000

Prezado(a) Diretora do IPHAN- Belém

Solicitamos a V.Sª, as possibilidades de após o análise dos dos cacos de cerâmicas, devolução das mesmas para esta comunidade. Para que sejam guardados aqui dentro de acordo com a decisão da mesma. Solicitamos ainda que após a conclusão de pesquisa, que venham com todas as informações sobre mesmas, que serão de grande riqueza de história que servará para o conhecimento dos nossos filhos, sobre o passado dos nossos antepassados.

Sem mais

Atenciosamente

.....
Nilo Martiniano.....
(Chefe Pin Palikur)

.....
(cacique),
.....
Ivanildo Gomes.....
(coordenador do projeto)

ANEXO V

Livreto introdutório das Pesquisas Arqueológicas Realizadas na Terra Indígena Uaçá denominado: Pesquisas Arqueológica ao Longo do Rio Urucauá de Autoria de David Green, Lesley Green, Eduardo Góes Neves, Mariana Petry Cabral e João Darcy de Moura Saldanha e datado de 2008.

Pesquisas Arqueológicas ao longo do Rio Urucaúá

David Green
Lesley Green
Eduardo Góes Neves
Mariana Petry Cabral
João Darcy de Moura Saldanha



Quando Kiyavwiye Haroldo e Kiyavunoh Diana viviam no Brasil, eles ouviram e escreveram muitas histórias contadas pelo amekene Paul, pelo amekene Moises, pelo amekene Léon e muitos outros. David e Lesley leram muitas dessas histórias, que falavam sobre a vida das pessoas que viviam em Arukwa, há muito tempo. David também começou a recolher histórias contadas por pessoas como Uwet, Tabenkwe, Sarisri, Ishawet, Eduar, Parakwayan e Xankay. Muitas dessas histórias eram sobre lugares em Arukwa – lugares onde, ainda hoje, se pode achar as trilhas deixadas pelos antepassados.

Esta brochura é apenas o início de um livro que falará sobre essas histórias e lugares, que nós – David and Lesley – começamos fazendo com a ajuda de arqueólogos como o Eduardo, a Mariana e o João. E trouxemos a brochura conosco para podermos conversar sobre o que vocês acham que deve ter nesse livro. Estamos contando com a sua ajuda para fazer um bom livro!



2



Kiyavwiye Romé soprando um apito antigo feito de argila que ele achou.

sinais, mas aqueles que sempre viveram no Urucaúá sabem lê-los muito melhor.

Nesta brochura a gente vai mostrar algumas das trilhas que a gente começou estudando durante um trabalho arqueológico que foi feito aqui de 2000 a 2002, junto com algumas

histórias, mapas, e outros documentos antigos que a gente recolheu.

Histórias, mapas, livros e trabalho arqueológico: cada um deles nos dá informações diferentes. Cada um dá uma parte de uma história. Às vezes todos eles sugerem a mesma coisa, mas outras vezes mostram coisas diferentes. Por exemplo, se você está querendo saber mais sobre veados:

- Um livro pode-lhe mostrar a fotografia do veado.
- As histórias que as pessoas contam sobre caça podem lhe dizer como o veado vai tentar esconder-se na água.
- Um mapa pode-lhe mostrar onde vive o veado.
- Se você está seguindo a trilha de um veado, as suas pegadas podem-lhe mostrar, por exemplo, se o animal está ferido ou não.

Nenhuma dessas informações estão certas ou erradas: são apenas diferentes maneiras de conseguir informação sobre o veado. É da mesma maneira que a Arqueologia pode ajudar também com uma parte da história – lendo as trilhas do passado. Achar e estudando os objetos que os antepassados fizeram no passado pode-nos dizer algo sobre a maneira como eles viviam. E se alguém quer entender realmente bem as coisas do passado, também tem que falar com os habitantes locais, tem que procurar nos mapas e também ler livros.

4

O desafio da arqueologia

Para qualquer caçador, o mais difícil é saber ler direito as trilhas que ele encontra. Quando você encontra uma pegada, há um monte de coisas que você pode dizer sobre o animal que a fez. Outra pessoa pode achar coisas diferentes na mesma pegada e chegar a uma conclusão diferente da sua.

Às vezes, as pegadas já estão meio apagadas e você acaba por perder a trilha.

Outras vezes, quando você encontra a trilha de novo, já não tem certeza se é a mesma que estava seguindo antes. E como você sabe se a trilha é recente ou antiga? Para responder a essas perguntas é preciso ter habilidade e prática em rastrear. Se uma pegada foi deixada por um animal de manhã cedo, quando a terra ainda estava molhada, pode parecer recente; mas uma pegada recente feita à tarde, quando a terra está seca, pode parecer mais antiga do que realmente é. Para ser um bom caçador, é preciso conhecer certas coisas para saber identificar e ler corretamente os sinais nas trilhas.

Como seguir trilhas, em arqueologia é preciso saber várias coisas para entender o que encontramos. Você pode achar um fragmento de cerâmica, mas o que ele te conta? É como achar uma única pegada de animal. Como saber quem a fez, ou por quê? Se você é um arqueólogo experiente você sabe quais sinais procurar. Mas se você não é do Urucaúá, até com o melhor treinamento em arqueologia pode haver detalhes que você não vai achar; ou que vai achar mas não vai entender. Então, como um visitante, você pode até saber ler bem os



Eduardo falando sobre as trilhas dos antepassados em Kwap, 2001.

3

Até agora, a gente só escreveu sobre algumas das coisas que a gente achou. Mas esta brochura é apenas uma pequena parte da troca de idéias com as pessoas de Urucauá. Assim, nas próximas semanas, gostaríamos de falar com vocês, em reuniões ou até em suas casas, para juntos pensarmos e entendermos o significado das coisas que foram encontradas.

Arqueologia é como seguir trilhas

Arqueologia é um modo de seguir as trilhas das pessoas que viveram há muito tempo. Por mais que as trilhas deixadas por eles já sejam muito velhas e cobertas de folhas e sujeira por muitos anos, ainda é possível, se a gente prestar atenção suficiente, encontrá-las e lê-las.

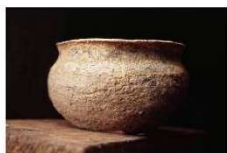
Mas por que fazer Arqueologia? Será que vale a pena fazer esse tipo de trabalho?

Em outras partes do Brasil, a Arqueologia tem encontrado muita informação sobre as pessoas que viveram aqui há muito tempo:

- Estudos feitos em solos muito antigos de terra preta – como os solos perto de Manaus – mostram que, há muito tempo, as pessoas que viviam na Amazônia sabiam como tratar das suas terras para produzirem mais durante mais tempo. Através do estudo dessas atividades no passado, arqueólogos esperam aprender como se pode melhorar o cultivo dos solos hoje.
- Estudos sobre povoados antigos, como os de Santarém, mostram que eles eram grupos muito grandes: muito maiores do que os livros contam.
- Estudos de construções usando pedra, como aquelas em Calçoene, sugerem que, há muito tempo, as pessoas no Amapá entendiam claramente os movimentos do sol, e que, para além disso, tinham grande



Azerias achou este pote perto de Kwap.



Kiyawiywe Tabenkwe achou este pote no campo dele. Para que é que você acha que isso era usado?

5

Nesta brochura está escrito apenas o que a gente achou até agora. A gente tentou juntar todas as partes da história: as coisas que a gente leu em livros escritos por viajantes e as histórias que as pessoas nos contaram. Esperamos que vocês achem interessante de ler. E também gostaríamos de saber o que vocês acham que está certo ou errado, e quais são as outras maneiras de saber sobre o passado.

Pesquisa arqueológica ao longo do Rio Urucauá

Kiyawiywe Uwet conta a história de uma senhora de idade que, durante a guerra, cuidava das crianças de todo o mundo em Aragus. Quando Kiyawiywe Uwet contou essa história para David, ele disse – isso é muito interessante. Você pode nos levar lá?

Kiyawiywe Uwet respondeu 'Tudo bem.' Assim ele foi a Aragus em 1997 com David, Lesley, Natan, Ivanildo e Xoni. Quando chegaram lá, eles ficaram observando a gruta e, de repente, um tatu correu pelo meio deles. Correu e foi se esconder por debaixo de uma rocha. Em volta da toca tinha um monte de pedaços de cerâmica, e até alguns ossos antigos. Os pedaços de cerâmica tinham uns desenhos lindos.

Kiyawiywe Uwet e os outros decidiram voltar a Aragus para explorar a toca do tatu. Mas David pediu a eles para esperarem até terem um arqueólogo experiente que lhes pudesse ajudar. Assim, David falou com os oficiais do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em Belém. Mas todos os arqueólogos estavam fora trabalhando em outros lugares. Em Belém, David achou um livro com algumas fotos de cerâmicas brasileiras famosas vindas do Amapá, que tinham sido recolhidas pelo Sr. Emilio Goeldi



Kiyawiywe Uwet



Kiyawiywe Uwet e Kiyawiywe Xoni em Aragus, 1997.

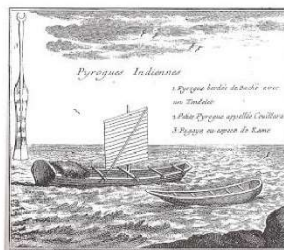


Kiyawiywe Ivanildo e Kiyawiywe Uwet na toca do tatu em Aragus, 1997.

7

habilidade para construir estruturas em rochas e fazer objectos de cerâmica.

- Estudos de grandes paisagens, como na Ilha de Marajó, mostram que em vários lugares da Amazônia as pessoas sabiam como construir ilhas e canalizar água.



As trilhas deixadas pelas pessoas que viveram há muito tempo ao longo do Urucauá podem nos mostrar muitas coisas sobre os povos que viviam aqui. São coisas que podem ter sido esquecidas pelos contadores de histórias. Informações que não aparecem nos mapas: mesmo nos mapas que foram feitos há muito tempo, já que muitas dessas trilhas foram deixadas muitos séculos antes dos europeus e negros chegarem aqui. Essas trilhas podem mostrar coisas que não estão nem em livros e nem

na internet. São estas as trilhas que os arqueólogos seguem.

Quase todas as famílias no Urucauá já encontraram coisas das pessoas do passado nas florestas ou mesmo nos seus campos. Coisas como potes, flechas e cabos. Kiyawiywe Romeu até encontrou perto de Kamuywa um remo velho. O remo é tão grande que possivelmente pertenceu a um barco que ia para o mar, como esse do desenho.



Os remos de Kiyawiywe Romé: um deles ele ainda usa hoje, e o mais antigo foi o que ele achou na lama perto de Kamuywa. Um deles se parece muito com o remo que mostra nesta imagem desenhada em 1795 por Pierre Barrere quando ele viajou pelo Amapá.

No ano 2000, David, Lesley, Eduardo e outros começaram procurando histórias e trilhas antigas das pessoas do Urucauá. Muito tempo já passou. Desde então, o Estado do Amapá já tem dois arqueólogos, a Mariana e o João. Eles têm trabalhado por todo o Amapá, descobrindo o que se pode aprender sobre a vida dos índios de muito tempo atrás. Eles também estudaram as peças de cerâmica que Eduardo e sua equipe encontraram no Urucauá em 2001.

6



em 1895. David também leu um livro escrito pelo Sr. Curt Nimuendaju em 1927, depois de este senhor ter viajado por muitos lugares ao longo do Rio Urucauá, em busca de informação sobre as pessoas que tinham vivido ali antigamente.



Quando David voltou para Arukwa umas semanas depois, Sr. Uwet e os outros tinham esperado por ele. Mas quando voltaram para Aragus, não conseguiram encontrar o caminho para entrar na toca do tatu. Muita gente viu as fotos dos potes que David trouxe dos livros escritos pelo Sr. Goeldi e pelo Sr. Curt. O Sr. Caramujo de Flexa disse a David que o poderia levar a um lugar onde tinha umas cerâmicas lindas que pessoas tinham feito há muito tempo. Ele foi e quando chegou lá, a família já tinha tirado as cerâmicas que estavam guardadas e David tirou foto de algumas. Eram, de fato, lindas. Os arqueólogos chamam este tipo de cerâmica de 'Aristé'.



David também foi a Ukupi. Mais tarde ele veio a saber que algumas das peças que o Sr. Curt tinha recolhido nos anos 1920 tinham vindo dali.



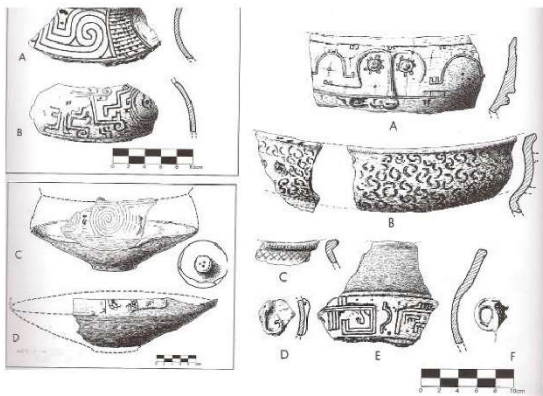
Quando ele voltou para Belém, David foi de novo falar com o IPHAN. Ele estudou também alguns mapas feitos por exploradores europeus nos anos 1600 e 1700. Muitos desses mapas mostravam os nomes de clãs Pallikur. Quando os primeiros exploradores europeus chegaram ao Brasil em Janeiro de 1500, eles escreveram nos seus mapas que na foz do Rio Amazonas, perto de onde hoje é Macapá, um dos grupos que viviam ali se chamava Pariucur.



O estilo dessas cerâmicas é muito parecido com o estilo Aristé que o Sr. Goeldi mostrou nos seus desenhos feitos em 1895.

Em 1999, David e Lesley falaram com o arqueólogo brasileiro Eduardo Neves. Ele ficou interessado em trabalhar em Uaçá, porque essa área parece ter sido habitada por índios há muito tempo. Juntos, eles conversaram

8



com o IPHAN e enviaram um pedido para uma organização americana conhecida como Fundação Wenner Gren, com base em Nova York. A Fundação de Wenner Gren pagou a pesquisa de 2000 a 2001 e em troca eles queriam que os pesquisadores escrevessem sobre as suas descobertas.

Quando a Fundação Wenner Gren mandou o dinheiro para a pesquisa arqueológica ao longo do Urucaúá, David e Lesley voltaram ao Urucaúá para recolher histórias e visitar os lugares sobre os quais as histórias falavam.

Eles ouviram muitas histórias. As histórias que as pessoas contavam sobre Arukwa, e as coisas que as pessoas tinham encontrado nos seus campos, mostravam que ali havia muitas trilhas deixadas pelos antepassados, que um arqueólogo poderia ler.

Há muitos lugares perto de Arukwa que são mencionados nas histórias das pessoas:

Desenhos das cerâmicas encontradas em Wakrewni (Ulate-uni) feitos pelo Sr. Curt Nimuendaju quando ele veio a Arukwa em 1926.



O Sr. Zecão Narciso com uma uma dos Wayadman.

9

proteção em volta – talvez usado para guardar as flechas e outras armas. Nós gostaríamos de ter estudado Warabdi em 2001, mas é muito difícil chegar lá no mês de Novembro, quando Eduardo podia nos acompanhar. Por essa razão, decidimos nos concentrar em Kwap.

- Em **Kwap**, Eduardo descobriu que os solos de terra preta eram bem profundos – quase 1.45m em alguns lugares. Isso mostra que Kwap pode ter sido uma vila durante muito tempo. Todo mundo fala que Kwap foi onde a guerra acabou, então a gente queria comparar informações arqueológicas da área com as histórias que as pessoas contam da guerra. Mas não queríamos trabalhar nos cemitérios. Foi por isso que pedimos a Kiyavwiye Tabenkwe e a outros para nos mostrarem onde acabava o cemitério para a gente não incomodar os mortos.
- **Uraka** é outro lugar que foi mencionado nas histórias que as pessoas contaram sobre a guerra com os Galibi. David e Lesley foram lá com Floriano e Ivanildo. Uraka é uma grande área de rocha lisa perto de um lago. Na rocha tem alguns pedaços quebrados de cerâmica. Um deles até se parece com as cerâmicas feitas na Holanda antigamente. Será que essas cerâmicas foram trazidas para Uraka pelos Holandeses? Ou será que as pessoas que viviam no local faziam comércio com os Holandeses e depois traziam as cerâmicas aqui? É impossível saber ao certo, mas podemos afirmar que, antigamente, havia uma ligação entre as pessoas daqui e os Holandeses. Em outros lugares em Uraka, tem umas marcas de quartzo nas rochas pretas que foram limadas, provavelmente por pessoas que estavam afiando seus machados.
- Em **Tipoca**, no **Ivegepket**, existe um depósito de conchas, ossos de animais e outras coisas que os arqueólogos chamam



Um pequeno animal feito de argila encontrado próximo de Flexa. O que você acha que é?



A gruta perto de Ukupi.



Uma peça pintada em branco em vermelho, que as pessoas acharam perto de Aragbus.

11



- Em **Masika**, onde Kiyavwiye Sarisri tem os seus campos para cultivar, existem solos de terra preta profundos com muita cerâmica neles. Está claro que, antigamente, as pessoas viviam ali. Os pedaços de cerâmica são grossos e fortes sugerindo que eram de objetos resistentes que as pessoas usavam todos os dias. Em Arukwa, todo mundo sabe a terrível história de Masika. O trabalho arqueológico nessa área poderia nos informar muito mais sobre a vila de Masika. Uma análise das cerâmicas no laboratório também poderia nos mostrar quão antigo é o local, o que poderia nos ajudar a localizar a história de Masika na História do Brasil.
- **Aragbus** é uma gruta rochosa onde diferentes pessoas podem ter vivido em tempos diferentes. É possível que algumas pessoas tenham vivido lá há muito tempo. Mais tarde, o abrigo pode ter sido usado para esconder as crianças durante a guerra. Kiyavwiye Uwet encontrou muitas coisas lá: um machado de argila e um apito de argila que pode ser ouvido a grandes distâncias.
- Em **Warabdi**, Eduardo analisou os caminhos e as colinas. Ele acha que ali pode ter existido uma vila. Existe também uma área que parece ter tido um muro de



Kiyavwiye Tabenkwe mostrando a Pitu, perto de Kwap, ao arqueólogo Eduardo Neves.

10



Avelino fazendo arqueologia na terra preta de Iranduba, perto de Manaus.



Kiyavwiye Tabenkwe procurando carvão e cerâmicas em Iranduba.



Ivanildo nos campos de papaia na terra preta de Iranduba.



Davi em Iranduba.

- de sambaqui, e as pessoas locais chamam de Waramwi Giyube, ou o lixo de Waramwi.
- Em **Karumna** tem uma gruta conhecida como Kurumsuk Givin – o lar dos Kurumsuk. Lega achou um machado bem grande nessa gruta. Também havia cerâmicas por lá. Só não acharam uma Kurumsuk Gisuyeg (panela).
 - Nas grutas de **Ukupi**, Josué e Genildo acompanharam David a um lugar onde eles disseram que tinha muita cerâmica. Tinha alguns potes pintados no estilo Aristé, e tinha também ossos de jaguar. Muito mais tarde, David soube que o Sr. Curt tinha estado nessas grutas também.
 - Em **Wayadman** perto de Flexa, existem umas câmaras fúnebres, como aquelas mais ao Sul no Amapá. Os pedaços de cerâmica encontrados ali são muito bonitos. É possível que as pessoas que viveram ali no passado vivessem bem, pois tinham tempo de sobra para fazer esses objetos lindos.

De Maio a Junho de 2000, David e Lesley foram a muitos destes lugares com Ivanildo, Xoni, Lega, Avelino e Ailton para tentar achar essas trilhas do passado. Depois de procurarem, eles falaram de novo com Eduardo. Ele fez uma curta visita aos lugares que pareciam ter as trilhas mais interessantes: foi até Warabdi, Kwap, Masika e Aragbus, e disse - Bom! Tem trilhas muito boas nessas terras. Se as pessoas estiverem interessadas em que esses lugares sejam estudados, eu voltarei para ajudar.

Mas como ninguém nunca tinha feito Arqueologia antes, ficava meio difícil para as pessoas responderem – sim, pode fazer arqueologia aqui; ou: não, não deveriam fazer arqueologia aqui. Para ajudar, Eduardo convidou 3 Palikur para irem visitar o local onde ele estava fazendo trabalho arqueológico perto de Manaus. Assim, em Julho de 2001, Avelino, Ivanildo e Tabenkwe foram com a

12

Lesley e com o David para Manaus. De Manaus foram para Iranduba, para verem do que se tratava, realmente, trabalho arqueológico.

Quando eles voltaram, houve alguns debates em Kumene para se decidir se os trabalhos arqueológicos no Urucauá podiam continuar ou não. As pessoas acabaram por concordar e o trabalho ao longo do Rio Urucauá começou.

Quando Eduardo voltou em Novembro de 2001, ele concentrou a sua pesquisa em Kwap por causa das ligações do local com a vila antiga e a história da guerra. Ele queria que todo mundo se envolvesse na pesquisa pois assim também aprenderiam a seguir trilhas em Arqueologia. O trabalho em Kwap começou pequenino, e não foi sempre fácil e nem sempre bem-sucedido. A gente nem sempre fez as escolhas certas, o que mostra que ainda há muito para aprender sobre como trabalhar bem no Urucauá.

Entre 2002 a 2005, o trabalho ficou parado porque o material que tinha sido recolhido durante a pesquisa ficou em Macapá, e não em Belém. Apesar de ter sido uma boa decisão em muitos aspectos, os arqueólogos de São Paulo que trabalhavam com Eduardo ficaram com dificuldades em fazer as análises dos objetos no laboratório.

Em 2005, João e Mariana foram nomeados pelo Estado de Amapá para trabalhar como arqueólogos. Eles falaram com Eduardo e escreveram para David e Lesley. Em 2007, Mariana foi visitar David e Lesley na Cidade do Cabo, na África do Sul, para conversarem sobre as suas descobertas e decidirem os próximos passos a tomar. Foi assim que começamos a elaborar essa brochura, para contar para vocês o que a gente fez até agora, para perguntar a vocês o que sabem sobre os objetos e lugares dos quais a gente fala, e para debatermos se este tipo de trabalho deve continuar ou não.



Kwap, 2001

13

As trilhas seguidas em Kwap

Quando Eduardo começou um pequeno projeto com o objectivo de estudar as trilhas antigas em Kwap em Novembro de 2001, uma das coisas que tornou Kwap interessante de se estudar é a maneira como a vila foi defendida durante a guerra. Kiyawwiye Sarisi (Davi Espírito Santo) contou a seguinte história para Haroldo e Diana:

'A Guerra com os Galibí'¹

Igkis hiyapni hene, igkis pitihe ahin avuheket ayhte Kwap.

Eles o vendo assim, eles taparam o caminho para cemitério lá em Kuwap.

Igkis keh bayad aranwa.

Eles fizeram uma cerca ao redor.

Amekene keh bayad kahadbekama

Esta imagem foi desenhada por um viajante francês há muito tempo, mostrando como as pessoas no Amapá faziam os troncos rolar pelo morro durante a guerra. Será que foi desse mesmo jeito que foi as pessoas defenderem Kwap durante a guerra?



15

Como os arqueólogos seguem trilhas?

As trilhas das pessoas do passado podem estar escondidas em muitos lugares, como grutas, cavernas, nas ilhas, e até no fundo de rios. E elas podem contar diferentes coisas sobre essas pessoas, como viviam antigamente, como faziam suas panelas, os tamanhos das aldeias e muito mais. Os arqueólogos estudam para aprender a seguir estas trilhas, e saber o que podem conhecer com elas.

Algumas trilhas oferecem mais informações, outras são mais fáceis de ler. O trabalho do arqueólogo é saber entender as trilhas, saber ler o máximo de informações em cada uma delas. E daí conseguir juntar os pedaços e contar a sua história.

Para o arqueólogo contar bem a história é preciso alguns cuidados na hora de ler as trilhas, para não misturar as informações. Esses cuidados são chamados de métodos, e servem para guiar o trabalho, ajudando a organizar as informações.

Em Kwap, Eduardo usou alguns métodos da arqueologia, como o mapeamento, as tradagens e os poços-teste. Ele também escrevia no diário o que era feito, para não esquecer os detalhes. E também fez com que os fragmentos encontrados ficassem guardados em sacos, escrevendo de onde eles saíram. Assim, quando João e Mariana foram estudar as peças em Macapá eles sabiam tudo isso, mesmo sem nunca ter visitado Kwap. Mas Eduardo também usou outros métodos muito importantes, como conversar com as pessoas que moram ali há muito tempo. Eles puderam mostrar para Eduardo coisas que levaria tempo para ele observar, como os caminhos e as fossas construídas pelos antigos em Kwap.

Mas o trabalho de contar bem a história não acaba na escavação ou na coleta dos pedaços deixados pelos antigos. Na verdade, essa é apenas a primeira parte. Há alguns tipos de trilhas que só serão conhecidas quando os arqueólogos estudarem as peças em laboratório. Por exemplo, conhecer os tipos de comidas que as pessoas antigas preparavam. O importante é que para os arqueólogos há sempre uma nova trilha que pode ser encontrada.



gitimnikis ka wagah aitohtima igkis ka amewvima amin hiyeg atan.

Os antepassados fizeram uma cerca a fim de que os inimigos não podiam subir até lá para espreitar as pessoas lá.

Yuma adahan mpiyeket.

Houve nenhuma entrada.

Igkis pithpin madikte.

Eles taparam todos.

Kuri igkis kehe bayad taranad ta uyakit gidahankis.

Eles fizeram uma cerca que estendeu até seu porto.

Hene hiyeg ahegbet akak yakot.

Assim as pessoas estavam preparado com flechas.

Ka aynsima igkis wagahkis ah ka nopsimahad sedgadmin igkis tukuhave ta waxrit.

Eles puxavam muito toros de cedro grandes, eles empurravam todos à terra.

Igkis iki kabanad waxri.

Eles os deixaram em pilhas numa fila (em cima da) colina. **Pisenwa kuri igkis Hiye danuh ta uyakit.**

Quando tudo foi terminando, os Galibi chegaram no porto.

Igkis kabiman:

Eles gritavam:

Ba pis ai?

Você está aqui?

Giwn:

Um deles disse:

Nah ay.

Eu estou aqui.

Hiyawa yis wagah.

Você pode subir.

Ahadye.

Muito bem.

Igkis wagehe.



Kiyawwiye Davi Espírito Santo (Sarisi) contando a história.

Eles subiram.

Hiye wagah mategbet avigku ahin.

Os Galibi subiram atrapaçado no caminho.

Igkis hiyapni hene, igkis kuruwhpad avigku ahin, igkis tukuh pahat ah.

16

Os Palikur o vendo assim, eles se apinhavam no caminho, eles empurraram um toro.

Aynewa igkis tukuh pahat ah akiw, aynewa igkis tukuh pahat ah akiw, aynewa igkis tukuh pahat ah, igkis umehe madikte Hiye.

Logo eles empurraram toro após toro até que mataram todos os Galibi.

Igkis wagah akiw uyakitak akiw.
Outros subiram do porto novamente.

Igkis umah madikte akiw.

Eles mataram todos (que estavam atacando) novamente.

Igkis wagah akiw uyakitak.

Ainda outros subiram do porto.

Igkis umah madikte akak ah.

Eles mataram todos com toros.

A história que Kiyawyiye Sarisi (Davi Espírito Santo) contou mostra que Kwap foi uma aldeia importante durante a guerra com os Galibi, e também como os Palikur se defenderam e venceram os Galibi. Mas será que a arqueologia conta a mesma coisa?



17



Para pesquisar em Kwap, Eduardo começou caminhando pelo lugar, para observar as trilhas que podia seguir. Depois foi feito o mapeamento, para construir o mapa de Kwap. Esse mapa mostra onde é mais plano, onde o morro é muito íngreme e onde as coisas dos antepassados estão aparecendo. No mapa também foi desenhado onde existem os caminhos, as fossas construídas pelos antigos.

Assim que o mapa ficou completo, testes foram feitos para saber a cor da terra. Se fosse preta isso só podia querer dizer que, no passado, pessoas tinham vivido ali. O que acontece é que a comida, a cinza, e outros resíduos tornam a terra escura. Se a terra é preta, ou se existem pedaços de cerâmica na terra, os arqueólogos decidem abrir poços maiores, chamados "poços-teste" para estudar melhor as trilhas no solo.

Eduardo achou interessante um local onde havia uma cerâmica enterrada bem no fundo. Ele achou que podiam ser coisas muito antigas, de antes da guerra com os Galibi. Para seguir esta trilha, a equipe de arqueólogos abriu um poço-teste.

Eles escavaram e encontraram muitos fragmentos de cerâmica. Mas estes pedaços

18

não estavam tão no fundo como a primeira pista indicou. Eduardo concluiu que a cerâmica bem funda que eles encontraram na tradagem devia ter sido levada pra baixo por algum animal que remexeu a terra naquele lugar. Às vezes, as pistas que seguimos estão erradas e nos levam a lugares onde não achamos o que queremos...



Outra trilha que Eduardo seguiu foi onde existe um pequeno monte de terra, com muitos fragmentos de cerâmica e pedaço de pedra. Ele pensou: "este monte pode ser o resto de uma lixeira antiga que ficava perto de uma casa ou pode ser uma sepultura dos antigos habitantes de Kwap". Em Manaus, onde Eduardo já seguiu muitas trilhas de arqueologia, alguns montes deste tipo cobrem antigas sepulturas, e isso fez ele pensar que em Kwap podia ser igual.



A escavação do poço-teste no monte trouxe muitos pedaços de cerâmica. Quando João e Mariana estudaram estes pedaços em Macapá, eles notaram que a maioria era de antigas panelas e tigelas para servir comida e bebida. Isso mostrou que o monte em Kwap era resultado do acúmulo de lixo de uma antiga casa. As trilhas seguidas em laboratório ajudaram assim a contar sobre as trilhas que Eduardo tinha começado a olhar.



Algumas peças acham em Kwap.

Eduardo e sua equipe também escavaram em dois lugares nos caminhos ou fossas. Em um deles, eles viram que a fossa era bem funda, chegando quase a dois metros, e tinha muitos fragmentos cerâmicos. Assim como na história contada por Davi Espírito Santo, eles viram que os antigos construíram essas valas ou caminhos. Mas, diferente da história, não havia pistas de como elas foram usadas. Talvez, com outras pesquisas, arqueólogos possam dizer o que aconteceu. Mas também podem não encontrar mais trilhas, ou seguir trilhas que contem outras histórias.

19



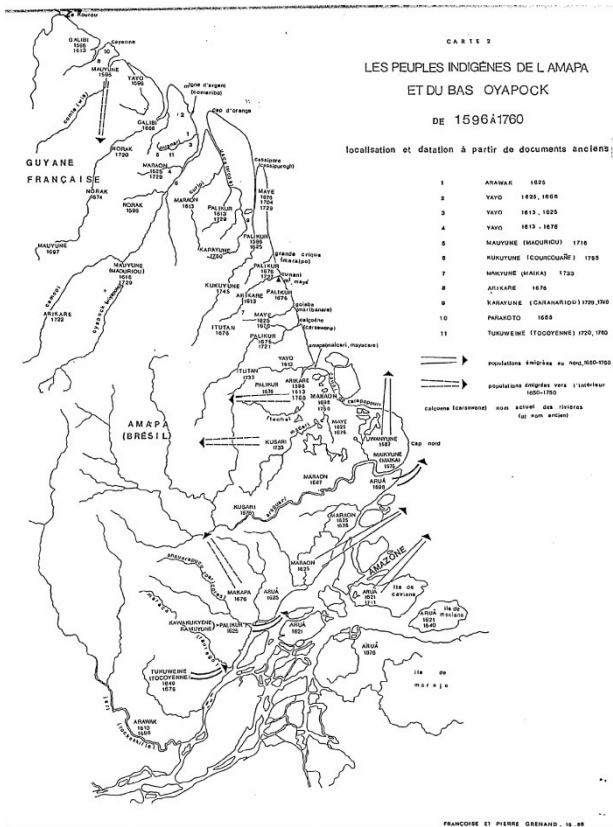
João no laboratório em Macapá, 2006.

O estudo das cerâmicas no laboratório

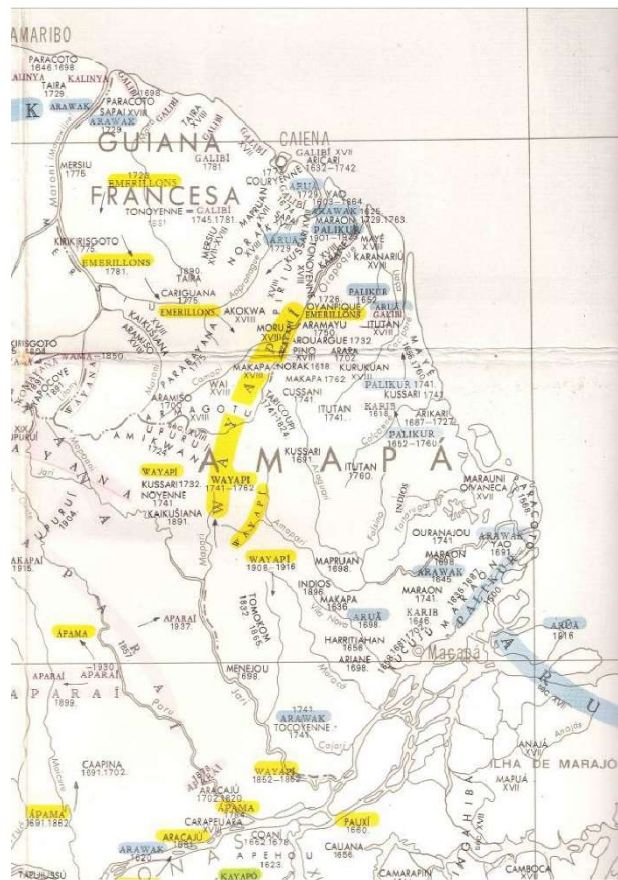
As peças que Eduardo encontrou em Kwap, e também em Masika e Aragbus, foram levadas para Macapá, e estão guardadas no Museu Joaquim Caetano da Silva. Quando Mariana e João conversaram com Eduardo, eles pensaram: "vamos estudar estas peças e conhecer sobre os antigos em Uaçá". Eduardo, Lesley e David acharam muito bom, pois assim as trilhas que começaram a seguir em Kwap podiam ser continuadas.

No laboratório, os arqueólogos juntam as peças com muito cuidado. Se seguir a curva da cerâmica direito, é possível imaginar o tamanho da panela ou da tigela. É também possível estimar se o objeto foi muito usado ou não e para que pode ter sido usado no dia-a-dia no passado. O estudo em laboratório também pode contar como os vasos foram feitos, como foram queimados. E também como era preparada a argila.

20



A mapa de Françoise e Pierre Grenand.



Amapá e Guiana Francesa no 'Mapa Etnohistórico de Curt Nimuendajú' (IBGE 1987).

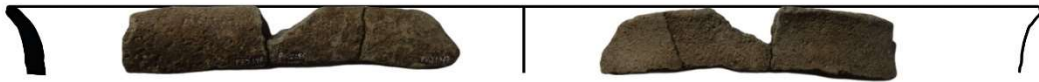
ANEXO VI

Pranchas da Análise Cerâmica das Bordas das Vasilhas Coletadas no sítio arqueológico Kwap utilizadas para elaboração da tipologia constante no Capítulo 5.

KWAP
T. 5050N/5000E
N. 0-20 cm

PU.2.1.46-48

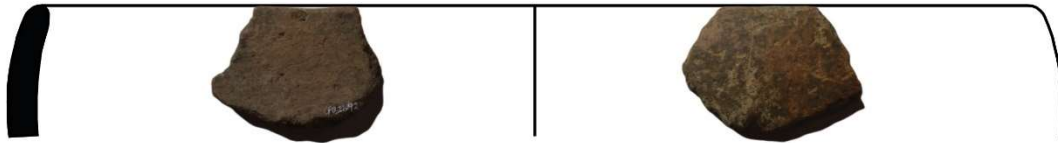
D= 46 cm



KWAP
T. 5025N/5050E
N. Superficie

PU.2.1.92

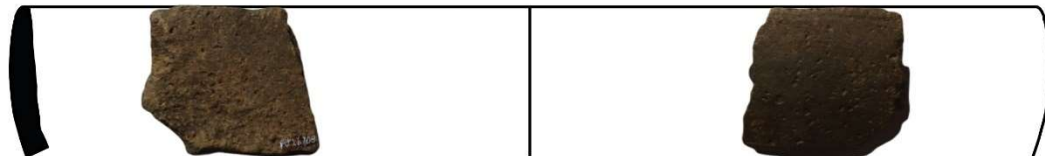
D=40 cm



KWAP
T. 5050N/5000E
N. 0-20 cm

PU.2.1.108

D= 42 cm



KWAP
T. 5075N/5025E
N. 0-20 cm

PU.2.1.150

D=50 cm



KWAP
T. 5250N/5075E
N. Superficie

PU.2.1.214

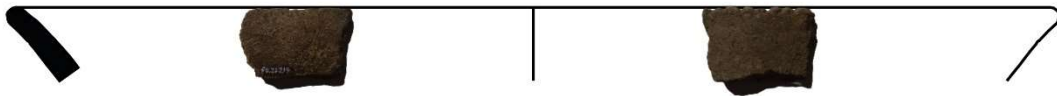
D=26 cm



KWAP
T. 5250N/5075E
N. Superficie

PU.2.1.215

D=42 cm



KWAP
T. 5250N/5075E
N. Superficie

PU.2.1.216

D=22 cm



KWAP
S. 5300N/5025E
N. Superfície

PU.2.1.269

D=36 cm



KWAP
Vala 3 sul da Vala 2 - Árvore Caída
N. Superfície

PU.2.1.282

D= 32 cm



KWAP
S. 5300N/5050E
N. 0-20 cm

PU.2.1.283

D= 26 cm



KWAP
Linha N5300 entre 4975N/5000E
N. Superfície

PU.2.2.1,2,8,9,7

D= 42 cm



KWAP
Linha 5000 entre 4975E e 5000E
N. Superfície

PU.2.2.4

D= 32 cm



KWAP
Linha N5300 entre E4975 e E5000
N. Superfície

PU.2.2.10

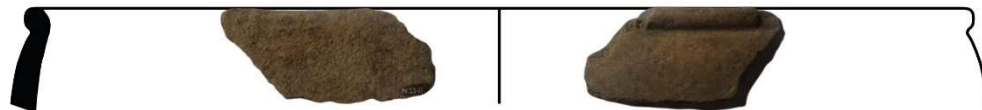
D= 54 cm



KWAP
Linha N5300 entre E4975 e E5000
N. Superfície

PU.2.2.11

D= 54 cm



KWAP
Linha N5300 entre E4975 e E5000
N. Superfície

PU.2.2.12

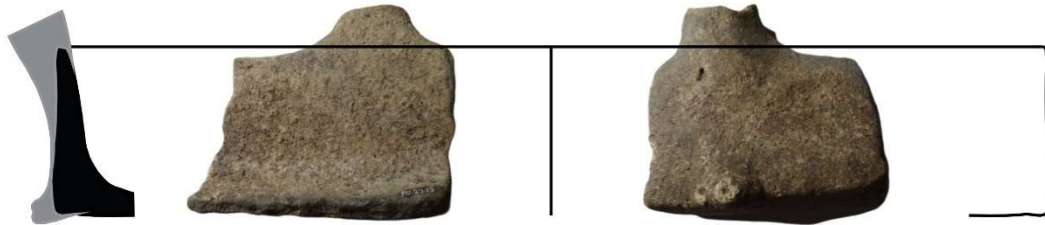
D= 56 cm



KWAP
Linha N5300 entre E4975 e E5000
N. Superfície

PU.2.2.13

D= 54 cm



KWAP
Coleta Aleatória
N5025/E5100
N. Superfície

PU.2.2.40

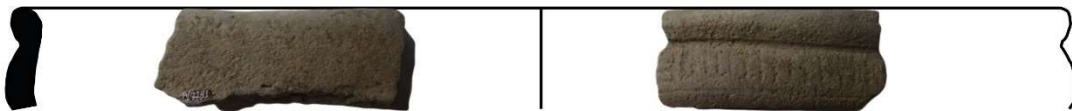
D= 36 cm



KWAP
Linha N5300 entre E4975 e E5000
N. Superfície

PU.2.2.41

D= 56 cm



KWAP
Linha N5300 entre E4975 e E5000
N. Superfície

PU.2.2.42

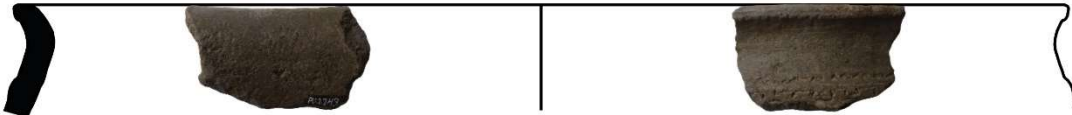
D= 40 cm



KWAP
Linha N5300 entre E4975 e E5000
N. Superfície

PU.2.2.43

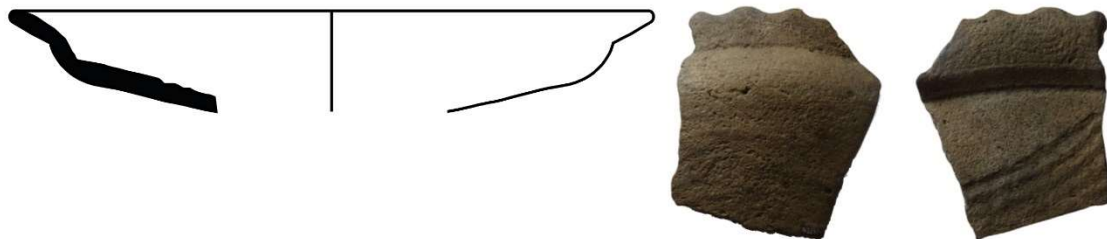
D= 44 cm



KWAP
PN 2 - Coleta Individual
N. Superfície

PU.2.2.47

D= 46 cm



KWAP
Saco sem informações (próximo do NP 380)

PU.2.2.51

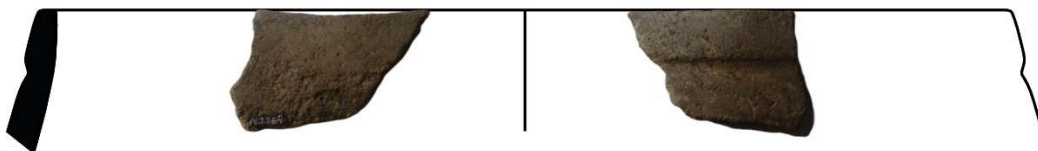
D= 24 cm



KWAP
Saco sem informações (próximo do NP 380)

PU.2.2.54

D= 38 cm



KWAP
Vala 3
Sul da Vala 2 - Raiz de Árvore

PU.2.2.80

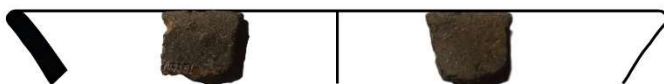
D= 54 cm



KWAP
Vala 3
Sul da Vala 2 - Raiz de Árvore

PU.2.2.81

D= 24 cm



KWAP
Vala 3
Sul da Vala 2 - Raiz de Árvore

PU.2.2.115

D= 40 cm



KWAP
Vala 3
Sul da Vala 2 - Raiz de Árvore

PU.2.2.111

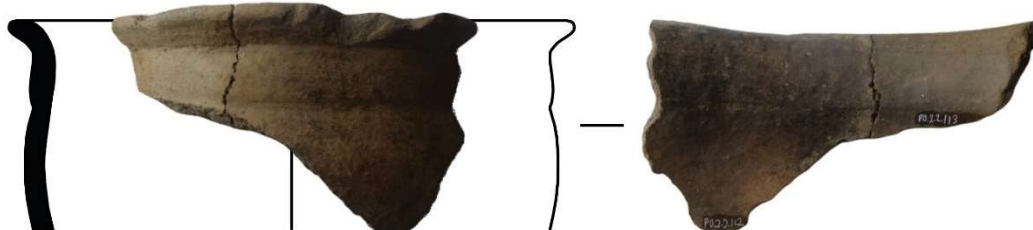
D= 40 cm



KWAP
Vala 3
Sul da Vala 2 - Raiz de Árvore

PU.2.2.112-113

D= 22 cm



KWAP
Vala 3
Sul da Vala 2 - Raiz de Árvore Tombada

PU.2.2.114

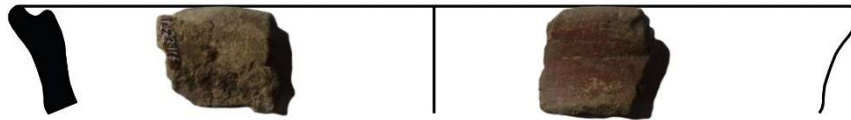
D= 18 cm



KWAP
Vala 3
Sul da Vala 2 - Raiz de Árvore

PU.2.2.116

D= 28 cm



KWAP
Vala 3
Sul da Vala 2 - Raiz de Árvore

PU.2.2.118

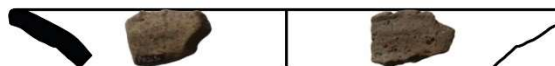
D= 36 cm



KWAP
T. 5000/5025
Superfície

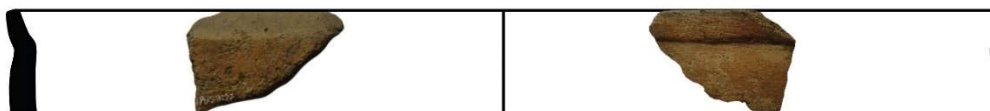
PU.2.3.9

D= 18 cm



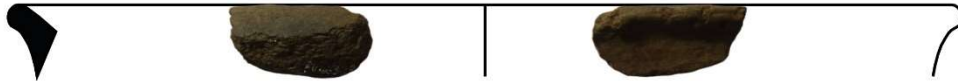
KWAP
Q N 5076/E 5050
N.: 20 cm

PU.2.3.27 - NP 204
D= 36 cm



KWAP
Q N 5076/E 5050
N.: 20-30 cm

PU.2.3.30 - NP 207
D= 26 cm



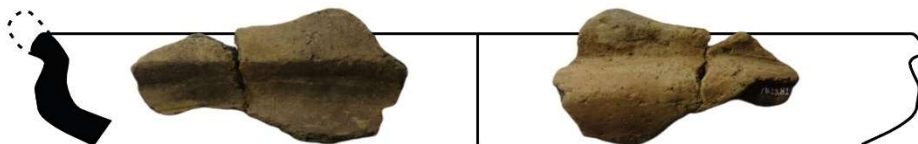
KWAP
Q N 5076/E 5050
X: 60 / Y 90
N.: 24 cm

PU.2.3.77, 78 - NP 208
D= 20 cm



KWAP
Q N 5076/E 5050
N.: 20 cm

PU.2.3.80, 81 - NP 210
D= 34 cm



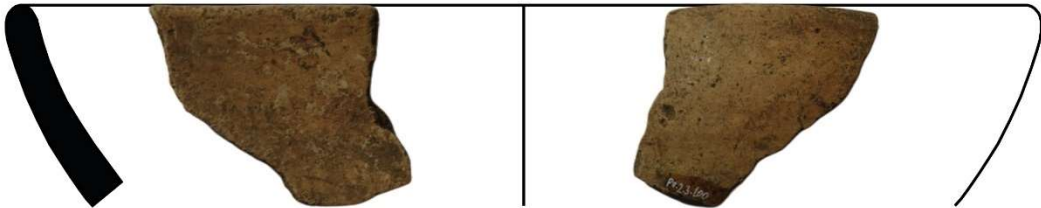
KWAP
Q N 5076/E 5050
X: 95 / Y: 95
N.: 30 cm

PU.2.3.97 - PN 229
D= 34 cm



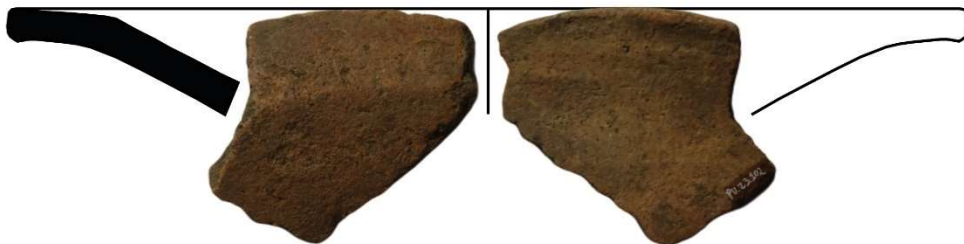
KWAP
Q N 5228/E 5046
N.: Superficie

PU.2.3.100 - PN 251
D= 28 cm



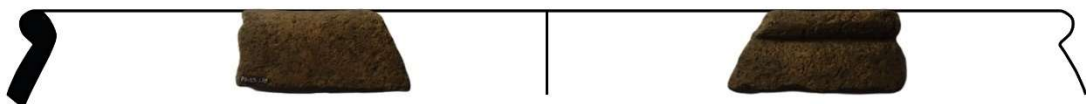
KWAP
Q N 5228/E 5046
N.: Superficie

PU.2.3.102 - PN 251
D= 24 cm



KWAP
Q N 5228/E 5046
N.: Superficie

PU.2.3.178 - PN 254
D= 56 cm



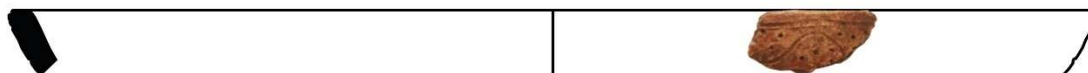
KWAP
Q N 5228/E 5046
N.: Superficie

PU.2.3.179 - PN 255
D= 44 cm



KWAP
Q N 5228/E 5046
N.: 40-50 cm

PU.2.3.187X - PN 315
D= 46 cm



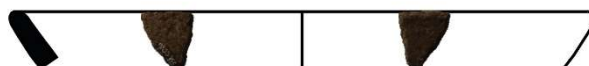
KWAP
Q N 5228/E 5046
N.: 0-10 cm

PU.2.3.218 - PN 259
D= ? cm



KWAP
Q N 5228/E 5047
N.: 10-20 cm

PU.2.3.355 - PN 263
D= 21 cm



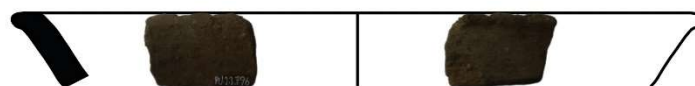
KWAP
Q N 5228/E 5047
X. 50 cm Y. 23 cm Z. 13 cm

PU.2.3.457,458 - PN 264
D= 33 cm



KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 10-20 cm

PU.2.3.796 - PN 265
D= 20 cm



KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 10-20 cm

PU.2.3.800 - PN 265
D= 20 cm



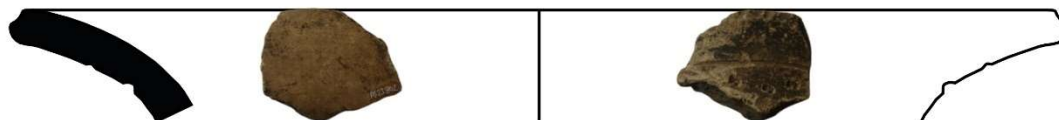
KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 10-20 cm

PU.2.3.801 - PN 265
D= 14 cm



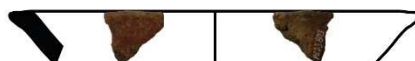
KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 10-20 cm

PU.2.3.802 - PN 265
D= 32 cm



KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 10-20 cm

PU.2.3.803 - PN 265
D= 12 cm



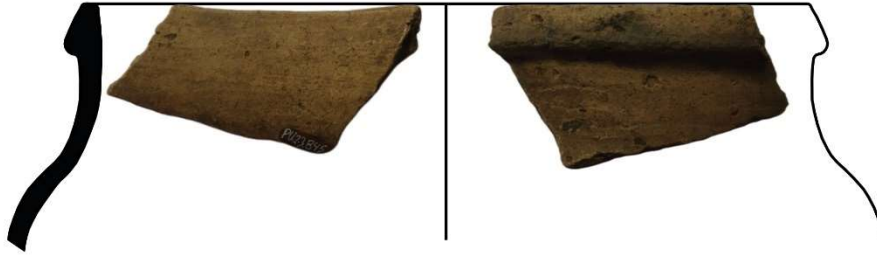
KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 10-20 cm

PU.2.3.812 - PN 265
D= 50 cm



KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 48 cm Y. 13 cm Z. 15 cm

PU.2.3.845 - PN 271
D= 20 cm



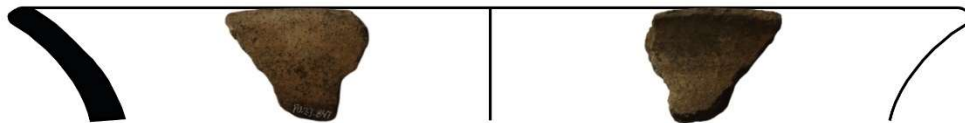
KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 76 cm Y. 73 cm Z. 13 cm

PU.2.3.846 - PN 273
D= 38 cm



KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 76 cm Y. 73 cm Z. 13 cm

PU.2.3.847 - PN273
D= 28 cm



KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 24 cm Y. 64 cm Z. 17 cm

PU.2.3.848, 849 - PN 275
D= 36 cm



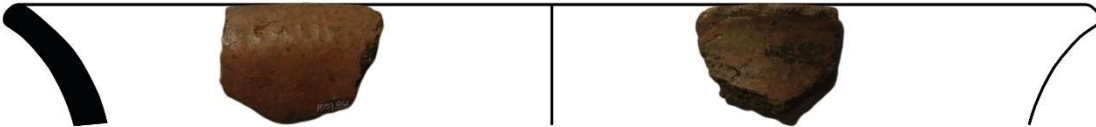
KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 67 cm Y. 82 cm Z. 20 cm

PU.2.3.850, 851, 852, 853, 854 - PN276
D= 38 cm



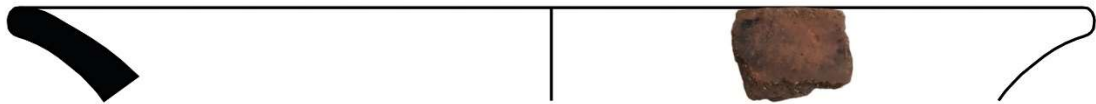
KWAP
Q N 5228/E 5047
N. ?

PU.2.3.856 - PN278
D= 38 cm



KWAP
Q N 5228/E 5047
N. ?

PU.2.3.864-868 - PN270+280
D= 36 cm



KWAP
Q N 5228/E 5047
N. ?

PU.2.3.869 - PN281
D= 38 cm



KWAP
Q N 5228/E 5047
N. ?

PU.2.3.872 - PN281
D= 47 cm



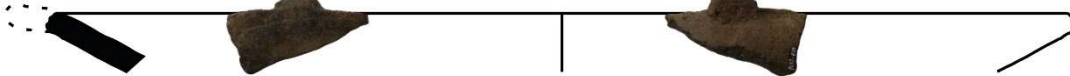
KWAP
Q N 5228/E 5047
N. ?

PU.2.3.873 - PN281
D= 50 cm



KWAP
Q N 5228/E 5047
N. 20-30 cm

PU.2.3.874 - PN281
D= 50 cm



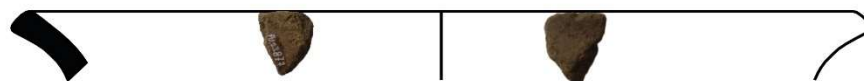
KWAP
Q N 5228/E 5047
N. ?

PU.2.3.876 - PN281
D= 24 cm



KWAP
Q N 5228/E 5047
N. ?

PU.2.3.877 - PN281
D= 29 cm



KWAP
Q N 5228/E 5047
N. ? - 20-30 cm

PU.2.3.878 - PN281
D= 30 cm



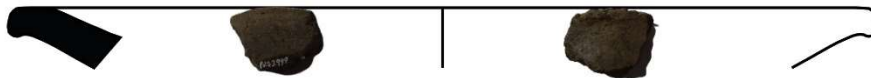
KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 20-30 cm

PU.2.3.989, 990 - PN282
D= 22 cm



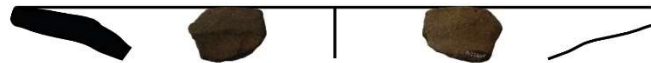
KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 20-30 cm

PU.2.3.999 - PN282
D= 28 cm



KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 20-30 cm

PU.2.3.1000 - PN282
D= 22 cm



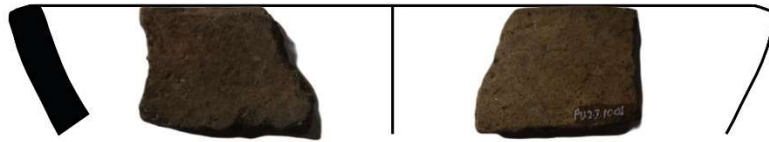
KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 20-30 cm

PU.2.3.1001 - PN282
D= 22 cm



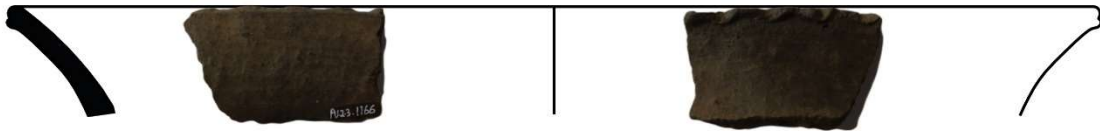
KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 20-30 cm

PU.2.3.1001 - PN282
D= 22 cm



KWAP
Q N 5228/E 5047
X. 89 cm Y. 29 cm Z. 25 cm

PU.2.3.1166 - PN284
D= 32 cm



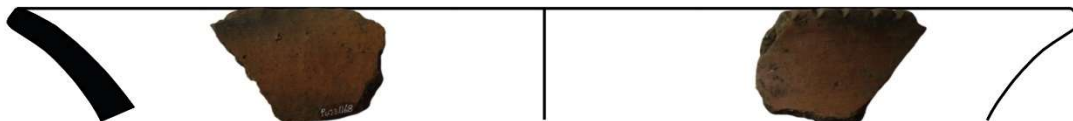
KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 44 cm Y. 32 cm Z. ? cm

PU.2.3.1167 - PN285
D= 42 cm



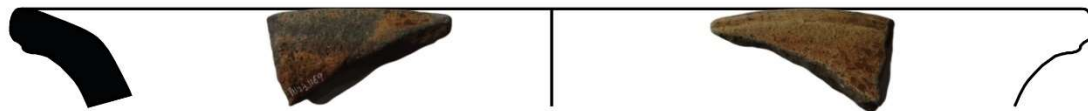
KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 49 cm Y. 22 cm Z. 23 cm

PU.2.3.1168 - PN286
D= 36 cm



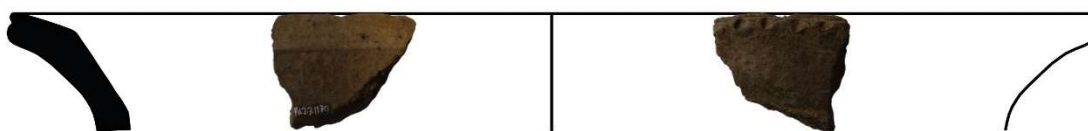
KWAP
Q N 5228/E 5047
X. 48 cm Y. 34 cm Z. 24 cm

PU.2.3.1169 - PN287
D= 34 cm



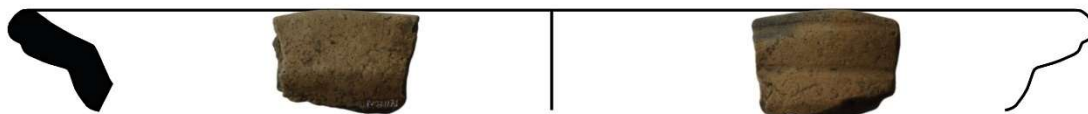
KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 66 cm Y. 56 cm Z. 22 cm

PU.2.3.1170 - PN288
D= 34 cm



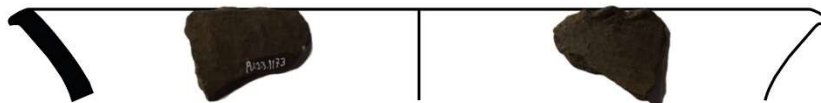
KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 45 cm Y. 48 cm Z. 26 cm

PU.2.3.1171 - PN289
D= 42 cm



KWAP
Q N 5228/E 5047
X. 85 cm Y. 53 cm Z. 23 cm

PU.2.3.1173 - PN291
D= 23 cm



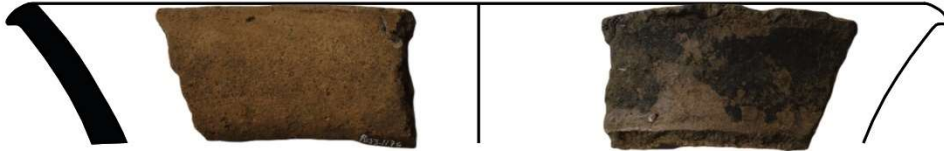
KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 60 cm Y. 29 cm Z. 25 cm

PU.2.3.1174 - PN292
D= 20 cm



KWAP
Q N 5228/E 5047
X. 78 cm Y. 66 cm Z. 29 cm

PU.2.3.1175 - PN293
D= 28 cm



KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 78 cm Y. 48 cm Z. 31 cm

PU.2.3.1176, 1177 - PN294
D= 38 cm



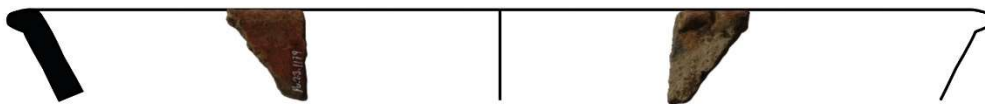
KWAP
Q N 5228/E 5046
X. 69 cm Y. 23 cm Z. 29 cm

PU.2.3.1178 - 295
D= 32 cm



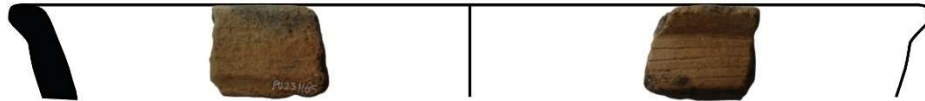
KWAP
Q N 5228/E 5047
X. 32 cm Y. 32 cm Z. 29 cm

PU.2.3.1179 - PN296
D= 30 cm



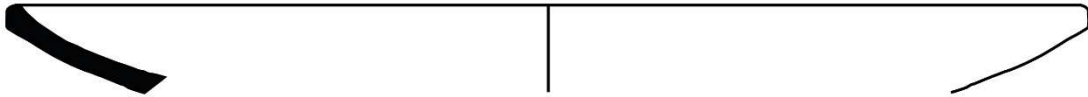
KWAP
Q N 5228/E 5047
X. 38 cm Y. 97 cm Z. 29 cm

PU.2.3.1185 - PN298
D= 26 cm



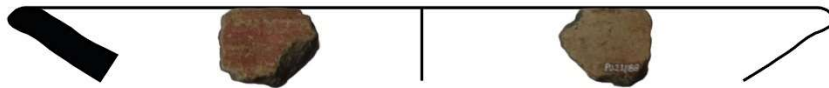
KWAP
Q N 5228/E 5047
N. 30-40 cm

PU.2.3.1186,1187 - PN298
D= 42 cm



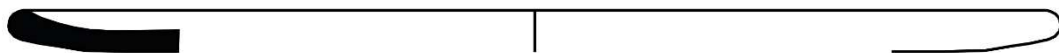
KWAP
Q N 5228/E 5047
N. 30-40 cm

PU.2.3.1188 - PN298
D= 24 cm



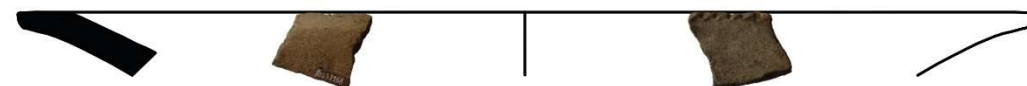
KWAP
Q N 5228/E 5047
N. 30-40 cm

PU.2.3.1190 - PN298
D= 35 cm



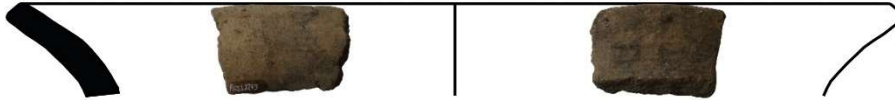
KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 30-40 cm

PU.2.3.1268 - PN299
D= 28 cm



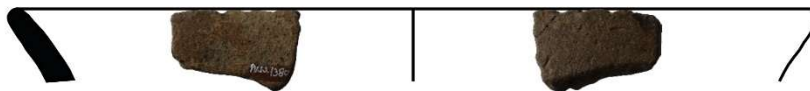
KWAP
Q N 5228/E 5046
N. 30-40 cm

PU.2.3.1273 - PN299
D= 30 cm



KWAP
Vala 2 Q. G (G-L)
Coleta de Superfície

PU.2.3.1380 - PN301
D= 28 cm



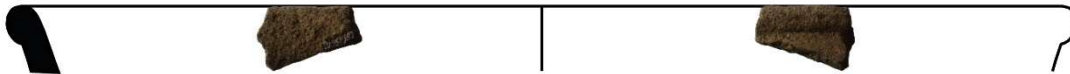
KWAP
Vala 2 Q. G (G-L)
Coleta de Superfície

PU.2.3.1382 - PN301
D= 12 cm



KWAP
Q. N 5228 / E 5046
X. 25 cm Y. 50 cm Z. 34 cm

PU.2.3.1483 - PN302
D= 40 cm



KWAP
Vala 2
Q. L
Coleta de Superfície

PU.2.3.1486, 1487 - PN303
D= 26 cm



KWAP
Coleta de Superfície
3 m sul da Q. N 5228 / E 5046

PU.2.3.1518 - PN304
D= 28 cm



KWAP
Q. N 5228 / E 5046
X. 58 cm Y. 5 cm Z. 32 cm

PU.2.3.1519 - PN305
D= 12 cm



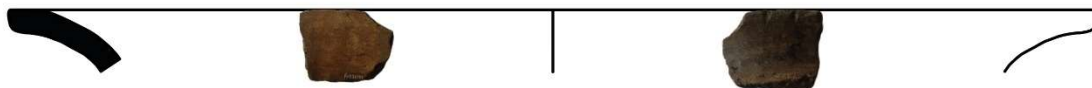
KWAP
Coleta de Superfície
Vala 2 - Q. K

PU.2.3.1522 - PN306
D= 44 cm



KWAP
Q. N 5228 / E 5047
X. 68 cm Y. 25 cm Z. 32 cm

PU.2.3.1541 - PN306
D= 46 cm



KWAP
Coleta de Superfície
2 metros a oeste da Q. N 5228 / E 5046

PU.2.3.1543 - PN308
D= 20 cm



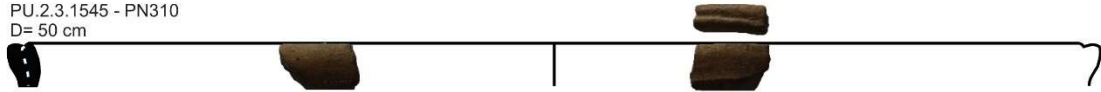
KWAP
Q. N 5228 / E 5047
X. 75 cm Y. 12 cm Z. 34 cm

PU.2.3.1544 - PN309
D= 8 cm



KWAP
Q. N 5228 / E 5046
X. 6 cm Y. 32 cm Z. 36 cm

PU.2.3.1545 - PN310
D= 50 cm



KWAP
Q. N 5228 / E 5046
X. 48 cm Y. 54 cm Z. 41 cm

PU.2.3.1562 - PN316
D= 30 cm



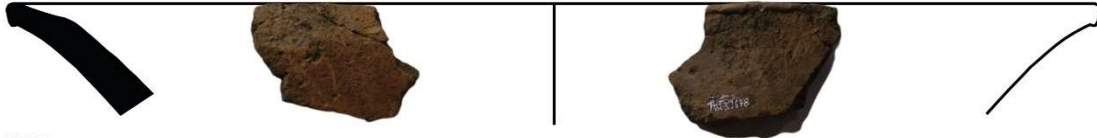
KWAP
Q. N 5228 / E 5046
Perfil Oeste

PU.2.3.1573 - PN335
D= 24 cm



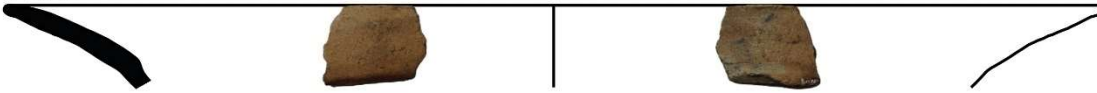
KWAP
Q. N 5228 / E 5046
Perfil Oeste

PU.2.3.1578 - PN339
D= 38 cm



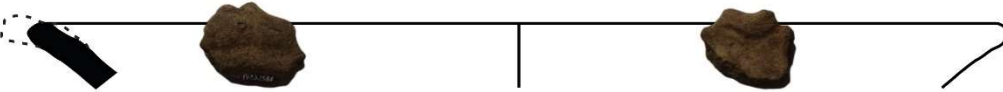
KWAP
Q. N 5228 / E 5046
Perfil Oeste

PU.2.3.1584, 1585 - PN341
D= 56 cm



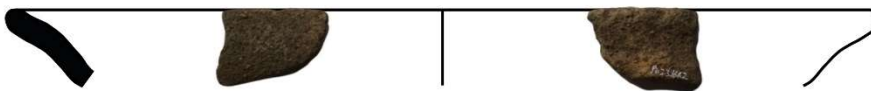
KWAP
Q. N 5228 / E 5046
Superfície a 10 cm W da quadra 5228/5046
Sapo? Caranguejo?

PU.2.3.1588 - PN343
D= 38 cm



KWAP
Coleta de Superfície
Q. A
N. 20-30 cm

PU.2.3.1622 - PN355
D= 29 cm



KWAP
Coleta de Superfície
Vala 1
Q. C

PU.2.3.1642 - PN352
D= 28 cm



KWAP
Coleta de Superficie
Vala 1
Q. B

PU.2.3.1643 - PN351
D= 26 cm



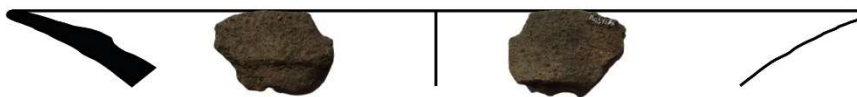
KWAP
Vala 1
Q. A
N. 20-30 cm

PU.2.3.1658 - PN355
D= 44 cm



KWAP
Vala 1
Q. A
N. 20-30 cm

PU.2.3.1660 - PN355
D= 28 cm



KWAP
Q. N 5228 / E 5047
X. 94 cm Y. 82 cm Z. 36 cm

PU.2.3.1857 - PN312
D= 24 cm



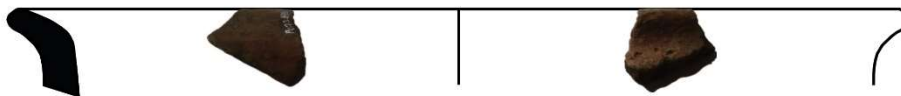
KWAP
Coleta de Superfície
3 metros Norte da Q. N 5228 / E 5046

PU.2.3.1858 - PN313
D= 30 cm



KWAP
Q. N 5228 / E 5046
N. 40-50 cm

PU.2.3.1871 - PN315
D= 26 cm



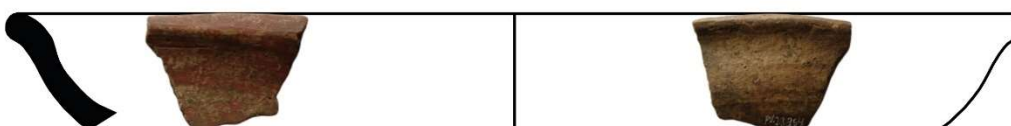
KWAP
Q. N 5228 / E 5046
N. 40-50 cm

PU.2.3.1872 - PN315
D= 14 cm



KWAP
Q. N 5228 / E 5047
N. 0-10 cm

PU.2.3.3541 - PN262
D= 30 cm



KWAP
Vala 1
Q. F
N. 60-70 cm

PU.2.3.XXXX - PN358c
D= 26 cm



KWAP
Vala 1
Q. B
N. 70-80 cm

PU.2.3.XXXX - PN361
D= 30 cm



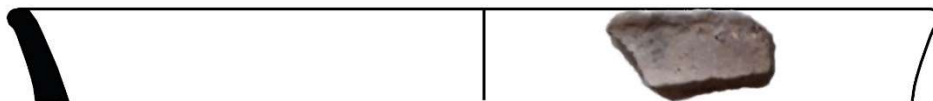
KWAP
Vala 1
Q. B
N. 80-90 cm

PU.2.3.XXXX - PN363
D= 44 cm



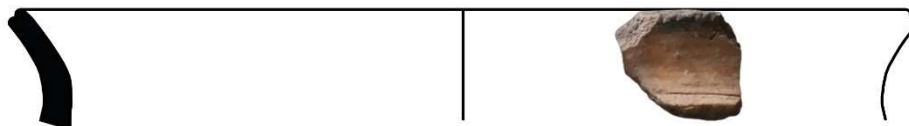
KWAP
Vala 1
Q. C

PU.2.3.XXXX - PN368a
D= 32 cm



KWAP
Vala 1
Q. C

PU.2.3.XXXX - PN368b
D= 36 cm



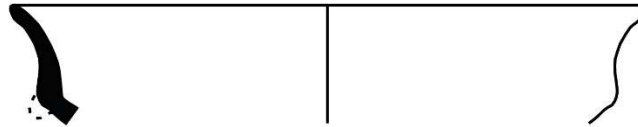
KWAP
Vala 1
Q. C/N
Z. 136 cm

PU.2.3.XXXX - PN370a
D= 34 cm



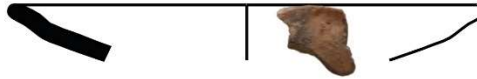
KWAP
Vala 1
Q. C/N
Z. 136 cm

PU.2.3.XXXX - PN370b
D= 24 cm



KWAP
Vala 1
Q. D/S
X. 50 cm Y. 60 cm Z. 136 cm

PU.2.3.XXXX - PN377
D= 16 cm



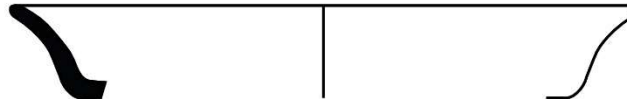
KWAP
Vala 1
Q. A
N.: 30-40 cm

PU.2.3.17XX - PN356
D= 26 cm



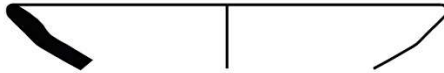
KWAP
Vala 1
Q. B
N. 80-90 cm

PU.2.3.XXXX - PN367
D= 44 cm



KWAP
Vala 1
Q. C/D - Sul

PU.2.3.XXXX - PN379a
D= 16 cm



KWAP
Vala 1
Q. C/D - Sul

PU.2.3.XXXX - PN379b
D= 16 cm



KWAP
Vala 1
Q. C/D - Sul

PU.2.3.XXXX - PN379c
D= 24 cm



KWAP
Vala 1
Q. C/D - Sul

PU.2.3.XXXX - PN379d
D= 18 cm



KWAP
Vala 1
Q. C/D - Sul

PU.2.3.XXXX - PN379f
D= 30 cm (?)



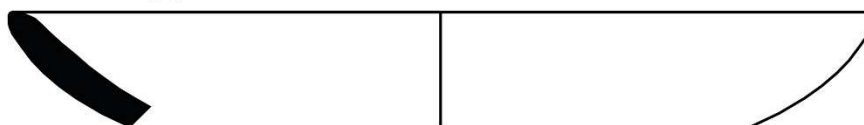
KWAP
Vala 1
Q. C/D - Sul

PU.2.3.XXXX - PN379e
D= 30 cm (?)



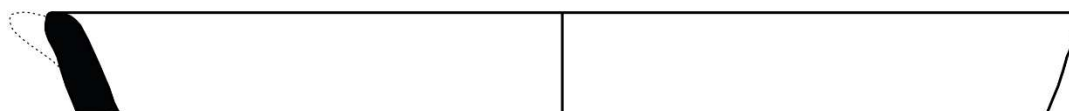
KWAP
Vala 1
Q. C/D - Sul

PU.2.3.XXXX - PN379g
D= 24 cm (?)



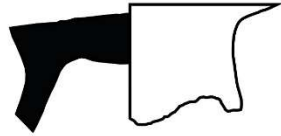
KWAP
Vala 1
Q. C/D - Sul

PU.2.3.XXXX - PN379h
D= 38 cm



KWAP
Linha 5000 entre 4975E e 5000E
N. Superfície

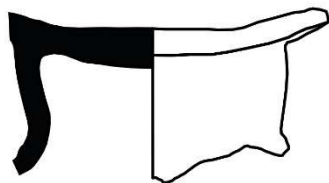
PU.2.2.5
D= 18 cm



KWAP
E5050/N5050
N. Superfície

PU.2.2.6

D= 11 cm



KWAP
E5050/N5050 - Pé de limão
N. Superfície

PU.2.2.44

D= 18 cm



KWAP
Vala 3
Sul da Vala 2 - Raíz de Árvore

PU.2.2.117
D= 20 cm



KWAP
Vala 3
Sul da Vala 2 - Raíz de Árvore

PU.2.2.120, 121
D= ? cm



KWAP
Coleta de Superfície
Vala 1
Q. E

PU.2.3.1647 - PN353
D= 26 cm



KWAP
Q N 5076/E 5050
X: 95 / Y: 95
N.: 30 cm

PU.2.3.82, 83 - NP 211
D= 34 cm



Sítio Kwap

Fragmentos de Raladores de Cerâmica - tymah ou dente



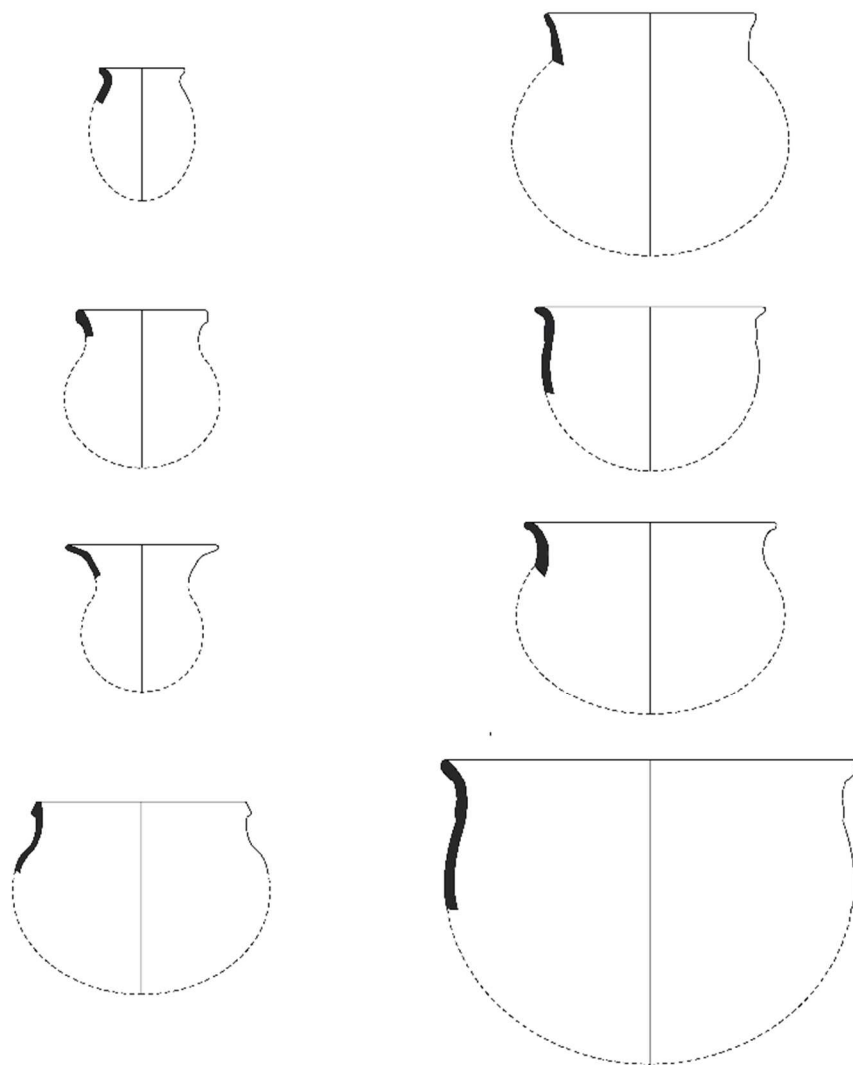
Autor: Michel Bueno Flores da Silva



ANEXO VII

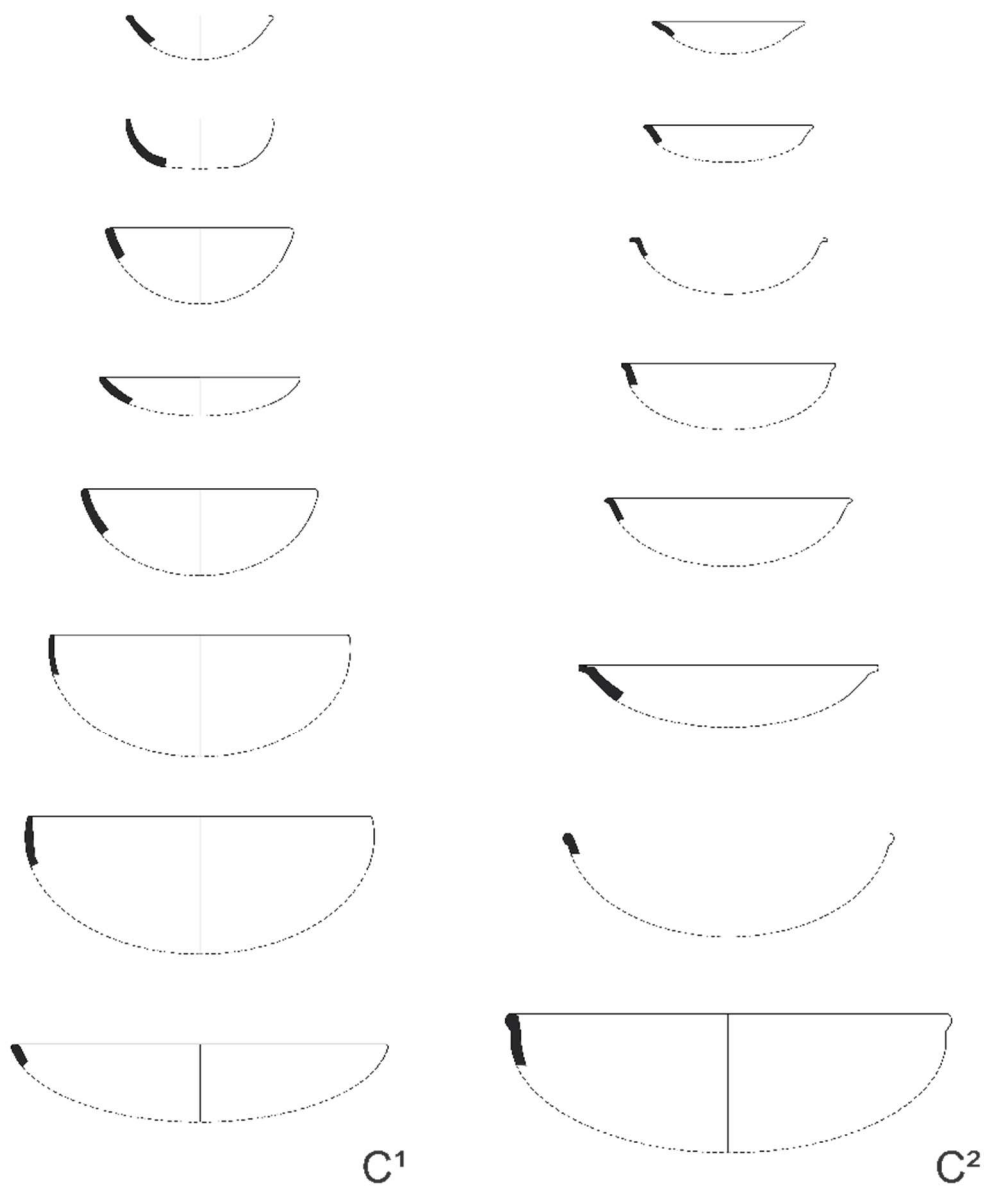
Tipos de Vasilhas Cerâmicas Identificados a Partir da Análise Cerâmica das Bordas Coletadas no sítio arqueológico Kwap.

Sítio Kwap: Forma B - Jarro com Pesoço

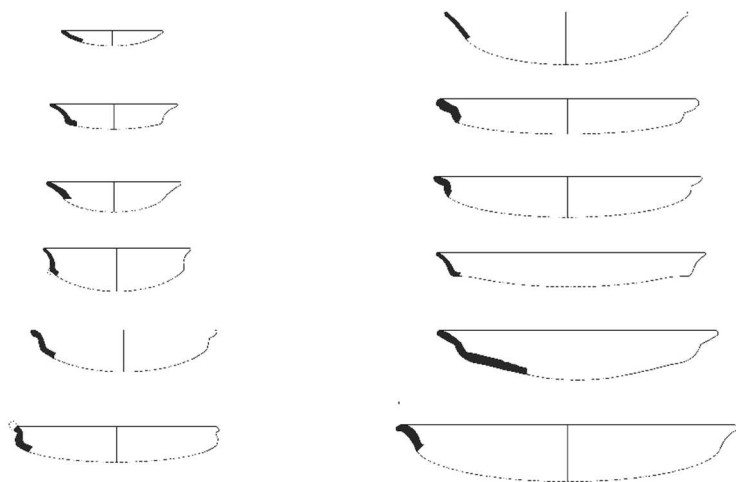


0 20 40 cm

Sítio Kwap: Forma C - Tigela Aberta

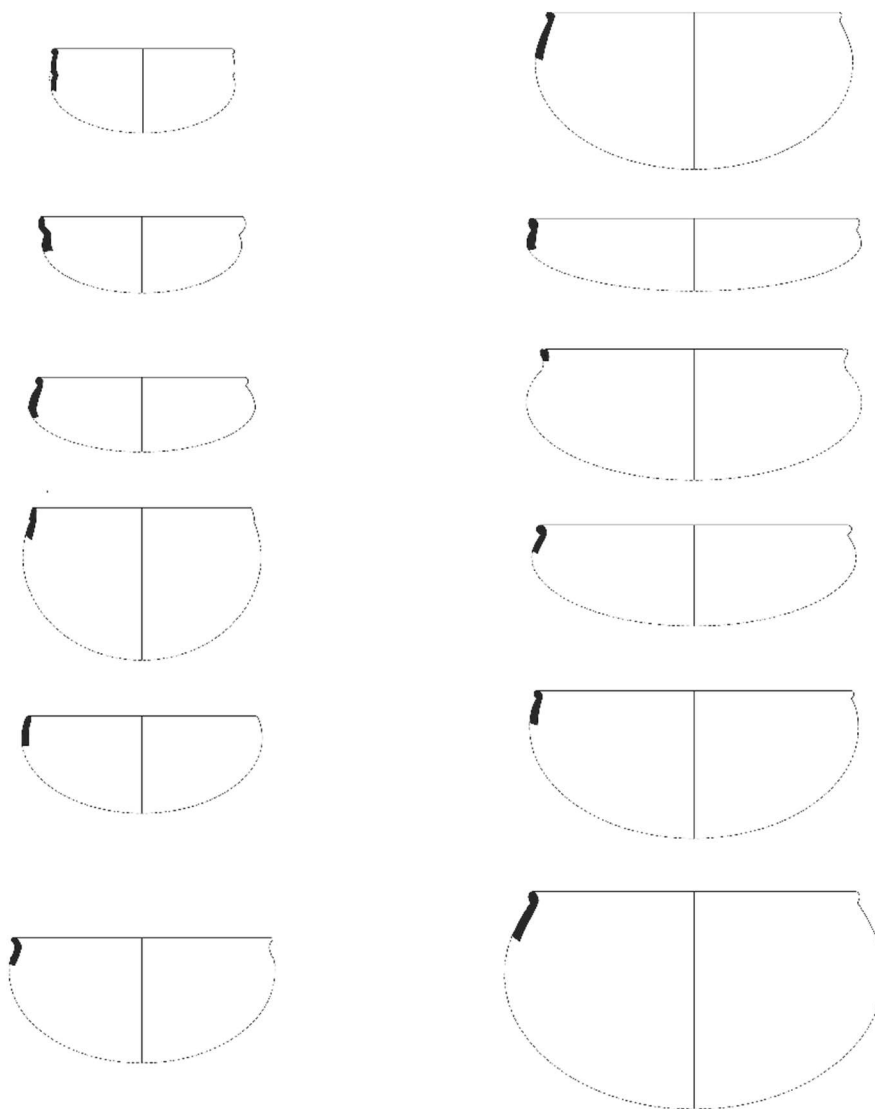


Sítio Kwap: Forma D - Tigela Levemente Carenada com Borda Infletida



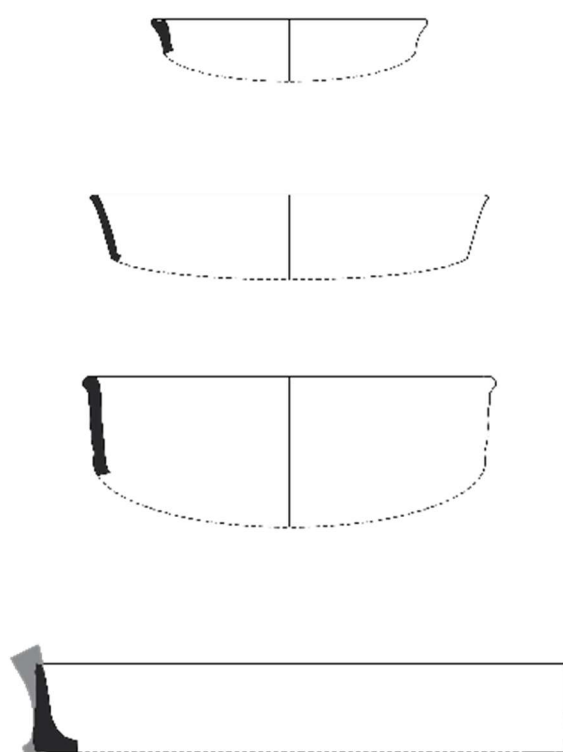
0 20 40 cm

Sítio Kwap: Forma E - Tigela com Abertura Restringida



0 20 40 cm

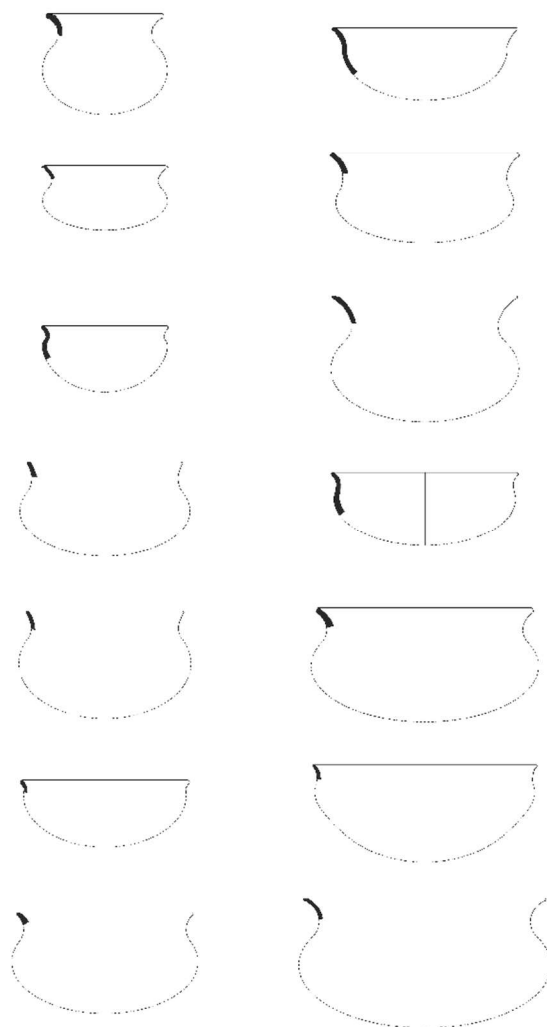
Sítio Kwap: Forma F - Tigela Carenada



0 20 40 cm

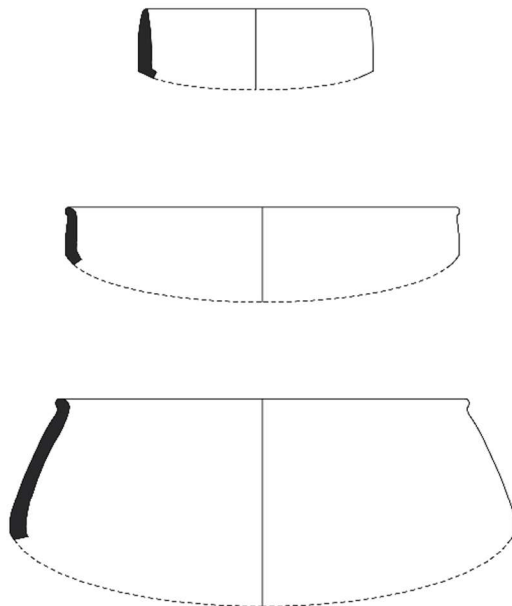
A scale bar is located at the bottom of the page, indicating measurements in centimeters. The bar is marked with 0, 20, and 40 cm. The segment between 0 and 20 cm is shaded black, and the segment between 20 and 40 cm is white with a black outline.

Sítio Kwap: Forma G - Jarro Arredondado com Borda Infletida



0 20 40 60 cm

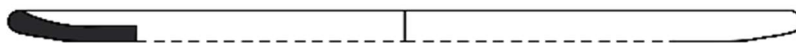
Sítio Kwap: Forma I - Tigela Carenada com Boca Restringida



0 20 40 cm

A horizontal scale bar is located at the bottom of the page. It consists of a solid black bar from 0 to 20 cm, followed by a thin line from 20 to 40 cm. Vertical tick marks are present at 0, 20, and 40 cm.

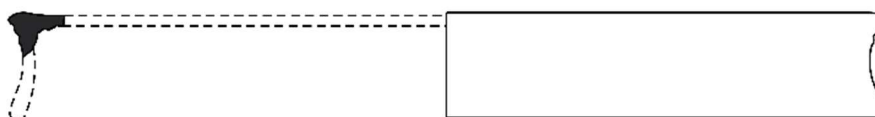
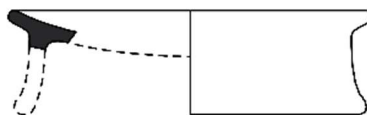
Sítio Kwap: Forma J - Prato



0 10 20 cm

A scale bar with markings at 0, 10, and 20 cm. The bar is black with white markings and text.

Sítio Kwap: Forma L - Banco



0 10 20 cm

A scale bar with markings at 0, 10, and 20 cm. The bar is black with white markings and text.

ANEXO VIII – Resultado das Tradagens Escavadas no Sítio Kwap em 2001 por Eduardo Góes Neves

PROJETO UAÇÁ - SÍTIO KWAP - TRADAGENS																	
Tradagem	NÍVEL																Observação
	Sup.	0-20 cm			20-40 cm			40-60 cm			60-80 cm			80-100 cm			
	Mat.	Cor	Text.	Mat.	Cor	Text.	Mat.	Cor	Text.	Mat.	Cor	Text.	Mat.	Cor	Text.	Mat.	
N5125/E5050	0	7.5 YR 3/3	Areno- Argilosa	-	10 YR 5/6	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 5/6	Areno- Argilosa	-	5 YR 5/8	Argilo- Arenosa	-	-	Laterita (75 cm)	-	Aumento regular do tamanho dos blocos de laterita de acordo com a profundidade (2-8 cm)
N5100/E5050	0	7.5 YR 4/6	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 5/8	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 5/6	Areno- Argilosa	-	5 YR 5/8	Argilo- Arenosa	-	-	Laterita (80 cm)	-	Aumento regular do tamanho dos blocos de laterita de acordo com a profundidade
N5075/E5050	0	7.5 YR 4/4	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 4/6	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 5/6	Argilo- Arenosa	-	7.5 YR 5/8	Argilo- Arenosa	-	-	Laterita (95 cm)	-	Tamanho e frequência dos blocos angulosos de laterita bem maior que nas outras tradagens. *Ponto potencial para amostras de C14
N5050/E5050	0	7.5 YR 4/4	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 3/3	Areno- Argilosa	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Maior o tamanho dos blocos de laterita próximo da superfície (~ 8 cm)
N5025/E5050	CM 10	10 YR 3/4	Areno- Argilosa	CM 4	10 YR 3/6	Areno- Argilosa	CM 4	7.5 YR 4/4	Argilo- Arenosa	-	-	Laterita (60 cm)	-	-	-	-	Mais laterita com blocos angulares chegando a 5 cm
N5000/E5050	CM 6	10 YR 5/4	Areno- Argilosa	CM 24	-	Laterita (35 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Mais laterita com blocos angulares chegando a 5 cm
N5150/E5050	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5175/E5050	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5000/E5025	-	7.5 YR 3/3	Areno- Argilosa	CM +30 (2 sacos)	7.5 YR 4/3	Areno- Argilosa	-	10 YR 4/6	Areno- Argilosa	-	-	Laterita (80 cm)	-	-	-	-	Fragmentos angulosos de laterita de 2-10 cm
N5025/E5025	CM 2	7.5 YR 4/6	Areno- Argilosa	CM 13	7.5 YR 5/6	Areno- Argilosa	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Concentração crescente de fragmentos angulosos de laterita (2-10 cm)
N5050/E5025	-	7.5 YR 4/4	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 4/6	Areno- Argilosa	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Concentração crescente de fragmentos angulosos de laterita (2-6 cm)
N5075/E5025	CM 6	7.5 YR 4/3	-	CM 23	-	-	CM 3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Tradagem interrompida a 30 cm devido a alta densidade de grandes fragmentos. Maior quantidade com

																	maiores fragmentos. Local para abertura de escavação.
N5100/E5025	-	7.5 YR 4/3	-	-	10 YR 4/6	-	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Presença de laterita até o nível 40 cm.
N5125/E5025	-	7.5 YR 3/3	Areno-Argilosa	-	7.5 YR 5/6	-	-	7.5 YR 5/8	-	-	7.5 YR 7/8	-	-	-	Laterita (80 cm)	-	Baixa incidência de fragmentos de laterita até 80 cm de profundidade.
N5150/E5025	-	7.5 YR 4/4	Argilo-Arenosa	-	7.5 YR 4/6	-	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Com fragmentos angulares de laterita de tamanho crescente.
N5175/E5025	-	7.5 YR 4/4	Argilo-Arenosa	-	7.5 YR 5/6	-	-	-	-	-	-	Laterita (60 cm)	-	-	-	-	Fragmentos angulares de laterita de tamanho crescente (2-10 cm).
N5200/E5025	-	7.5 YR 3/2	Areno-Argilosa	CM 1	7.5 YR 5/4	-	-	7.5 YR 4/4	-	-	-	Laterita (60 cm)	-	-	-	-	Fragmentos angulares de laterita de tamanho crescente (2-10 cm).
N5200/E5050	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N4925/E5000	-	7.5 YR 4/4	Areno-Argilosa	-	7.5 YR 4/6	Areno-Argilosa	CM 1	5 YR 5/8	Argilo-Arenosa	-	7.5 YR 5/6	Argilo-Arenosa	-	-	Laterita (80 cm)	-	-
N4950/E5000	-	7.5 YR 4/4	-	-	7.5 YR 5/6	-	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Sem material
N4975/E5000	-	10 YR 4/4	Arenosa	-	-	Laterita (20 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Sem material
N5000/5000	-	10 YR 3/4	-	CM 2	10 YR 3/6	-	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Fragmentos de laterita de 5 cm, tamanho médio.
N5002/4975	-	7.5 YR 4/4	-	CM 3	-	Laterita (35 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Tamanho dos fragmentos até 8 cm.
N5001/E4925	-	10 YR 3/6	Areno-Argilosa	CM 2	10 YR 4/6	Areno-Argilosa	-	7.5 YR 5/6	-	-	7.5 YR 5/6	-	-	-	Laterita (80 cm)	-	-
N5000/E4950	-	10 YR 3/4	Areno-Argilosa	-	10 YR 4/6	Areno-Argilosa	-	7.5 YR 6/8	-	-	7.5 YR 6/8	-	-	-	Laterita (95 cm)	-	Aumento na quantidade de fragmentos de laterita (média 4 cm) até a base (95 cm).
N5020/5000	CM 1	7.5 YR 3/2	Areno-Argilosa	-	5 YR 3/2	Areno-Argilosa	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Laterita de tamanho médio 5 cm.
N5050/E5000	CM 26	7.5 YR 4/3	Areno-Argilosa	-	5 YR 4/4	Areno-Argilosa	-	-	Laterita (50 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Fragmentos de laterita de tamanho médio de 6 cm. Fragmentos angulosos. O material foi coletado em um raio de 1m ao redor da tradagem.
N5075/E5000	-	7.5 YR 5/5	Areno-Argilosa	CM 5	7.5 YR 5/6	Areno-Argilosa	-	-	Laterita (55 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Presença de grandes blocos de laterita de 10 cm no nível 0-20 cm provavelmente transportados, já que a tradagem está em meia encosta.
N5100/E5000	-	7.5 YR 4/3	Areno-Argilosa	-	7.5 YR 5/3	-	-	7.5 YR 4/4	-	-	7.5 YR 4/6	(Laterita 65 cm)	-	-	-	-	Com fragmentos angulares de laterita com tamanho variando de 1-10 cm.
N5125/E5000	-	7.5 YR 4/6	Areno-Argilosa	-	7.5 YR 5/8	Areno-Argilosa	-	7.5 YR 5/8	Areno-Argilosa	-	7.5 YR 5/8	-	-	-	Laterita (80 cm)	-	Fragmentos angulosos de laterita, média 5 cm.

N5150/E5000	-	7.5 YR 4/6	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 4/6	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 5/8	Areno- Argilosa	-	-	Laterita (45 cm)	-	-	-	-	Sem grandes fragmentos de laterita.
N5175/E5000	-	7.5 YR 4/6	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 5/6	Areno- Argilosa	-	-	Laterita (25 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Fragmentos de laterita de tamanho médio 4-10 cm.
N5125/E5100	-	7.5 YR 4/4	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 4/6	Areno- Argilosa	-	5 YR 4/6	Argilo- Arenosa	-	-	Laterita (60 cm)	-	-	-	-	Laterita crescente com tamanho de 3 cm.
N5125/E5125	-	7.5 YR 5/4	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 5/6	Argilo- Arenosa	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Laterita cescente com tamanho maior que 5 cm.
N5125/E5150	-	7.5 YR 4/4	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 6/6	Areno- Argilosa	-	5 YR 5/8	Argilo- Arenosa	-	-	Laterita (55 cm)	-	-	-	-	Aumento crescente do tamanho dos blocos de laterita (5 cm).
N5200/E5050	-	7.5 YR 4/6	Areno- Argilosa	CM 1	-	Laterita (23 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Lateritas angulosas de 1 a 4 cm.
N5050/E5075	-	7.5 YR 4/4	Areno- Argilosa	CM 2	7.5 YR 5/4	Areno- Argilosa	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Presença de blocos angulares de laterita desde a superfície (~5cm).
N5025/E5075	-	7.5 YR 4/6	Areno- Argilosa	-	10 YR 5/6	Areno- Argilosa	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Com blocos angulares de laterita.
N5075/E5075	-	7.5 YR 4/4	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 4/4	Areno- Argilosa	-	7.5 YR 5/4	Argilo- Arenosa	-	7.5 YR 6/6	Argilo- Arenosa	-	-	Laterita (80 cm)	-	Muitos blocos angulosos de laterita (~5cm).
N5100/E5075	-	10 YR 5/6	-	-	7.5 YR 5/4	-	-	5 YR 5/6	-	-	-	Laterita (60 cm)	-	-	-	-	Sem observações sobre textura e lateritas.
N5150/E5075	-	7.5 YR 5/4	Areno- Argilosa	-	-	Laterita (20 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Laterita com grandes blocos desde a superfície (~10cm).
N5175/E5075	-	7.5 YR 4/4	Areno- Argilosa	-	-	Laterita (20 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Laterita com grandes blocos desde a superfície (~10cm).
N5125/E5075	-	5 YR 5/4	Areno- Argilosa	-	5 YR 4/6	-	-	-	Laterita (35 cm)	-	-	-	-	-	-	-	Sem observações sobre textura e lateritas.
N5225/E5050	-	10 YR 5/6	-	-	-	Laterita (30 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Laterita em alta densidade na superfície.
N5250/E5050	-	7.5 YR 4/4	-	CM (sq)	-	Laterita (35 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5275/E5050	-	7.5 YR 4/4	-	-	-	Laterita (30 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Alta densidade de laterita cm ² (?)
N5300/E5050	-	7.5 YR 3/2	-	CM (sq)	7.5 YR 3/1	-	CM (sq)	7.5 YR 4/4	-	-	7.5 YR 5/6	(Laterita 65 cm)	-	-	-	-	Tradagem localizada próximo a um local com grande densidade de cerâmica na superfície. Lateritas de 4 cm.
N5325/E5050	-	7.5 YR 4/4	-	-	7.5 YR 4/4	Laterita (35 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5300/E5075	-	7.5 YR 4/4	-	-	-	Laterita (25 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Raiz
N5300/E5025	-	7.5 YR 5/6	-	-	-	Laterita (35 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Mais laterita

N5275/E5025	CM (sq)	7.5 YR 4/4	-	-	7.5 YR 4/6	Laterita (30 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5250/E5025	-	7.5 YR 4/4	-	-	7.5 YR 5/6	-	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5225/E5025	CM (sq)	7.5 YR 4/4	-	-	7.5 YR 4/6	-	-	7.5 YR 5/6	Laterita (50 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5250/E5075	CM (sq)	7.5 YR 3/3	-	CM (sq)	7.5 YR 4/4	-	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	Muito material na superfície.
N5225/E5075	CM (sq)	7.5 YR 3/3	-	CM (sq)	7.5 YR 3/4	Laterita (35 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5275/E5075	-	7.5 YR 4/4	-	CM (sq)	7.5 YR 4/6	-	-	7.5 YR 4/6	Laterita (50 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5225/E5100	-	7.5 YR 4/6	-	-	-	Laterita (20 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Laterita em alta densidade na superfície.
N5225/E5125	-	7.5 YR 4/6	-	-	-	Laterita (20 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Laterita em alta densidade na superfície.
N5200/E5125	-	7.5 YR 4/6	Laterita (10 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Alta densidade de laterita.
N5200/E5100	-	7.5 YR 4/6	-	CM 1	-	Laterita (20 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Alta densidade de laterita.
N5175/E5100	-	7.5 YR 3/4	-	-	7.5 YR 5/6	Laterita (30 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5325/E5025	-	7.5 YR 3/3	-	CM 4	7.5 YR 3/4	-	-	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5325/E5000	-	7.5 YR 3/3	-	CM 3	7.5 YR 4/4	-	CM (sq)	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5325/E4975	-	7.5 YR 3/3	-	CM 2	-	Laterita (20 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N5300/E4975	-	7.5 YR 3/3	-	CM 10	7.5 YR 3/2	Laterita (30 cm)	CM 2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Terra bastante fofa e mais escura no nível 2. CAS pensa que houve uma coiva no local.
N5300/E5000	-	7.5 YR 4/4	-	CM (sq)	7.5 YR 4/6	-	CM (sq)	-	Laterita (40 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	Terra fofa.
N5350/E5025	-	7.5 YR 4/4	-	-	-	Laterita (20 cm)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-